

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL - MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Emerson Juliano Lucca

**ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS DOS PRODUTORES DE LEITE FRENTE À
DINÂMICA DO MERCADO LÁCTEO**

Santa Cruz do Sul,
2019

Emerson Juliano Lucca

**ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS DOS PRODUTORES DE LEITE FRENTE À
DINÂMICA DO MERCADO LÁCTEO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Linha de Pesquisa em Organizações, Mercado e Desenvolvimento, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito final para obtenção do Título de Doutor em Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Cezar Arend

Santa Cruz do Sul

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Lucca, Emerson Juliano

Estratégias socioeconômicas dos produtores de leite frente à
dinâmica do mercado lácteo / Emerson Juliano Lucca. – 2019.
232 f. : il. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de
Santa Cruz do Sul, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Silvio Cezar Arend.

1. Produtores de leite. 2. Mercantilização. 3. Mercado lácteo
. 4. Estratégias socioeconômicas . 5. Gestão empreendedora. I.
Arend, Silvio Cezar. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Emerson Juliano Lucca

**ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS DOS PRODUTORES DE LEITE FRENTE À
DINÂMICA DO MERCADO LÁCTEO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Linha de Pesquisa em Organizações, Mercado e Desenvolvimento, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito final para obtenção do Título de Doutor em Desenvolvimento Regional.

Dr. Silvio Cezar Arend

Professor Orientador – UNISC

Dra. Cidonea Machado Deponti

Professora Examinadora - UNISC

Dra. Erica Karnopp

Professora Examinadora – UNISC

Dr. Ivaldo Gehlen

Professor Examinador – UFRGS

Dr. Dilson Trennepohl

Professor Examinador – UNIJUÍ

Santa Cruz do Sul

2019

Dedico este trabalho a minha família, em especial a minha noiva, Joice, pelo incentivo, compreensão e suporte para que eu pudesse percorrer meus caminhos, alcançar minhas conquistas e acreditar nos meus sonhos.

MUITO OBRIGADO!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela graça de ter cumprido mais esta etapa na minha vida profissional, por iluminar meus passos, me dar forças para seguir adiante e superar desafios ao longo do caminho.

À minha noiva Joice, que esteve ao meu lado em todos os momentos dessa caminhada. Obrigada pelo companheirismo, compreensão, pelas dificuldades que ajudou a superar e pelos momentos felizes oportunizados. Hoje comemoramos juntos essa conquista!

Ao meu orientador, Professor Silvio Arend, pelas orientações e contribuições necessárias para o aprimoramento da tese.

Aos professores do PPGDR da UNISC: o meu muito obrigado pelos ensinamentos. Em especial a professora Dr^a. Cidonea Machado Deponti, Dr^a. Virgínia Etges, Dr. Rogério Leandro Lima da Silveira e Dr^a Rosane Bernardete Brochier Kist, pelos conhecimentos transmitidos ao longo desses anos.

Aos queridos colegas e amigos da turma de Doutorado 2014 (Daniel, Berenice e Marlize) pelas conversas e trabalhos desenvolvidos ao longo deste período como aluno especial. Obrigado pela parceria!

A todos os colegas da turma de Doutorado 2015, pela convivência, apoio e amizade, pelos momentos bons e angústias compartilhadas no desenvolvimento do curso e em especial ao Ezequiel Albarello e Luis Cláudio Villani Ortiz, que estiveram presentes em grande parte da caminhada percorrida.

Aos Secretários da Agricultura dos municípios do COREDE Noroeste Colonial, Extensionistas da EMATER, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e principalmente aos Produtores de Leite que participaram da pesquisa e contribuíram para a realização deste estudo.

Agradeço o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudo fornecida.

À Banca Examinadora por aceitar avaliar este trabalho científico, feito com muita dedicação e empenho. Obrigado pelas importantes contribuições para o aprimoramento desta tese.

Enfim, a todos aqueles que, em determinados momentos, contribuíram para a execução desta pesquisa, o meu agradecimento especial: muito obrigada!

RESUMO

O processo de mercantilização e as transformações na cadeia produtiva do leite definiram a questão norteadora da pesquisa: as estratégias adotadas pelos produtores de leite para se relacionar com o mercado e se manter na atividade. O objetivo da pesquisa foi analisar as estratégias de reprodução socioeconômica dos produtores de leite frente à dinâmica de expansão da indústria láctea no estado do Rio Grande do Sul (RS). Para isso, desenvolveu-se uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, a partir de entrevistas semiestruturadas com produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial. Foram realizadas cinquenta e quatro (54) entrevistas com produtores de onze (11) municípios do COREDE: Ajuricaba, Augusto Pestana, Bozano, Catuípe, Condor, Coronel Barros, Ijuí, Jóia, Nova Ramada, Panambi e Pejuçara. O materialismo histórico dialético possibilitou o entendimento da estrutura da cadeia produtiva do leite (totalidade), no estado do RS e mais especificadamente da região de estudo, a partir do seu contexto histórico (historicidade). A compreensão dos conflitos existentes (contradições), inovações e mudanças proporcionadas pelo desenvolvimento, avaliam as interações entre produtores, agentes e indústria (mediação), resultando na identificação das estratégias adotadas pelos produtores de leite. Além dos produtores Tradicional (T), Empresarial (E) e Capitalista – moderno/empreendedor (C), o estudo identificou um novo estilo de produtor, denominado em desenvolvimento “D”, baseado na sobreposição dos estilos existentes no COREDE Noroeste Colonial. Os resultados do estudo indicaram a diversidade produtiva e/ou diversificação de atividades de trabalho como forma de garantir sustentabilidade à condição de produtor de leite do estilo “T”, “E” e “D”, ao complementar a renda da propriedade, sem necessariamente ter que se especializar, estritamente, na produção leiteira. A modernização e a adoção de tecnologias foram estratégias de produtores do estilo “C”, “E” e “D”, que buscaram se adaptar às Instruções Normativas, exigências higiênicas, sanitárias, bem como aprimorar a gestão e buscar maior rentabilidade. As diferentes estratégias de reprodução socioeconômicas evidenciadas, bem como a heterogeneidade em termos de tecnologia, produtividade e custos de cada estilo de produtor de leite referem-se às relações de mercantilização estabelecidas e a interação com atores da cadeia produtiva. A influência da globalização e as tensões geradas pela dinâmica capitalista, impostas pelo mercado aos produtores de leite, apontam a necessidade de profissionalizar a gestão, através de técnicas eficientes, fundamentais para definir indicadores de desenvolvimento econômico, social e ambiental, favorecendo a inserção nos mercados e na cadeia produtiva do leite.

Palavras chave: Produtores de leite. Mercantilização. Mercado lácteo. Estratégias socioeconômicas. Gestão empreendedora.

ABSTRACT

The process of commodification and transformations in the milk production chain defined the research guiding question: the strategies adopted by milk producers to relate to the market and to remain in the activity. The objective of the research was to analyze the strategies of socioeconomic reproduction of milk producers in relation to the expansion dynamics of the dairy industry in the state of Rio Grande do Sul (RS). For that, a descriptive research was developed, with a qualitative approach, based on semi-structured interviews with COREDE Noroeste Colonial milk producers. Fifty - four (54) interviews were conducted with producers from eleven (11) municipalities of. The dialectical historical materialism made possible the understanding of the structure of the milk production chain (totality), in the state of RS and more specifically of the region of study, from its historical context (historicity). Understanding existing conflicts (contradictions), innovations and changes brought about by development, evaluate the interactions between producers, agents and industry (mediation), resulting in the identification of strategies adopted by milk producers. In addition to the traditional (T), Entrepreneurial (E) and Capitalist - modern / entrepreneurial (C) producers, the study identified a new producer style, called "D" development, based on the overlap of existing styles in COREDE Noroeste Colonial. The results of the study indicated the productive diversity and / or diversification of work activities as a way of guaranteeing sustainability to the condition of milk producer of style "T", "E" and "D", by complementing the income of the property, without necessarily have to strictly specialize in milk production. Modernization and adoption of technologies were strategies of "C", "E" and "D" style producers, who sought to adapt to the Normative Instructions, hygienic and sanitary requirements, as well as improve management and seek greater profitability. The different strategies of socioeconomic reproduction evidenced, as well as the heterogeneity in terms of technology, productivity and costs of each style of milk producer, refer to the relations of commodification established and the interaction with actors of the productive chain. The influence of globalization and the tensions generated by the capitalist dynamics imposed by the market on milk producers point to the need to professionalize management through efficient techniques that are fundamental for defining indicators of economic, social and environmental development, favoring the insertion in markets and in the milk production chain.

Key words: Milk producers. Mercantilization. Milk market. Socioeconomic strategies. Entrepreneurial management.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esfera de circulação e produção dos produtores tradicionais x produtores empresariais e capitalistas	37
Figura 2 - Diferentes estilos de agricultura	43
Figura 3 - Diferentes (e interligados) tipos de agricultura.....	45
Figura 4 - Evolução da produção brasileira de leite	58
Figura 5 - Participação dos maiores laticínios do Brasil na captação de leite.....	64
Figura 6 - Representação da cadeia produtiva do leite	68
Figura 7 - Distribuição da produção de leite por Mesorregião Homogênea no RS.....	77
Figura 8 - Regionalização das Regiões Funcionais de Planejamento e dos COREDEs.....	94
Figura 9 - COREDE Noroeste Colonial e seus municípios abrangentes.....	95
Figura 10 - Composição do Valor Bruto da Produção da pecuária do RS	108
Figura 11 - Estilos de Produtores de Leite	119
Figura 12 - Processos de trabalhos inseridos nas propriedades de leite	123
Figura 13 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Ajuricaba.....	135
Figura 14 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Augusto Pestana.....	139
Figura 15 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Bozano	143
Figura 16 - Imagens das propriedades produtoras de leite “T” de Catuípe.....	147
Figura 17 - Imagens das propriedades produtoras de leite “T” e “E” de Catuípe	148
Figura 18 - Imagens das propriedades produtoras de leite “E” de Catuípe.....	150
Figura 19 - Imagens das propriedades produtoras de leite “C” de Catuípe.....	153
Figura 20 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Condor	160
Figura 21 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Coronel Barros.....	165
Figura 22 - Imagens das propriedades produtoras de leite “T” e “E” de Ijuí.....	168
Figura 23 - Imagens das propriedades produtoras de leite “E” de Ijuí.....	169
Figura 24 - Imagens das propriedades produtoras de leite “C” de Ijuí.....	170
Figura 25 - Imagens das propriedades produtoras de leite Jóia.....	174
Figura 26 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Nova Ramada.....	179
Figura 27 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Panambi	183
Figura 28 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Pejuçara.....	188

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 - Tipologias de mercados para produtores familiares.....	30
Quadro 2 - Diferentes formas de produção mercantil	38
Quadro 3 - Mecanismos de intensificação estimulada pelo trabalho	49
Quadro 4 - Transformações e evoluções ocorridas na pecuária leiteira	54
Quadro 5 - Plantas industriais captadoras de leite e unidades de resfriamento na Região Noroeste e RS	80
Quadro 6 - Empresas fornecedoras de ração de origem animal para bovinos de leite	82
Quadro 7 - Síntese dos procedimentos metodológicos e dos objetivos específicos.....	117
Quadro 8 - Caracterização dos processos de trabalhos em produtores de leite.....	124
Quadro 9 - Caracterização dos processos de trabalhos em cada estilo de produtor	125
Quadro 10 - Estratégias socioeconômicas alternativas das propriedades de leite.....	130
Quadro 11 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Ajuricaba.....	132
Quadro 12 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Augusto Pestana.....	136
Quadro 13 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Bozano.....	140
Quadro 14 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Catuípe	144
Quadro 15 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Condor.....	153
Quadro 16 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Coronel Barros	161
Quadro 17 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Ijuí	166
Quadro 18 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Jóia	171
Quadro 19 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Nova Ramada	175
Quadro 20 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Panambi.....	180
Quadro 21 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Pejuçara.....	184
Quadro 22 - Mecanismos e estratégias dos produtores de leite.....	197

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Produção de leite, vacas ordenhadas e produtividade entre os maiores países produtores selecionados.....	57
Tabela 2 - Ranking dos maiores laticínios do Brasil.....	62
Tabela 3 - Estrutura de processamento de leite, por tipo de inspeção.....	85
Tabela 4 - Produção dos principais estados produtores de leite e a Posição no Ranking Brasileiro	86
Tabela 5 - Distribuição dos produtores de leite por volume diário de produção (nº de produtores e %)......	88
Tabela 6 - Produção de leite no Rio Grande do Sul de 1960 a 2017.....	90
Tabela 7 - Evolução da população no RS, do COREDE e seus municípios de 2001 a 2014.	100
Tabela 8 - População do COREDE Noroeste Colonial/RS – Por Gênero, Setor, Taxa de Urbanização e Densidade Demográfica por Município – 2010	102
Tabela 9 - Produção de leite no COREDE Noroeste Colonial – Total de estabelecimentos, vacas ordenhadas e quantidade produzida entre 2006 e 2017	104
Tabela 10 - Estrutura Produtiva do COREDE Noroeste Colonial 2012.....	106
Tabela 11 - PIB e PIB <i>per capita</i> , Participação do estado e COREDE Noroeste Colonial ...	110
Tabela 12 - Distribuição dos estilos e quantidade de produtores entrevistados	122
Tabela 13 - Caracterização geral dos produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial...	191

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCZ - Associação Brasileira dos Criadores de Zebu
AMUPLAN - Associação de Municípios do Planalto Médio
CBT - Contagem Bacteriana Total
CCS - Contagem de Células Somáticas
CCGL - Cooperativa Central Gaúcha de Leite
CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada
COREDE - Conselho Regional de Desenvolvimento
CLT - Consolidação das leis do trabalho
COREDES - Conselhos Regionais de Desenvolvimento
CORLAC - Companhia Rio-Grandense de Laticínios e Correlatos
CONSELEITE/RS - Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado RS
COSULATI - Cooperativa Sul-Rio-Grandense de Laticínios Ltda.
COTRIN - Comissão de Organização da Triticultura Nacional
CP - Consulta Popular
DEAL - Departamento Estadual de Abastecimento de Leite
EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMATER - Emater/RS-Ascar
ELSA - Entrepasto do Leite S/A
FAO - *Food and Agriculture Organization*
FEE - Fundação de Economia e Estatística
FEAPER - Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento do Pequeno Estabelecimento Rural
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IN - Instrução Normativa
MAPA - Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
MERCOSUL – Mercado Comum do Sul
MESOMERCOSUL - Programa Grande Fronteira do Mercosul
PRONAF - Programa de Fortalecimento a Agricultura Familiar
PROMESO - Programa de Promoção da Sustentabilidade de Espaços Sub-regionais
PROINF - Projetos de Infraestrutura e Serviços com Territórios Rurais
PRONAT - Programa de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais
PTC - Programa Território da Cidadania
PIB - Produto Interno Bruto
PNQL - Programa Nacional de Melhoria da Qualidade do Leite
PD - Produção Doméstica
PPM - Pequena Produção de Mercadorias
PSM - Produção Simples de Mercadorias
PCM - Produção Capitalista de Mercadoria
RUMOS 2015 - Estudo de Desenvolvimento Regional e Logística para o RS
RIISPOA - Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal
RS - Rio Grande do Sul
SRTM - Sociedade Rural do Triângulo Mineiro
SEPLAN - Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional
SIF - Serviço de Inspeção Federal
SINDILAT - Sindicato das Indústrias de Leite do Rio Grande do Sul
SAI - Sindicato das Indústrias da Alimentação do Estado do Rio Grande do Sul
SABEL - Sociedade Anônima Beneficiadora de Leite
UHT - Temperatura Ultra Alta (Ultra High Temperature).
UNIJUÍ- Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul
UNIREI - Unidade de Relacionamento com a Indústria
VAB - Valor Bruto da Produção Agropecuária
VBP - Valor Bruto da Produção

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 GLOBALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO NO TERRITÓRIO.....	21
2.1 Regionalização do espaço territorial sob influência da globalização	21
2.1.1 <i>Relações territoriais: horizontalidades e verticalidades</i>	25
2.2 Processo de globalização e a participação dos mercados	28
2.2.1 <i>Lógica do poder hegemônico no regime capitalista: tensão entre o global e o regional</i>	31
2.3 Sistema capitalista e a relação mercantil nas propriedades produtoras de leite	34
2.3.1 <i>Estilos de agricultura: equilíbrio entre escala e intensidade de produção</i>	41
2.3.2 <i>Mercantilização, sincronização nos processos de trabalho e produção</i>	44
3 RELEVÂNCIA SOCIOECONÔMICA DA PECUÁRIA LEITEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL	51
3.1 Trajetória de desenvolvimento da pecuária leiteira no Brasil	53
3.1.1 <i>Concentração das indústrias processadoras de leite</i>	60
3.2 Caracterização da cadeia produtiva leiteira do RS	66
3.2.1 <i>Mudanças estruturais e desenvolvimento da cadeia produtiva do leite</i>	69
3.2.2 <i>Avanços e perspectivas na cadeia produtiva do leite: Mesorregião Noroeste</i>	76
3.3 Diversificação produtiva das indústrias processadoras no RS	78
3.3.1 <i>Estrutura, distribuição e produção de leite no RS</i>	83
3.4 Caracterização da região do COREDE Noroeste Colonial	92
3.4.1 <i>Apresentação dos municípios que compõe o COREDE Noroeste Colonial</i>	95
3.4.2 <i>Análise populacional do COREDE Noroeste Colonial</i>	99
3.4.3 <i>Desenvolvimento da produção leiteira no COREDE Noroeste Colonial</i>	103
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	112
4.1 Marco teórico-metodológico	112
4.2 Técnicas de pesquisa	115
4.3 Procedimentos de coleta e sistematização dos dados	118
4.4 Procedimentos de análise e interpretação dos dados	122
5 ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS DOS PRODUTORES DE LEITE NO COREDE NOROESTE COLONIAL	127
5.1 Descrição das propriedades visitadas no COREDE Noroeste Colonial	131
5.1.1 <i>Ajuricaba</i>	131
5.1.2 <i>Augusto Pestana</i>	136
5.1.3 <i>Bozano</i>	140
5.1.4 <i>Catuípe</i>	144
5.1.5 <i>Condor</i>	153
5.1.6 <i>Coronel Barros</i>	161
5.1.7 <i>Ijuí</i>	165
5.1.8 <i>Jóia</i>	170
5.1.9 <i>Nova Ramada</i>	175
5.1.10 <i>Panambi</i>	179
5.1.11 <i>Pejuçara</i>	184
5.2 Visão geral das propriedades visitadas no COREDE Noroeste Colonial.....	189
5.2.1 <i>Mecanismos de intensificação e estratégias socioeconômicas</i>	194
6 CONCLUSÕES.....	200

1 INTRODUÇÃO

A pecuária leiteira possui um importante papel socioeconômico no Brasil. Nos últimos anos aumentou sua produtividade de forma significativa, graças ao aprimoramento do conhecimento e de tecnologias inseridas no campo. Embora ainda existam desafios, especialmente para alguns produtores, a atividade vem sendo considerada de grande importância para o desenvolvimento de diversas regiões do país.

As disparidades socioeconômicas presentes no território gaúcho, associadas ao processo de globalização, resultaram em mudanças nas atividades exercidas pelos produtores de leite e indústrias processadoras. Essas mudanças interferem na qualidade, na produção, no manejo, na armazenagem, no transporte e na comercialização do produto, abrangendo todos os segmentos da cadeia produtiva do leite.

A pecuária leiteira apresenta, assim, diversidade em sua estrutura produtiva e uma grande heterogeneidade entre os sujeitos econômicos envolvidos em termos de tecnologia, produtividade, qualidade, custos, escala de produção, capacidade de gestão, entre outros (TRENNEPOHL; PAIVA, 2012). Deste modo, o estímulo à produção de leite em propriedades rurais vem sendo adotado como estratégia importante para o desenvolvimento nos diferentes contextos territoriais, visto que a produção de leite é uma das principais atividades para a manutenção dos produtores no campo, permitindo a eles trabalho e obtenção de renda (ZOCCAL; CARNEIRO, 2008).

Neste sentido, diversos autores¹ reforçam a importância da atividade leiteira para os produtores e para o desenvolvimento regional. Embora o desenvolvimento seja um processo complexo e dinâmico, as determinações econômicas são uma parte essencial desse conjunto, de forma que buscar um melhor entendimento sobre as potencialidades e os limites existentes para a viabilização das atividades econômicas constitui um elo fundamental na construção de propostas para o desenvolvimento de uma região. O desenvolvimento regional, não é resultado de uma construção apenas teórica ou acadêmica do conceito de desenvolvimento, mas sim uma necessidade real, uma forma de gerir mais eficazmente os fatores de

¹ Autores que discutem a importância da atividade leiteira para a agricultura familiar na Região Noroeste do RS: Silva Neto; Basso (2005); Trennepohl; Paiva (2012); Niederle (2007); Conterato; Schneider; Waquil (2010); Silva (2009); Oliveira (2010); Ries; Bittencourt (2015); Castro et al. (1998); Redin (2012); Maraschin (2004); Breitenbach; Silva (2008); Carvalho et al. (2007); Pereira de Souza; Buainain (2013); Basso (2004); Tesche; Machado (2012); Trennepohl (2010); Pascoal; Moura; Lorenzoni (2016); Breitenbach (2008); Frizzo (2011); Lima; Lucca; Trennepohl (2014); Vilela et al., 2017; Duarte (2017); Delgado; Bergamosco (2017); Feix; Júnior; Agranonik (2017); Pradié; Pegoraro; Dereti (2017); Milani et al. (2012); Martins et al. (2018).

desenvolvimento, tanto no melhor uso dos recursos como na garantia de uma maior participação dos diferentes agentes².

O cenário mundial caracterizado pela globalização dos mercados, crescente aceleração tecnológica e democratização da informação e do conhecimento, impulsionou o setor agrícola nacional a utilizar conceitos, métodos e técnicas capazes de atender às necessidades dos produtores e indústrias para possibilitar maior competitividade no mercado. Esse panorama fez com que o desenvolvimento fosse entendido como sinônimo de crescimento econômico, tendo como mola propulsora o modelo de produção capitalista.

Entretanto, a partir das últimas décadas, o desenvolvimento começa a ser tratado com uma nova abordagem. Esse novo enfoque trata o desenvolvimento com ênfase nos aspectos qualitativos, não estritamente ligados à lógica do capital ou do crescimento econômico. Em consequência, surgem novos conceitos que vão disseminando questões fundamentais para sua compreensão, como questões de sustentabilidade, qualidade de vida, liberdade, capacidade, especificidades regionais e eliminação das desigualdades.

Para compreender todas essas questões é fundamental entender o conceito de território que vem sendo discutido no desenvolvimento regional. Para isso, Flores (2006) incorpora a apropriação do espaço pela ação social de diferentes atores. Em outras palavras, o conceito de território agrega o jogo de poder entre os atores que atuam num espaço e, como resultado desse jogo de poder, se define uma identidade relacionada a limites geográficos ou ao espaço determinado. O processo de desenvolvimento é percebido quando se conhece as características das atividades econômicas básicas de uma região e as suas potencialidades. Neste caso é importante compreender o quadro geral das possibilidades e dos limites existentes para a definição de estratégias de ação consistentes com a realidade.

Nessa mesma linha, Pecqueur (2009) considera o território como um dispositivo de inovação, pois permite que a sociedade e a comunidade fiquem em equilíbrio possibilitando uma relação à configuração produtiva do trabalho em escala global. Esta sintonia consente o funcionamento e a organização dos sistemas produtivos locais que se fortificam com uma construção social de um capital cognitivo coletivo permitindo a interação e a capacidade de aprendizagem do grupo implicado no território. Neste contexto, o território traz o pertencimento ao grupo onde se impregna valores culturais que são marcados pela historicidade, memória coletiva e reciprocidade (PECQUEUR, 2005)

² Coletivo organizado - produtor de leite, lideranças locais, cooperativas, indústrias de processamentos, atores sociais públicos e privados, representantes do Estado.

O território vem sendo objeto de ações e espaço de articulação de estratégias de desenvolvimento. Essas ações, segundo Flores (2006), se concretizam pela iniciativa da sociedade, movimentos sociais, organizações não governamentais, poder público e, com grande ênfase, por ações das empresas privadas. Portanto, conhecer as estratégias de ação dos produtores de uma região, suas especificidades, particularidades e potencialidades é fundamental para compreender o desenvolvimento regional.

Contextualizando, o conceito de estratégia refere-se a um conjunto de decisões, planejamentos e metas decididas no âmbito familiar. Estas visam estabelecer o equilíbrio entre os fatores, as técnicas de produção e as necessidades da família produtora de leite. À medida que a propriedade se insere no modelo globalizante e que o agricultor familiar é, ao mesmo tempo, empresário e trabalhador, o conceito de estratégia deve ser ampliado, o que requer especialização, gestão, organização da produção e táticas empresariais que visem basicamente à reprodução familiar (WILKINSON, 1997; PEREIRA DE SOUZA; BUAINAIN, 2013; 2014).

Contudo, Lamarche (1993) assegura que as estratégias dos produtores de leite não são iguais em todas as regiões, de modo que a diversidade das lógicas produtivas, aliadas às adversidades climáticas e econômicas tem como desdobramento a busca de estratégias distintas para a reprodução socioeconômica. Algumas estratégias alternativas, tais como de sobrevivência, manutenção, crescimento e desenvolvimento, servirão de base para compreender as estratégias adotadas pelos produtores de leite nesta pesquisa, cujos condicionantes sociais, culturais, econômicos e até mesmo espaciais, refletem sobre as unidades de produção.

A importância da estratégia se eleva à medida que os avanços tecnológicos tornam os acontecimentos globais mais rápidos (LONG; PLOEG, 1994). Deste modo, os produtores de leite possuem um papel ativo neste processo, pois cotidianamente desenvolvem uma série de estratégias em suas propriedades que lhes permitem resistir às turbulências geradas por essas transformações e assim permanecer na atividade de maneira produtiva e eficiente.

Este movimento, que se intensificou nos últimos anos, é caracterizado por Ploeg (1992) como um processo de mercantilização da agricultura. O autor considera a mercantilização como um processo histórico e heterogêneo de inserção crescente aos mercados, que se manifesta concretamente através das relações que os produtores de leite estabelecem com o mercado. Essas relações, de valor de uso de um bem material para a forma de valor de troca, fazem com que o processo de organização do trabalho realizado pelos produtores passe a ser coordenado pelo mercado.

Essa ancoragem é importante para nortear a presente pesquisa, sendo que suas definições provêm de um conjunto de ações racionais, socialmente articuladas e implementadas por produtores de leite, na intenção de alcançar seus objetivos e metas assegurando sua permanência na atividade, trabalho e renda (POLANYI, 2000). Essas ações derivam de uma tentativa de demonstrar que, mesmo em meio a fortes pressões do modelo prevalecente, os produtores de leite são capazes de criar espaços de manobra e estratégias que lhes permitem fortalecer suas unidades produtivas.

Com o intuito de discutir as estratégias das unidades de produção, tem-se como base de investigação a atividade leiteira, que é considerada uma alternativa de desenvolvimento para diversas regiões. Portanto, considerando-se a atual configuração das relações socioeconômicas de produção adotadas pelos produtores de leite no contexto da globalização, bem como as dificuldades enfrentadas na pecuária leiteira pelos produtores, capacidade de processamento das unidades industriais no território, pressão hegemônica do capital existente e as reestruturações ocorridas na atividade leiteira, questiona-se: **quais são as estratégias socioeconômicas que os produtores de leite adotam frente à dinâmica de expansão das indústrias lácteas no RS?**

Como pressuposto, duas hipóteses foram verificadas na pesquisa. A primeira referia-se a possibilidade da diversidade produtiva auxiliar a sustentabilidade de produtor de leite, ou seja, algumas propriedades poderiam se manter nesta atividade integrando-a com outras produções (inclusão de outros cultivares em seu sistema produtivo e/ou diversificação da atividade, como por exemplo, a produção de queijo e derivados, hortifrutigranjeiros e, até mesmo, terceirização de seus serviços), funcionando como complemento de renda ao produtor, sem necessariamente terem que se especializar, estritamente, na produção leiteira.

A segunda hipótese, quanto às estratégias estabelecidas pelos produtores de leite, requeria a adoção de tecnologias e gerava soluções inovadoras para superar as transformações no setor lácteo. Esta permitiria que os produtores se adaptassem às instruções normativas, suas exigências higiênicas, sanitárias, gestão e inovações tecnológicas, sendo a saída para sua permanência na atividade, ora frente às indústrias ora inseridos em organizações (associações e/ou cooperativas), para que os produtores de leite se mantenham na atividade, enfrentando as atuais condições do mercado. Revisitando a questão norteadora, essa integração possibilitaria que os produtores agissem em conjunto, criando estratégias para enfrentar a dinâmica do mercado lácteo.

A atividade leiteira, além de permitir a permanência do homem no campo e possibilitar que famílias extraiam sua subsistência, permeia a justificativa inicial da realização

do presente estudo, que tem por premissa a importância socioeconômica do leite no bem-estar da população brasileira, em termos sociais, de geração de emprego e de renda, assim como a constatação da necessidade de crescimento da produção para atender à crescente demanda do mercado regional, nacional e mundial. Fatores analisados ao longo da pesquisa.

A escolha do Rio Grande do Sul (RS) para o desenvolvimento da pesquisa justifica-se à medida que o Estado ganha cada vez maior notoriedade como produtor, oscilando entre o segundo e terceiro Estado brasileiro produtor de leite, mesmo com uma pecuária leiteira baseada na atividade, predominantemente, de pequenos e médios produtores³. Conforme o EMATER (2017) no RS os produtores de leite que vendem a matéria prima *in natura* para indústrias, cooperativas ou queijarias ou que processam a produção em agroindústria própria legalizada, possuem propriedades com área média estimada em 19,1 hectares.

Neste sentido, os produtores de leite familiares são responsáveis por grande parte do leite produzido no estado o que demonstra que a produção de leite é predominantemente desenvolvida em pequenas e médias propriedades (EMATER, 2017). Atualmente, o Estado conta com uma capacidade instalada de aproximadamente 18,7 milhões de litros de leite/dia, mas sua produção atual é de 11,3 milhões de litros de leite/dia o que representa 60,4% da capacidade instalada de industrialização no Estado.

Estes dados demonstram competitividade e potencial no mercado lácteo. As vantagens comparativas do RS em termos de custos e de disponibilidade de fatores de produção (manejo e técnicas produtivas, solos férteis, clima temperado, boa disponibilidade de água, pequenas propriedades rurais, mão de obra familiar, produção de leite a base de pasto, acesso a crédito subsidiado pelo Programa de Fortalecimento a Agricultura Familiar (PRONAF), além da falta de alternativas mais rentáveis, estáveis e permanentes), conferiram à Mesorregião Noroeste Rio-Grandense o *status* de maior produtora e distribuidora de leite do estado gaúcho.

Tal desempenho é proveniente de sua trajetória cultural, social, econômica, geográfica e ambiental que fortalece o território deixando-o mais competitivo e eficaz. Sendo assim, ao destacar a Mesorregião Noroeste Rio-Grandense como a principal região distribuidora de leite do estado, com 66,21% da produção, ela também é considerada a região mais especializada na produção de leite do RS e, segundo Trennepohl; Cenci (2012), tem a maior concentração de valor bruto da produção por unidade de área. Com isso, a atividade é capaz de impulsionar

³ Dados da Companhia Laticínios Correlatos (CORLAC), Fundação de Economia e Estatística (FEE), (EMATER/RS) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que os agricultores familiares são responsáveis por 85% dessa produção de leite no noroeste gaúcho.

novos movimentos de expansão econômica e gerar efeitos multiplicadores em atividades subsidiárias e complementares da economia regional.

Além de possibilitar uma compreensão e análise consistente da realidade da região Noroeste do Estado do RS a pesquisa deu ênfase ao Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE) Noroeste Colonial. Criado originalmente com 32 municípios pertencentes a duas sub-regiões, com características socioeconômicas distintas, problemas específicos e diversidade de atores sociais: as chamadas “Região de Ijuí” e “Região Celeiro”. Como consequência de antigas reivindicações, em especial dos representantes da região Celeiro, em janeiro de 2008 o COREDE original foi desmembrado em dois: o novo COREDE Celeiro (na “região Celeiro”, com 21 municípios), e o atual COREDE Noroeste Colonial (na “região de Ijuí”, com 11 municípios), objeto de estudo.

O conceito de estratégia de reprodução socioeconômica, adotado como norteador do estudo cabe, de forma adequada, à atual realidade dos produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial. Desta forma, o objetivo geral da pesquisa foi analisar as estratégias de reprodução socioeconômica dos produtores de leite frente à dinâmica de expansão da indústria láctea no RS.

A fim de constatar as formas de produção, organização produtiva do trabalho, relações sociais e tecnológicas inseridas nas propriedades, considerando os estilos de produtores de leite da Região do COREDE Noroeste Colonial, os objetivos específicos foram: a) estudar a trajetória da produção de leite na região do COREDE Noroeste Colonial do estado do RS; b) verificar as formas de organização dos produtores de leite frente à dinâmica do mercado lácteo; c) analisar a mercantilização e suas repercussões nas relações sociais dos produtores de leite; e d) identificar como os produtores estão construindo estratégias para se relacionar com o mercado e se manter na atividade, conforme os diferentes estilos de produtores encontrados.

Por estratégia de reprodução socioeconômica, compreendem-se as respostas dadas por cada produtor a fim de assegurar, ao mesmo tempo, a sua própria reprodução e desenvolvimento, bem como acelerar os resultados da mercantilização, de acordo com a condição socioeconômica da unidade de produção (LONG; PLOEG, 1994; PLOEG, 2008; SCHNEIDER, 2003; WILKINSON, 2010).

Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinquenta e quatro (54) produtores de leite dos municípios pertencentes ao COREDE Noroeste Colonial, no primeiro e segundo semestre de 2018. Na entrevista, caracterizada no APÊNDICE B, os produtores foram questionados sobre o desempenho de suas atividades da propriedade e suas relações com o mercado. Os assuntos abordados deram ênfase às seguintes variáveis, consideradas

importantes para a compreensão da unidade de produção: infraestrutura, tecnologia, produtividade, manejo, gestão, mão de obra, aspectos históricos, socioeconômicos, estratégias e suas relações com o mercado.

Para determinar e identificar os produtores de leite que foram entrevistados, baseou-se em estudos e tipologia estabelecida por Gehlen (2000), posteriormente, por Wagner (2003), Wagner; Gehlen; Wiest (2004), e com abordagem nos processos de trabalho, e na escala e intensidade de produção de Ploeg (2008; 2016), os quais foram referência para o estudo.

Esses modelos tipológicos permitiram a caracterização dos estilos de produtores de leite, identificados no COREDE Noroeste Colonial, de acordo com seus diferentes modos de produção, classificados, no decorrer na pesquisa, como: Produtor de leite Tradicional (denominado pela letra T); Produtor de leite Empresarial (denominado pela letra E) e Produtor de leite Capitalista – moderno/empreendedor (denominado pela letra C).

Esses pressupostos permitiram identificar as principais diferenças ou contradições existentes nas propriedades produtoras de leite pesquisadas, com base nas seguintes variáveis: objetos de trabalho (animais, terra - produtividade, manejo); força de trabalho (mão de obra); instrumentos (infraestrutura, tecnologia, gestão, conhecimento), bem como aspectos históricos, socioeconômicos, estratégias e as relações com o mercado.

A tese está estruturada em cinco capítulos, a começar pela Introdução. O segundo capítulo aborda a intensidade do processo de globalização no desenvolvimento do território, momento em que são apresentadas as principais compreensões sobre globalização, mercantilização, território e mercado, ressaltando as relações de horizontalidades e verticalidades, as tensões entre o global e o regional, tomando como exemplo as existentes no COREDE Noroeste Colonial. As similaridades e diferenças entre as unidades de produção foram apontadas ao identificar os estilos de produtores de leite, diferenciados quanto aos processos de trabalho e suas variáveis: objetos, força e instrumento, determinados por escala e intensidade, conceitos fundamentais para a pesquisa.

No capítulo 3 é revisitada a trajetória da pecuária leiteira no Brasil e no RS, com aspecto prioritário ao COREDE Noroeste Colonial. As mudanças estruturais e o desenvolvimento da cadeia produtiva do leite, assim como a concentração das indústrias, a diversificação produtiva, estrutura e distribuição da produção, foram o enfoque ao analisar avanços e perspectivas do desenvolvimento socioeconômico da pecuária leiteira.

O capítulo 4 descreve os procedimentos metodológicos da pesquisa, iniciando pelo marco teórico, o Materialismo Histórico Dialético, considerado como instrumento lógico de interpretação da realidade, valores, crenças, hábitos, atitudes, representações e opiniões. A

partir deste método foi possível explorar as categoriais da totalidade, mediação, historicidade e a contradição. Utilizou-se a técnica de pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, cujos procedimentos de coleta, sistematização, análise e interpretação de dados auxiliaram a responder o questionamento proposto e verificar a veracidade das hipóteses pré-estabelecidas.

O capítulo 5 intitulado “estratégias de reprodução socioeconômica dos produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial”, responde diretamente à questão de pesquisa. Aqui são apresentados os principais resultados, detalhados, em relação a cada unidade de produção visitada e, de maneira geral, dada a importância de perceber e reconhecer as distintas percepções que os produtores mantêm com o mercado, tomando como base o materialismo histórico dialético, a forma de organização do trabalho (objetos, força e instrumentos) e produção, os mecanismos de intensificação, bem como as relações sociais ao longo de sua trajetória de desenvolvimento. Estas relações permeiam o fechamento deste trabalho, apresentado na conclusão, com objetivos contemplados e a premissa principal da necessidade de profissionalizar a gestão das propriedades, cuja eficiência é fundamental para definir indicadores de desenvolvimento econômico, social e ambiental, favorecendo a inserção nos mercados e na cadeia produtiva do leite.

2 GLOBALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO NO TERRITÓRIO

Este capítulo discute o desenvolvimento regional no território, como perspectiva de explanar e de contribuir na identificação de causas e de fatores críticos que promovam ou impeçam o seu desenvolvimento socioeconômico. Também procurou entender como se estabelece a regionalização do espaço territorial sob influência da globalização ao considerar a lógica do poder hegemônico no regime de acumulação capitalista. Essas análises proporcionam contribuições no sentido de identificar as tensões que se apresentam no território, sob formas de horizontalidades (regionais) e verticalidades (globais). Além disso, foi possível compreender como o sistema capitalista estabelece as relações mercantis com diferentes estilos de produtores e por último avaliar a mercantilização e a sincronização nos processos de trabalho que estão interligados nos diferentes tipos de agriculturas.

2.1 Regionalização do espaço territorial sob influência da globalização

A discussão sobre desenvolvimento regional tem sido questão central de debates no meio acadêmico sendo necessário distinguir e elucidar algumas definições. Deste modo, buscou-se fundamentação em alguns autores, os quais serviram de base para efetivar determinadas arguições, ponderações e percepções a respeito de território, considerando-se a diversidade de usos de tal conceito.

Ao longo do tempo os conceitos de lugar e de região foram sendo desenvolvidos com diferentes abordagens em distintas áreas do conhecimento. De acordo com Flores (2006), a primeira importante diferenciação conceitual se refere ao espaço e ao território. O espaço é relacionado ao patrimônio natural existente em uma região definida, ou seja, “palco” das relações humanas e sociais. O conceito de território incorpora a apropriação do espaço pela ação social de diferentes atores, adequado pelo homem, bem como as relações sociais que o criam, ou seja, é a formação obtida através de uma construção social embasada na inter-relação entre espaço e ação social.

Santos (1996) apresenta o conceito de “território usado”, como resultado da formação histórica e da base material das inter-relações, nas quais estão presentes empresas, Estado, sociedade e movimentos sociais. Ele considera ainda, que esta forma é ideal para o território ser analisado enquanto destinatário de políticas ou planejamento, já que serão considerados os conflitos existentes nele. De forma distinta, o “território construído” envolve sujeitos sociais com o objetivo de resolver um problema comum, relacionando estes à identidade que foi

construída de forma coletiva. Assim, a diferenciação, enquanto condicionante de concorrência, se dá a partir de limites territoriais existentes entre os grupos, os quais detém relação profunda com a formação histórica e cultural.

Em seus estudos Pecqueur (2001) considera importante a diferenciação entre estes dois tipos de territórios. O primeiro seria aquele estabelecido por decisão político-administrativa, num processo “*top-down*” de decisão, cujos interesses, normalmente, são o estabelecimento de políticas de desenvolvimento da região pré-definida. Nesse caso, o território seria chamado de “território dado”. Apresenta ainda uma compreensão sobre territórios definidos sob uma perspectiva político-administrativa como sendo o espaço-lugar, que resulta como produtos das políticas de organização do território. Posteriormente, o autor diferencia o território construído, ou espaço-território, formado a partir de um encontro de atores sociais, em um espaço geográfico dado, que procura identificar e resolver problemas comuns.

Da mesma forma, há certo consenso no papel possível e desejável que deve ser desempenhado pelo território nesse contexto. Tratado devidamente como arena e campo catalisador, este pode assumir toda a conflitualidade inexorável e necessária à adequada pactuação social pelo desenvolvimento. Assim, o território deve ser tomado como palco de conflitos, pressupondo a necessária construção permanente de canais institucionais, legitimação de interlocutores e de um espaço público de reflexão, mediação, barganha, incentivo ao diálogo e a constituição coletiva de diagnósticos de problemas e meios de seu enfrentamento compartilhado (BRANDÃO, 2006).

As compreensões de território e de poder aproximam-se para Raffestin (1993), que trabalha com o conceito de território tratando-o como um produto gerado por sujeitos sociais, Estado e organizações, o qual é formado a partir de malhas, redes de ligação e nós. Logo, o poder irá apresentar a capacidade de agentes sobre o território, como eles o transformam e usam para atingir os próprios objetivos, ocasionando territorialidades. As territorialidades dizem respeito às estratégias e políticas utilizadas pelos atores a fim de manter as relações de poder no território, de forma que buscam maior autonomia diante de poderes externos, derivando na diferenciação territorial.

O território, entendido como espaço de articulação de estratégias de desenvolvimento, vem sendo objeto de ações tanto de iniciativas da própria sociedade, através de movimentos sociais, de organizações não governamentais e até mesmo por ações de empresas privadas, como de iniciativas do poder público (FLORES, 2006). A importância está em conhecer as características das atividades econômicas básicas de uma região e as potencialidades que cada

uma delas apresenta para o desenvolvimento regional, necessárias para compreender o quadro geral das possibilidades e dos limites existentes para a definição de estratégias de ação consistentes com a realidade.

O território ao incorporar as relações multidimensionais de poder, deixa de ser apenas produto reflexo da sociedade e passa a ser o local onde acontece a reprodução socioeconômica. Para Wilkinson (2010) e Schneider (2010) o território é considerado como ponto de encontro entre as formas de mercado, os modos de regulação social e os atores do desenvolvimento. Sob o ponto de vista empresarial, o território tem um papel importante nas novas atividades e tecnologias e é o lugar onde se organizam as formas de cooperação entre empresas e onde se decide a divisão social do trabalho.

A dinâmica territorial aparece em diferentes escalas, desde um subsistema, como uma unidade familiar de trabalho e de produção, até interações com territórios mais amplos, como sistemas globais que abrangem muitas formações territoriais menores. Por esse motivo, nos estudos sobre desenvolvimento territorial é importante a interpretação do território como um ambiente local que sofre influência de variáveis internas (participação dos atores locais, causas e efeitos ambientais, socioambientais e culturais) e interage com os sistemas territoriais de maior escala ou globais (MORAES, SCHNEIDER, 2010).

O capitalismo, neste contexto, assume características diferentes em cada território em que atua, o que se deve aos processos econômicos, sociais, culturais, históricos, ambientais e políticos particulares de cada um às formas mais ou menos passivas de aceitação das regras capitalistas pelos atores sociais. Assim, enquanto o objetivo do crescimento econômico é fazer o processo de acumulação acontecer, para o desenvolvimento regional é necessário levar em conta múltiplos fatores, pois somente a visão da totalidade e o debate sobre os conflitos existentes podem produzir um conhecimento real sobre o território (PLEIN; FILIPPI, 2011).

O processo de globalização afeta os sistemas produtivos das regiões desenvolvidas e das regiões em desenvolvimento, em razão de sua dotação de recursos humanos e naturais e de sua forma de inserção (mais ou menos autônoma) nesta lógica. A globalização é entendida com um processo homogeneizante, em que as empresas multinacionais e mundiais tentam se apropriar e utilizar os territórios para aumentar sua acumulação de capital (WILKINSON, 1996). O processo de globalização, marcantemente neoliberal, trouxe a preocupação de que seus efeitos causariam a exclusão em massa de pequenas empresas e dos agricultores familiares do mercado, comprometendo a reprodução socioeconômica deste segmento social.

Dentro deste contexto os territórios “desenvolvidos” são, geralmente, as regiões mais industrializadas, que possuem especialmente grande volume de capital e recurso, tanto

naturais quanto humanos. Considerando o sistema capitalista de produção, a expansão econômica depara-se com limites, que basicamente residem na finitude da exploração de recursos naturais e de recursos humanos (expansão demográfica, qualificação, capital social, produtividade, entre outros fatores). Deste modo, com tais limites, os territórios desenvolvidos abrem sua economia para o exterior, de modo a buscar preencher as lacunas que impedem a sua expansão econômica. Ou seja, para suprir a falta de recursos naturais e não naturais, as regiões desenvolvidas exportam seu capital para os países em desenvolvimento, com abundância em recursos naturais (água, petróleo, energia, terra) e mão de obra e que, conseqüentemente, possuem deficiência na acumulação de capital, pesquisa e desenvolvimento, tecnologia e produtividade (FARINA et al., 2005).

Neste sentido, normalmente as grandes corporações (por meio de empresas multinacionais e transnacionais) buscam territórios desarticulados, de modo a explorá-los de forma ampliada, tanto em relação aos recursos naturais quanto de mão de obra (que geralmente são abundantes nestes territórios) e que acabam representando menor custo de produção para os detentores de capital (FARINA et al., 2005).

Conforme Santos (2006), a globalização é um fenômeno que se associa com os intercâmbios internacionais de bens e de serviços e a internacionalização do capital e da produção. No entanto, o que caracteriza a forma atual da globalização é o fato de a internacionalização dos mercados e da produção estar ligada à informação e à utilização das novas tecnologias. Entretanto, a globalização é um processo vinculado ao território, não só porque afeta as nações e países, mas, sobretudo, porque a dinâmica econômica e o ajuste produtivo dependem das decisões de investimento e localização dos atores econômicos e dos fatores de atração de cada território.

Conforme Santos (2001), a globalização pode ser dividida em três dimensões: como fábula (pela ótica neoliberal); como perversidade (como é de fato o modelo atual de produção) e como outra globalização (como poderia ser considerando os interesses do conjunto dos países e população mundial).

Assim, de um lado está o modelo de produção capitalista atual (de caráter perverso), que é controlado por forças hegemônicas e que está ancorado dentro do arcabouço teórico do neoliberalismo econômico, com ampla concorrência dos mercados e sem barreiras, com o capital transitando livremente sobre os territórios. Contrariando a lógica do neoliberalismo econômico, que replica modelos matemáticos em diferentes realidades, cada território é resultante de um processo histórico, cultural, ético, econômico e social que perfaz realidades diferentes e que conduz a uma análise mais específica de cada território.

O lado da corrente do regime de acumulação capitalista, que é o modelo atual de reprodução, está muito aliado ao termo globalização, no qual os territórios são homogêneos, coexistindo com fórmulas ou etapas de desenvolvimento, não considerando os aspectos particulares de cada território. Harvey (2005) afirma que o capitalismo constrói espaços à sua maneira, produzindo paisagens distintas conforme interesses de transporte, de infraestrutura, de informação e de produção do conhecimento, com o intuito de acelerar o processo de acumulação (HARVEY, 2004).

Em um mundo globalizado o capital busca se tornar sujeito de todos os processos e transformar tudo em seu mero predicado, incluindo o território. Sendo assim o capital é, em sua essência, descomprometido com espaços específicos, sendo orientado apenas pela valorização máxima. As relações capitalistas organizam a valorização e a escala mundial e, simultaneamente, se estabelecem e se posicionam em um dado lugar. O capital desconstrói barreiras e constrangimentos e edifica outras continuamente (BRANDÃO, 2006).

Por fim, em parte da literatura contemporânea, o território, que deveria ser visto como ambiente politizado, em conflito e em construção, é posto como reificado, passivo, mero receptáculo, onde se registram as atrações e movimentos que privilegiam a reprodução social. Há uma “coisificação” e o território parece ter poder de decisão, transformado em sujeito coletivo. Por exemplo, por vezes, a capacidade endógena da localidade comunitária é colocada em primeiro plano, destacando seu alto poder de comando (BRANDÃO, 2011).

No atual momento histórico, o processo capitalista de produção assume novos patamares. Neste sentido, têm sido alvo de muitas abordagens, feitas por diferentes autores e com diferentes interpretações, conforme discussão que segue.

2.1.1 Relações territoriais: horizontalidades e verticalidades

Considera-se que há uma importante literatura crítica que veio se desenvolvendo nas últimas décadas. Essa produção científica tem procurado construir as mediações (históricas e teóricas) devidas entre a lógica de acumulação de capital, dos conflitos, coalizões e alianças de facções de classe e a construção social do espaço e do território (BRANDÃO, 2006). Esta literatura entende a complexidade do desafio, pois entre as transformações sistêmicas do desenvolvimento do capitalismo e suas repercussões na produção do território (manifestando-se em diferentes escalas), não pode haver determinações lineares e fáceis, reclamando-se estabelecer inúmeras mediações complicadas e delicadas entre estas duas dinâmicas (VAINER, 2001).

Santos (2006) destaca que os arranjos espaciais não se dão apenas através de figuras formadas de pontos contínuos e contíguos. Hoje, ao lado dessas “manchas”, ou por sobre essas manchas, há, também, constelações de pontos descontínuos, mas interligados, que definem um espaço de fluxos reguladores. As segmentações e as partições presentes no espaço sugerem, pelo menos, que se admitam dois recortes.

De um lado, há extensões formadas de pontos contínuos no espaço, nas relações entre regiões, com origem dentro do território. São as horizontalidades. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia. São as verticalidades, cujas relações não dependem de aproximação espacial do território, mas de aproximação organizacional, pois são relações hierarquizadas vindas de fora do território. O espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente (SANTOS, 2001).

Para Santos (2006) as horizontalidades são a fábrica da produção propriamente dita e o *locus* de uma cooperação mais limitada, as verticalidades dão, sobretudo, conta dos outros momentos da produção (circulação, distribuição, consumo), sendo o veículo de uma cooperação mais ampla, tanto econômica e politicamente, como geograficamente.

Para contextualizar estes conceitos teóricos estabeleceu-se uma relação com a região em foco no estudo. O processo de globalização presente na região do COREDE Noroeste Colonial do RS potencializou empresas presentes e está atraindo novas em diversos ramos de atividades. Esse movimento interfere nas relações socioeconômicas dos produtores de leite transformando o seu modo de vida. O produtor ao integrar-se a esse movimento se sente atraído a investir em equipamentos e tecnologias para permanecer na atividade e atender as exigências do mercado. Visualizam-se, neste caso, as horizontalidades que, conforme Santos (2006), podem ser ampliadas mediante as novas formas de produção e de consumo.

A modernização ao alcançar novas formas de exercer o trabalho desestrutura as anteriores, gerando, conseqüentemente, novos estilos que substituem os processos mais antigos modificando as formas de produção, distribuição e consumo. Para Santos (2006), estas relações despontam através das dinâmicas horizontais e se manifestam a partir das ações e reações a esses processos de produção e de comercialização, por parte dos agricultores familiares, em defesa dos seus interesses de comercialização do leite e sua influência na economia local.

A venda de insumos para a produção de leite e a compra da matéria prima para industrialização desperta o interesse dos produtores e os ramos de atividades com potencial para realizar transações, como a distribuição de insumos para a produção, implementos

agrícolas para ajudar na produção, industrialização e compra da matéria prima. A industrialização/desindustrialização, o fluxo de capitais, mercadorias, atendem ao interesse de grandes empresas multinacionais que interferem de maneira decisiva na formação e/ou deformação dos diferentes espaços, consideradas verticalidades, pois ocorrem em escala mundial.

As relações estabelecidas entre produtores de leite e indústrias processadoras vem evidenciando contradições em suas relações comerciais, passando por ajustes e significativas transformações. Percebe-se que as atividades realizadas pelos produtores despertam interesse de grandes empresas nacionais e multinacionais que ao ofertarem seus produtos interferem na forma de trabalho, tomada de decisão, investimentos e na formação dos diferentes estilos de propriedades. As empresas localizadas no COREDE Noroeste Colonial e nas proximidades, enquanto puderem extrair vantagens não alcançadas em outros territórios ali permanecem. Para Santos (2006) essa relação imprime forças centrífugas, que são as verticalidades.

A fins de esclarecimento, as relações verticais se associam às forças centrífugas e as relações horizontais se associam às forças centrípetas, pois tendem ao centro (ao próprio território) e, por isso, se constituem como movimentos de agregação e fatores de convergência, tendendo a engendrar processos de horizontalização. Para Santos (2001), horizontalidades são os processos que ocorrem no território: as relações de solidariedade, de reciprocidade, de ajuda mútua, de resistência, entre outros.

Portanto, os lugares também podem se refortalecer horizontalmente, reconstruindo, a partir das ações localmente constituídas, uma base de vida que amplie a coesão da sociedade civil, a serviço do interesse coletivo. Com a especialização funcional dos subespaços, há tendência à geração de um cotidiano homólogo graças à interdependência que se estabelece horizontalmente. A partir de uma atividade comum, a informação necessária ao trabalho difunde-se mais fácil e rapidamente, levando ao aumento local da produtividade. Isso tanto é válido no campo, quando se formam áreas presididas por um ou por vários produtos agrícolas combinados, como, também, é visível em cidades que se especializam numa dada produção industrial ou de serviços (SANTOS, 2006).

Nesse sentido, a complexidade das relações sociais entre produtores de leite e indústrias processadoras é evidente, pois existem relações de horizontalidades e de verticalidades entre suas transações comerciais. Os produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial, encontram no segmento da produção de leite uma fonte de trabalho e renda, por intermédio da produção e venda do leite ao mercado. As indústrias processadoras compram a produção de leite *in natura* dos produtores e disponibilizam uma vasta carta (apoio técnico,

veterinário, genética, rações, crédito para aquisição de maquinários, entre outros) de insumos e ferramentas para que a produção seja realizada conforme exigências do mercado.

2.2 Processo de globalização e a participação dos mercados

A partir das interações no território, ampliação do processo de mercantilização e inserções no mercado, que as transformações (modernização, globalização, inovação, mudança, estratégias) ocorrem na cadeia produtiva do leite. Schneider (2001) considera que essas relações remetem a uma multiplicidade de modos de produção, de emprego das tecnologias, de organização e de divisão social do trabalho, bem como de reconfigurações e revalorização da agricultura familiar.

Os produtores de leite encontram-se intrinsecamente ligados aos mercados e a sua reprodução socioeconômica depende das relações estabelecidas com estes. Sendo assim, a manutenção desta classe depende, em graus diferenciados de integração, das relações que os agricultores estabelecem, em diferentes locais, contextos e conjunturas socioeconômicas (PLOEG, 2006).

Deste modo, o mercado, que está controlado por grandes corporações, é quem dita as regras e os padrões a serem seguidos e incorporados na produção. Essas regras exigem a especialização de todos os agentes envolvidos (OLIVEIRA; SILVA, 2012). Portanto, os produtores ao interagir com a sociedade e participar da economia mais ampla se beneficiam desta interação, mas também sofrem seus efeitos, via preços ou acesso aos recursos tecnológicos, crédito e insumos utilizados para a produção. Essa interação eleva a competitividade entre os produtores, fazendo com que os mesmos sejam submetidos a uma integração cada vez maior com as grandes indústrias.

Essencialmente, o mercado é visto como uma instituição que, através da competição, coordena a divisão do trabalho e a alocação dos recursos produtivos. Historicamente, os mercados existiram antes dos estados nacionais, mas os mercados modernos são socialmente constituídos: organizados e regulados pelos estados nacionais a nível nacional e internacional. A teoria econômica sugere que as características estruturais do mercado tenham capacidade de exercer forte influência sobre o comportamento das empresas, bem como sobre os preços, lucros e inovações tecnológicas provenientes deste. Os mercados tendem a equilibrar-se pela lei da oferta e da procura (BRESSER-PEREIRA, 2006).

Portanto, a competição nas relações de oferta e demanda e o sistema de preços resume o que são os mercados, ou o que é o mercado. Contudo, esta definição do senso comum, tem

sido largamente questionada como superficial e insuficiente. Afinal, ela não explica de onde vêm os mercados, quem são os agentes que participam de sua formação e seu funcionamento, e tampouco mostra como se constituem as assimetrias nas relações de quem participa desses mercados.

Schneider (2016) situa a discussão sobre os mercados para além do senso comum recorrendo a três formas de definição:

a) o mercado como um *locus*, um espaço físico determinado em que se realizam trocas materiais de produtos e mercadorias; b) o mercado como princípio ordenador da sociedade e da economia, tal como funciona o capitalismo; e c) o mercado como uma construção social, que resulta de processos de interação entre agentes que trocam e intercambiam por diferentes motivos, sejam eles econômicos, sociais ou culturais (SCHNEIDER, 2016, p.97).

Os mercados fazem parte dos processos sociais de produção e reprodução das atividades econômicas e das unidades familiares, influenciam a vida das pessoas, os seus valores e sua cultura, moldam e modificam instituições e são motivo para conflitos, protestos e disputas. Na medida em que os mercados assumem estas características sociais, eles reúnem as condições para serem interpretados como um fato social, que é toda a manifestação de caráter coletivo e coercitivo que influencia as atitudes, os valores e a ação dos indivíduos.

Para Polanyi (2000) o mercado passou a ser o agente ordenador das relações produtivas e sociais do ambiente. Essas relações que se apresentam no ambiente transformam a economia de mercado em uma sociedade de mercado, subordinando as classes sociais a integrarem-se ao mercado (SCHNEIDER, 2016). Outro aspecto importante considerado por Polanyi (1976) é que o mercado não é uma criação do capitalismo, ou seja, as pessoas sempre trocaram mercadorias e serviços. Portanto, o mercado não é uma expressão unicamente do modo de produção capitalista, é uma forma de intensificar as trocas mercantis que já existiam.

Deste modo, é possível perceber que os agricultores estabelecem várias formas de integração diária com os mercados, seja pelo lado dos *inputs* ou da demanda ou pelo lado dos *outputs*, da oferta (SCHNEIDER, 2016). A interação que se estabelece entre os produtores e o restante da sociedade acontece por dois lados, na compra dos insumos e na venda, sendo que em determinados momentos a atividade pode expandir o relacionamento com uma série de outros mercados. Essa expansão acontece quando os produtores vão até o mercado em busca de informações, tecnologia, assistência técnica e são mediadas por agentes que detém o conhecimento, recursos para créditos e insumos para aquisição.

Entretanto, as diferentes formas de integração e de inter-relações com o mercado podem apresentar tanto oportunidades como pressões aos produtores. Ingressar nesses mercados pode ampliar o nível de bem-estar, diversificar o acesso de bens de consumo e até mesmo expor problemas das adversidades de preços ou condição desigual do poder do mercado (SCHNEIDER, 2016).

Nessa mesma linha, Farina (1995) descreve que a relação dos produtores com os mercados provoca tensões. Essas tensões proporcionam vantagens, podendo garantir sua permanência na atividade (sendo a interação com o mercado o passo decisivo para essa transição) e desvantagens (falta de infraestrutura recursos, crédito, tecnologia, gestão) aos produtores que não dispõem ferramentas adequadas para esta integração. Para Ellis (1988) essas desvantagens ocorrem porque os mercados funcionam com alto grau de imperfeição ou distorções, tanto para a compra como para a venda da produção. Toda essa desvantagem dificulta e influencia a reprodução social dos produtores inseridos aos mercados.

Ao que tudo indica, a estrutura de mercado para produtos da cadeia produtiva do leite é bastante complexa, em virtude do elevado número de agentes econômicos que atuam no sistema, da multiplicidade de canais de comercialização existentes e do rígido marco legal que regula a circulação dos produtos de origem animal no Brasil.

O Quadro 1, formulado originalmente por Wilkinson (2010), representou uma contribuição sobre como estão constituídos os mercados, nos quais estão inseridos os produtores familiares. Apresenta-se abaixo algumas segmentações de mercados para esses produtos, seus perfis e os principais desafios que cada um apresenta.

Quadro 1 - Tipologias de mercados para produtores familiares

Mercado	Perfil	Desafios
<i>Commodities</i>	Velhos e novos mercados locais e a distância	Padronização, legislação, qualidade mínima e escala
Especialidades (de nicho)	Discriminado com o grau de associação com a localidade/tradição	Concorrência de novos entrantes
Orgânicos	Grau de associação a saúde e/ou a um modo específico de produção	Certificação, escala, pesquisa
Artesanais	Denominação de origem ou não	Qualidade, normas técnicas, autenticidade, ação coletiva
Solidários	Identificação ou não com a agricultura familiar, mercados de alta e baixa renda	Escala, variabilidade, qualidade
Institucionais	Licitações, oferta para varejo	Qualidade, variabilidade, escala

Fonte: Adaptado de Schneider (2016, p. 114) e Wilkinson (2010, p. 17).

Essa tipologia permitiu destacar os diferentes tipos de mercado, suas distinções, seus desafios e realidades que podem ser percebidas entre os produtores familiares. A tipologia apresentada está ancorada nas relações de construção do ambiente, ou seja, no território em que se estabelecem as interações, articulações, tensões e contradições que permeiam o mercado (WILKINSON, 2010).

2.2.1 Lógica do poder hegemônico no regime capitalista: tensão entre o global e o regional

As transformações ocorridas nas atividades derivadas da cadeia produtiva do leite se devem a sua dinâmica econômica global, que apresenta um novo modelo mercadológico. Esse movimento, que traz consigo um modelo globalizante, se constitui através da auto regulação do mercado, juntamente com a abertura comercial às multinacionais, liberação dos preços, concentração e oligopólio das indústrias, padronizações mercantis e sanitárias, somada à insuficiência de políticas públicas, entre outros aspectos. Esta nova estrutura produtiva estimula a construção de mercados leiteiros cada vez mais exigentes em padrões impostos e regulamentados por interesses restritos à dinâmica capitalista (ESCHER, 2011; SCHUBERT; NIERDELE, 2011).

Esse novo modelo, que segundo Ploeg (2008) tem a ver com as atuais formas de globalização, cuja essência é a ampla disseminação de normas e padrões como forma de assegurar a apropriação de riquezas, constitui o que o mesmo denominou em seus estudos de "Impérios Alimentares". Esses Impérios são constituídos por grandes empresas e corporações, que através de práticas de poderes em escalas locais e mundiais, exercem organização e gestão do território em que se instalam buscando a lucratividade.

Os Impérios Alimentares não funcionam apenas “dentro” dos mercados. Ao contrário, eles representam o controle “sobre” estes mercados. Para Ploeg (2008) o Império é o mercado disfarçado. Existem muitos processos de compra e venda e fluxos associados, monopolizados, ou seja, as transações associadas só podem ser realizadas de acordo com as condições impostas pelo próprio Império (PLOEG, 2008).

Deste modo, para que o produtor de leite consiga dar continuidade ao seu trabalho na produção deve aderir a esse modelo, o qual atende às necessidades impostas pelo mercado. Esse modelo de consumo coagido pelo mercado global constitui um modelo capitalista que estabelece que a produção siga de acordo com os padrões solicitados (WILKINSON, 2010). No entanto, quando o produtor não aborda/incorpora tal tendência é excluído do mercado, tornando-se refém deste movimento, tendo que investir capital, adotar novas técnicas,

métodos de produção, padrões sanitários, genéticos, tecnológicos e econômicos que contribuam para sua permanência neste segmento.

As tensões que se consolidam na cadeia produtiva do leite interferem nos processos de trabalho, de produção e nas relações sociais dos produtores. Em meio a este campo competitivo e em contrapartida a todo este avanço mercantil coexistem movimentos que, de algum modo, contrariam esta expansão capitalista, fortalecendo a comercialização de leite proveniente da propriedade familiar, indo de encontro aos avanços capitalistas das indústrias e laticínios (SCHNEIDER, 1999; VIANA; FERRAS, 2007; SCHUBERT; NIEDERLE, 2011).

Tais situações, principalmente acerca dos processos de especialização, resultaram em divergências de interesses, tanto na esfera política quanto social, devido à imprecisão dos processos de desenvolvimento da atividade. O reflexo disto está na concentração, concorrência e a exclusão nos diversos segmentos do ramo (WILKINSON, 2003). Em contrapartida à pressão capitalista, coexistem movimentos de caráter social que vão de encontro a toda esta força hegemônica, conectando a produção e comercialização de leite em propriedades familiares (PLOEG, 2008).

Neste sentido, a noção de duplo movimento⁴ proposta por Polanyi (1977) se faz pertinente, pois envolve uma sociedade cuja economia é regulada por um sistema mercantil de cunho capitalista. Este movimento contrário, denominado de "contramovimento", proporciona aos produtores de leite envolvidos uma adaptação do modo de produção compatível com as suas condições técnicas e econômicas (POLANYI, 2000). O duplo movimento concretiza-se através de uma dinâmica mercadológica de escala cada vez mais global e menos local, viabilizando assim um movimento dominante de caráter puramente econômico.

De acordo com as experiências dos produtores familiares envolvidos, suas perspectivas, valores, interesses e procedimentos, prevalece uma resistência às tendências tecnológicas e institucionais hegemônicas, intervindo e alterando diretamente os processos de trabalho, produção, relações sociais e a própria atuação do Estado. Neste sentido, Ploeg (2008) retrata que os fenômenos de resistência estão imersos nas práticas diversas e heterogêneas dos agricultores familiares, os quais buscam defender e criar autonomia e melhores condições de vida como respostas locais para problemas globais.

Tais fenômenos, efetivamente, representam os contramovimentos expostos por Polanyi (2000). Apresentam, de um lado, produtores especializados, modernos, com alto grau

⁴ Em uma sociedade capitalista há como característica um movimento que busca cegamente progresso econômico e, por um lado contrário, outro movimento que busca proteger o tecido social fragilizado pelo capitalismo (POLANYI, 2000).

de tecnologias, gestão, integrados aos mercados de *commodities*, como sendo o ideal a ser seguido e copiado e, por outro lado, aqueles produtores tradicionais e em transição, que possuem experiência, mas não dispõem de recursos financeiros para aderir às mudanças tecnológicas evidenciadas a partir das transformações do setor lácteo. Deste modo, Polanyi (2000) propõe reconstruir procedimentos que promovam diversificação produtiva e tecnológica, economias de escopo, bem como mecanismos de troca e de distribuição enraizados em relações sociais que garantam a reprodução socioeconômica dos produtores de leite (POLANYI, 2000).

Portanto, as relações que geram tensão entre o local e o global numa abordagem que descreve uma nova forma de gestão do desenvolvimento, podem ser observadas no território em estudo. Na perspectiva de espaço de reprodução social, a pluriatividade, diversificação, inovações tecnológicas, estratégias, gestão e a interação com o mercado são abordadas como resultado da presença da mercantilização na agropecuária leiteira e como se deu a adaptabilidade do produtor ao capitalismo globalizante através de atividades desenvolvidas e formas de produção.

Os produtores de leite, no COREDE Noroeste Colonial, ainda persistem nos costumes locais de produção, mas são obrigados a se regularizar de acordo com as legislações e instruções normativas vigentes. Essa atividade constitui uma alternativa viável no sentido da persistência e reprodução de muitas famílias no meio rural da região de estudo, proporcionando estabilidade no nível de renda, emprego e qualidade de vida, desempenhando um papel de desenvolvimento local ao proporcionar diversificação da atividade econômica.

As diversas transformações políticas, econômicas e tecnológicas que estão ocorrendo na atividade, apontam a possibilidade de acessar fatias importantes do mercado. Além do conhecimento na área, há os investimentos públicos e privados e a crescente demanda por leite e seus derivados, que favorecem o desenvolvimento da cadeia. Portanto, programas de políticas públicas, no sentido de fomentar e organizar a expansão da pecuária leiteira na região noroeste do RS, são de grande importância para impulsionar o desenvolvimento regional.

As condições de produção existentes na região indicam claramente para a possibilidade de ocupar os espaços de mercado que se abrem para a produção de leite. Os investimentos que estão sendo realizados indicam que existem movimentos neste sentido. Os efeitos multiplicativos que a atividade apresenta podem ser de fundamental importância para movimentar outros setores da economia regional e expandir a cadeia produtiva do leite.

Das análises realizadas compreende-se que é notável a tensão global sobre o regional, visto que as propriedades produtoras de leite se sentem pressionadas pela lógica imposta verticalmente a qual obriga os produtores a se especializarem seguindo a legislação vigente. Mesmo tendo que se adaptar as normas impostas pelo mercado, a produção constitui-se como alternativa viável no sentido da persistência e reprodução de muitas famílias no meio rural da região de estudo. O incentivo a esta produção gera estabilidade a nível de renda, emprego e qualidade de vida, desempenhando papel de desenvolvimento ao proporcionar diversificação da atividade econômica.

No próximo item, será possível compreender melhor como as relações se estabelecem no sistema capitalista. Essas relações poderão ser constatadas nas propriedades produtoras de leite que possuem diferentes formas de produção mercantil, em esferas de circulação e produção dos produtores tradicionais x produtores empresariais e capitalistas. Também será possível compreender como os diferentes estilos de produtores e escalas de produção estão presentes nas propriedades e como vem ocorrendo a sincronização nos processos de trabalho no sistema capitalista.

2.3 Sistema capitalista e a relação mercantil nas propriedades produtoras de leite

As atividades dos produtores de leite que desenvolvem algum tipo de trabalho na agricultura familiar, empresarial e capitalista, seguem a égide do sistema capitalista. Nesse sentido, o entendimento da produção familiar, empresarial, sob o modo de produção capitalista se faz necessária, já que este domina as relações estabelecidas.

O trabalho que vem sendo desenvolvido nas propriedades produtoras de leite segue o caráter específico dessa forma capitalista. Entretanto, os produtores de leite inseridos em uma sociedade na qual predomina as relações capitalistas, estão fadados a inserirem-se nessa lógica contraditória do regime de acumulação para permanecerem produzindo em suas propriedades. Para Chayanov (1966) os produtores familiares, estão imersos às relações capitalistas, pois vendem e compram insumos a preço fixados pelo mercado.

Essa integração entre o mercado e produtores, segundo Chayanov (1966), Lamarche (1993), Wanderley (2003) advém das necessidades das famílias produtoras em ter acesso a informação, tecnologias, mão de obra, maquinários, crédito financeiro e inclusão à sociedade. Essa conexão com o mercado, intensifica-se nos tempos atuais, fazendo com que unidades de produção fiquem dependentes das grandes empresas capitalistas. Portanto, sua reprodução ocorre, também, no contexto capitalista.

Deste modo, o desenvolvimento capitalista, conforme De Oliveira (2007), se faz movido pelas suas contradições. Ele é, portanto, em si, contraditório e desigual. Isto significa que para seu desenvolvimento ser possível, ele tem que desenvolver aqueles aspectos aparentemente contraditórios a si mesmo. Aspectos estes que devem gerar discordâncias e concordâncias na interpretação do processo de generalização do capital.

Esse processo pode ser compreendido através de dois caminhos, segundo De Oliveira (2007):

[...] o primeiro caminho seria a destruição do pequeno produtor familiar de subsistência, que através de um processo de diferenciação interna provocada pelas contradições típicas de sua inserção no mercado capitalista... [...] ao produzir cada vez mais para o mercado, tornar-se-ia vítima ou fruto desse processo, pois ficaria sujeito às crises decorrentes das elevadas taxas de juros (para poder ter acesso à mecanização, por exemplo) e aos baixos preços que os produtos agrícolas alcançam no momento das colheitas farta. Assim, muitas vezes a grande produção pode ser sinônimo de falência, em função da queda dos preços no mercado... [...] o outro caminho seria dado pelo processo de modernização do latifúndio, via introdução no processo produtivo de máquinas e insumos modernos, o que permitiria a esses latifúndios evoluir para empresas rurais capitalistas. Assim, os latifundiários tornar-se-iam capitalistas do campo. De certo modo, para esses autores os interesses dos camponeses ricos (pequenos capitalistas) e dos latifundiários (grandes capitalistas) estariam unificados, homogeneizados, e os camponeses pobres seriam transformados em trabalhadores assalariados a serviço do capital (DE OLIVEIRA, 2007, p. 9).

Estes aspectos contraditórios, conforme Kageyama (1997), ocorrem devido ao trabalho excessivo dos produtores de leite que se submetem a uma forte exploração econômica para garantir sua sobrevivência que muitas vezes é simplesmente para alimentar ainda mais o capital. Esse esforço realizado pelos produtores é miserável, porque a fração de trabalho de que se apropriam, após a venda da mercadoria que produzem, é mínima.

Nesse sentido, a cadeia produtiva do leite que é formada por uma grande diversidade de atores sociais, tem objetivos e estratégias diferenciadas. Dentro dessa diversidade, os produtores de leite que apresentassem características semelhantes, principalmente quanto ao trabalho dos membros da família na unidade produtiva, dificuldade de adaptação aos novos modelos e tecnologias avançadas na propriedade eram caracterizados como: produtores familiares capitalizados e integrados ao mercado; produtores familiares descapitalizados, que produzem com baixa tecnologia e com grau variável de inserção ao mercado; produtores cujos membros da família exercem atividades fora da propriedade, produtores familiares miseráveis rumo à expropriação do campo, dentre outros (WANDERLEY, 2003).

As relações estabelecidas entre os sistemas de produção são afinidades baseadas no processo de separação dos trabalhadores dos meios de produção, ou seja, os trabalhadores

devem aparecer no mercado como trabalhadores livres de toda a propriedade, exceto de sua própria força de trabalho (DE OLIVEIRA, 2007). Estas relações são consideradas como a raiz do desenvolvimento capitalista moderno.

As unidades de produção familiares que estão inseridas no território através da produção/reprodução do capital, da geração da mais-valia e da reprodução do trabalho humano modificam e transformam o território em um espaço onde o capital intensifica a industrialização das atividades agrícolas e permite a apropriação da renda da terra (DE OLIVEIRA, 2004). Essa modificação que se desenvolve mediante o processo de modernização pode ser fragmentada e desigual para os produtores de leite, pois, ao mesmo tempo que gera riqueza, produz pobreza.

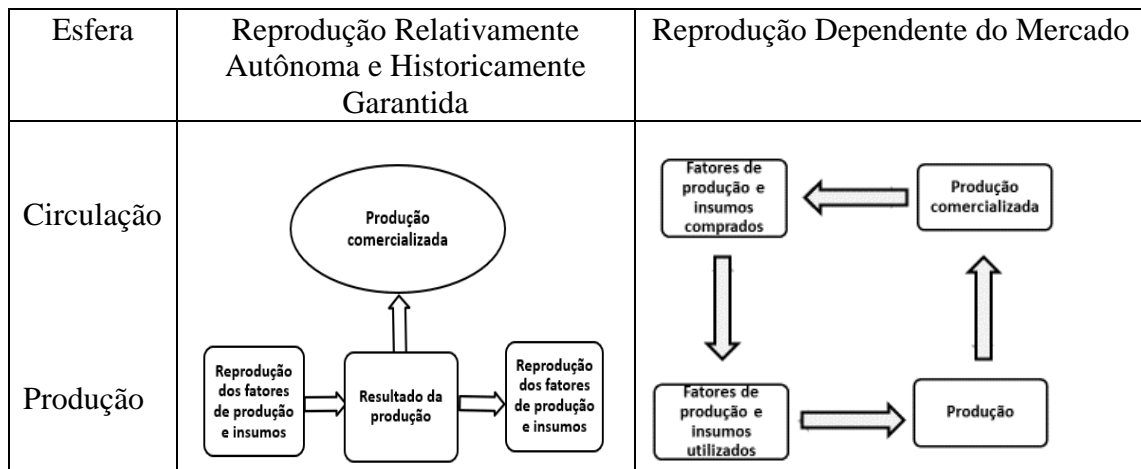
Para compreender a intensificação que vem ocorrendo na produção, trabalho e renda dos produtores de leite é necessário compreender o processo de circulação da produção que ocorre entre as propriedades. Esse processo leva aos produtores a exercer diferentes formas de desenvolver o trabalho na propriedade, novas linhas de produção e a partir destas obter diferentes rendas na propriedade.

Nesse sentido, o que parece ter contribuído para esta intensificação foi a crescente mercantilização. Essa crescente integração ao mercado, acabou levando as decisões "para fora da porteira", aumentando a integração dos agricultores à sociedade capitalista (PLEIN; FILIPPI, 2011). A intensificação no processo de trabalho, segundo Ploeg (1992), modificou a forma de trabalhar na propriedade, envolvendo os produtores cada vez mais ao mercado e permitindo que o mercado conduza o processo produtivo.

Essa produção para o mercado foi modificando a forma como os produtores ofertavam seus produtos. Essa alteração, também era notável a jusante, fora da propriedade, imbricada nos fatores de produção. A expressão mais clara disso provém dos diversos insumos adquiridos para que a produção se concretize (compra de adubos, sementes, produtos diversos utilizados na higienização da ordenha, créditos bancários/financiamentos), os pacotes de tecnologias consumidos para facilitar o dia a dia do produtor (genética, ordenha mecanizada, robotizada, máquinas, infraestrutura, empresas produtoras de insumos) e a interação, venda do leite para o mercado (diversidades de indústria).

Esse conjunto de esferas (circulação e produção), possível de identificar na Figura 1, evidencia os modos de reprodução entre os produtores de leite que não estão totalmente ligados ao mercado e os produtores que estão se incluindo aos poucos e estão totalmente dependentes do mercado.

Figura 1 - Esfera de circulação e produção dos produtores tradicionais x produtores empresariais e capitalistas



Fonte: Adaptado pelo autor conforme PLOEG (1987; 1992; 2008).

O processo de produção no modo de produção tradicional é tipicamente estruturado sobre (e simultaneamente inclui) uma reprodução relativamente autônoma e historicamente garantida. Cada ciclo de produção é construído a partir dos recursos produzidos e reproduzidos nos ciclos anteriores. Assim, entram no processo de produção como valores-de-uso, como instrumentos e objetos de trabalho, que são utilizados para produzir mercadorias e, ao mesmo tempo, para reproduzir a unidade de produção. Tal padrão contrasta consideravelmente com a produção dependente do mercado, na qual todos os recursos são mobilizados em seus correspondentes mercados para, em seguida, entrarem no processo de produção como mercadorias. Este último refere-se, portanto, a um modo de produção empresarial (PLOEG, 2008).

O produtor tradicional que não está totalmente ligado ao mercado possui características que estão voltadas à criação de valor agregado e emprego produtivo. Esta esfera é orientada para a produção e crescimento do valor agregado, refletindo em sua condição de exercer as atividades na propriedade e a forma de obter a renda plenamente através do esforço disponível na unidade de produção (PLOEG, 2008). Através desta esfera de produção que os produtos podem ser comercializados.

A segunda esfera que está conectada com os produtores empresariais e capitalistas, que estão se incluindo ou estão totalmente dependentes do mercado, é orientada tanto para aquisição, como para compra dos insumos. Os insumos são utilizados para que a produção aconteça de forma eficiente, praticidades das atividades e que siga as normas impostas pelo mercado. Após o resultado da produção os produtos podem ser comercializados para gerar o

lucro e conseqüente mais-valia, ou seja, os lucros e os níveis de renda podem ser ampliados através de – e na forma de – uma redução contínua no uso de trabalho (PLOEG, 2008).

O que pode ser observado na esfera de circulação e produção é que a produção para o mercado passa a comandar todo o processo produtivo. Cada vez mais aumenta o número de produtores querendo vender seus produtos e, logicamente, os insumos passam a ser adquiridos com maior intensidade para gerar novos produtos, o que acaba fortalecendo e integrando ainda mais o produtor ao mercado.

As diferentes esferas de circulação e produção, alinhadas com as relações entre as unidades produtivas e os graus de integração com o mercado, dependem da intensidade e das características do trabalho empregado, dos recursos produtivos e de suas relações de produção e reprodução nos seus respectivos mercados. Deste modo, o estudo realizado por Ploeg (1992) mostra que existem distintos níveis de mercantilização e que a inserção dos produtores ao mercado nem sempre é desfavorável, podendo acontecer tanto de dentro para fora, como na direção oposta, de fora para dentro.

Isso permite apresentar as diferentes formas de produção mercantil que representam os produtores de leite, conforme o Quadro 2 descrito abaixo.

Quadro 2 - Diferentes formas de produção mercantil

Forma de Produção da Mercadoria	Produção Doméstica (PD)	Pequena Produção de Mercadorias (PPM)	Produção Simples de Mercadorias (PSM)	Produção Capitalista de Mercadorias (PCM)
Resultado da produção	Não Mercadoria	Mercadoria	Mercadoria	Mercadoria
Insumos utilizados	Não Mercadoria	Não Mercadoria	Mercadoria	Mercadoria
Intensidade, força de trabalho	Não Mercadoria	Não Mercadoria	Não Mercadoria	Mercadoria
Objetivos	Autoconsumo	Autoconsumo/ Sobrevivência	Renda	Mais-valia

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Schneider (2016, p. 109) e Ploeg (2015, p. 20).

As formas de produção da mercadoria apresentadas diferem em relação aos seus objetivos, demonstrando que cada tipo de produção pode se relacionar com o mercado de forma distinta. Ao estudar as diferentes formas de produção, foi possível observar que o processo de mercantilização que os produtores de leite vêm passando, não é, necessariamente, um processo de ruptura total, pois sua inserção aos mercados não deve ser interpretada como

sua proscrição, mas sim como uma forma de ampliar sua autonomia em relação à sua forma de produção. Esta condição, segundo Ploeg (2008), pode inclusive fortalecer suas unidades de produção e até mesmo reforçar suas estratégias.

As diferentes formas de produção, apresentadas no Quadro 2, demonstram os diferentes graus de mercantilização encontrados nas propriedades produtoras de leite. Esses diferentes graus de interação com o mercado (compra de insumos, destino da produção) e diferentes objetivos (autoconsumo, sobrevivência, renda e mais-valia), podem ser observados nas colunas da Produção Doméstica (PD), Pequena Produção de Mercadorias (PPM) e Produção Simples de Mercadorias (PSM). Já na Produção Capitalista de Mercadoria (PCM), o resultado da produção, os insumos e a força de trabalho são mercadorias e o objetivo da sua produção é a extração da mais-valia. A força de trabalho e os demais recursos nesta produção entram no processo como mercadorias e todos os produtos obtidos circulam como mercadoria, representando uma mercantilização completa, seguindo a lógica produtivista fundada nos ganhos de escala dos monocultivos de exportação (PLOEG, 2015; WILKINSON, 2010).

Sendo assim, a Produção Doméstica está voltada para o autoconsumo, ou seja, para o abastecimento da propriedade e de suas formas de reprodução social. Neste estilo de produção, a propriedade não está estruturada como um empreendimento; o trabalho dentro dela não é assalariado, assim como, não está fundamentada em uma relação capital-trabalho (PLOEG, 2016). Nesta unidade, as ferramentas disponíveis (animais, infraestrutura) não tem capacidade de gerar valor excedente e os produtores que desenvolvem atividades estão sendo pressionados pelo mercado.

Ellis (1988) expõe que em sociedades cada vez mais mercantilizadas as relações econômicas se tornam monetizadas (a moeda se torna acessível a todos e vira o equivalente geral das trocas econômicas) e ficar fora do mercado não é uma opção razoável e nem mesmo viável para este estilo de produtor. Deste modo, para Abramovay (1992) esses produtores que permanecem nesta forma de produção são incompatíveis com o ambiente econômico onde imperam relações claramente mercantis.

Na Pequena Produção de Mercadorias a produção é destinada à subsistência, não completamente mercantilizada, ou seja, apresenta uma mercantilização incompleta. O modo de produção e suas relações de produção estão ancorados na lógica de mercado. Ou seja, estão parcialmente integrados ao mercado e, com exceção do trabalho, todos dos demais recursos materiais e sociais entram no processo de trabalho como mercadorias (PLOEG, 2015). Schneider; Niederle (2008) acrescentam que a relação dos produtores que estão alocados a essa Pequena Produção de Mercadorias, com os mercados é apenas parcial, porque não

produzem exclusivamente para vender e nem sempre compram todos os insumos de que precisam para produzir.

A Produção Simples de Mercadorias se diferencia da pequena produção de mercadoria, pois seu modo de produção e as relações de produção estão entrelaçadas à lógica do mercado. Com exceção da força de trabalho, todos os demais recursos materiais e sociais entram no processo de trabalho como mercadoria (PLOEG, 2015). A Produção Simples de Mercadorias é realizada por produtores independentes, que possuem os próprios meios de produção. Normalmente, os proprietários não empregam trabalhadores assalariados, mas membros da família. Excepcionalmente, haverá empregados, quase só em funções auxiliares (SINGER, 1998).

Segundo Friedmann (1978, p. 558), Produção Simples de Mercadorias é considerada como uma categoria que configura uma forma de produção estável, que “existirá enquanto existir capitalismo”. Esse termo se caracteriza em propriedades que assumem formas pré-capitalistas e que não estão completamente inseridas nos processos de reprodução ampliada, fruto de uma integração parcial à divisão social do trabalho, formas estas que seriam suplantadas pelo próprio desenvolvimento do capitalismo.

Nesta categoria, a unidade familiar está inserida, segundo Friedmann (1978), em propriedades independentes, que possuem os próprios meios de produção:

Na produção simples de mercadorias a propriedade da empresa e a provisão de trabalho estão combinadas na unidade familiar (*household*). Como resultado, existe somente uma classe diretamente envolvida na produção e na distribuição do produto. Produção e consumo são organizados através de parentesco (*kinship*) ao invés de relações de mercado. A unidade familiar compra os meios de produção, os coloca em movimento com seu próprio trabalho, e se apropria do produto final. O último é vendido para renovar todos os elementos do processo produtivo, o qual consiste exclusivamente do consumo produtivo e pessoal. A condição básica para a reprodução simples, além disso, é a recriação continuada da integridade da unidade familiar como unidade de consumo produtivo e pessoal (FRIEDMANN, 1978, p. 559).

No entanto, o que distingue as formas de produção é a utilização da força e intensidade de trabalho, pois na Produção Doméstica, Pequena Produção de Mercadorias e Produção Simples de Mercadorias, a mão de obra utilizada é, quase que exclusivamente familiar, ou seja, eventualmente contratada. Já na Produção Capitalista de Mercadoria, a mão de obra familiar assume a gerência e coordenação da propriedade e as demais atividades necessitam de mão de obra assalariada.

Todos os produtores de uma forma ou outra estão integrados ao mercado, pois uns apresentam maior intensidade de integração ao produzir para o mercado, obter recursos,

adquirir insumos e bens de consumo, acesso a crédito, comercialização dos produtos e, ainda, por ofertar a força de trabalho familiar ou contratada para o mercado (PLOEG, 2006). Esta interpretação, segundo Friedmann (1978), permite entender que os produtores de leite estão entrelaçados ao capitalismo, seja de forma direta (como produtores intermediários, através de cooperativas, integração com indústrias e agroindústrias, etc.) ou de forma indireta (através de empresas fornecedoras de insumos, supermercados, instituições financeiras, etc.).

2.3.1 Estilos de agricultura: equilíbrio entre escala e intensidade de produção

As similaridades e diferenças entre as unidades de produção podem ser observadas através das abordagens desenvolvidas em torno da noção de estilos de produtores. Para Ploeg (2016), na organização concreta da propriedade, é necessário avaliar o equilíbrio entre duas variáveis: escala e intensidade.

Este equilíbrio pode ser obtido à medida que seus instrumentos sejam conhecidos e proporcione maior rendimento na produção. Portanto, a “escala” se refere ao número de objetos de trabalho que a propriedade possui (área de produção, número de animais) por unidade de força de trabalho. A “intensidade” pode ser conhecida através da produção proporcionada por objeto de trabalho (quanto produz um hectare, quantidade produzida de leite por vaca) (PLOEG, 2016).

Neste caso, podem ser identificados diferentes estilos de agricultura. A agricultura praticada de maneira econômica, segundo Ploeg (2016), se caracteriza por uma escala relativamente baixa e uma intensidade relativamente baixa. Este estilo se diferencia por não deter tecnologia, apresentar custos baixos, cuja produção e excedente são vendidos para ampliar a renda da propriedade. “Esse estilo em condições de crise no setor pode se revelar resiliente” (PLOEG, 2016, p. 78).

Os produtores inseridos neste estilo, praticado de maneira econômica, demandam cada vez mais acesso a conhecimento, crédito, assistência técnica e novos mercados (WANDERLEY, 2003). Os atores que fornecem acesso a esses recursos de forma simples, são representados pelas organizações do Estado, mercado e sociedade civil, que disponibilizam recursos de diferentes naturezas para a construção e composição das estratégias nos distintos modos de vida enraizada no território (BEBBINGTON, 1999).

O objetivo dos produtores de leite que buscam rendimentos elevados é estar inseridos em estilos eficientes que proporcionem rentabilidade para a propriedade. Assim, enquadram-se no estilo de agricultura realizada intensivamente, caracterizada no modelo que busca mudar

seu estilo de produção e intensificar sua mão de obra para proporcionar uma escala de produção ainda maior que a existente. Para Ploeg (2016) este estilo (poder ser observado como aquele produtor que possui uma boa produção e baixa intensidade de tecnologia) passa por um momento de transição e perpetua novos rumos.

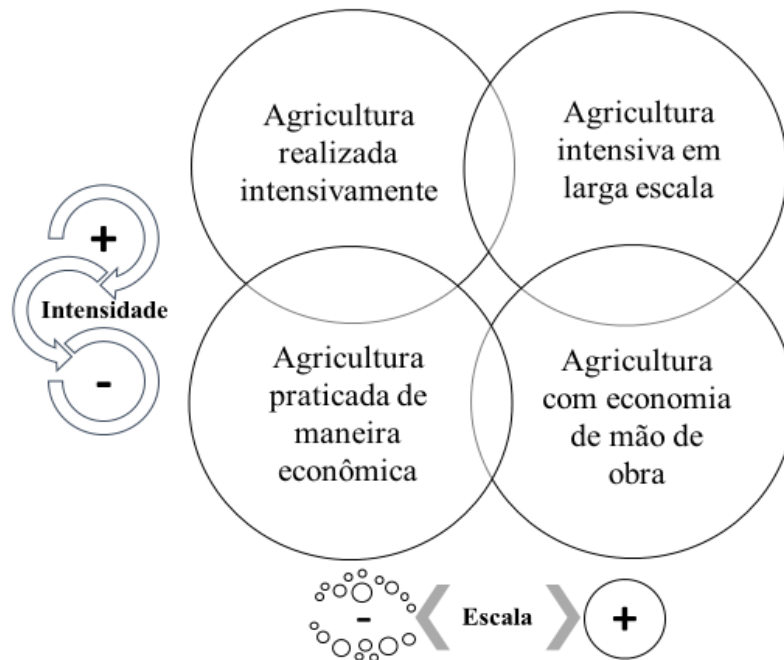
Da mesma forma, a agricultura com economia de mão de obra, simbolizada pelo produtor que possui tecnologia, equipamentos e maquinários sofisticados, objetiva ter o maior número possível de objetos de trabalho e minimizar o insumo de mão de obra na propriedade. Sua escala de produção é alta, pois adquire uma genética de ponta e dispõe dos melhores equipamentos e profissionais para auxiliar em sua produção. Quando ocorrem crises, esse estilo apresenta dificuldades para perpetuar na atividade, caso não tenha estratégias eficientes em sua propriedade.

Além destes estilos, a agricultura intensiva em larga escala visualiza a propriedade como uma empresa. Sua estrutura possui ferramentas modernas, tecnologias e genética condizente com o nível de produção. Este estilo, conforme Ploeg (2016), é uma construção formada pelas políticas agrárias, desenvolvimento tecnológico e por produtores empreendedores. Esta unidade de produção se fortalece perante as demais pois disponibiliza uma diversidade de subsídios e créditos que podem ser financiados a longo prazo.

Os produtores de leite que desenvolvem atividades em larga escala caracterizam-se pela utilização de agricultura intensiva em maquinários, equipamentos, instalações, tecnologias, genética e mão de obra (BUAINAIN; ROMEIRO; GUANZIROLI, 2003). Essas unidades de produção possuem capital mobilizado em infraestruturas e se deparam com uma grande dificuldade de encontrar mão de obra qualificada para atender a demanda existente na propriedade. Disponibilizam crédito para subsidiar sua subsistência e impõe sérias restrições ao funcionamento da agricultura familiar mais moderna e, principalmente, a sua capacidade de manter-se competitiva em um mercado cada vez mais agressivo e exigente (BUAINAIN; ROMEIRO; GUANZIROLI, 2003).

Os estilos de agricultura, apresentados a seguir, podem ser diferenciados pela sua intensidade e pela sua escala de produção. A heterogeneidade entre os diversos estilos, pode ser percebida quando é possível identificar as mudanças que perpetuam nas propriedades rurais. Deste modo, a Figura 2 nos mostra a heterogeneidade entre escalas desiguais de produção, combinações altamente complexas e intensidades diferentes nos estilos de produção.

Figura 2 - Diferentes estilos de agricultura



Fonte: Adaptado pelo autor com base em Ploeg (2016, p.79).

Não existe uma tipologia padrão para reconhecer os tipos de produtores de leite de uma região. Em cada unidade de produção a realidade, em determinado momento, pode agrupar os produtores em uma classe social e, em outro, pode diferenciá-los (GARCIA FILHO, 1999). Como a intensidade e a escala podem modificar os sistemas de produção nas propriedades, devido trajetória de acumulação positiva ou negativa, é fundamental definir os estilos e os sistemas de produção de uma dada realidade. Metodologia que foi adotada para a realização desta pesquisa, descrita em detalhes no Capítulo 4.

É importante salientar que uma categoria social de produtores é resultado de um processo de acumulação dos meios de produção disponíveis, condicionado pelo acesso à terra, mão de obra e capital para investimento (BASSO, 2004). Por apresentarem diferentes níveis (mão de obra, terra e capital disponíveis, acesso a políticas públicas, recursos naturais, financiamentos, relacionamentos com o mercado) o resultado encontrado entre os estilos e escala de produção são considerados distintos pois, um mesmo estilo de agricultura pode adotar sistemas de produção de intensidade e escalas diferentes, da mesma forma que um mesmo sistema de produção pode ser assumido por diferentes categorias sociais.

Em função dos recursos disponíveis nos estilos de agricultura e dos limites da intensidade e escala de produção, os produtores apresentam níveis de acumulação de capital desigual e muitas vezes contraditórios em suas propriedades. Entre as unidades de produção é

possível perceber que existe a descapitalização de alguns produtores por não adotarem estratégias eficientes e por encontrarem-se ligados intensamente ao mercado de insumos, não tendo outra opção a não ser, ampliar cada vez mais a escala e intensidade de produção para permanecer na atividade.

Deste modo, o equilíbrio entre a escala e intensidade, segundo Ploeg (2016), aumenta a resiliência dos sistemas agrícolas no arriscado ambiente capitalista. A heterogeneidade criada condensa os estilos de produtores que estão presentes na cadeia produtiva do leite, diferenciando os produtores que praticam estilos diversificados de produção. Portanto, Ploeg (2016) afirma que haverá uma seleção entre os estilos de agricultura. Os produtores que estiverem mais organizados, estruturados, dispostos a assumirem novas responsabilidades conseguirão encarar os novos ambientes que o capital vem apresentado. Já os que apresentarem dificuldades de se adaptar às exigências do mercado, serão marginalizados pelo próprio sistema de produção.

O que se percebe ao observar os estilos e intensidades de produtores de leite, é que os mesmos podem ser considerados como algumas das muitas respostas para o projeto da modernização. Para Ploeg (2003), alguns estilos representam a internalização do projeto de modernização (e são materialmente dependentes de sua continuação), para outros, representam um distanciamento do projeto modernizador.

A diversidade de estilos de produtores de leite, resultantes da heterogeneidade de relações que se desenvolvem em múltiplos domínios, produtivos e não-produtivos, pode contribuir para formação dos mercados. Esse incremento possibilita um amplo processo de inserção mercantil dos produtores que dispõem de condições e se utilizam de espaços de manobras criativas frente às suas necessidades de sobrevivência, mesmo cercados por fortes pressões estruturais e dispendo de limitado portfólio de recursos.

2.3.2 Mercantilização, sincronização nos processos de trabalho e produção

O maior grau de mercantilização das explorações agrícolas é proporcional à escala de produção, produtos e serviços mercantilizados que entram no processo produtivo. De acordo com Ploeg (2016), quanto mais o capitalismo se desenvolve na agricultura, mais aumenta a diferença qualitativa entre a técnica da grande e da pequena exploração.

Para Kageyama et al. (1990), essa externalização pode ser percebida pela elevação do consumo dos fatores de produção, técnicas utilizadas e a crescente dependência aos insumos provindos do mercado. Esses insumos (adubos, sementes, terra, mão de obra, maquinários,

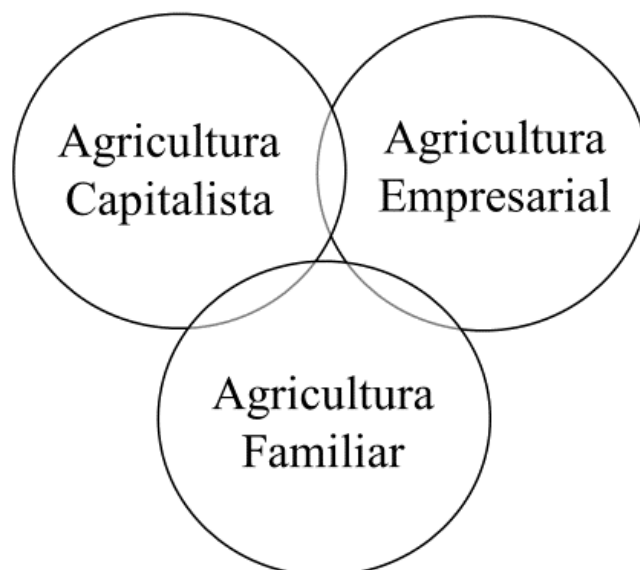
tecnologias, crédito bancários, entre outros) são necessários para que a produção aconteça e que proporcione benefícios para a propriedade, gerando uma produção com padrões produtivos diferenciados conforme o nível de inserção ao mercado.

Embora o capital coordene o ritmo e a direção da mercantilização, os agricultores se submergem ampliando, aprofundando, transformando e resistindo ao curso de uma inserção subordinada ao mercado. Os agricultores usam a maleabilidade do processo de produção e o espaço de manobra contido nos mercados e tecnologia para construir novas respostas congruentes para o projeto dominante de modernização (PLOEG, 2003).

Uma agricultura com alto grau de mercantilização, como é percebida em algumas propriedades produtoras de leite, pode apresentar dificuldade de manobras em suas atividades e, pode alterar as relações sociais dos produtores que não estão inseridos e que desejam ampliar sua inserção mercantil. Estas influências segundo Abramovay (1992); Friedmann (1978); Ploeg (1992) ocasionam a formação de estilos de agricultura diferenciados, que ao se integrarem ao mercado acabam levando as decisões para além da porteira, aumentando a integração dos estilos ao sistema capitalista.

Deste modo, os diferentes tipos de agricultura presentes nas propriedades produtoras de leite estão interligados e podem ser apresentados da seguinte maneira: Agricultura Familiar; Agricultura Empresarial e Agricultura Capitalista. Através da Figura 3 é possível compreender as formas de interação entre elas.

Figura 3 - Diferentes (e interligados) tipos de agricultura



Fonte: Adaptado pelo autor com base em Ploeg (2008, p. 19).

A maneira como transcorre a inserção mercantil dos produtores entre os diferentes tipos de agriculturas, pode ser identificada quando ocorre à dependência dos recursos em determinado tipo (PLOEG, 2008). As similaridades e diferenças entre as unidades de produção acabam se aproximando umas das outras pois demandam soluções que são controladas pelas indústrias processadoras, cooperativas, bancos de créditos, entre outros agentes.

Deste modo, a integração dos produtores aos tipos de agricultura, pode ser observado através da inserção e interação com o mercado. Para Friedmann (1978) a agricultura familiar (pequena exploração) é considerada uma forma de produção não capitalista, e está cada vez mais a serviço do capitalismo. Baseia-se fundamentalmente em mão de obra dos integrantes da família. Sua produção é praticamente para o sustento familiar e o excedente é destinado para o mercado (WANDERLEY, 2003). Em essência este tipo de produtor de leite está sofrendo pressões que podem interferir nos processos de trabalho e na forma como são desenvolvidas as atividades dentro da unidade de produção. O aumento da sua dependência em relação à indústria pode provocar o seu afastamento e até mesmo a exclusão da atividade caso não seja administrado de forma apropriada (PLOEG, 2008).

A agricultura empresarial nas propriedades de leite é essencialmente (embora não exclusivamente) baseada em capital financeiro, produção altamente especializada e completamente orientada para o mercado. Esses produtores tornam-se ativamente dependentes dos mercados, mas em especial do mercado de insumos (PLOEG, 2008). Este tipo é orientado tanto para a aquisição dos recursos alheios como para a produção de valor agregado com os recursos disponíveis.

A interligação entre agricultura familiar e empresarial provém dos programas governamentais, que intensificam e favorecem a modernização implicando em uma industrialização parcial do processo de trabalho dentro das unidades de produção (SILVA, 2015). Esse incentivo potencializa a propriedade a buscar novas tecnologias, insumos e adapte-se a novos processos de trabalho. O que é possível perceber com a análise, é que uma propriedade mais mercantil não significa menos familiar.

A agricultura capitalista presente nas propriedades produtoras de leite está emergindo em um modelo agroexportador. Esse modelo utiliza mão de obra exclusivamente baseada em trabalhadores assalariados, sua produção é voltada para a maximização do lucro e engloba um percentual pequeno de propriedades produtoras de leite (PLOEG, 2008).

Na agricultura empresarial e capitalista a produtividade das unidades de produção segue um padrão diferenciado da produção familiar. Esta característica adotada por esses tipos

de agriculturas exige dos produtores altos investimentos, tecnologias e uma maior quantidade de mão de obra qualificada para desempenhar as atividades na propriedade. A margem de lucro nestes tipos de agricultura é mais apertada devido aos altos investimentos, o que pressiona a propriedade a produzir para pagar os juros, trabalho dos proprietários, colaboradores, novos investimentos e aquisições.

A principal diferença entre estes três grupos reside na escala em que são aplicados.

[...] Assim, a agricultura familiar representaria as unidades de produção pequenas e vulneráveis, cuja relevância é de importância secundária. No lado oposto, estaria a agricultura capitalista: vasta, forte e importante, pelo menos é essa a ideia que se generaliza. A situação intermediária seria representada pela agricultura empresarial, está se movimentando na escala entre unidades pequenas e unidades grandes. Se os agricultores empresariais tiverem sucesso, eles poderão, tal como alguns defendem, atingir os níveis dos agricultores capitalistas, e é precisamente isso que alguns deles sonha alcançar (PLOEG, 2008, p. 18).

Os tipos de agricultura presente nas propriedades de leite podem ser identificados quando se observa os diferentes modos de produção, tecnologias, acesso a crédito, mão de obra e relações com o mercado. Esses tipos podem demonstrar que não necessariamente a mercantilização representa um fator negativo ao desenvolvimento rural, uma vez que, dependendo do nível em que este processo se desenvolve, pode resultar em maior espaço de manobra para os agricultores criarem alternativas de diversificação em suas propriedades.

Deste modo, é preciso pensar a agricultura familiar dentro do sistema capitalista. A agricultura familiar é considerada mais competitiva que a empresarial e capitalista, pois consegue realizar uma reprodução simples de mercadoria de forma integrada à sociedade capitalista (PLOEG, 2008; OLIVEIRA, 2007; WANDERLEY, 2003).

Para que esse modelo continue proporcionando diversificação, modos de produção alternados e inserção aos mercados é necessário compreender as características dos produtores em suas atividades. Todos os processos de trabalho, inclusive os inseridos na agricultura, envolvem três conjuntos de elementos que interagem entre si: força de trabalho, instrumentos e objetos de trabalho (PLOEG, 2016).

Uma característica específica da agricultura é que os objetos de trabalho fazem parte da natureza. Nesse caso é necessário conhecer a terra, plantas, animais, e, inclusive, a água, que fazem parte do processo de trabalho artesanal e afetam intensamente a produção.

A força de trabalho pode assumir diferentes formas em cada estilo de propriedade. Os atores (homens, mulheres, filhos, funcionários, vizinhos) que participam do processo de

produção, representam a força de trabalho que se encontra presente no dia a dia das atividades da propriedade.

Os instrumentos (instalações, equipamentos, conhecimento, gestão, tecnologia, técnicas...) utilizados podem ser diferenciados conforme o estilo de propriedade. Esses instrumentos são usados para qualificar, organizar, coordenar e melhorar o processo de trabalho dentro das unidades de produção.

As propriedades apresentam rendimentos variáveis, que são possíveis de serem analisados, a partir da intensidade da força de trabalho e do número de objetos de trabalho que cada unidade de produção oferece. Esse número pode ser observado pela quantidade de terra que a propriedade dispõe, número de vacas em lactação, instrumentos usados, genética, quantidade de mão de obra, gestão da propriedade, sucessão familiar, mercado consumidor e as relações sociais presentes. O ponto importante é que o trabalho desenvolvido transforma os objetos de trabalho em itens mais úteis. Isso requer o uso de instrumentos.

Em unidades de produção de leite a quantidade de valor gerado por objeto de trabalho (rendimento/renda) é compreendida pelo nível de intensidade que a mesma apresenta. Quanto maior a produção por objeto de trabalho (maior quantidade de leite por vaca), maior a intensidade que a propriedade apresenta em mercantilização. Essa intensificação refere-se ao aumento de rendimentos apresentados e a forma como são alcançados.

Deste modo, a interrelação entre as propriedades produtoras de leite, que está presente nas diferentes escalas (diz respeito ao número de objetos de trabalho, animais, terra) e tipos de agricultura (capitalista, empresarial e familiar) pode ser identificada quando se conhece a unidade de produção. Ao observar as diferentes trajetórias de desenvolvimento, apresentadas em cada propriedade e seus mecanismos de intensificação, é possível verificar a intensidade (se refere à produção por objeto de trabalho) que cada uma dispõe para desempenhar as atividades dentro da unidade de produção (PLOEG, 2016).

As atividades realizadas nas propriedades podem seguir basicamente trajetórias diferenciadas, pois ao demandarem renda, trabalho e tecnologia podem sofrer diferentes processos (PLOEG, 2016). O movimento que ocorre dentro das propriedades requer o uso de instrumentos e ferramentas para facilitar e aperfeiçoar o processo de trabalho.

A diversidade de mecanismos presentes em cada estilo de propriedade contribui para o desenvolvimento e organização das atividades (PLOEG, 2016). Os mecanismos atuais de intensificação estimulada pelo trabalho estão apresentados no Quadro 3. Esses mecanismos, interdependentes, alteram as formas de produção, modelos de cultivos, investimentos a serem

realizados, mão de obra utilizada, cuidado com animais e a inserção da família na operacionalização das atividades desenvolvidas na propriedade.

Quadro 3 - Mecanismos de intensificação estimulada pelo trabalho

Mecanismos de intensificação	Descrição dos fatores utilizados nos mecanismos de intensificação
1. Mais trabalho e mais capital por objeto de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Este mecanismo permite que a força de trabalho em conjunto com os objetos de trabalho, energizem as atividades realizadas em cada estilo de propriedade; - É utilizado mais mão de obra por hectare ou por animal e mais ferramentas e insumos (capital) são empregados; - Trabalho e capital, são usados aqui de forma complementar, um não é usado como substituto do outro.
2. Sincronização dos processos de produção	<ul style="list-style-type: none"> - Neste mecanismo a forma como o produtor intensifica trabalho e capital nas atividades da propriedade, pode diferenciar o estilo de produção adotado; - Fatores de crescimento: Estão em constante transformações, são regulados, modificados e coordenados por meio do processo de trabalho. Por exemplo: quantidade e composição de nutrientes.
3. Melhoria sistemática dos recursos	<ul style="list-style-type: none"> - Este mecanismo permite que um recurso seja aprimorado por meio de um equilíbrio entre produção e reprodução; - Processo de melhorias nos campos, solo, raças; construção de novas instalações; criação de novas variedades; disseminação do conhecimento; desenvolvimento de habilidades; - Permite que os objetos de trabalho absorvam mais trabalho e capital.
4. Produção Inovadora	<ul style="list-style-type: none"> - Mecanismo que pode ser desenvolvido em todos os estilos de propriedades; - Inovação: é algo novo. Que seja descoberto e implementado na propriedade; - Eficiência nos processos: descreve um desempenho econômico superior.
5. Cálculo para Otimizar a Produção	<ul style="list-style-type: none"> - Este mecanismo, desperta interesses diferenciados na produção, renda e trabalho dos diferentes estilos de propriedades. - Agricultura Familiar: Interessada em otimizar renda do trabalho (produção total menos insumo); utiliza forma de trabalho predominantemente familiar; dificuldade de acesso a crédito; áreas improdutivas; - Agricultura Empresarial: Interessada em otimizar renda do trabalho e busca retornos mais altos (produção total menos insumos e salários); utiliza formas diferenciadas de trabalho; crédito limitado; preços diferenciados; despesas específicas; políticas públicas diferenciadas; sistema de gestão e apoio. - Agricultura Capitalista: Interessada em retornos mais altos, otimizar o lucro sobre o capital investido (produção total menos insumos e salários = lucro); preços diferenciados; despesas específicas; políticas públicas diferenciadas; sistema de gestão e apoio diferenciado.

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Ploeg (2016, p. 116 - 128).

Os mecanismos apresentados afetam intensamente a maneira como os produtores desenvolvem o trabalho em suas unidades de produção. Esses elementos interagem entre si modificando as atividades realizadas dentro das propriedades, seguindo trajetórias diferenciadas que, ao demandarem trabalho, capital, melhorias, inovação, tecnologia e gestão, podem sofrer diferentes processos de tipificação (PLOEG, 2016).

Os mecanismos quando estimulados podem resultar em técnicas contundentemente distintas entre os tipos de agricultura, sendo que, podem diminuir o ritmo do trabalho nas propriedades mais tecnificadas e, nas propriedades com menos tecnologia a mão de obra se

torna a ferramenta principal de trabalho (PLOEG, 2016). Essas combinações dependem das relações sociais de produção desses produtores, sendo que tais relações estruturam o processo de trabalho, fazem com que ocorra a distribuição da riqueza e podem variar conforme suas relações entre indústria e produtores.

Os diferentes tipos de agricultura resultam em desiguais graus de mercantilização e múltiplos contrastes na pecuária leiteira (PLOEG, 1992). Estas implicações podem ser observadas entre os diferentes estilos de gestão, formas como os produtores estruturam as relações de trabalho na propriedade e as tecnologias utilizadas para desenvolver as atividades produtivas.

Assim, o conhecimento acerca da caracterização da cadeia produtiva do leite, a trajetória histórica de desenvolvimento no Brasil, no estado do RS e, suas particularidades na realidade da região de estudo, o COREDE Noroeste Colonial, será debatido no capítulo que segue. Além disso, serão enfatizados avanços, perspectivas bem como sua relevância socioeconômica para o desenvolvimento rural.

3 RELEVÂNCIA SOCIOECONÔMICA DA PECUÁRIA LEITEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL

Analisando historicamente o desenvolvimento rural brasileiro percebe-se que houve influência de diversas conjunturas e, principalmente, dos novos condicionantes que o desenvolvimento da economia e da vida social gradualmente impõe às famílias e às atividades rurais. Como mostra Navarro (2001), a ideia de desenvolvimento rural não é nova, e vem sendo discutida ao longo dos tempos com vários conceitos, mas todos destacam a melhoria do bem-estar das populações rurais como o objetivo final.

As diferenças, portanto, surgem das estratégias escolhidas, hierarquização dos processos (prioridades) e ênfases metodológicas. Desta forma, faz-se aqui uma reflexão trazendo algumas discussões sobre o conceito de desenvolvimento rural, que está em plena construção (PLOEG et al., 2000; CONTERATO, 2008). O referencial teórico que buscava explicar os processos de mudança social e as alterações nos padrões tecnológicos nas populações rurais, bem como suas implicações em termos de qualidade vida girava, recentemente, em torno das teorias da modernização agrícola, alicerçada na “revolução verde” (ABRAMOVAY, 2003).

De acordo com Navarro (2001, p.88), estas teorias preconizavam “[...] a intensificação tecnológica e a crescente absorção de insumos modernos pelos produtores, como parte de uma estratégia de aumento da produtividade e, como objetivo final, a elevação da renda dos produtores”.

Nos estudos realizados por Ploeg et al. (2000), as teorias da modernização agrícola enfatizavam a intensificação no uso de insumos, produção orientada pela lógica de mercado, especialização e inovações tecnológicas. Estas teorias são as primeiras noções de desenvolvimento rural, que segundo Navarro (2001), estão ligadas ao conceito de crescimento econômico, pois buscavam o crescimento através do aumento da produtividade e da renda.

Devido a estas variações, pesquisadores do desenvolvimento rural passaram a preconizar a necessidade de se repensar o enfoque até então utilizado como referência teórica para definir o desenvolvimento rural (NAVARRO, 2001; SCHNEIDER, 2004). Emergindo então, um novo enfoque a este conceito, baseado na definição multidimensional do desenvolvimento econômico, no qual o desenvolvimento rural é visto como uma ação que envolve a dimensão econômica, sociocultural, político institucional e ambiental, não apenas como um processo de crescimento econômico medido, unicamente pelo produto ou renda per capita (PLOEG et al., 2000; KAGEYAMA, 2004 e 2008; CONTERATO, 2008).

A perspectiva de crescimento e de desenvolvimento, e a importância destes para um país, transcendem o simples fato de ser importante componente da balança comercial: representa emprego e renda ao homem do campo. A partir da década de 1970, o crescimento da produtividade agrícola foi intensificado, bem como o volume de produção da agricultura nos países desenvolvidos. Isso foi possível graças ao financiamento e aos estímulos das políticas públicas para o desenvolvimento das tecnologias nos sistemas produtivos. Tal crescimento levou ao incremento patrimonial das famílias rurais, mas não foi acompanhado pela evolução da rentabilidade da atividade agrícola. Com isso, por mais moderna que fosse a propriedade, o agricultor dependia mais dos subsídios estatais do que de sua produtividade (CONTERATO; SCHNEIDER; WAQUIL, 2010).

Segundo Ploeg et al. (2000), as políticas públicas realizadas tinham como finalidade a tentativa de reconstrução das bases econômicas, sociais e ambientais, e das próprias unidades familiares, em face das limitações e lacunas intrínsecas do paradigma produtivista.

Navarro (2001) reforça a ideia: “no mundo moderno, há convicção de que a construção de cadeias e redes com inclusão de pequenos produtores, inovação e marketing dará ao agronegócio a chance de reduzir o desemprego e a pobreza nos países em desenvolvimento”. Neste sentido, Ploeg (2008) diz que “as relações de dependência entre as indústrias de insumos, a produção agropecuária, a indústria de alimentos e o sistema de distribuição não mais podem ser ignorados”.

Dada a sua importância em termos de impactos alocativos e distributivos, a agricultura desempenha funções econômicas, como o fornecimento de alimentos, de capital para a expansão do setor não agrícola, mão de obra para o crescimento e diversificação da economia, fornecimento de divisas para compra de insumos e bens de capital necessários ao desenvolvimento de atividades econômicas, além de constituir-se em mercado consumidor para outros produtos não agrícolas (BACHA, 2004).

Na perspectiva de espaço de reprodução socioeconômica, a pluriatividade é abordada como resultado da presença da globalização na agropecuária leiteira e como se deu a adaptabilidade do agricultor familiar ao capitalismo globalizante através de atividades desenvolvidas e formas de produção (SCHNEIDER, 2003). Desta forma, os produtores de leite que vêm sofrendo pressão para tecnificar sua produção, com o objetivo de ampliar a escala de produção, qualidade da matéria prima, persistem nos costumes locais de produção, aderem a outras atividades ocupacionais não agrícolas e, em alguns casos, partem para diversificação da produção (WILKINSON; MIOR, 1999).

Conforme Santos (2006), ao considerar o rural como território busca-se o enfoque integral da sociedade rural e a dinamização de suas próprias economias, o que possibilita o avanço em nova concepção de políticas públicas. Caracteriza uma nova ruralidade, ao definir o âmbito rural como território construído a partir do uso e da apropriação dos recursos naturais, de onde são gerados processos produtivos, culturais, sociais e políticos.

Entretanto, uma atividade econômica somente poderá representar alguma potencialidade para o desenvolvimento de sua região se tiver boas perspectivas de mercado. Afinal, o critério básico de seleção (base exportadora) está fundamentado exatamente na existência de uma demanda externa e, por consequência, autônoma em relação à dinâmica econômica da região. Para Marion Filho; Segatti (2006), a importância central está na análise das perspectivas de comportamento do mercado para os principais produtos de cada atividade.

3.1 Trajetória de desenvolvimento da pecuária leiteira no Brasil

A trajetória da pecuária no Brasil teve início em 1532 quando a expedição colonizadora trouxe da Europa, para a então colônia portuguesa, os primeiros animais que proporcionaram ao território brasileiro uma expressão econômica para o período. Durante quase cinco séculos de existência, a atividade caminhou morosamente, sem grandes evoluções. Foi a partir de 1870, com a decadência do café, que o uso do solo no meio rural e as atividades ligadas ao campo foram ganhando lugar, permitindo que ocorresse a modernização das fazendas (MAZOYER; ROUDART, 2010; VILELA et al., 2017).

No RS, por exemplo, o gado foi introduzido na região pelos padres jesuítas espanhóis que foram os primeiros europeus a plantar, construir e criar os animais nas terras do atual estado dando início a uma nova sociedade. Esse movimento se intensificou quando o gado passou a ter expressão econômica sendo valorizado rapidamente pelo aumento da demanda (MORAES, 1959).

A distribuição de terras acelerou a captura dos rebanhos que viviam espalhados pelos campos. Em consequência ao surgimento das vilas e ao crescente comércio, os produtos de origem animal passaram a ter interesse econômico, sendo que a produção de leite e derivados se intensificou nas regiões de pequenas propriedades, onde a subsistência das famílias dependia da produção de manteiga e queijo caseiro que serviam para o próprio consumo e o excedente para venda (MORAES, 1959; FONSECA, 1980; SCHUMACHER; MARION FILHO, 2013).

Deste modo, a pecuária foi ganhando espaço e deu os primeiros sinais de modernização. A produção leiteira deixou de ser realizada, em grande parte, para subsistência, e passou a ser utilizada como fonte de renda. A partir do decreto de 1952, a produção leiteira começou a ser estruturada a partir do Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (RIISPOA), tornando obrigatória a pasteurização do leite, bem como a inspeção e o carimbo do Serviço de Inspeção Federal (SIF) (VILELA et al., 2017). Este decreto, também introduziu a classificação dos leites tipos A, B e C conforme as condições sanitárias da ordenha, processamento, comercialização e contagem microbiana (VIANA; FERRAS, 2007).

Com o passar do tempo a produção leiteira no Brasil passou por importantes fases produtivas até a sua consolidação. Deste modo, é possível observar as transformações, que vieram incidindo na cadeia produtiva do leite em cada período, e os fatos que deram evidência em cada momento conforme o Quadro 4, abaixo descrito.

Quadro 4 - Transformações e evoluções ocorridas na pecuária leiteira

Períodos marcantes	Fatos em destaque	Transformações
1940	Cooperativas e empresas	- Experimentaram a Intervenção do Governo nos preços; - Integração dos mercados nacionais; - Processo de transformação da base técnica agropecuária a partir de importações.
1950	Inter relacionamento das funções afins às atividades ligadas a agricultura e pecuária (armazenamento, processamento e industrialização)	- Implementação das estradas; - Instalação da indústria de equipamentos; - Implementação do D1 ⁵ em bases industriais modernas (industrialização moderna).
1967	Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ)	- Substituiu a antiga Sociedade Rural do Triângulo Mineiro (SRTM); - Responsável pelo registro genealógico das raças zebuínas em todo o País; - ABCZ detém o maior banco de dados zebuínos do mundo.
1970	Leite pasteurizado ganha embalagens descartáveis	- Redução das operações de recolhimento e higienização das embalagens retornáveis; - Grandes inovações na indústria - Surgimento de leite tipo B; - Programa de Desenvolvimento da Pecuária Leiteira; - Importações irregulares e aumento da disponibilidade de leite; - Aumento significativo das vacas ordenhadas.
1980	Grande oscilação da produção entre os períodos de safra e entressafra	- A captação era feita totalmente em latões e os rebanhos, pouco especializados; - Produção subiu de 7,9 milhões de toneladas em 1975 para 12 milhões de toneladas em 1985; - O leite tipo B tornava-se líder do mercado consumidor nas

⁵ Graziano da Silva (1996, p.5) denomina “D1” agrícola, como o setor industrial produtor de bens de capital e insumos básicos para a agricultura. A mesma definição é encontrada em Kageyama (1987, p.10).

		regiões metropolitanas; - Controle de preços do leite tipo C; - Leite tipo A sobrevive até hoje - Leite longa vida (UHT); - Importações irregulares; - Controle e tabelamento dos preços; - Aumento do rebanho; -Aumento de áreas de pastagens.
1990	Era do livre mercado	- A Portaria 43 (extinta Sunab), decreta o fim do tabelamento do leite no Brasil; - Abertura comercial; -Desnacionalização das empresas brasileiras; - Vinda de produtos importados; - Criação MERCOSUL(mercado Comum do Sul); - Adoção do Plano Real; - Desregulamentação do sistema do mercado; - Estabilização econômica; - Modernização da atividade; - Grandes importações de leite em pó; - Aumento de consumo e mudanças de hábitos induzidas por elevação da renda; - Redução da quantidade de vacas e da área de pastagens.
2000	Modificação no método produção	-Aumento da escala de produção; - Pastejo rotacionado (lotes piqueteados) ⁶ ; - Ganho de poder dos laticínios; - Instruções Normativas 51 e 52; - Confinamento dos animais – <i>Free stall</i> ⁷ e <i>Compost Barn</i> ⁸ .
2010	Profissionalização da atividade	- Qualificação dos produtores; - Manejo conforme instruções agrônomicas; - Controle dos custos de produção; - Retorno da mão de obra feminina na atividade; - Instrução Normativa nº 07, de 1 de julho de 2016. - Novas Instruções Normativas nº76 e 77 d

Fonte: Adaptado pelo autor com base em (ZANELA et al., 2006; MONTOYA, FINAMORE, 2010; COSTA et al., 2015; PALENCIA, 2016; VILELA et al., 2017).

A pecuária leiteira vem conquistando grande importância na economia brasileira e começou a ser desenvolvida com maior intensidade nas últimas décadas. Desde o início do

⁶ Pastejo rotacionado (lotes piqueteados): consiste na utilização de piquetes que são pastejados em sequência, considerando um período de pastejo e de descanso fixo. O período de pastejo é o tempo que os animais são mantidos no piquete para se alimentarem da pastagem. O período de descanso refere-se ao tempo em que o piquete fica sem os animais, com o objetivo de permitir o crescimento da forrageira. O tempo em que o piquete fica em descanso somado ao tempo em que ele é ocupado se chama ciclo de pastejo.

⁷ *Free stall*: sistema de confinamento. Cada vaca possui uma cama separada por repartições metálicas ou de madeira (cama de areia ou emborrachada em forma de colchões). Diversos tipos de materiais orgânicos e até colchões (água e materiais sintéticos) são utilizados, mas a areia é considerada o “padrão ouro”, pois é confortável; limita o crescimento bacteriano (material inorgânico); reduz escorregões por meio do aumento da abrasividade na superfície dos corredores; possui baixa umidade inicial e retém pouca água.

⁸ *Compost barn*: sistema de alojamento. Consiste em um galpão ventilado e internamente aberto (sem repartições) com área de descanso comum para as vacas. O bom funcionamento depende da fermentação aeróbia da matéria orgânica pelas bactérias presentes na cama. Este processo ocorre por meio da mistura de uma fonte de carbono (serragem, maravalha de madeira, casca de café) com material orgânico rico em nitrogênio (fezes/urina) através do revolvimento diário da cama (2 a 3 vezes ao dia), juntamente com a ventilação constante, boas condições para infiltração de ar e manutenção dos níveis adequados de umidade. Tais fatores garantem a rápida degradação da matéria orgânica e proporcionam uma superfície seca e confortável para que as vacas possam deitar e se locomover (TOMAZI; VEIGA DOS SANTOS, 2016).

processo de colonização do território brasileiro, a atividade vem desempenhando papel importante na estrutura produtiva, com forte influência na expansão econômica, destacando-se na pauta das exportações e, também, no abastecimento do mercado interno, importante para gerar renda para produtores de leite e demais integrantes da cadeia produtiva.

É a partir de 1990 que a pesquisa sobre a pecuária leiteira, ganha notoriedade devido as grandes transformações que ocorreram em sua estrutura. Nesta época, importantes mudanças macroeconômicas, inclusive na escala global, interferiram na dinâmica da atividade leiteira do país, como por exemplo: estabilização monetária, desregulamentação do mercado, consolidação do MERCOSUL, mudanças nos padrões de consumo da população, desenvolvimento de embalagens Tetra Pak®, alteração do leite longa vida esterilizado para UHT (*Ultra High Temperature*), entrada no mercado de empresas multinacionais que modificaram o sistema, exigindo a reestruturação da cadeia produtiva no país e melhorias na competitividade (MARASCHIN, 2004). Essas alterações influenciaram no desempenho da cadeia produtiva tornando o sistema mais competitivo, dando evidência à oferta e a demanda na formação do preço deste produto e seus derivados (MENDES; PADILHA JÚNIOR, 2007).

As mudanças ocorridas na cadeia produtiva do leite a partir das últimas décadas têm acirrado a concorrência no setor, obrigando as indústrias a investir cada vez mais na qualidade da matéria prima. Assim a padronização das normas de qualidade do leite impôs uma série de exigências para o mercado de lácteos, determinando maior compromisso social, econômico e político de todos os elos envolvidos na cadeia (GIGANTE, 2004; MONARDES, 2004).

Devido às exigências impostas pelo mercado referente à melhoria na qualidade do leite, o Brasil passou a desenvolver programas que deram origem ao Programa Nacional de Melhoria da Qualidade do Leite (PNQL). Este programa resultou na Instrução Normativa nº 51⁹, de 18 de setembro de 2002 (BRASIL, 2002) e posteriormente na Instrução Normativa nº 62¹⁰, de 29 de dezembro de 2011 (BRASIL, 2011), e atualmente alterada pela Instrução Normativa nº 07¹¹ (BRASIL, 2016). Por meio da última normativa, em vigor, o Ministério da

⁹ **Instrução Normativa nº 51, de 18 de setembro de 2002**, aprova os regulamentos técnicos de produção, identidade e qualidade do leite tipo a, do leite tipo b, do leite tipo c, do leite pasteurizado e do leite cru refrigerado e o regulamento técnico da coleta de leite cru refrigerado e seu transporte a granel. Instituiu novos critérios de qualidade para os diversos tipos de leite em todas as suas classificações (BRASIL, 2002).

¹⁰ **Instrução Normativa nº 62, de 29 de dezembro de 2011**, inclusão de critérios de sanidade do rebanho no regulamento de leite cru refrigerado; os aspectos relacionados à remuneração ao produtor baseada na qualidade do leite devem ser estabelecidos mediante acordo setorial específico. Melhoria da qualidade do leite no Brasil. o ministério da agricultura, pecuária e abastecimento (BRASIL, 2011).

¹¹ **Instrução Normativa nº 07, de 1 de julho de 2016**, deveriam entrar em vigor os novos limites para Contagem de Células Somáticas (CCS) e Contagem Bacteriana Total (CBT) do leite, segundo a Instrução Normativa (IN) n. 62, de 2011, do Ministério de Agricultura e Abastecimento (MAPA). No entanto, em 3 de maio de 2016, o MAPA publicou nova IN, a número 7, que altera a IN n. 62/2011, estendendo os prazos estipulados por mais dois anos. Com isso, as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste deverão se adequar às normas até 2018, e as regiões Norte e Nordeste em 2019. A nova IN modificou os limites básicos da CCS e da CBT, que caíram para 100 mil cls/ml e 400 mil UFC/ml, respectivamente (BRASIL, 2016).

Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) reformula os critérios utilizados para a avaliação da qualidade do leite produzido no país, estabelecendo que a produção de leite de alta qualidade precisa do compromisso de todos os agentes da cadeia produtiva (DÜRR, 2004; GIGANTE, 2004; MAPA, 2015).

Conforme a Tabela 1, o Brasil encontra-se em quarto lugar na produção mundial de leite, de acordo com a *Food and Agriculture Organization* (FAO) (EMBRAPA GADO DE LEITE, 2018). Essa posição já vem sendo ocupada a mais de três anos segundo levantamentos realizados pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

Tabela 1 - Produção de leite, vacas ordenhadas e produtividade entre os maiores países produtores selecionados

Países	Produção (toneladas)			Rebanho (cabeças)			Produtividade (Kg/cabeça)		
	2014	2015	2016	2014	2015	2016	2014	2015	2016
Estados Unidos	93.464.549	94.618.034	96.359.376	9.257.000	9.314.000	9.328.000	10.097	10.159	10.330
Índia	66.423.450	73.645.390	77.415.850	45.949.160	47.164.610	48.610.350	1.446	1.561	1.593
China	37.609.713	37.922.663	37.153.653	12.560.603	11.859.204	12.717.960	2.994	3.198	2.921
Brasil	35.124.360	34.609.588	33.624.653	23.027.951	21.110.916	19.678.817	1.525	1.639	1.709
Alemanha	32.394.969	32.684.572	32.672.340	4.295.680	4.284.639	4.217.700	7.541	7.628	7.746
Rússia	30.511.019	30.521.690	30.495.321	7.572.692	7.362.338	7.194.354	4.029	4.116	4.239
França	24.978.950	25.068.226	24.482.493	3.698.450	3.661.183	3.630.321	6.754	6.847	6.744
Nova Zelândia	21.319.715	21.938.825	21.671.520	5.175.869	5.056.403	5.202.467	4.119	4.339	4.166
Paquistão	14.421.000	14.965.000	13.142.619	11.725.000	12.167.000	11.676.312	1.230	1.230	1.126
Turquia	16.998.850	16.933.520	16.788.263	5.609.240	5.535.773	5.431.714	3.031	3.059	3.090
Reino Unido	15.050.000	15.450.000	14.946.000	1.851.000	1.901.000	1.822.000	8.131	8.127	8.203
SUBTOTAL	388.296.575	398.357.508	398.752.088	130.722.645	129.417.066	129.509.995	2.970	3.078	3.079
TOTAL	656.701.215	666.760.836	659.150.049	243.444.337	272.606.411	273.782.778	2.402	2.446	2.408

Fonte: Adaptado pelo autor com base em EMBRAPA GADO DE LEITE, (2018).

O principal país produtor de leite nos últimos anos, em especial no ano de 2016, foi os Estados Unidos, responsável por 14,62% da produção mundial. Entre os fatores que contribuíram para que os Estados Unidos despontassem no cenário internacional como o maior produtor de leite destacam-se: a mecanização de sua pecuária leiteira, a preocupação dos produtores com o adequado manejo zootécnico, nutricional e sanitário, dos animais e o melhoramento genético do rebanho (RODRIGUES, 2012; IPECE, 2018).

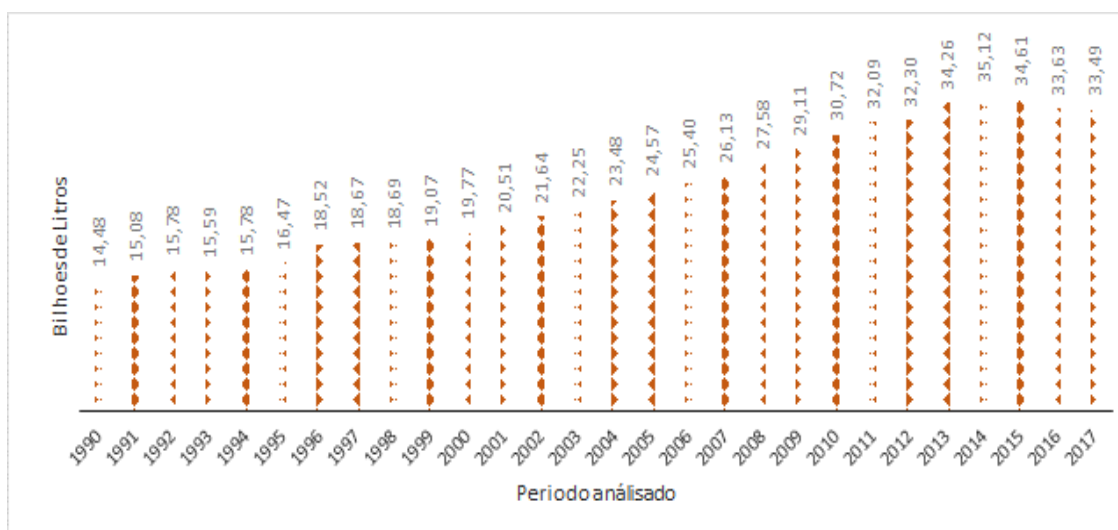
O Brasil, que ocupa o quarto lugar, representou 5,10% da produção mundial no ano de 2016. Essa ocupação determina que a atividade leiteira vem evoluindo de forma contínua, resultando em um crescimento consistente na produtividade kg/cabeça de animais produtores de leite.

Em relação à produtividade de leite/kg cabeça o Brasil ocupa a nona posição, colocação essa que deixa o Brasil entre os últimos produtores no quesito produtividade. Mas esse resultado vem sendo alterado ano após ano, exigindo do país mais tecnologia, genética, qualidade, e maiores níveis de produtividade. Essa evolução foi possível quando se identificou que o número de animais (rebanho/cabeças/vacas) vem diminuindo no decorrer dos últimos anos. Esse movimento ocorre devido as mudanças proporcionadas pela especialização da atividade, tecnologias que estão auxiliando os produtores e técnicos na formulação de novas matrizes e eficiência no manejo dos animais.

Dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) expõem que, nas últimas duas décadas, a produção de leite teve um crescimento contínuo, que pode ser visualizado na Figura 4, abaixo representada, até o ano de 2014. Nos anos seguintes, a produção teve uma redução no total produzido que variou entre 34,61 bilhões de litros para o ano de 2015, em 2016 cerca de 33,63 bilhões de litros, que se deu devido ao forte aumento dos custos de produção e problemas climáticos ocorridos em importantes regiões produtoras.

Porém, se considerar o volume de leite adquirido pelas indústrias e o aumento da produção nacional, conforme levantamentos realizados pelo IBGE (2018), depois de dois anos consecutivos de queda na captação de leite (2015 e 2016), estima-se que a produção cresceu 4,1% em 2017 frente ao ano anterior. A queda nos custos de produção e o clima favorável em 2017 colaboraram com este cenário (ANUÁRIO LEITE, 2018; MARTINS et al., 2018).

Figura 4 - Evolução da produção brasileira de leite



Obs.: Os valores de 2017 são estimados (IBGE, 2018).

Fonte: Elaborado pelo autor com base de dados (IBGE, 2018; LEITE BRASIL, 2018; MILKPOINT, 2018).

Em levantamento realizado recentemente (EMBRAPA, 2018; LEITE BRASIL, 2018; MARTINS et al., 2018) o Brasil encontra-se entre os primeiros colocados na produção mundial de leite, com aproximadamente 35 bilhões de litros/ano.

A produção de leite vem comprovando boas perspectivas para o Brasil. É através deste produto que a atividade leiteira participa na formação da renda de grande número de produtores, além de ser responsável por elevada absorção de mão de obra rural (contratada e familiar), propiciando a fixação do homem no campo. Por conseguinte, a atividade ainda enfrenta dificuldades em relação aos custos de produção, baixo poder aquisitivo dos produtores e pelas baixas produtividades do rebanho principalmente na pequena propriedade.

Em decorrência de todo esse movimento, a Figura 4 permite observar uma ascendência gradativa na produção de leite no Brasil. Esse movimento sinaliza que a cadeia produtiva do leite, buscando sua consolidação, passa por profundas transformações e procura aprimorar sua organização e crescimento econômico para dar sustentabilidade aos agentes envolvidos na atividade.

Segundo pesquisas realizadas por Martins (2005), a atividade leiteira vem ganhando espaço na cadeia produtiva e busca sua reestruturação no mercado. Essa batalha exige que produtores e indústrias busquem especialização, tecnologias e muitas estratégias para continuarem firmes na atividade. A inserção de novas tecnologias pode contribuir para aumentar a eficiência na produtividade, tanto da indústria quanto dos produtores, proporcionar uma visão da gestão da propriedade e beneficiar os produtores nas penosidades da atividade.

Esse constante crescimento que o Brasil vem apresentando, reflete diretamente nas escalas de produção, dispersas por todo o território nacional, caracterizada pela grande heterogeneidade que existe entre o tamanho das propriedades, tipos de produtores, rebanho e tecnologias de produção adotadas (CARVALHO et al., 2007). Nos últimos anos, o incremento acentuado na produção, fez com que os produtores se especializassem na atividade, tendo como perspectivas a médio ou longo prazo, tornar-se um importante exportador de leite e de produtos lácteos.

É possível perceber, através da Figura 4 acima apresentada, que a produção de leite vem apresentando um acentuado crescimento, que passou de 14,4 bilhões de litros em 1990, para aproximadamente 33,49 bilhões de litros/ano em 2017. Esse desenvolvimento da atividade leiteira se deve a uma série de procedimentos e fatores que estão presentes dentro e fora da porteira.

Em consequência a essa evolução, segundo Lopes (2007), é necessário que ocorra uma mudança, independentemente do tamanho da propriedade rural, o que significa que as

decisões devem ser tomadas com base em fatores lógicos e após um planejamento. Essas decisões seguem alguns parâmetros (redução dos custos de produção, gestão da propriedade, eficiência reprodutiva, melhoria na nutrição e melhoramento de pastagens, maiores cuidados higiênicos e sanitários, melhoria da genética do rebanho e melhor aproveitamento dos recursos disponíveis para esta produção), que devem estar presentes em todas as propriedades, para que continuem proporcionando resultados positivos na atividade (ANUÁRIO LEITE, 2018; CIFUENTES; PILA; RIBEIRO 2018).

Entretanto, a produção de leite possui aspectos a melhorar, entre eles: sanidade do rebanho, qualidade do leite produzido, produtividade animal e por área, alimentação e administração da produção (CAMPOS; NEVES, 2007). Apesar dos significativos avanços que ocorreram nas últimas décadas, o setor necessita de uma integração ainda maior para superar as dificuldades que estão presentes no dia-a-dia da atividade, demandando uma articulação ainda maior entre produtores, setor privado e setor público.

Pelo que foi tratado, a atividade deve se reestruturar para que continue proporcionando a permanência do homem na produção. Para isto, é imprescindível que a pecuária leiteira busque seu espaço na economia nacional, visando melhores condições de trabalho, renda e competitividade para os integrantes da família rural. Essa integração exigirá que produtores tomem decisões, sendo uma delas a adoção de um ‘pacote’ tecnológico, de elevados investimentos (BUANAIN; ROMEIRO; GUANZIROLI, 2003).

Em suma, foi possível notar a importância da pecuária leiteira para o Brasil e o quanto essa atividade ainda pode proporcionar desenvolvimento para as regiões que tem a atividade como alternativa de geração de renda. Fica evidente, portanto, que a atividade leiteira ocupa um papel fundamental no desenvolvimento da economia do Brasil atraindo olhares de empresas internacionais.

3.1.1 Concentração das indústrias processadoras de leite

A partir das explicações realizadas nas seções anteriores, pode-se observar que a cadeia produtiva do leite desperta um grande interesse das indústrias de transformação. A indústria láctea brasileira tem passado por um processo de reorganização estrutural desde o início da década de 2000, revertendo à tendência de concentração que prevaleceu na década anterior (BREITENBACH; DE SOUZA, 2013).

Um fato destacado foi o aumento da participação no mercado por parte das empresas que não estavam no grupo dos quatro maiores laticínios do país (Tabela 2).

Nos estudos realizados por Castro; Neves (2001), a redução da concentração entre as indústrias, veio acompanhada de um aumento na concorrência. Frente a essa concorrência, as empresas de laticínios que apresentam diferentes estratégias comerciais junto ao produtor, estão conseguindo fidelizar os produtores com maior potencial, reduzindo os com menor volume de produção.

Com base na pesquisa realizada pelo Sindicato das Indústrias da Alimentação do Estado do Rio Grande do Sul (SAI), Sindicato das Indústrias de Leite do Rio Grande do Sul (SINDILAT) e Unidade de Relacionamento com a Indústria (UNIREI), o número de empresas processadoras identificadas no ano de 2011, foram duzentas e dezesseis (BREITENBACH; DE SOUZA, 2013). Esse número desperta o interesse e o olhar dos grandes *players*¹², que aos poucos estão dominando o mercado brasileiro e em especial o estado do RS. A política declarada de aquisições, fusões e associações de empresas do segmento lácteo, deixam seu legado, intensificando e modificando toda cadeia produtiva do País. O grande número de cooperativas e associações, que foram praticamente “engolidas” por estas grades corporações que hoje dominam o mercado, fazem parte das maiores indústrias processadoras, ou caso ainda não estejam, estão na busca por este espaço.

Na Tabela 2, é possível visualizar o ranking das maiores indústrias processadoras de derivados do leite nos últimos quatro anos. Dentre as quinze (15) empresas do ranking, cinco (5) são cooperativas (a união entre Castrolanda Cooperativa Agroindustrial do Paraná (CASTROLANDA), Capal Cooperativa Agroindustrial (CAPAL) e Cooperativa Agropecuária Batavo Ltda (BATAVO); Cooperativa Central Aurora Alimentos (AURORA); Cooperativa Central Gaúcha Ltda (CCGL); Agro-Industrial Cooperativa Central (CONFEPAR); Cooperativa Central de Laticínios de Goiás (CENTROLEITE) e Frimesa Cooperativa Central do Paraná (FRIMESA), seis (6) são empresas nacionais (Cooperativa Central dos Produtores Rurais de Minas Gerais Ltda (ITAMBÉ) - que apresenta capital misto, com 50% de participação na CCPR; (Laticínios Bela Vista LTDA -PIRACANJUBA); Embaré Indústrias Alimentícias S.A (EMBARÉ); Usina de Laticínios Jussara S.A. (JUSSARA) e Vigor Alimentos S.A (VIGOR) e três (3) são multinacionais estrangeiras (DPA Brasil - Nestlé; Danone e Lactalis). As empresas como Nestlé, Lactalis (Elebat), Laticínio

¹² *Players* é o nome dado a grandes investidores que são donos de um capital capaz de mudar uma perspectiva na região que escolhem representar. Esses players podem operacionalizar cartões de crédito, permitindo que o consumidor parcele as compras e fique diretamente vinculado à loja. Ser um grande *player* de mercado é mudar a configuração de uma região antes tida como inóspita e não lucrativa, transformando-a em uma região de grandes oportunidades dentro de um setor. Esses *players* podem ser de qualquer parte do mundo, investindo na região a partir do Brasil ou até mesmo da Europa ou Estados Unidos. A rede Carrefour é uma verdadeira prova disto (MARQUES, 2017).

Bela Vista (Piracanjuba), CCGL, ITALAC e Santa Clara são as que mais captam leite no COREDE Noroeste Colonial objeto de estudo, tendo unidades de recebimento e unidades de processamento em municípios estratégicos e com maior índice de produção.

As empresas citadas, nos últimos anos estão ampliando suas unidades e fazendo novos investimentos para estarem de acordo com as normativas do ministério da agricultura e diversificando sua estrutura produtiva para ganhar competitividade. Deste modo, este ranking reflete o poder que essas indústrias aparentam em relação as suas concorrentes e também, o quanto esses empreendimentos interferem nas decisões dos produtores de leite na hora de vender a matéria prima produzida.

Tabela 2 - Ranking dos maiores laticínios do Brasil

Empresas/Marcas	Recepção leite (mil litros)											
	2014			2015			2016			2017		
	Produtores	Terceiros	Total	Produtores	Terceiros	Total	Produtores	Terceiros	Total	Produtores	Terceiros	Total
1 NESTLÉ	1.150,000	850,000	2.000,000	1.043,000	725,000	1.768,000	995,000	695,000	1.690,000	1.048,000	646,400	1.694,400
2 LACTALIS DO BRASIL/ELEBAT	1.195,100	229,526	1.424,626	1.345,314	246,789	1.592,103	1.345,314	246,789	1.592,103	NP*	NP*	NP*
3 CCRP/TAMBÉ	1.022,629	199,744	1.222,373	1.009,000	159,000	1.168,000	989,000	115,000	1.104,000	939,444	56,209	995,653
4 LATICÍNIO BELA VISTA(PIRACANJUBA)	630,168	401,930	1.032,098	744,714	313,243	1.057,957	916,860	177,028	1.093,888	869,357	452,971	1.322,328
5 COOP. FRISIA, CASTROLANDA E CAPAL	617,796	148,142	765,938	624,521	246,312	870,833	600,382	368,372	968,754	679,654	460,003	1.139,657
6 EMBARÉÉ	392,359	171,593	563,952	398,552	191,090	589,642	389,121	194,737	583,858	382,813	186,472	569,285
7 AURORA	485,000	33,900	518,900	481,000	0,000	481,000	453,000	0,000	453,000	475,000	13,000	488,000
8 VIGOR	221,231	48,829	270,060	308,247	101,751	409,998	257,277	54,060	311,337	254,802	57,873	312,675
9 DANONE	294,498	163,192	457,690	264,567	137,032	401,599	219,989	128,611	348,600	178,837	199,814	378,651
10 JUSSARA	290,573	57,552	348,125	292,749	74,648	367,397	288,104	89,417	377,521	297,186	97,546	394,732
11 CCGL	326,661	0,000	326,661	332,413	0,000	332,413	345,928	10,332	356,260	437,203	1,870	439,073
12 CENTROLEITE	260,704	0,000	260,704	257,662	0,000	257,662	211,499	0,000	211,499	217,851	0,000	217,851
13 DPA BRASIL	0,000	0,000	0,000	25,599	228,500	254,099	31,999	211,936	243,935	39,495	206,943	246,438
14 FRIMESA	242,590	16,614	259,204	230,881	7,110	237,991	204,227	9,936	214,163	204,945	9,368	214,313
15 CONFEPAR	354,922	64,053	418,975	192,951	19,673	212,624	183,678	11,949	195,627	180,293	11,811	192,104
Total do Ranking	7.484,231	2.385,075	9.869,306	7.551,170	2.450,148	10.001,318	7.431,378	2.313,167	9.744,545	6.204,880	2.400,280	8.605,160

*NP: não participou do levantamento no ano de 2017.

Fonte: Adaptado pelo autor com base em (EMBRAPA, 2018; MILKPOINT, 2018).

Dentre as empresas que constam no ranking dos maiores laticínios do Brasil (Tabela 2), é possível perceber que esses laticínios estão intensificando estratégias para conquistarem as maiores fatias do mercado e como consequência, ocorre às fusões.

Mais uma vez, a multinacional Nestlé foi a primeira no ranking de captação de leite, com a aquisição de 1,694 bilhão de litros no ano passado, levemente acima do resultado de 2016. A francesa Lactalis, que vinha segurando a segunda colocação nos últimos anos conforme o ranking apresentado, no ano de 2017, não participou do levantamento realizado. Isso levou o Laticínios Bela Vista, dono da marca Piracanjuba, ao posto de segundo colocado na lista, com o recebimento de 1,322 bilhão de litros de leite, saindo da quarta posição de 2016, para segunda posição em 2017.

O Laticínios Bela Vista, agrega ainda as marcas Pirakids, LeitBom, Chocobom e Viva Bem (PIRACANJUBA, 2018). A junção permite que a empresa seja uma das cinco maiores indústrias de laticínios do Brasil, com capacidade de processamento de mais de cinco milhões de litros da matéria-prima por dia e geração de 2,4 mil empregos diretos. A empresa reúne cinco Unidades Fabris próprias e uma terceirizada, localizadas em Bela Vista de Goiás (GO), Dr. Maurício Cardoso (RS), Nova Ramada (RS), Governador Valadares (MG), Itapetininga (SP), Maravilha (SC) e Sulina (PR) (PIRACANJUBA, 2018). No RS, a empresa registrou no ano de 2017, dois novos postos de resfriamentos de leite, um em São Paulo das Missões e outro em Casca. Essas unidades contribuem para que a marca, continue no topo do ranking das maiores empresas do Brasil. Neste ano a marca foi eleita como destaque no segmento de Leite e Derivados (segmento Agronegócio), de acordo com o Anuário Melhores & Maiores, da Revista Exame (PIRACANJUBA, 2018).

Outra mudança que o ranking apresenta, em relação ao ano de 2017, foi o desempenho da Cooperativa Central dos Produtores Rurais de Minas Gerais (CCPR)/Itambé, cuja captação teve queda expressiva perdendo colocações entre as maiores. Essa queda no ranking aconteceu, devido a “dúvida” dos produtores em relação a venda da empresa (CCPR/Itambé) para a Lactalis, que trava uma disputa com a empresa Vigor, controlada pela Mexicana Lala. Esse movimento gerou incertezas entre os produtores que optaram em migrar para outras empresas concorrentes, diminuindo o volume captado.

Neste levantamento do ranking das maiores empresas captadoras de leite do Brasil, não constam duas empresas com forte potencial para assumir as primeiras colocações, que são as empresas ITALAC¹³ (Goiasminas Indústria de Laticínios Ltda) e TIROL¹⁴ (Laticínios Tirol), que possuem uma alta captação de leite, mas não fornecem seus números.

A Cooperativa Central Gaúcha Ltda¹⁵ (CCGL), que ocupa a 8ª colocação entre as maiores indústrias captadoras de leite do Brasil, conforme o ranking apresentado no ano de

¹³ A Goiasminas Indústria de Laticínios Ltda é hoje uma das principais indústrias do setor lácteo do país. Possui fábricas e postos de captação nos estados de Goiás (GO), Minas Gerais (MG), Rio Grande do Sul (RS), São Paulo (SP), Rondônia (RO) e Pará (PA). Com mais de 17,5 mil produtores rurais, possui uma das maiores bacias brasileiras de captação de leite e capacidade de produção superior a 7 milhões de litros/dia (ITALAC, 2018).

¹⁴ A Laticínios Tirol Ltda conta com uma estrutura atual de milhares de colaboradores e de produtores de leite distribuídos entre os estados de Santa Catarina (SC), Rio Grande do Sul (RS), Paraná (PR) e Goiás (GO), proporcionando a captação de mais de 2 milhões de litros de leite por dia (TIROL, 2018).

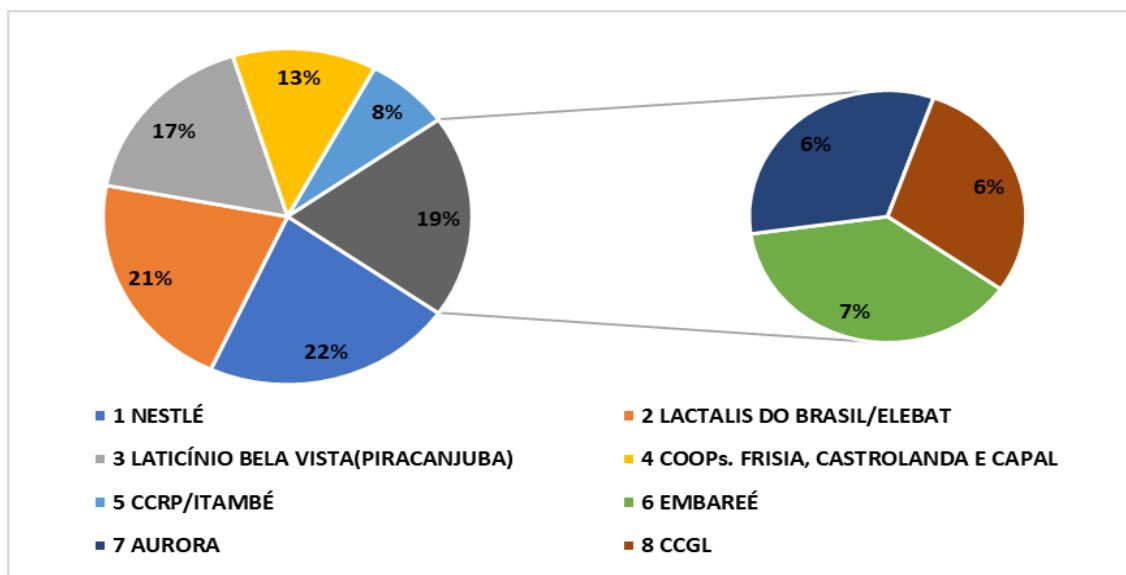
¹⁵ A Cooperativa Central Gaúcha Ltda surgiu para integrar atividades do agronegócio e gerar diferenciais competitivos aos seus produtores, com foco na sustentabilidade, na produção em escala e na rentabilidade. Atualmente a CCGL tem associadas as principais cooperativas agropecuárias gaúchas, o que representa um universo de 171.000 produtores rurais, em mais de 350 municípios do Rio Grande do Sul. E conta com três unidades e negócios: CCGL LOG,- Unidade de Lácteos e CCGL LAC – Unidade de Tecnologia e Pesquisa, localizadas no município de Cruz Alta; CCGL TEC - Unidade de Logística, localizada no importante Porto do Rio Grande, centro geográfico do Mercosul (CCGL, 2018).

2017, vem ampliando sua capacidade produtiva. Essa ampliação passará dos atuais um milhão de litros de leite/dia para 2,2 milhões de litros/dia, elevando seu potencial de recebimento. Além desta ampliação a cooperativa está buscando diversificar sua produção e aposta na estratégia de produção de leite em pó, pensando no mercado externo, estando habilitada para a exportação segundo o Ministério da Agricultura.

O processo de coleta a granel de leite refrigerado foi implantado por todas as grandes empresas industriais, a partir da segunda metade da década de 90. Devido a esse processo a disputa por espaço entre as maiores indústrias processadoras é evidente, pois esse movimento da coleta de leite a granel permitiu a redução dos custos de transporte e melhoria da qualidade da matéria prima, despertando o interesse de várias indústrias (CARVALHO et al., 2007).

Na Figura 5 é possível identificar participação dos oito maiores laticínios que captam leite no Brasil e o percentual que cada um ocupa neste segmento industrial.

Figura 5 - Participação dos maiores laticínios do Brasil na captação de leite



Fonte: Adaptado pelo autor com base (EMBRAPA 2018; MILKPOINT, 2018).

Esses percentuais apresentados estão se tornando frequentes neste segmento, pois esses grandes grupos cada vez mais estão investindo em infraestrutura, marketing, projetos de sustentabilidade, fidelização de produtores, produtos novos e diferenciados, entre outros fatores. Os laticínios que não embarcarem nessa “onda” de investimento em suas plantas industriais certamente sofrerão influências dos grandes *players*, tendo que optar em investir ou fazer fusões para não serem massacradas pelos grandes grupos que estão entrando neste ramo da atividade leiteira.

A concentração da produção nas grandes indústrias, o aumento na escala e na qualidade de produção, são fatores que podem pressionar as indústrias menores a buscar competitividade, pois empresas com baixa qualidade e informalidade tendem a deixar a atividade. Esse movimento atrairá grandes grupos internacionais, que ainda não participam deste mercado, fazendo com que os mesmos realizem investimento neste segmento.

O aumento da demanda interna e externa, com aumento da competitividade do setor e crescimento da produção vem ocasionando um maior rigor nas exigências sanitárias e fiscalização, tanto das empresas quanto do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Essa competitividade pode ser vista entre as três maiores empresas que lideram os percentuais de captação do leite, que são: Nestlé® com 22%, Lactalis 21% e Piracanjuba com 17%. As demais empresas estão buscando seu espaço entre os grandes *players*.

Assim, as perspectivas de expansão do mercado leiteiro, tomando como exemplo todas as regiões produtoras, atraem investidores e novas tecnologias os quais possibilitam visualizar grandes fatias deste mercado. Desta forma Trennepohl; Paiva (2012) exemplificam que para ter acesso qualificado aos grandes mercados, especialmente a suas faixas mais rentáveis, é importante possuir uma capacidade produtiva compatível com os níveis de qualidade, de produtividade e de custos internacionais, bem como dispor de uma estrutura adequada e de um sistema de serviços que não apenas viabilize a comercialização eficiente como, na medida do possível, permita a apropriação do valor agregado “depois da porteira” por agentes do próprio território.

Em virtude das particularidades de cada atividade é possível identificar os determinantes da integração técnico-produtiva de sua respectiva cadeia agroindustrial e as bases econômicas de distribuição da cadeia no território (BRANDÃO, 2007). Para Trennepohl; Paiva (2012), a presença de uma quantidade maior dos elos da cadeia poderá implicar maior capacidade da atividade em gerar efeitos indiretos e impactos positivos na economia das regiões produtoras da matéria prima.

A partir das características de articulação dos sistemas de produção das diversas atividades, é possível perceber como é a sua dinâmica de desenvolvimento, expansão ou qualificação (RIEDL; MAIA, 2007). Segundo Santos (2006), a capacidade dos agentes econômicos hegemônicos em coordenar as ações de investimento ou transformação de responsabilidade dos demais agentes da cadeia, pode influir decisivamente na dinâmica atual da atividade e em seu potencial de expansão.

Outro aspecto de fundamental importância sobre a articulação da cadeia produtiva do leite e seus derivados é justamente a destinação que é dada pela indústria à matéria prima recebida (MIELE; WAQUIL; SCHULTZ, 2011). Segundo os dados da Associação Brasileira de Produtores de Leite, considerando os estabelecimentos sob inspeção federal, a maior parte do leite industrializado no Brasil em 2007 foi destinado à produção de queijos (34%), leite longa vida (26%) e leite em pó (18%). Somente 1,3 bilhões de litros (7%) são destinados ao consumo na forma de leite pasteurizado.

Com esta configuração de destino dos derivados de leite torna-se cada vez mais interessante a localização das plantas industriais junto aos locais de produção ao invés de uma localização junto aos centros consumidores. Conforme Paiva (2004), são necessárias diversas alternativas de aproveitamento dessas potencialidades, considerando a complexidade das conjunturas específicas e dos interesses envolvidos nos processos de desenvolvimento. Visualiza-se, portanto, distintas possibilidades de resposta para as questões que envolvem o aproveitamento das potencialidades e a superação dos limites diagnosticados na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento regional.

3.2 Caracterização da cadeia produtiva leiteira do RS

As transformações que ocorreram no espaço agrário e em especial na cadeia produtiva do leite do RS, após a década de 50, foram responsáveis pelas significativas mudanças nos territórios do estado. A estrutura fundiária presente se diferencia de acordo com a região, alternando predomínio de grandes e médias unidades de produção com médias e pequenas (PORTO et al., 2010).

O estado é, tradicionalmente, um grande produtor de leite e essa atividade, que começou com características extrativistas, já ocupa posição de destaque no cenário econômico nacional. No entanto, para atingir esse patamar de destaque a cadeia produtiva do leite, o setor lácteo e seu encadeamento produtivo, passaram por mudanças expressivas ao longo das últimas décadas (VIANA; FERRAS, 2007).

Os avanços no processo de industrialização, incremento na utilização de tecnologias e mudanças nas instruções normativas, resultaram em movimentos de reestruturação em todos os elos da cadeia produtiva. Essas transformações apresentam uma heterogeneidade no processo produtivo, colocando o produtor como o elo mais frágil na cadeia produtiva, necessitando aprimorar-se constantemente (CASTRO et al., 1998).

No entendimento de Carvalho; Fortes de Oliveira (2006) a presença da produção familiar é característica marcante na produção da cadeia leiteira. Esse envolvimento permite que produtores inseridos na atividade, explorem suas áreas de produção para obter renda e trabalho em suas propriedades, tornando-se uma forma interessante de ocupação, transformação e de incentivo à autonomia familiar no quesito socioeconômico.

A sequência de fatores que revolucionaram a cadeia produtiva do leite, trouxeram reflexos diretos entre os elos atuantes da cadeia. Esses reflexos proporcionaram aumento significativo da produtividade, redução do número total de produtores, concentração da produção, fusões da indústria processadora e aumento da concorrência no mercado interno (GOMES, 2001).

As modificações na cadeia produtiva do leite vêm surpreendendo o setor, caracterizando como um sistema composto por vários setores econômicos que, entre si, estabelecem diferentes relações, articulados em um processo produtivo. Brum (2012) acrescenta que a cadeia produtiva é considerada como uma sucessão de operações e transformações, que interligadas a um conjunto de relações comerciais e financeiras estabelecem um fluxo de troca entre fornecedores e clientes, situado a montante e a jusante (HANSEN, 2004).

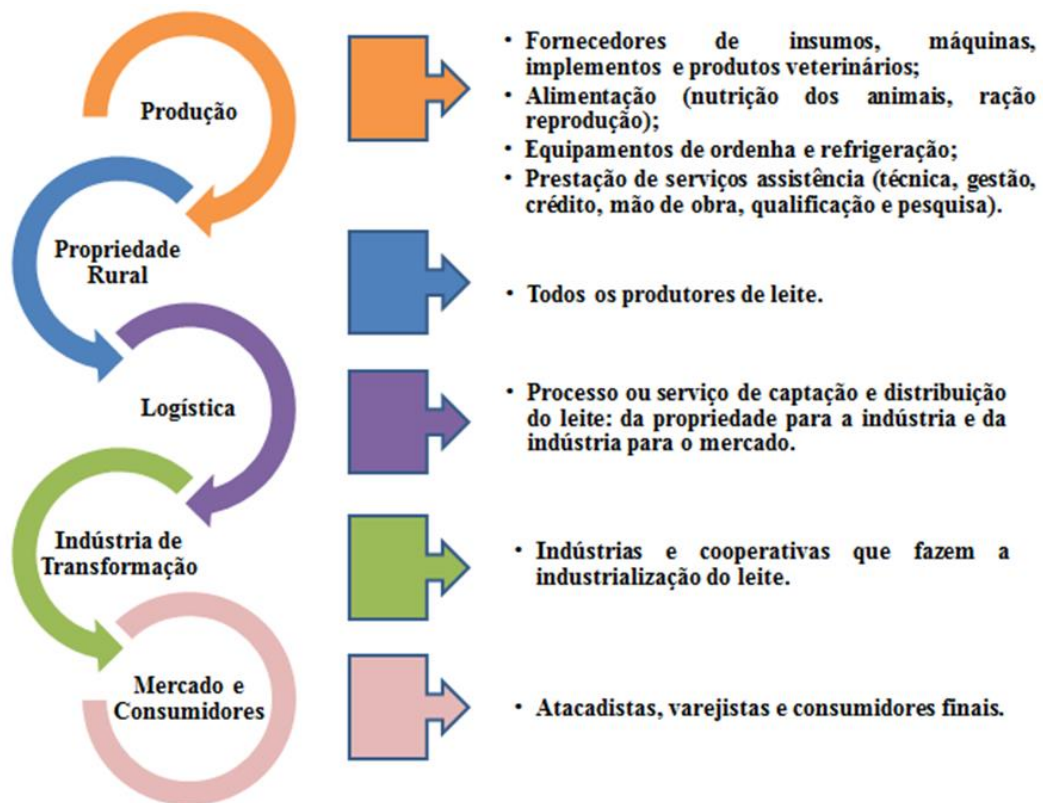
A organização da cadeia produtiva do leite, de acordo com Zylbersztain (2000); Canziani (2003); Brum (2012); Duarte (2017), está conectada entre os elos da sua estrutura e compartilha ações entre grandes áreas da produção. O primeiro elo é a “produção” que relaciona fornecedores, produtores de insumos (sementes, adubos, rações máquinas e implementos), bem como todos os serviços de apoio necessários (gestão, qualificação, assistência técnica, mão de obra, crédito) e todos os fatores de produção disponíveis. No segundo, encontra-se a “propriedade rural”, o produtor de leite que fará uso dos insumos para produzir. O terceiro, “logística” processo ou serviço de captação e distribuição do leite da propriedade para a indústria e da indústria para o mercado. O quarto a “indústria de transformação” da produção (agroindústria ou cooperativa com planta agroindustrial), que transforma o produto bruto em condições de ser usado pelo consumidor e cuida do marketing do produto. Por último, o quinto elo: o “Mercado e consumidores”, que envolve ainda o atacado e o varejo, além de diversos serviços de apoio que são necessários para propiciar a comercialização do produto ao consumidor final.

Na Figura 6 é possível identificar que a cadeia produtiva do leite é um conjunto de atividades socioeconômicas que se articulam progressivamente desde o início da produção até

o consumidor final. Segundo Batalha (2007) é um sistema formado por um conjunto de setores econômicos, que estabelecem entre si significativas relações de troca, compra e venda.

A cadeia produtiva do leite representada exibe interação entre os elos, sendo que, em determinados ocasiões, um ou outro elo possui certa autoridade sobre os demais, o que ocorre pela sua força e pelo seu poder de mercado (VIANA; FERRAS, 2007). Portanto, todos os elos da cadeia produtiva do leite, cumprem um papel fundamental no desenvolvimento de cada setor, sendo que o elo mais forte é considerado o da indústria de transformação, que detém o poder de transformar a matéria prima e agregar valor ao produto, ganhando na compra da matéria prima e na venda do produto final.

Figura 6 - Representação da cadeia produtiva do leite



Fonte: Adaptado pelo autor com base em Brum (2012); Duarte (2017); Canziani (2003) e Zylbersztain (2000).

As grandes áreas da estrutura da cadeia produtiva do leite estão representadas pelos principais elos provenientes da formação, estruturação, dos agentes que interagem na produção, comercialização dos insumos e produtos ligados à pecuária leiteira. Para Canziani (2003), os elos envolvem (indústria de implementos agrícolas, fornecedores de máquinas e insumos, mão de obra dos produtores de leite, colaboradores, transportadores do leite da propriedade até a indústria e da indústria até o mercado, processamento da matéria prima,

distribuição do produto final ao consumidor) uma corrente de segmentos, que permite uma visão ampliada de cada área, compreendendo a dinâmica existente na cadeia produtiva do leite.

Os circuitos de momentos produtivos dos vários setores e subsetores da cadeia produtiva do leite começam na produção dos insumos, processamento, transformação, comercialização e distribuição dos equipamentos necessários à exploração da atividade leiteira (ALBUQUERQUE, 1984). A produção de máquinas para ordenha, ração, produtos veterinários, fertilizantes, sementes, inseminação são considerados instrumentos necessários para que atividade continue se desenvolvendo e gerando trabalho para todos os agentes da cadeia produtiva. Esses instrumentos impulsionam a atividade, levando até o produtor, tecnologia, conhecimento e inovação.

O fluxo que interliga os elos da cadeia produtiva do leite é de suma importância para a viabilidade das atividades desenvolvidas pelos produtores de leite, fornecedores, transportadores, indústrias processadoras e mercado (CANZIANI, 2002). Essa corrente visa os gargalos da atividade, à garantia de mercado e à comercialização da sua produção em todos os segmentos da cadeia produtiva.

Portanto, a cadeia produtiva do leite constitui um conjunto de etapas consecutivas pelas quais perpassam processos de transformação, reorganização, modificações na produção, industrialização, comercialização de leite e derivados e demais insumos (PROCHNIK; HAGUENAUER (2002). Diante das colocações sobre definição da cadeia produtiva do leite, é possível observar que a mudança ocorre com maior intensidade em alguns elos e menor intensidade em outros, disseminando os diversos insumos para todos os elos da cadeia produtiva.

3.2.1 Mudanças estruturais e desenvolvimento da cadeia produtiva do leite

O RS é o 5º maior estado do Brasil, com extensão territorial de 281.748,5 km², ocupando mais de 3% do território brasileiro. Conforme a FEE (2017), o estado possui aproximadamente 11,3 milhões de habitantes, divididos entre os 497 municípios que o compõe. A área total dos estabelecimentos agropecuários identificados pelo Censo de 2017 é de aproximadamente 21.680.991 hectares, sendo 6,7 % a mais que no último levantamento em 2006 (IBGE, 2017). A estimativa do Censo agropecuário 2017 sinalizou que aproximadamente 365.052 mil estabelecimentos agropecuários foram cadastrados, ou seja,

teve uma variação negativa de 17,3% em relação ao censo realizado em 2006, que foi registrado 441.472 mil estabelecimentos (FEE, 2017).

O estado é enfatizado por possuir um sistema de produção familiar e por ter características privilegiadas em relação a seus sistemas de pastagens, solos, clima, produção e possibilidade de adaptação das vacas nos estilos de propriedades da região.

O leite vem sendo produzido no RS desde a época da ocupação do território no século XIX por imigrantes (alemães, italianos, poloneses, austríacos, etc.) que ocupavam o estado (BERNARDES, 1997). Porém, com pouca importância econômica, o leite era considerado um subproduto de uso restrito e quase nenhum valor de mercado, em comparação a outros produtos fornecidos pela pecuária extensiva que predominava nos campos. Os poucos interessados em tirar o leite das vacas, visavam atender ao consumo doméstico, especialmente das crianças, pois tinha pouca participação na dieta dos gaúchos.

A importância do leite e derivados, em todas as fases da vida, tornou o alimento um importante componente de consumo das populações (FAO, 2013). Na dinâmica produtiva das regiões coloniais a criação de animais visava o fornecimento de força de tração (animais de trabalho) e de alimentos (banha, carne, leite e derivados) em rebanhos conjugados. O leite passou a ser consumido em maior quantidade, seja "in natura" ou em forma de derivados (nata, queijo, manteiga, cremes, etc.) de fabricação caseira, mas ainda com característica de atividade pouco especializada, conjugada a uma dinâmica de produção para consumo local (TRENNEPOHL, 2010).

Segundo dados da CEDIC (1974) o abastecimento das cidades era feito pelos próprios produtores, que transportavam o leite cru diretamente dos locais de produção às casas dos consumidores. Para vencer as distâncias e as dificuldades de conservação surgiram pequenas unidades de processamento para a produção de derivados menos perecíveis, em especial a manteiga e o queijo. Ao passar dos anos surge à necessidade de ampliar sua produção e novos postos de coleta e resfriamento foram instalados, com o objetivo de atingir todo o estado.

Devido à intensificação da atividade ocorreram alguns fatos importantes no desenvolvimento histórico da produção leiteira do RS. Em 1936 os produtores de leite se organizaram e fundaram a Associação dos Criadores de Gado Holandês do RS. E em 1937, foram instalados diversos postos de coleta do leite nos municípios onde a produção vinha se intensificando, que foram seguidas pela construção do chamado "entreposto do leite" (CEDIC, 1974; CARVALHO et al., 2007).

Esse fato permitiu à população da capital consumir o leite pasteurizado, com reflexos imediatos no incremento do volume de produção e consumo do produto. A Sociedade

Anônima Beneficiadora de Leite (SABEL) foi a empresa que na época garantia a coleta e realizava o processo de pasteurização (LIMA; LUCCA; TRENNEPOHL, 2014).

Em 1946 o governo do estado do RS extinguiu a SABEL, criando o Entreposto do Leite S/A (ELSA), que durou apenas um ano. Em seu lugar foi criado o Departamento Estadual de Abastecimento de Leite (DEAL), vinculado à Secretaria da Agricultura, que objetivava abranger todo o estado (CARVALHO et al., 2007).

Após alguns anos de envolvimento na atividade, ocorreu o direcionamento e o incentivo para a formação das cooperativas. A partir do decreto nº 41.490, de 14 de maio de 1957, o governo federal organizou a criação da Comissão de Organização da Triticultura Nacional (COTRIN). Para tanto, foram tomadas várias medidas reformuladas pelo decreto nº 43.191, de 12 de fevereiro de 1958, que tinha como função dividir as regiões produtoras de trigo em zonas geoeconômicas; encorajar a constituição de uma cooperativa tritícola em cada zona; orientar e supervisionar as cooperativas criadas e promover a construção de silos e entrepostos (FRANTZ, 1982). Com a divisão geoeconômica proposta pela comissão COTRIN, surgiram várias cooperativas na região noroeste do estado. Algumas figuram até os dias de hoje como importantes agentes do agronegócio e da pecuária leiteira, outras foram tragadas por diversos motivos, o principal deles a má administração (ALVES, 2014).

A partir de 1960, com o surgimento de novas empresas de caráter local ou regional, a ampliação e a modernização das plantas industriais, a cadeia produtiva do leite no estado passou por sensíveis transformações em sua estrutura. Estimuladas pela demanda crescente e a boa rentabilidade, as empresas industriais decidiram investir no apoio e organização da produção leiteira, através da criação ou da ampliação de quadros técnicos para prestar assistência, do pagamento de um "preço-estímulo" em virtude do volume e da qualidade do produto, de financiamentos aos produtores, entre outras iniciativas.

A conquista de novos fornecedores levou as empresas a uma fase de grande competição mútua, fato inusitado nas bacias leiteiras do estado. Assim, a partir da década de 1960, presenciou-se uma notável alteração no relacionamento das indústrias com os produtores. Estas, que se mantinham praticamente indiferentes aos produtores, aliaram-se a eles. Temendo um colapso no setor de produção, as indústrias tomaram a iniciativa de sugerir aumentos de preço para o produto ao que, anteriormente, faziam oposição sistemática. A necessidade de obter produções condizentes com a capacidade de beneficiamento de suas empresas, ora ampliadas, foi o fator fundamental que justifica essa mudança de posicionamento (CEDIC, 1974, p. 56).

Em 1970 o governo estadual criou a Companhia Rio-Grandense de Laticínios e Correlatos (CORLAC), empresa de economia mista, para assumir a estrutura e as atividades

do Departamento Estadual de Abastecimento de Leite (DEAL). As instalações foram ampliadas e modernizadas e a linha de produção foi diversificada (CARVALHO, 2000; PEREIRA DE SOUZA, BUAINAIN 2007).

Outra grande alteração na cadeia ocorreu em 1976 com a estruturação da Cooperativa Central Gaúcha de Leite (CCGL). Criada por cooperativas singulares, que se responsabilizavam pela organização e coleta da produção de seus associados, a CCGL é uma cooperativa de 2º grau, especializada em laticínios, sendo suas associadas fundadoras principalmente às cooperativas tritícolas do Noroeste (CEDIC, 1974). A empresa teve grande importância na cadeia do leite por ter introduzido novas raças de animais, maior número de produtores de leite no estado e também modernizou o processo de coleta do leite junto aos produtores rurais, diversificou os produtos lácteos e centralizou o capital. Com isso, a CCGL foi ganhando espaço e absorvendo várias outras pequenas e médias empresas do setor (MACAGNAN, 1998; TRENNEPOHL; CENCI, 2012).

Inicialmente tratou de dar vazão a uma produção existente nas áreas de atuação das cooperativas associadas, através do beneficiamento simples (pasteurização) e da colocação da produção nos principais mercados consumidores. Rapidamente estruturou-se para realizar a transformação do leite em derivados mais nobres e rentáveis e passou a fomentar a melhoria da produção de seus fornecedores em qualidade e quantidade (TRENNEPOHL; CENCI, 2012).

Ao passar dos anos o estímulo às indústrias de laticínios de produção leiteira no estado avançou e proporcionou passos importantes em direção a sua modernização. A inseminação artificial, a ordenha mecânica e as pastagens artificiais são exemplos de práticas cada vez mais difundidas, que na década de 1960 eram apenas possibilidades restritas a poucos produtores. O grande desafio da atividade continua sendo a maior profissionalização dos produtores e o aumento da escala de produção das unidades agrícolas, com vistas ao aumento do rendimento por animal, por área utilizada e por estabelecimento, com reflexos na redução dos custos e na produtividade do trabalho (TRENNEPOHL, 2011).

Entretanto, durante os anos 1990 ocorreu uma intensa mudança na estrutura da economia brasileira, repercutindo em modificações na estrutura do parque industrial (KAGEYAMA, 2008). Resultantes, especialmente, da intensificação dos fluxos de capitais estrangeiros tais transformações estabeleceram mudanças no âmbito da concorrência e novas formas de atuação dos agentes integrantes do complexo agroindustrial de laticínios provocando uma intensa mudança patrimonial na estrutura dessa indústria.

O ponto de partida dessas mudanças foi o fim do controle estatal do mercado, através do tabelamento dos preços, que vigorou entre 1945 e 1991. Essa mudança na política do governo federal serviu como incentivo à entrada de novos capitais na atividade atraídos pelo potencial de rentabilidade do leite e derivados e de estímulo à criação de novos produtos, com maior valor agregado, para disputar um mercado liberado para a concorrência (SCHNEIDER, 2006). A liberalização dos preços abriu a possibilidade para as empresas adotarem pagamentos diferenciados aos produtores em conformidade com as características de qualidade e de volume do leite (NAVARRO, 2001).

Outra modificação diz respeito às importações, até então realizadas por organismos estatais, que passam a ser realizadas pela iniciativa privada, na maioria das vezes por braços operacionais da agroindústria produtora, ou diretamente pelo setor varejista. Para Schneider (2006) a transferência dessa atividade fez com que o objetivo principal da operação fosse a busca de diferenciais de preços e/ou complementação das linhas de produção brasileiras.

Associado as mudanças ocorridas surge como acréscimo o processo de transformação do leite fluido em *commodity*¹⁶, que se dá em decorrência da adoção do processo de esterilização do leite (UHT), que possibilita um aumento na vida útil do produto (WILKINSON, 2009). Esta modificação mais expressiva conforme Castro (1998), foi a passagem de um mercado de abrangência local ou regional para um mercado nacional. Essa transformação do âmbito do mercado só foi possível devido à disseminação da produção do leite tipo Longa Vida (UHT).

Salienta-se que o agrupamento acirrado das indústrias processadoras contribuiu para acelerar os investimentos em novas plantas industriais na Região Noroeste, aumentando o ritmo de expansão da produção de leite e derivados. Esta concorrência fez com que empresas decretassem falências, novas fusões e aquisições de plantas industriais fossem surgindo, fortificando a cadeia produtiva regional, em expansão.

Portanto, paralelo ao crescimento da demanda por leite UHT, as reorganizações do setor acabam atraindo empresas destinadas a fazer investimentos, em valores significativos, na construção de unidades industriais para o processamento do leite e para a produção de derivados, especialmente destinados ao mercado nacional e internacional, potencializando o mercado leiteiro (MARTINS, 2005). Esses investimentos permitem aos produtores qualificar

¹⁶ Essa nomenclatura define os produtos que são matérias-primas da indústria, isto é, têm origem no setor primário. São produzidos em escala e que podem ser estocados sem perda de qualidade, como petróleo, suco de laranja congelado, boi gordo, café, soja e ouro. *Commodity* vem do inglês e originalmente tem significado de mercadoria (REIS, 2018).

sua produção atendendo as normas sanitárias, fazendo com que o produto esteja de acordo com os princípios exigidos de qualidade.

Para Trennepohl (2011) esse novo formato possibilitou que o mercado do leite ocupasse faixas crescentes do mercado mundial. Além de proporcionar um desafio gigantesco para a pecuária leiteira, com boas perspectivas de mercado para sustentar a remuneração ao produtor, possibilitou maiores investimentos em toda a cadeia produtiva das *commodities*.

Mesmo que no estado possa existir tecnologia disponível para que a produção seja comparável aos padrões internacionais, a produção de leite ainda tem muitos aspectos para melhorar. Alguns deles são a sanidade do rebanho, a qualidade do leite produzido, a produtividade animal e por área, a alimentação (principalmente do período de seca) e administração da produção (CAMPOS; NEVES, 2007).

As propriedades produtoras de leite são em grande parte possuidoras de um intenso dinamismo produtivo e econômico e estão vivenciando um processo de modernização¹⁷. Na atividade leiteira, esse dinamismo não vai acontecer sem que os produtores de leite se especializem e assumam uma nova racionalidade (BUAINAIN, 2006). Agricultores tendem a explorar de forma intensiva os recursos disponíveis nos mais diferentes ambientes, enfrentando restrições de acesso a crédito, assistência técnica e incertezas na atividade. Portanto, ao fixar-se ao novo estilo de produtor a propriedade necessita certo grau de mecanização, tecnificação e profissionalização do agricultor, demandando uma integração ainda maior ao mercado (STOFFEL; COLOGNESE; BARRINHA DA SILVA, 2014).

Deste modo, quanto mais integrado ao mercado os produtores estiverem, maior tende a ser a subordinação aos instrumentos utilizados para as atividades de produção na propriedade. Essa integração demanda necessidade de constantes inovações, mudanças e técnicas diferenciadas para que produtores de leite consigam sobressair à pressão realizada pelo mercado de insumos. Os novos estilos de agricultores quando comparados com seus meios de produção utilizados no passado, na chamada agricultura tradicional, passaram por uma

¹⁷ A modernização aqui discutida tem como conceito o uso intensivo de equipamentos e técnicas, tais como máquinas e insumos modernos, que lhe permite maior rendimento no processo produtivo. Assim, modernização da agricultura assumiu como sinônimo de mecanização e tecnificação. Segue os moldes capitalistas e tende a beneficiar apenas determinados produtos e produtores. A modernização impulsiona a “industrialização da agricultura”, tornando-a uma atividade nitidamente empresarial, abrindo um mercado de consumo para as indústrias de máquinas e insumos modernos; elevação da produtividade do trabalho visando o aumento do lucro; redução dos custos unitários de produção para vencer a concorrência e melhores condições de enfrentar as dificuldades impostas pela natureza no que concerne à produção. Assim, através de uma artificial conservação e fertilização do solo, mecanização da lavoura, seleção de sementes, dentre outros recursos, busca-se a obtenção de maior produtividade (BRUM, 1988; TEIXEIRA 2005).

transição exigindo novos conhecimentos, habilidades, objetos de trabalho, força de trabalho e instrumentos para enfrentar os desafios da modernização (PLOEG, 2016).

Os produtores que ainda estão em processo de transição, adaptações e com dificuldades de integrar-se totalmente a um novo estilo de produção, são considerados um número elevado que alcançam cifras expressivas no total da produção. Esses produtores sofrem por não terem autoridade de exercer pressão por melhores condições de preços, ou de acesso a novas tecnologias, dentre outras necessidades. Para Castro; Neves (2001) a ação das empresas receptoras de leite foi no sentido de forçar um processo de seleção dos produtores através da imposição de padrões sanitários mais exigentes e da premiação com preços mais elevados de acordo com a maior escala de produção.

Apesar dos significativos avanços que ocorreram nas últimas duas décadas no sentido de uma maior aproximação entre os produtores rurais e as empresas agroindustriais, o setor leiteiro ainda está distante do grau de articulação e integração existente em outras atividades, como a avicultura e a suinocultura (BATALHA, 2007). Os compromissos estabelecidos entre os produtores e as agroindústrias que recebem a produção de leite raramente ultrapassam aos aspectos relacionados à organização da coleta e aos preços. São poucas as empresas que se envolvem com assistência técnica ou veterinária, fornecimento de equipamentos, instalações ou insumos, qualificação genética dos rebanhos ou outros aspectos normalmente assumidos integralmente pelas empresas integradoras de aves, suínos ou fumo, por exemplo.

Neste sentido, o governo estadual desenvolve diversas políticas públicas voltadas à agricultura familiar, em especial aos produtores de leite, a fim de diminuir algumas das dificuldades históricas para o desenvolvimento do setor (SCHNEIDER, 1999). Os principais problemas enfrentados e as especificidades requerem políticas públicas pertinentes, que viabilizem pequenos empreendimentos produtivos, promovam a fixação do produtor rural no campo, evitando novos fluxos de êxodo rural, e que contribuam para o desenvolvimento regional (JUNQUEIRA; FERRERA DE LIMA, 2008).

Desta forma, o estado do RS foi agraciado com programas¹⁸ que proporcionaram a retomada do planejamento direcionando suas atenções para o território. Esses projetos vêm de

¹⁸ Tem como intuito identificar demandas e soluções de questões regionais, além de fortalecer o capital social nos municípios e regiões do noroeste gaúcho. São eles: Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF); Programa de Promoção da Sustentabilidade de Espaços Sub-regionais (PROMESO), que inclui o Programa Grande Fronteira do Mercosul (MESOMERCOSUL); Projetos de Infraestrutura e Serviços com Territórios Rurais (PROINF); Programa de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais (PRONAT); Balde Cheio; Rede Leite; Selo Sabor Gaúcho; Chamadas Públicas; Emendas Parlamentares; Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento do Pequeno Estabelecimento Rural (FEAPER); Consulta Popular (CP); Programa Território da Cidadania (PTC), entre outros. Estes programas buscam incentivar potencialidades e ativos locais para a superação dos desequilíbrios regionais e a melhoria das condições socioeconômicas (CARGNIM, 2014).

uma Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR) a qual é considerada fundamental para a retomada do crescimento econômico. Para Cargnin (2014), Vainer (2007) o objetivo destas políticas é identificar os potenciais de desenvolvimento das diversas sub-regiões, que refletem a diversidade social, econômica, ambiental e cultural e priorizar as desigualdades regionais e a viabilização de estratégias de curto e longo prazo.

3.2.2 Avanços e perspectivas na cadeia produtiva do leite: Mesorregião Noroeste

A cadeia produtiva do leite nas regiões produtoras do RS vem se evidenciando nos últimos anos devido ao grande montante de recursos que estão sendo investidos em propriedades rurais, ampliação da capacidade de armazenamento das indústrias processadoras e pela saída dos produtores da atividade. Esses três fatores, demonstram a diversidade de ações que estão acontecendo na cadeia produtiva, no que se refere a investimentos realizados em propriedades produtoras de leite, ampliações do armazenamento nas indústrias processadoras e a questão social que transcorre pela saída dos produtores da atividade leiteira.

O aumento do volume de produção de leite nos últimos anos no RS despertou o interesse da indústria processadora e de indústrias que produzem os insumos que são utilizados para o cultivo, manejo e produção do leite. Esse conjunto de produtos, utilizados no dia a dia do produtor, permite que produtores com potencial de conhecimento usufruam das ferramentas disponíveis e as transforme em recursos para a propriedade.

As condições favoráveis de clima, solo, topografia genética e estrutura fundiária configuram um quadro positivo para as principais regiões produtoras. As regiões do estado que apresentam estas características demonstram competitividade e potencial para tornar a atividade uma fonte de renda para os produtores que possuem menores áreas produtivas. Em decorrência, a produção de leite tornou-se atividade para a composição de renda de um número expressivo de produtores, que salientam o crescimento da produção em escala e produtividade nos últimos anos (BASSO; SILVA NETO, 1999).

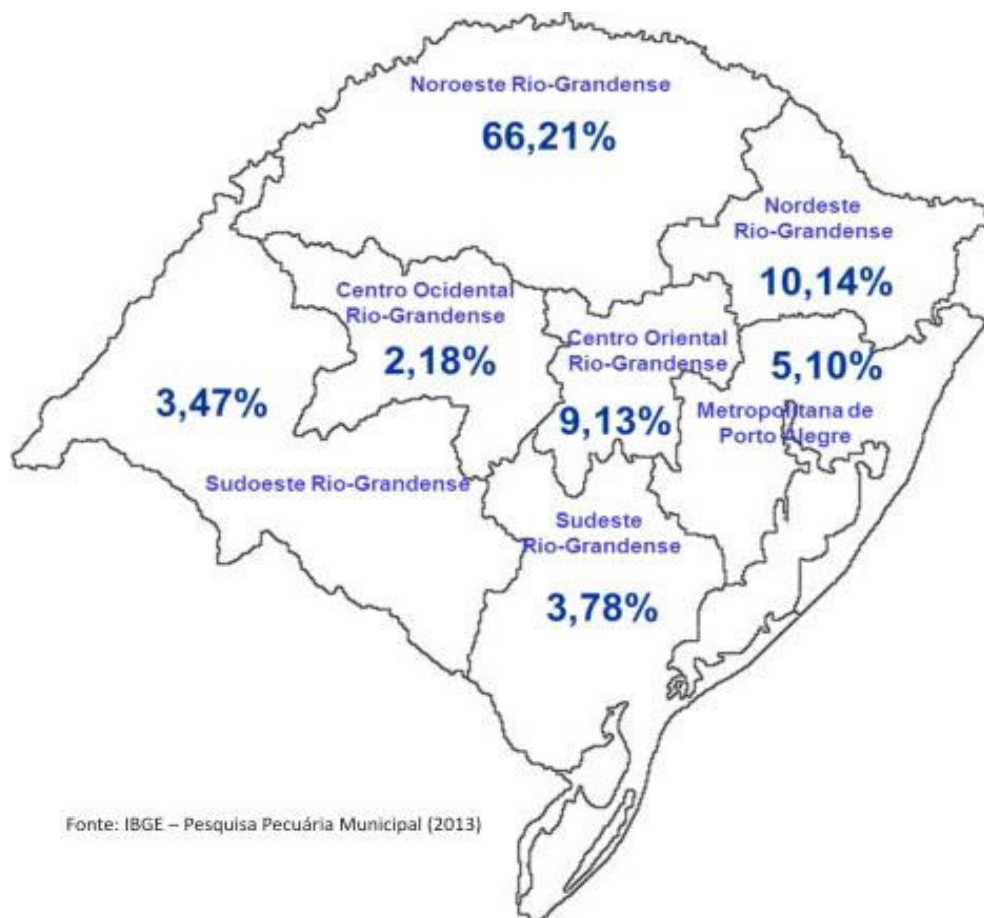
Esse crescimento, conta com processos de produção modernos e um conjunto de técnicas e manejos adequados conforme a realidade de cada propriedade. Corresponde, aproximadamente, a 7% do Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio, além de gerar desenvolvimento para as famílias produtoras de leite, proporciona um conjunto de atividades na indústria de laticínios, que gera empregos para pessoas do setor urbano (FAUTH; FEIX, 2015). Esse comportamento é importante para o desenvolvimento econômico estadual, já que possui um encadeamento forte com o setor urbano (MONTROYA, FINAMORE, 2010).

Nas últimas décadas a produção leiteira do RS aumentou em todas as regiões, valendo-se de ganhos em relação à produtividade. Esse movimento ocorre em propriedades que estão buscando inovação, genética e realizando o manejo de forma adequada.

A região Noroeste do estado do RS, especializada na produção de leite (SILVA NETO; BASSO, 2005), vem buscando aumentar sua especificação, proporcionando aos envolvidos uma expansão na economia das atividades ligadas a cadeia produtiva do leite e, ao mesmo tempo, gerar efeitos multiplicadores em atividades subsidiárias e complementares da economia regional (TRENNEPOHL, 2010).

A Figura 7 retrata os percentuais da distribuição da produção de leite por mesorregião, no ano de 2012, na qual a região Noroeste Rio-grandense representou uma grande fatia do mercado gaúcho. A produção de leite é bem distribuída pelo território, sendo que a Região do COREDE Noroeste Colonial tem uma importante participação desta produção.

Figura 7 - Distribuição da produção de leite por Mesorregião Homogênea no RS



Fonte: IBGE – Pesquisa Pecuária Municipal (2013).

A Mesorregião Noroeste Rio-grandense constitui como uma típica região colonial, com grande número de pequenas propriedades rurais, e vocação para produção de grãos (soja, milho, trigo) (EMBRAPA, 2007). Nesta região também estão presentes médios e grandes produtores que não apenas desenvolvem atividades ligadas a produção de grão, mas concomitante desenvolvem atividades ligadas à produção de leite. Essa região apresenta um processo mais dinâmico de desenvolvimento, por ser compreendida em sua maioria por produtores.

Esses produtores de leite da apresentam características de multifuncionalidade, por desenvolverem diversas atividades dentro da unidade de produção. Essa competência permite que os produtores diversifiquem sua produção e ao mesmo tempo, consigam desenvolver funções na atividade leiteira, assim como conciliar o ambiente de trabalho com outros sistemas de produção (JANTSCH et al., 2011).

Dessa forma, no contexto nacional, o RS é responsável por aproximadamente 12% da produção de leite e, em torno de 7,2% destes é originária da região Noroeste Rio-Grandense (CEPEA, 2012). Com estas constatações, os investimentos por parte das indústrias de laticínios, bem como incentivos governamentais, são cada vez mais evidentes na região. Trazem consigo modernização da atividade, através de inseminação artificial, ordenha mecânica, gestão nos processos, assim como pastagens artificiais, fornecendo toda a estrutura e condições necessárias para o desenvolvimento da produção.

3.3 Diversificação produtiva das indústrias processadoras no RS

Em se tratando de diversificação produtiva, observa-se que as indústrias ligadas ao setor lácteo gaúcho possuem um número elevado de empresas produtoras que desenvolvem algum tipo de atividade relacionado à cadeia produtiva do leite. Portanto, a intensificação das indústrias processadoras presentes no estado, está caracterizada pela dinamização econômica embasada fortemente pela urbanização, pela industrialização e pela modernização das técnicas de cultivo no campo (FONTOURA, 2014).

Deste modo, a concentração de produtores e de indústrias processadoras no noroeste gaúcho é uma tendência que vem se consolidando, em especial na última década, aliando o sistema de produção agrícola já consolidado (sojicultura) com a produção de leite. Este deslocamento da produção leiteira só foi possível devido à introdução do leite UHT, que permitiu que as unidades produtoras se instalassem longe dos principais centros

consumidores, possibilitando ao mercado do lácteo ocupar o mercado mundial (TRENNEPOHL, 2011).

O processo de concentração na indústria de laticínios brasileira foi intenso, com algumas empresas se destacando devido às estratégias agressivas de ação, tanto na compra da matéria prima como na disputa pelos mercados finais (JANK; GALAN, 1999). Essa aglomeração pode ser observada no estado do RS, que demonstra ao longo das décadas um expressivo movimento por parte das indústrias processadoras em instalarem-se e aumentarem suas plantas industriais, em especial na região noroeste. A concentração pode resultar da expansão da empresa pelo aumento do investimento na unidade produtiva ou pode ocorrer pela fusão, aquisição ou formação de *joint venture*¹⁹.

Esses processos de integração e alianças já eram possíveis de se observar entre os laticínios na década de 80. Neste período mais da metade das empresas passaram por algum procedimento de aquisição ou desenvolvimento de aliança estratégica. Ao passar dos anos esse movimento foi se intensificando e, na década de 90 quando as modificações já estavam em curso, foi possível perceber alterações no *ranking* das maiores empresas captadoras de leite (JANK et al., 1999; CARVALHO, 2000).

Desde a virada dos anos 90, este setor produtivo passou por ajustes que, segundo Jank; Galan (1999), resultaram em um ambiente competitivo completamente novo. Esse ambiente exige da indústria de beneficiamento, indústria de insumos e produtores rurais um enorme envolvimento e compromisso para que os setores da economia continuem proporcionando impactos positivos na cadeia produtiva do leite (MONTROYA; FINAMORE, 2005). A qualificação profissional de produtores e técnicos que estão envolvidos diretamente na atividade pode contribuir positivamente para o melhor entendimento do processo de desenvolvimento regional.

O número de indústrias processadoras e unidades de resfriamento no RS vêm se consolidando nos últimos anos, devido ao forte processo de fusões e aquisições que se fizeram presentes no estado. A distribuição de empresas por regiões dá uma noção de como a atividade tem relevância para as indústrias processadoras. A região onde se encontra uma maior concentração de empresas fica no Norte do estado, território que se constatou maior concorrência entre empresas para a aquisição de leite dos agricultores, investimentos e grande quantidade de plantas industriais instaladas.

¹⁹ *Joint venture* é uma expressão de origem inglesa, que significa a união de duas ou mais empresas já existentes com o objetivo de iniciar ou realizar uma atividade econômica comum, por um determinado período de tempo e visando, dentre outras motivações, o lucro (MARTINS, 2009).

No Quadro 5 é possível visualizar indústrias processadoras de leite que se encontram na região noroeste e/ou próxima a ela. Entre as indústrias apresentadas, é possível identificar que algumas das maiores empresas processadoras da matéria prima possuem suas plantas industriais no RS.

Quadro 5 - Plantas industriais captadoras de leite e unidades de resfriamento na Região Noroeste e RS

Nome da Indústria Processadora	Cidades	Logo marca da Indústria
NESTLÉ - Nestlé S.A.	Palmeiras das Missões; Carazinho	
CCGL – Cooperativa Central Gaúcha Ltda	Cruz Alta	
PIRANCAJUBA - Laticínios Bela Vista	Nova Ramada	
ITALAC - Goiasminas Indústria de Laticínios Ltda.	Giruá; Tapejara; Passo Fundo	
LACTALIS – Grupo Lactalis	Ijuí; Santa Rosa; Três de Maio	
LATVIDA - Indústria de Alimentos Estrela S.A.	Estrela; Coronel Barros*	
COOPERMIL - Cooperativa Mista São Luiz	Santa Rosa	
EMBARÉ S.A - Embaré Indústrias Alimentícias S.A	Sarandi	
SANTA CLARA - Cooperativa Santa Clara	Carlos Barbosa	
LANGUIRU - Cooperativa Languiru	Teutônia	
DALIA/COSUEL - Cooperativa dos Suinocultores de Encantado Ltda.	Encantado; Arroio do Meio	
TIROL - Laticínios Tirol S.A	Chapecó/Santa Catarina	
PIÁ - Cooperativa PIÁ	Nova Petrópolis	

* Planta industrial em fase de elaboração.

Fonte: Adaptado pelo autor com base nos Sites das Empresas Processadoras de leite 2018.

Dentre as indústrias processadoras citadas, as que estão mais próximas dos produtores do noroeste gaúcho, em especial dos produtores do COREDE noroeste colonial, são: CCGL; LACTALIS; Nestlé, Piracanjuba; ITALAC; Coopermil; Lactivida e Santa Clara. Essas são as cooperativas, empresas que constroem relações com os produtores de leite, pois muitos laticínios nacionais foram incorporados por empresas multinacionais, provocando uma concentração da indústria.

Por conseguinte, foi possível observar que muitos municípios não possuem empresas processadoras em suas sedes, o que é compreensível já que as cadeias produtivas de leite se estruturam regionalmente. Segundo Breitenbach; De Souza (2015) esse movimento se caracteriza no estado, porque o mesmo compõe em seu limite territorial municípios próximos, não havendo necessidade de instalações de plantas industriais de grandes infraestruturas, devido ao pequeno número de habitantes e a proximidade que existe entre os mesmos.

É nítido o predomínio de grandes grupos empresariais, nacionais e multinacionais, diversificados e especializados neste território. Estes grupos destacam-se no mercado, com lançamentos e novidades que ganham a preferência do consumidor, em um mercado com tendência de demanda crescente (VIEIRA FILHO; FISHLO, 2017).

As indústrias ao beneficiarem a matéria prima, tanto do leite, como da ração, conseguem gerar uma maior eficiência nos processos, tornando-as mais completas e atraentes para os produtores de leite. Essas indústrias ao utilizarem tecnologias de última geração conseguem produzir uma diversidade de produtos, atendendo os diferentes estilos de produtores.

Deste modo, o desempenho dessas indústrias tem sido avaliado pela sua capacidade de produção, qualidade dos insumos utilizados, diversificação (produtos e serviços), competitividade e a forma de distribuição empregada. Essas variáveis completam as relações, operações e especificidades da indústria, bem como o aumento da sua capacidade produtiva.

A produção de leite é uma atividade complexa cujo sucesso depende da integração dos componentes do sistema produtivo. O desempenho de rebanhos leiteiros está intimamente associado com seu manejo nutricional que é adotado na propriedade produtora de leite. Segundo Tomich et al. (2015), as empresas que se especializam na atividade estão buscando diversificar suas estratégias para aumentar a eficiência em relação ao uso de insumos incrementando a produtividade, contribuindo para a obtenção de um baixo custo e atendendo todas as necessidades da propriedade produtora de leite.

Na região noroeste do estado, o número de empresas que fornecem a matéria prima para os produtores de leite vem crescendo nos últimos anos. No Quadro 6, abaixo

apresentado, é possível identificar as indústrias que estão se especializando na produção de ração para bovinos de leite.

Quadro 6 - Empresas fornecedoras de ração de origem animal para bovinos de leite

Nome da Indústria Processadora de ração	Cidades	Logo marca da Indústria de ração
COTRIPAL - Agropecuária Cooperativa	Panambi	
COTRIBÁ - Cooperativa Agrícola Mista General Osório	Ibirubá	
PURO TRATO – Puro trato Nutrição Animal	Santo Augusto	
NUTREPAMPA - Equilíbrio em Nutrição Animal - Jost e Ferreira Ltda	Independência	
COTRIJAL - Cooperativa Agropecuária e Industrial	Não-me-Toque	
RAÇÕES SUPRA	Sapucaia do Sul	
COTRICAMPO - Cooperativa Tritícola Mista Campo Novo Ltda	Campo Novo	
CAMERA - Camera Agroalimentos S.A.	Santo Cristo	
COTRIMAIO - Cooperativa Agropecuária Alto Uruguai Ltda	Três de Maio	
COTRIFRED - Cooperativa Tritícola de Frederico Westphalen	Frederico Westphalen	
COOPERMIL - Cooperativa Mista São Luiz	Santa Rosa	
PIÁ - Indústria de Rações	Nova Petrópolis	
DAMBI/ CONSULATI - Cooperativa Sul Rio-Grandense de Laticínios e Rações	Pelotas	
AGROPAN - Cooperativa Agrícola Tupanciretã	Tupanciretã	
LANGUIRU - Cooperativa Languiru	Estrela	
COSUEL/DÁLIA - Cooperativa dos Suinocultores de Encantado Ltda	Encantado	

Fonte: Adaptado pelo autor com base nos Sites das Empresas Produtoras de ração para Bovinos de leite 2018.

Em consequência, ao aumento da produção de leite, a competitividade entre as indústrias que trabalham no setor de alimentação animal vem apresentando uma forte concorrência. Esta competição gira em torno da qualidade dos produtos ofertados, preços e formulação da ração apresentada para o produtor. Esses quesitos são considerados essenciais para que o relacionamento entre indústria/produtor seja duradouro (CASTRO et al., 1998).

Dentre as indústrias citadas acima, as que interagem mais com os produtores do COREDE Noroeste Colonial são: Cotripal, Puro Trato, Coopermil; Contribá; Cotrijal e Nutrepampa. Essas indústrias por estarem mais próximas dos produtores de leite da região, estão com uma linha de produtos que de certa forma vem contribuindo para a melhora da produção e manutenção dos animais presentes nas propriedades. No entanto, as cooperativas que ofertam insumos para os produtores exigem que os mesmos sejam associados para obter descontos nos produtos adquiridos. Essa ligação permite que a cooperativa beneficie o produtor com preços menores e mais atraentes e de contrapartida, os produtores consomem os produtos ofertados.

As indústrias processadoras além de ofertar a ração, também disponibilizam outros insumos para a produção. Esses insumos são considerados como “instrumentos de troca” para os produtores que utilizam, por exemplo, medicamentos veterinários, adubos, fertilizantes, defensivos químicos, sal mineral, sementes, material genético, equipamentos de ordenha e refrigeração, máquinas agrícolas, embalagens, refrigeração e insumos em geral, em suas propriedades.

A região noroeste colonial do RS, através destas empresas, vem demonstrando sua modernização do setor leiteiro. Esse movimento destaca-se pelo crescimento da produção leiteira, diversidade de insumos produzidos pelas indústrias, produtividade média dos rebanhos e pela coleta do leite a granel nas propriedades produtoras. Esses eventos permitem que, em determinada área geográfica, ocorra à concentração de produtores, ocasionando a redução de custos de transportes, gerando ganhos de escala para as empresas, permitindo investimentos de grandes proporções na ampliação da capacidade produtiva da região, conforme descrito nos itens a seguir.

3.3.1 Estrutura, distribuição e produção de leite no RS

A atividade leiteira, tradicional no estado, tem potencial para ocupar espaços de mercado e proporcionar um efeito multiplicador para o desenvolvimento de diferentes setores da economia regional (TRENNEPOHL, 2010). Esse efeito é perceptível na região noroeste,

quando além das indústrias processadoras de leite, ração, outras empresas, indústrias e cooperativas de segmentos ligados à pecuária leiteira suscitam investimento para as cidades, com tecnologia e renda.

Cada atividade econômica integrante na pecuária leiteira gera demandas para atividades complementares e subsidiárias. Porém, interessa observar as novas possibilidades de desenvolvimento, que com a velocidade das informações, se propagam e propiciam o aumento da capacidade inovativa das empresas de uma região. Essas atividades incentivam a especialização de certas etapas do processo produtivo, garantindo o surgimento de novas atividades econômicas, capazes de contribuir decisivamente na geração de mais emprego e renda (LIMA; LUCCA; TRENNEPOHL, 2014).

O modo de se produzir leite e o aumento da produtividade dos fatores de produção deram novos status à atividade estimulando a produção e comercialização de leite para as cooperativas e indústrias processadoras. Esse novo estilo, vem evoluindo a mais de quatro décadas, e está buscando a profissionalização de todos os atores ligados a cadeia produtiva. O empreendedorismo e o bom gerenciamento das propriedades ajudam a entender o desempenho da pecuária leiteira no RS (MARTINS et al., 2018).

As mudanças tecnológicas incorporadas ao longo das últimas décadas estão refletindo em uma maior eficiência do uso dos fatores de produção disponíveis no ambiente (MARTINS et al., 2018). Esta ação torna cada vez mais intensiva a produção nas propriedades e empresas produtoras de insumos e matéria prima.

Em uma perspectiva socioeconômica, as atividades ligadas à pecuária leiteira contribuem, positivamente para a geração de emprego e renda no país. Segundo os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) (BRASIL, 2017), no RS, as três atividades da indústria de laticínios ligadas à indústria de transformação (Preparação do leite; Fabricação de laticínios e Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis) são responsável por 9.484 empregos diretos, o que representa 1,3% do emprego industrial do estado, tomando-se por base as indústrias extrativas e de transformação, e 7,7% do emprego da indústria de laticínios no Brasil (FAUTH; FEIX, 2015).

Com relação à estrutura de processamento de leite foram identificadas, conforme levantamento realizado pela EMATER (2017), 225 indústrias de diferentes portes em funcionamento no estado. Essa estrutura de processamento pode ser observada na Tabela 3, que demonstra os tipos de inspeção presentes e atuantes no território gaúcho, sendo “SIM” inspeção municipal, “CISPOA” inspeção estadual e “SIF” inspeção federal.

Tabela 3 - Estrutura de processamento de leite, por tipo de inspeção

Tipo de Inspeção*	Quantidade	Percentual (%)	Capacidade Instalada	
			Litros dia	%
Indústrias SIM	153	68,0	324.643	1,7
Indústrias CISPOA	37	16,4	1.114.190	6,0
Indústrias SIF	35	15,6	17.275.000	92,3
Total RS	225	100	18.713.833	100,0

*SIM – inspeção municipal, CISPOA – inspeção estadual, SIF – inspeção federal.

Fonte: Adaptado pelo autor com base na pesquisa realizada pela EMATER (2017).

Os dados divulgados pela EMATER (2017) sinalizam que a maioria das indústrias (68,0%) é composta por pequenas unidades de processamento, com inspeção municipal, que, no entanto, possuem uma capacidade instalada que representa apenas 1,7% do total no estado. Por outro lado, as 35 indústrias com inspeção federal possuem uma capacidade instalada para processamento de 17,2 milhões de litros/dia, o que equivale a 92,3% do total.

Essa diferença, demonstra o quanto as indústrias processadoras de leite estão evoluindo em relação às pequenas indústrias, cooperativas e queijarias. Esse movimento reprime a evolução das pequenas empresas, que apresentam dificuldades de seguir a legislação e muitas vezes são impedidas de participar de outros mercados.

A capacidade total de industrialização de leite no estado foi estimada em, aproximadamente, 18,7 milhões de litros/dia, ou 6,83 bilhões de litros/ano, considerando uma utilização de 100% da capacidade instalada nas unidades. A pesquisa realizada pela EMATER (2017), demonstra que as indústrias com inspeção municipal têm em média uma capacidade instalada de, aproximadamente, 324 litros/dia. Com inspeção federal, a capacidade instalada se aproxima dos 17,2 mil litros/dia e, no caso da inspeção estadual 1,1 milhão de litros/dia.






Dividindo-se a produção anual de leite destinada à indústria conforme estimativa realizada pelo IBGE (2018): cerca de 4,5 bilhões de litros por 365 dias, obtém-se um valor médio de 12,32 milhões de litros de leite/dia. A partir dessa informação, estima-se que a produção de leite do RS destinada à indústria corresponda, na média do ano, a 71,63% da capacidade instalada de industrialização, indicando uma ociosidade média de aproximadamente 28,37%. Esse levantamento, demonstra o potencial de industrialização que está presente no parque industrial do estado e a sua ociosidade.

O setor primário onde corre o manejo e produção do leite insere um contingente expressivo de trabalhadores ao mercado de trabalho, cujas oportunidades de emprego estariam por vezes limitadas, exigindo uma maior qualificação. No setor da indústria de transformação, a ampliação das indústrias processadoras, vem cada vez mais oportunizando trabalho em

atividades ligadas a produção. O setor de insumos, igualmente, vem ampliando o número de profissionais para disseminar seus produtos e serviços, resultante dessa vigorosa expansão da produção agropecuária no país (ALVES; SILVA, 2013).

Esse conjunto de oportunidades e transformações impactou todos os ramos ligados à atividade láctea. Diante de tais possibilidades e desafios, é possível observar, nos últimos dois anos, os principais estados produtores de leite e o ranking que cada um vem exibindo (Tabela 4). O amadurecimento da cadeia produtiva demonstra alterações nos cenários que se referem à produção, mas ainda assim, são necessárias políticas públicas estruturantes para alavancar de vez a produção de leite. Pode-se considerar que é uma cadeia produtiva em transformação e que vem buscando aprimorar sua organização e crescimento socioeconômico.

Tabela 4 - Produção dos principais estados produtores de leite e a Posição no Ranking

Produção dos Principais Estados	Produção de (milhões de litros)			Posição no Ranking Brasil		
	2016	2017	Variação	2016	2017	Variação
	Minas Gerais	8.971	8.913	-0,60%	1	1
Rio Grande do Sul	4.614	4.552	-1,30%	3	2	 1
Paraná	4.726	4.438	-6,10%	2	3	 -1
Goiás	2.933	2.990	1,90%	5	4	 1
Santa Catarina	3.114	2.980	-4,30%	4	5	 -1
São Paulo	1.706	1.694	-0,70%	6	6	 0

Fonte: Elaborado pelo autor com base MILKPOINT (2018); IBGE (2018).

O estado de Minas Gerais segue como o principal produtor de leite no Brasil, acompanhado pelo RS e Paraná. O RS, conforme estimativa divulgada pelo IBGE, volta a ocupar a segunda colocação em relação à produção de leite. O estado perdeu essa colocação nos anos (2015/2016), cujos motivos principais foram o baixo preço pago ao produtor, alto custo de produção e o endividamento dos produtores (EMATER, 2017; AGRANONIK, 2017). No ano de 2017 ocorreu uma recuperação, estimada também para 2018, na qual a produção permaneceu e o RS manteve a segunda colocação entre os estados que mais produzem a matéria prima (MILKPOINT, 2018).

A variação que ocorreu neste último ano, segundo as estimativas do IBGE, sinaliza que o Paraná foi o que teve maior redução na produção (-6,1%), fechando com 4,4 bilhões de litros, o que tirou do estado o posto de 2º maior produtor do Brasil, posição dos últimos dois

anos. Agora ocupada pelo RS, que apresentou redução de -1,3% na produção, fechando em 4,5 bilhões de litros.

Além disso, Goiás, que havia perdido uma posição no ranking em 2016 para Santa Catarina, recuperou-a em 2017 ao aumentar a produção em 1,9%, enquanto o estado do Sul recuou 4,3%. Esse panorama exhibe que todos os estados estão buscando aumentar o volume de produção e a produtividade média das propriedades rurais, mas se defrontam com situações adversas, que impedem uma ampliação mais abrangente. Apesar da queda de 0,5% na produção total, 2017 foi marcado pelo aumento na captação formal de leite no Brasil. Segundo o IBGE, 24,3 bilhões de litros foram captados formalmente, 5% a mais do que em 2016.

A produção de leite no RS vem crescendo continuamente. Dados estes mostram que as regiões que mais produzem leite estão se especializando e buscando maior eficiência. Nos últimos anos, segundos estudos realizados pela EMATER (2017); IBGE (2018) e Marion Filho et al. (2015), houve aumento na produtividade e na produção de leite no estado, decorrente do melhoramento genético, da nutrição animal e de avanços tecnológicos. Alinhado a esses fatores também podem ser observados a visão de negócio, clima favorável, solo e o manejo adequado.

Diante desta conjuntura, o produtor de leite teve que realizar investimentos para aumentar a produtividade, sendo que muitos deles foram para estar de acordo com as normativas e exigências impostas pelo mercado. Estes investimentos vêm diferenciando os produtores quanto à escala de produção, níveis tecnológicos e produtores que alternam a produção de leite com outras atividades (MACHADO, 2001; SCHNEIDER, 2003).

Os produtores, ao logo dos anos, estão conseguindo transformar a atividade leiteira em uma fonte de renda mensal contribuindo fortemente para o equilíbrio do “caixa” da unidade de produção (DE OLIVEIRA et al., 2005). No estado, os produtores que vendem leite para indústrias, cooperativas e queijarias somam mais de 65 mil (EMATER, 2017). Dentre os produtores familiares os que mais apresentam dificuldades, segundo Finamore et al. (2009), são os produtores que produzem de forma menos tecnificada.

Para que estes produtores tenham êxitos nas atividades desenvolvidas na pecuária leiteira, é necessário abranger uma série de fatores, tanto de dentro como de fora da porteira, ou seja, dispor de informações geradas na propriedade e no mercado (LOPES, 2007). Nessa mesma linha, é preciso que as propriedades alcancem eficiência administrativa, planejamento e organização para que consigam estruturar suas unidades de produção e alcançar a rentabilidade.

O que vem ameaçando a permanência dos produtores na atividade é a intensa pressão da mercantilização organizada pelo mercado, caracterizada pela baixa produção alcançada, pagamento por volume, crédito e aquisição de maquinários. Esse processo, de acordo com a perspectiva de Polanyi (2000), é interpretado como um procedimento que resulta em uma dependência cada vez maior do produtor ao mercado.

Torna-se indispensável que os produtores de leite tenham o conhecimento aprofundado de seu negócio para tentar não ficar totalmente dependente do mercado (SPAGNOL; PFÜLLER, 2010). Esse conhecimento é considerado um elemento básico para o desenvolvimento das atividades econômicas da propriedade, sendo que o produtor que não tiver a gestão de sua unidade de produção (planejamento, controle dos custos, construção de metas e administração do processo como um todo), pode ser afetado por vários problemas (endividamento, perda da capacidade produtiva, venda do patrimônio para saldar suas dívidas e o abandono da atividade) em sua propriedade (LIMA et al.;1995; SPAGNOL; PFÜLLER, 2010).

A partir do cenário de investimento e inovações no setor lácteo, o produtor que se modernizar e buscar rentabilidade para sua atividade possibilitará uma nova racionalidade no momento de fazer seus investimentos e desenvolver suas atividades na propriedade. Essa racionalidade adotada pode ser observada quando se analisa o volume de produção diária de leite, níveis de investimentos e a forma como são utilizados os instrumentos de trabalho. Deste modo, é possível analisar através do volume de produção diária divulgado pela EMATER (2017), conforme a Tabela 5, como estão estruturadas e conectadas as propriedades do estado, conforme as escalas de produção diárias.

Tabela 5 - Distribuição dos produtores de leite por volume diário de produção (nº de produtores e %)

Número de Produtores* que produzem leite	Total	Percentual (%)
Até 200 litros por dia	44.784	68,69
Entre 201 a 500 litros por dia	15.307	23,47
Entre 501 a 1000 litros por dia	3.923	6,02
Mais de 1001 litros por dia	1.188	1,82
Total	65.202	100

*referente aos produtores que vendem leite para indústrias, cooperativas ou queijarias ou que processam a produção em agroindústria própria legalizada.

Fonte: Adaptado pelo autor com base nos dados da EMATER (2017).

A distribuição dos produtores de leite total do RS conforme o destino predominante da produção, informado pela EMATER (2017), se aproxima dos 173.706 produtores. Dentre este número, 65.202 produtores vendem seu produto para alguma indústria, cooperativa ou queijaria; 11.339 produtores de leite encontram-se na informalidade, vendendo leite cru diretamente para os consumidores, ou comercializando derivados lácteos de fabricação caseira; os demais produzem leite para o consumo familiar ou oferecem outro destino à produção (EMATER, 2017).

Do ponto de vista social, as proposições de formas alternativas de organização da produção, motivadas por uma nova racionalidade, permitem que produtores que vivem na informalidade, e até mesmo os que comercializam seus produtos para alguma indústria, pudessem ressignificar seus processos e assim buscar alternativas para sua sobrevivência e permanência na atividade. Caso as alternativas adotadas sejam incompatíveis com os estilos de produtores, a vasão será em grande escala, demandando políticas públicas engajadas com a perspectiva de transformação social. Segundo Silva Neto; Preste de Lima; Basso (2003), os produtores de leite que aderirem a essa nova racionalidade, deverão buscar eficiência, profissionalização e maiores escalas de produção com menores custos, para continuarem desenvolvendo suas atividades em suas unidades de produção.

Não havendo oportunidades e condições de investir na atividade, os produtores que de modo geral, apresentarem baixo nível tecnológico, dificuldade de acesso a crédito, terras menos produtivas, disponibilidade de mão de obra, animais não melhorados geneticamente, estarão sujeitos a se manter na atividade, apenas garantindo uma remuneração mínima necessária para sua sobrevivência (PEDROSO, 2002).

Os indicadores de escala de produção, apresentados na Tabela 5, representam um cenário heterogêneo. Esses indicadores demonstram um panorama de como as propriedades produtoras de leite do RS, estão se organizando e buscando essa interação com o mercado.

Segundo Delgado, Bergamosco (2017) os produtores ao tentarem se inserir ao mercado ajustam-se aos padrões de exigência mercantil, além dos apelos de competitividade e rentabilidade que essa nova escala pode requerer. Neste caso, percebe-se que os produtores de leite com baixa tecnificação na propriedade, com limitações financeiras, dificuldade de acesso à informação, escassez de mão de obra especializada e assistência técnica, estão em busca de integração ao mercado.

Em relação à área destinada à produção leiteira, os estabelecimentos agropecuários do RS, vinculados a algum tipo de indústria processadora de leite, possuem propriedades com área média estimada em 19,1 hectares para produzir a matéria prima (EMATER, 2017). Logo,

os produtores do estado, mesmo possuindo uma pequena área para fazer o manejo produtivo dos animais, vêm se reestruturando para garantir uma produção adequada para sua permanência na atividade, requerendo o aumento da produtividade.

Na Tabela 6, é possível observar a evolução da produção leiteira nas últimas décadas. Comparando os dados do IBGE de 1960 com a estimativa do ano de 2017, percebeu-se um crescimento de 752,29% para a produção total de leite no estado. Em relação à produtividade média leiteira, houve um crescimento de 364,76%. Sendo assim, nota-se que o RS acompanhou o país no tocante ao crescimento da produção e produtividade leiteira nas últimas décadas, do século XX e início do século XXI.

Tabela 6 - Produção de leite no Rio Grande do Sul de 1960 a 2017

Ano	Vacas Ordenhadas	Produção Mil litros	Produtividade média (Litros/vacas/ano)
1960	668.905	605.034	905
1970	815.206	778.479	955
1975	836.504	815.718	975
1980	992.109	1.236.385	1246
1985	1.070.173	1.129.134	1055
1990	1.173.862	1.451.797	1237
1995	1.251.487	1.710.677	1367
2000	1.164.912	2.102.018	1804
2005	1.203.601	2.467.630	2050
2010	1.495.518	3.633.834	2430
2014	1.544.072	4.684.960	3034
2015	1.496.671	4.599.925	3073
2016	1.461.315	4.613.780	3157
2017*	1.368.586	4.551.601	3301

OBS: *Os dados do último ano divulgado são resultados preliminares e podem sofrer alterações.

Fonte: Adaptado pelo autor com base (IBGE, 2018), Pesquisa da Pecuária Municipal (2018).

Nos últimos anos, a produção de leite no RS tem apresentado algumas variações negativas em relação aos anos anteriores (2014/2015 e 2016/2017). Mas encontra-se crescendo sistematicamente, mesmo nos ambientes de intervenções do governo via planos econômicos, com preços controlados, importações, desregulamentação da economia, instruções normativas, fusões entre empresas e saída de produtores da atividade (VILELA et al., 2017). Esses episódios revolucionaram o setor lácteo trazendo distorções que prejudicaram a atividade leiteira em alguns momentos (desnacionalização das empresas

brasileiras, invasão de produtos importados) e em outros forçaram a modernização (ordenhas mecanizadas, genética) da atividade.

A nova dinâmica do setor tem motivado todos os agentes integrantes do âmbito da atividade leiteira, na propagação de novas técnicas, manejos e cuidados na gestão das propriedades. O amadurecimento da cadeia produtiva gera entre os produtores uma maior aproximação e discussão dos desafios e oportunidades que estão presenciando e qual será a tendência que poderá trazer reflexos positivos no futuro (VILELA; RESENDE, 2014).

A expansão da produção de leite da forma com vem evoluindo, continuará neste ritmo e com melhorias nas próximas décadas (CARVALHO et al., 2007). A tendência é de que a produção ultrapasse consideravelmente a expansão do consumo, destinando o excedente para a exportação. Para que isso aconteça, é imprescindível que setores estratégicos da atividade em conjunto com os produtores de leite se reorganizem e ajustem seus custos e processos para atender as demandas necessárias para exportação.

Para procurar entender o crescimento da produção de leite no período analisado, é importante compreender o perfil produtivo da atividade leiteira que se encontra no estado (PEDROSO 2002; EMATER, 2017). Algumas variáveis (tecnologia, investimento, genética e gestão) são relevantes para compreender o aspecto produtivo e o motivo da alta da produção apresentada nos últimos anos e da diminuição das vacas ordenhadas. Certamente, o manejo com instrumentos (*Free Stall*, *Compost Barn*, sistema de pastejo rotacionado, ordenha mecanizada, eficiência reprodutiva, melhoria na nutrição, melhoramento de pastagens, inseminação artificial, maiores cuidados higiênicos e sanitários, melhoria da genética do rebanho e melhor aproveitamento dos recursos disponíveis para esta produção) tem contribuído para o ganho em escala e para o melhor aproveitamento da área disponível na propriedade.

A obtenção de maiores níveis de produtividade média dos animais em propriedades produtoras de leite é condição necessária para um desempenho econômico eficiente (LOPES; REIS; YAMAGUCHI, 2007). Para se obter escalas de produção cada vez maiores, é crucial que ocorra a profissionalização e especialização dos produtores, bem como a redução na variação sazonal da produção leiteira (CASTRO et al., 1998). Além disso, as regiões produtoras de leite localizadas mais ao norte do estado apresentam uma série de atrativos, tais como clima temperado, disponibilidade de água, estrutura fundiária dominada por pequenas propriedades, mão de obra familiar e acesso dos produtores a crédito subsidiado (PAIVA; ROCHA; THOMAS, 2014; FEIX; JÚNIOR; AGRANONIK, 2017).

A redução do número de vacas ordenhadas é um indicador importantíssimo que vem sendo divulgado nas últimas décadas, em especial na mesorregião Noroeste Rio-Grandense por ser considerada uma região dinâmica e com maiores índices de produtividade do estado. Esse indicador demonstra que os rebanhos estão sendo melhor aproveitados, visando sua alta eficiência produtiva e técnicas reprodutivas mais avançadas para a obtenção de gestações e melhoramento genético (PRADIEÉ; PEGORARO; DERETI, 2017).

Segundo Milani et al., (2012), os produtores do estado investem cada vez mais em alimentação, genética apurada e infraestrutura que auxiliam em uma maior produtividade. Esses investimentos fazem com que os animais que não produzam conforme a necessidade da propriedade, sejam descartados. Esse descarte tem ocorrido com uma abrangência maior nos últimos anos, fazendo com que os rebanhos venham diminuindo e como consequência, tem-se o aumento da produção.

A maioria dos produtores que ainda permanecem na atividade estão buscando inovar e melhorar os processos ligados a unidade de produção. O desenvolvimento tecnológico e o conhecimento adquirido pelos produtores estão demonstrando mudanças nos estilos de produtores que permanecem integrados na pecuária leiteira.

3.4 Caracterização da região do COREDE Noroeste Colonial

Ao longo das últimas décadas o país vem ampliando os espaços de participação da sociedade nas políticas públicas. Os programas governamentais, nos diferentes âmbitos, são constituídos e implantados sob o controle de instâncias participativas, compostas pela representação dos governos e da sociedade (DA SILVA ARAÚJO, 2006). Neste caso, as políticas públicas que se apresentam como uma alternativa para os estados, tem como estratégia a base territorial, que é um instrumento de articulação dos diferentes agentes locais que trabalham na concepção, implementação, gestão e acompanhamento das diferentes regiões. Echeverri (2009) chama atenção a esta estratégia, não apenas pelos desenhos institucionais propostos, mas também pelas diferentes dimensões territoriais que atingem. A necessidade de focalizar as ações em públicos ou áreas específicas tem gerado um conjunto de instâncias participativas que extrapolam os espaços administrativos tradicionais.

A escala estadual, por sua vez, compreende as ações desenvolvidas pelo estado do RS através de seus poderes constituídos no território rio-grandense, por meio de diferentes recortes espaciais. Da mesma forma, compreende as manifestações e a participação dos

fóruns²⁰ e associações representativas dos atores regionais, que interagem na formulação de políticas de desenvolvimento regional (CARGNIN, 2014). Esses fóruns são espaços de discussão e são responsáveis pela identificação, priorização, encaminhamento das demandas locais e pelo acompanhamento da implementação de projetos, para melhor destinação de recursos públicos. Destacam-se, à definição de políticas estaduais, os Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDEs), a Política de Desenvolvimento Regional de 1998 e a Consulta Popular.

Embora, em uma primeira análise, não seja considerada como uma política de desenvolvimento regional, no sentido tradicional de incentivos à promoção de regiões deprimidas, a criação dos COREDEs, que foi delineada no início dos anos 90 e formalizada em 1994, pode ser considerada como uma das principais iniciativas no sentido de construir uma política regional para o RS (BANDEIRA, 2010). Por conseguinte, a estruturação dos COREDEs teve origem, a partir de 1991, na aproximação entre Governo e instituições regionais, em especial as universidades, tendo sido reconhecidos legalmente, através de decreto estadual, em 1994. Inicialmente, o estado foi dividido em 21 regiões e, atualmente, conta com 28 COREDEs.

Em 2003, foi iniciado o processo para a elaboração do Estudo de Desenvolvimento Regional e Logística para o RS (Rumos 2015), que se constituiu em uma ampla análise sobre a questão regional no estado, elaborando estratégias e propostas para a construção de uma política regional. Entre as propostas do projeto Rumos 2015, estava a criação de Regiões Funcionais de Planejamento²¹, a partir do agrupamento de COREDEs, como uma escala mais agregada, que possibilita o tratamento de temas de interesse regional. O estudo também disponibilizou uma detalhada radiografia sobre as diferentes regiões, atualizando o debate sobre as desigualdades regionais no RS e propondo alternativas para sua superação (RIO GRANDE DO SUL, 2015).

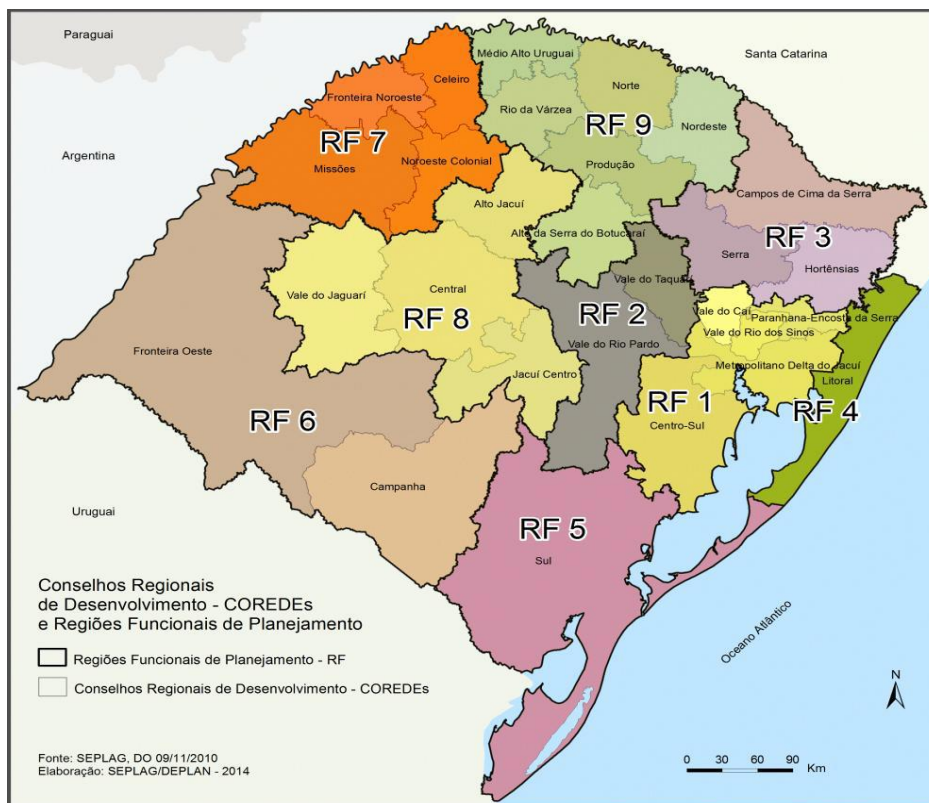
Dentre as nove Regiões Funcionais de Planejamento do estado do RS, o presente estudo abordou a Região Funcional de Planejamento 7, que engloba os COREDEs Celeiro, Missões, Fronteira Noroeste e Noroeste Colonial, conforme ilustra a Figura 8, abaixo

²⁰ São estratégicos no processo de articulação e integração dos atores locais, em nível de governo (prefeituras e câmaras municipais, órgãos estaduais e federais) e de sociedade civil (organizações indígenas, de produtores rurais e extrativistas, entre outros) devido à proximidade com essas entidades e ao maior conhecimento das realidades locais (BRASIL, 2009).

²¹ As Regiões Funcionais de Planejamento foram propostas pelo Rumos 2015, a partir do agrupamento de COREDEs como uma escala mais agregada que possibilita o tratamento de temas de interesse regional. A regionalização, juntamente com a divisão por COREDEs, passou a ser utilizada para o planejamento das ações governamentais, no Orçamento do estado e no Plano Plurianual (SEPLAN-RS/DEPLAN, 2015, p. 08; RIO GRANDE DO SUL, 2012).

apresentada. A região possui cerca de 7% do PIB e 7% da população do estado, sendo que 69% vivem nas áreas urbanas e 31% no meio rural. Apresenta forte tradição na atividade agrícola voltada para a produção de grãos, com destaque para a soja, milho e trigo; e, na pecuária, com produção de leite e criação de aves e suínos. As atividades primárias possuem boas possibilidades perante a expansão de novos setores, como o biodiesel e a produção de frutas (CARGNIN et al., 2014).

Figura 8 - Regionalização das Regiões Funcionais de Planejamento e dos COREDEs



Fonte: SEPLAG, 2010

Além de possibilitar uma compreensão e análise consistente da realidade da região Noroeste do estado do RS, a pesquisa deu ênfase ao COREDE Noroeste Colonial. Criado originalmente com 32 municípios pertencentes a duas sub-regiões com características socioeconômicas distintas, problemas específicos e diversidade de atores sociais: as chamadas “Região de Ijuí” e “Região Celeiro”. Como consequência de antigas reivindicações, em especial dos representantes da região Celeiro, em janeiro de 2008 o COREDE original foi desmembrado em dois: o novo COREDE Celeiro (na “região Celeiro”, com 21 municípios) e o atual COREDE Noroeste Colonial, que compõe a Associação de Municípios do Planalto Médio (AMUPLAN), na “região de Ijuí”, com 11 municípios, sendo eles: Ajuricaba, Augusto

Pestana, Bozano, Catuípe, Condor, Coronel Barros, Ijuí, Jóia, Nova Ramada, Panambi e Pejuçara, objeto de estudo.

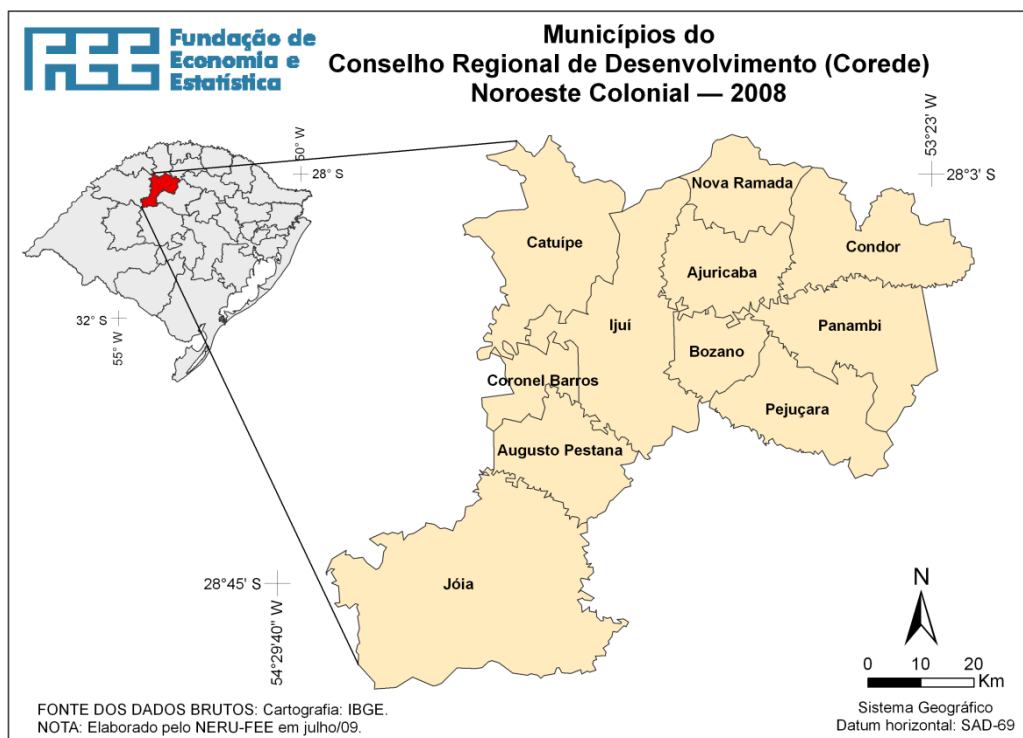
Dentre eles, Ijuí se destaca como sendo a Capital Regional. Os demais municípios são classificados como Centros Locais, como por exemplo, Panambi, que desponta como principal centro da Indústria de Transformação regional, devido ao crescimento do segmento de máquinas e equipamentos (COREDE NOROESTE COLONIAL, 2017).

3.4.1 Apresentação dos municípios que compõe o COREDE Noroeste Colonial

Os municípios poderão ser melhor compreendidos a partir de um breve histórico que será apresentado a seguir, com destaque para as empresas captadoras de leite na região: CCGL, Santa Clara, Italac, Lactalis, Lactivida, DPA/Nestlé e Piracanjuba. Essas empresas já desenvolvem atividades na região há décadas e algumas possuem suas plantas industriais nos municípios do COREDE. Devido à logística, estrutura e estilos de produtores, as empresas atuam com maior ou menor expressividade nestes municípios.

A Figura 9 mostra os onze municípios pertencentes ao COREDE Noroeste Colonial, objetos de estudo desta pesquisa.

Figura 9 - COREDE Noroeste Colonial e seus municípios abrangentes



O município de Ajuricaba em quase sua totalidade foi colonizado por imigrantes alemães e italianos, procedentes das Colônias Velhas do RS, como Bento Gonçalves e São Leopoldo. Marcou sua emancipação do município de Ijuí/RS em 1966. A distância da capital é de aproximadamente 450 km. Tem como base a produção agrícola, com destaque a produção de soja, trigo, milho, leite e peixe. A economia é basicamente voltada no setor primário, sendo a piscicultura uma das atividades de desenvolvimento e em plena expansão (COREDE NOR, 2010). As indústrias que atualmente captam leite no município são: CCGL, Italac, Lactalis, DPA/Nestlé e Piracanjuba, demonstrando que a captação de leite é muito concorrida pelas indústrias processadoras de derivados lácteos.

Augusto Pestana pertencente à Região Noroeste Rio-Grandense e à microrregião de Ijuí. Está localizado à 405 km de distância de Porto Alegre. Na comparação com os demais municípios gaúchos, ocupa a 201ª posição em população, 178ª em Produto Interno Bruto (PIB), 149ª em PIB per capita, 135ª em qualidade de vida (IDH-M) e 58ª em qualidade de gestão fiscal (IFGF) (COREDE NOR, 2010). O acesso principal a Augusto Pestana é através da rodovia estadual ERS-522, que cruza o município e faz a ligação com a BR 285 e a BR 392. As distâncias em relação às principais cidades da região são: Ijuí, 15km; Joia, 21km; Cruz Alta, 45km e Santo Ângelo, 54km (COREDE NOR, 2010). As indústrias que atualmente captam leite no município são: CCGL, Lactalis, DPA/Nestlé e Piracanjuba.

Bozano foi elevado à categoria de município pela lei estadual nº 10741, de 16 de abril de 1996, desmembrado de Ijuí. A história do município derivou do desenvolvimento de três distritos industriais: Bozano, Salto e Santa Lúcia. Tem sua localização a margem da BR 285 e está situado a 380 km da capital do estado. A economia é basicamente agrícola, contanto com produção bovina, aviária, ovinos, suínos, avicultura, soja, trigo, milho, aveia, leite, entre outros (COREDE NOR, 2010). As indústrias que atualmente captam leite no município são: CCGL, Piracanjuba, Santa Clara, Lactalis e DPA/Nestlé.

Catuípe, conhecida como a “Terra das Águas Minerais”, foi emancipada oficialmente em 16 de outubro de 1961. Localizada na Região Noroeste do RS, possui uma área de 583,258 km² e população aproximada de 9.477 mil habitantes (FEE, 2018). Entre as potencialidades do município destacam-se indústria, comércio, prestadores de serviços, produtos coloniais, artesanato e cultura, presente nas diversas manifestações do povo catuípano. Localiza-se a 419 km de Porto Alegre, cujo acesso se dá pelas RS 218 e RS 342 (COREDE NOR, 2010). As indústrias que atualmente captam leite no município são: CCGL, Italac, Lactalis, Lactivida, DPA/Nestlé e Piracanjuba.

Em 17 de novembro de 1965, pela lei 4.094, foi criado o município de Condor, instalado oficialmente em 14 de maio de 1966. Situa-se na região do Planalto Médio do estado do RS, pertencente à microrregião colonial de Ijuí, possui uma área de 465 km². Condor é eminentemente agrícola, tendo como suas principais atividades econômicas a plantação de soja, trigo e milho. O município é emergente na bacia leiteira e gado de corte. O setor industrial é formado por microempresas e agroindústrias. Segundo o Censo de 2000, Condor possui 6.491 habitantes, dos quais 3.420 (52,68%) residem na zona urbana e 3.071 (47,31%) na zona rural. A distância da capital é de aproximadamente 393 km, limitando-se ao norte com Palmeira das Missões, ao sul com Panambi, ao leste com Santa Bárbara do Sul e ao oeste com o Município de Ajuricaba e Nova Ramada (COREDE NOR, 2010). CCGL, Italc, Lactalis, DPA/Nestlé e Piracanjuba são as indústrias que mais captam leite no município.

Coronel Barros é um município de pequeno porte, criado em 20 de março de 1992, pela lei n 9.575. Localiza-se na região do planalto médio, a 428 km de Porto Alegre. O município tem sua economia baseada na produção primária, com destaque para as culturas de soja, milho, trigo e pastagens e produção de leite, pecuária de corte, piscicultura e conta também com duas das reservas basálticas da região que são exploradas por duas mineradoras. A população total do município é de 2.460 de habitantes, de acordo com a estimativa do IBGE (2011) (COREDE NOR, 2010). A CCGL, Italc, Lactalis, Lactivida e DPA/Nestlé são as indústrias que mais captam leite no município.

A antiga Colônia de Ijuhy foi fundada em 19 de outubro de 1890. Ijuhy significa, na língua guarany, "Rio das Águas Divinas". Recebeu imigrantes de várias nacionalidades, conhecida por Terra das Culturas Diversificadas, cidade Universitária, Colméia do Trabalho e Terra das Fontes de Água Mineral. Designada atualmente por Ijuí, localiza-se em um entroncamento rodoviário, passagem obrigatória para o MERCOSUL, à 395 km da capital. Todas as suas potencialidades são expressas através de uma firme economia baseada no seu forte setor agropecuário, comércio, indústrias e serviços; ensino qualificado, conferido por escolas da cidade e pela Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) e referencial em saúde, amparada por hospitais equipados, que dispensam auxílio integral a toda região (COREDE NOR, 2010).

O setor primário caracteriza-se pelas culturas anuais, especialmente soja, trigo e milho e pela criação de gado de corte e gado leiteiro. O setor secundário envolve a atividade industrial que tem participação no PIB do município e representa a segunda melhor renda entre as atividades econômicas. O setor terciário, representado pelo comércio e serviços, assume uma participação maior sendo considerado o setor que mais contribui para o PIB

municipal (COREDE NOR, 2010). No município de Ijuí está localizado uma das maiores unidades de processamento de leite e derivados da região: a “LACTALIS”. que está entre as indústrias que mais captam leite no município seguidas da CCGL, DPA/Nestlé, Italac e Piracanjuba.

O município de Jóia foi criado em 12 de maio de 1982. Conforme o IBGE é integrante da mesorregião Noroeste Rio-grandense e microrregião Cruz Alta, além de fazer parte do Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE) Noroeste Colonial. Sua área total é de 1.235,88 Km², tendo limites com os municípios de Eugênio de Castro, Augusto Pestana, Boa Vista do Cadeado, Tupanciretã e São Miguel das Missões (COREDE NOR, 2010). A distância da capital é de 520 km. Em Jóia, as indústrias que mais compram a matéria prima dos produtores são: CCGL, Lactalis, Italac e DPA/Nestlé.

Nova Ramada está localizado a distância de 444 km de Porto Alegre. Em 28 de dezembro de 1995, foi emancipado pela lei Nº 10.652, sendo que a instalação oficial do novo município aconteceu em 1 de janeiro de 1997. O nome, Nova Ramada, surgiu do acordo entre as vilas Barro Preto e Pinhal, tendo por base histórias reais do novo município, onde desde os anos 1920, girava em torno da palavra “ramada”, que significa “cobertura ou sombreamento” por folhagens verdes, onde a população se encontrava para realizar festejos populares (COREDE NOR, 2010). A economia baseada na criação de gado de leite e plantação de soja, milho e trigo representa uma significativa fonte de renda para os grupos familiares que desenvolvem tais atividades no meio rural, contribuindo de forma direta ou indiretamente na economia. Neste município está localizada uma planta industrial captadora de leite de uma das maiores indústrias processadora da matéria prima à Piracanjuba. Também disputam a captação de leite às empresas Lactalis, CCGL e DPA/Nestlé.

O município de Panambi localiza-se no entroncamento das rodovias BR-285 e BR-158 e pertence à região turística do Yucumã. À distância em relação a capital é de 380 km. Tornou-se conhecida como Cidade das Máquinas devido ao potencial do seu diversificado parque industrial, fruto do empreendedorismo de seu povo - característica presente desde o início da colonização, com destaque para as ferrarias, serrarias e outras oficinas artesanais. A extensão original da mata nativa abrangia principalmente as áreas situadas entre os rios Caxambu, ao sul, e o Palmeira, ao norte, envolvendo a maior parte da bacia hidrográfica do Rio Fiúza e projetando-se para oeste até as confluências do Rio Ijuí. Os dois tipos de revestimentos florísticos – as matas nativas e os campos – praticamente desapareceram ou foram modificados. Os campos foram transformados em lavouras – trigo, soja e milho principalmente e pastagens cultivadas. A originária mata nativa latifoliada, com raras

presenças de agrupamentos de araucária, praticamente desapareceu, restando apenas algumas áreas reduzidas em extensão (COREDE NOR, 2010). A CCGL, Italc, Lactalis, Lactivida, DPA/Nestlé e Piracanjuba são as indústrias que mais captam leite no município.

O município de Pejuçara fica a 385 Km de Porto Alegre e possui como principal via de acesso a RS 553. Posicionada geograficamente no Planalto Médio, na região Noroeste Colonial de Ijuí, conta com uma população de, aproximadamente, 4.000 habitantes. Pejuçara tem como terra mãe o município de Cruz Alta. É uma cidade conhecida como Terra da paz, da amizade, da religiosidade e da boa comida. Quanto a capacidade de uso das terras, o solo de Pejuçara, caracteriza-se por persuadir terras cultiváveis de forma continuada intensivamente e capazes de produzir boas colheitas de culturas anuais adaptadas, sem limitações sérias à mecanização (COREDE NOR, 2010). A CCGL, Italc, Lactalis, Piracanjuba e DPA/Nestlé são as indústrias que mais captam leite no município.

De modo geral, o COREDE Noroeste Colonial possui uma estrutura agropecuária voltada à criação de bovinos de corte e de leite e ao cultivo de grãos. A indústria possui vinculação com o setor primário, destacando-se a produção de máquinas e equipamentos para a agricultura e pecuária e os laticínios (COREDE, 2017). Sendo assim, a economia da região como um todo depende do desempenho da agropecuária, sofrendo impactos com a queda dos preços do leite e dos produtos agrícolas.

As atividades agrícolas se caracterizam pela presença de vários níveis de tecnificação e por apresentar propriedades com nível de mecanização e tecnologia avançada. Segundo a Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional (SEPLAN), o COREDE detém 1% da Indústria de Transformação do estado, despontando o segmento de fabricação de máquinas e equipamentos, com 49,1% do setor no COREDE, destacando-se os direcionados à agricultura e pecuária; e a fabricação de produtos alimentícios, com 32,8%, destacando-se os laticínios e a fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais. Nos Serviços, o comércio e serviços de manutenção e reparação possuem 32,6%, seguido pela administração pública, com 23,2% (SEPLAN, 2015).

Assim, a cadeia produtiva do leite, além de gerar recursos e desenvolvimento para os municípios do COREDE e para as regiões do estado, é responsável pela produção da matéria prima que alimenta milhares de pessoas no âmbito nacional e internacional.

3.4.2 Análise populacional do COREDE Noroeste Colonial

A região em estudo se destaca por apresentar bons indicadores de Educação, e concentrar instituições de ensino superior (COREDE NOROESTE COLONIAL, 2017). Possui um alto dinamismo na agropecuária e é considerado um centro de desenvolvimento regional (BERTÊ et al., 2016). Em 2010 possuía 166.599 habitantes, o que corresponde a 1,56% da população do estado: 79% residindo em áreas urbanas e 21% em áreas rurais. O município mais populoso segundo dados da FEE (2018) é Ijuí, com 87.585 habitantes, seguido de Panambi, com 43.351 habitantes. Os nove municípios restantes são de pequeno porte, contabilizando populações abaixo de 10 mil habitantes.

O COREDE Noroeste Colonial apresentou crescimento populacional no período compreendido entre 2010 e 2014, em seus municípios integrantes. Na Tabela 7 é possível observar essa evolução.

Tabela 7 - Evolução da população no RS, do COREDE e seus municípios de 2001 a 2014

População Total COREDE Noroeste Colonial e RS				
Municípios	2001	2005	2010	2014
Ajuricaba	7.739	7.666	7.255	7.610
Augusto Pestana	7.788	7.581	7.096	7.110
Bozano	2.354	2.299	2.200	2.219
Catuípe	10.234	9.966	9.323	9.519
Condor	6.569	6.629	6.552	6.066
Coronel Barros	2.488	2.526	2.459	2.846
Ijuí	76.972	79.327	78.915	84.528
Jóia	8.393	8.501	8.331	8.387
Nova Ramada	2.736	2.662	2.437	2.460
Panambi	33.490	36.170	38.058	41.717
Pejuçara	4.224	4.186	3.973	4.040
Total COREDE Noroeste Colonial	154.594	167.513	166.599	176.532
Total RS	10.365.992.00	10.705.605.00	10.693.929.00	11.207.274.00

Fonte: Adaptado pelo autor com base na FEE, (2015; 2017).

Em relação ao crescimento populacional nesse período, foi possível observar que a maioria dos municípios, no ano de 2014, tiveram estimativas de crescimento positivas em relação a 2010. Apesar de positivos, os valores no total foram relativamente baixos, apenas Coronel Barros obteve um crescimento de 15,74%, seguido de Panambi (9,61%) e Ijuí (7,11%). De acordo com os dados apurados, o COREDE Noroeste Colonial, apresenta um crescimento populacional maior do que a média do estado. Enquanto a população do estado do RS cresce 1,71% entre os anos de 2010 e 2014, a região apresenta um crescimento de 4,80% no período (COREDE NOROESTE COLONIAL, 2017).

No ano de 2010 o cenário foi praticamente de perdas de população em alguns municípios do COREDE, levando a um esvaziamento da população rural, comparado a 2005. Apenas o município de Panambi teve crescimento em sua população somando um total de 1.888 habitantes, o que equivale a 5,22%. Esse movimento se deve a forte procura por trabalho no principal polo metal mecânico na região. Deste modo, os empregos gerados exclusivamente nas atividades econômicas que compõem a delimitação do APL Metal mecânico Pós-Colheita representava, em 2012, 41,7% do total de empregos do território. Enquanto que os empregos formais representados pelo APL indicam um percentual de 46,5% do total da renda gerada por todos os empregos no território (DIEESE, 2014).

Segundo Woitchunas et al. (2018) esse movimento acaba atraindo mão de obra de municípios vizinhos, que se deslocam diariamente. Devido a esse movimento, Panambi é considerado o município que mais emprega colaboradores na fabricação de máquinas e equipamentos destinados a gerar soluções de equipamentos ligados à agricultura e pecuária (DIEESE, 2014).

Observa-se, no território gaúcho, que ocorre um esvaziamento populacional em alguns municípios, principalmente do setor rural. Essa oscilação é identificada no COREDE Noroeste Colonial, quando observamos os municípios de Ijuí e Panambi, que são os mais populosos. No município de Ijuí vivem 47,37% dos habitantes da região; em Panambi, 22,84%. Somados, estes dois municípios perfazem 70,21% da população total, que buscam alternativas nos municípios mais desenvolvidos do COREDE.

Segundo Trennepohl; Macagnan (2008), esse movimento de perdas e transformações populacionais no meio rural, ocorre devido às modificações nas condições de trabalho e renda da população. Liberados do trabalho no meio rural, buscam alternativas de emprego dirigindo-se para os centros urbanos locais mais próximos, criando uma nova dinâmica populacional (BERTÊ et al., 2016).

Na Tabela 8 é possível observar os dados populacionais, gênero, setor, taxa de urbanização e densidade demográfica dos municípios pertencentes a Região do COREDE Noroeste Colonial. A população deste COREDE, no ano de 2010, era de aproximadamente 166.599 mil habitantes, sendo que o setor urbano representava 78,67% da população e no setor rural 21,33%. A taxa de urbanização gaúcha, representada pela proporção da população que reside em área urbana, teve um crescimento nas últimas décadas. A população rural apresenta percentual inferior ao total de habitantes que reside no setor urbano. Esses dados indicam que uma parte da população rural se dirige aos centros urbanos mais próximos.

A proporção de homens e mulheres do COREDE apresentada na Tabela 08, nos mostra que no meio urbano as mulheres são a grande maioria e no rural esse processo se inverte, indicando um maior número de homens entre a população. Este indicador tem apresentado uma tendência de queda ao longo dos anos, mas o que se percebe dos onze municípios pertencentes ao COREDE, apenas três (Jóia, Nova Ramada e Pejuçara) tem como indicador no total da população a maioria masculina. Esses dados seguem em conformidade com o que o Brasil vem apresentando, onde a predominância feminina em termos absolutos permanece na sua maioria (IBGE, 2010).

Tabela 8 - População do COREDE Noroeste Colonial/RS – Por Gênero, Setor, Taxa de Urbanização e Densidade Demográfica por Município – 2010

Municípios	Total			Urbana			Rural			Taxa de Urbanização (%)	Densidade demográfica (hab./km ²)
	População	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher		
Ajuricaba	7255	3585	3670	4108	1963	2145	3147	1622	1525	56,62	22,44
Augusto Pestana	7096	3487	3609	3657	1727	1930	3439	1760	1679	51,54	20,42
Bozano	2200	1100	1100	629	312	317	1571	788	783	28,59	10,94
Catuípe	9323	4590	4733	5998	2876	3122	3325	1714	1611	64,34	15,98
Condor	6552	3219	3333	4034	1940	2094	2518	1279	1239	61,57	14,08
Coronel Barros	2459	1219	1240	1093	535	558	1366	684	682	44,45	15,09
Ijuí	78915	38112	40803	71550	34351	37199	7365	3761	3604	90,67	114,51
Jóia	8331	4306	4025	2089	1016	1073	6242	3290	2952	25,08	6,74
Nova Ramada	2437	1246	1191	670	313	357	1767	933	834	27,49	9,57
Panambi	38058	19013	19045	34562	17229	17333	3496	1784	1712	90,81	77,53
Pejuçara	3973	2008	1965	2672	1312	1360	1301	696	605	67,25	9,59
COREDE Noroeste Colonial	166599	81885	84714	131062	63574	67488	35537	18311	17226	78,67	32,2

Fonte: Adaptado pelo autor com base nos dados (FEE, 2010; SIDRA, 2018).

Percebe-se que a população está distribuída em onze municípios com uma área de 5.168,0 km², apresentando uma densidade demográfica média de 32,20 habitantes/km². Este fato reflete a presença de médias e grandes propriedades, onde predominam a classe populacional, com baixas densidades. Os municípios mais densamente povoados são Ijuí com 114,51 hab./km² e Panambi com 77,53 hab./km², que estão acima da média regional (COREDE NOROESTE COLONIAL, 2017).

No ano de 2010 os dois municípios apontados como os mais populosos foram Ijuí, com 90,67% da sua população vivendo no meio urbano, e Panambi, com 90,81% de seus habitantes no mesmo meio. Esta taxa de urbanização é maior do que a média do estado do RS, que está em 85% neste mesmo ano. O processo de urbanização destes ocorre desde os anos 60 do século passado, quando a mecanização da agricultura

promoveu uma forte migração do campo para a cidade. No Corede Norc foram estes dois municípios que receberam mais pessoas. Desde lá o processo de urbanização se intensifica (COREDE NOROESTE COLONIAL, 2017 p.31).

Na Região do COREDE evidencia-se uma grande heterogeneidade entre os municípios. Os municípios apresentam parcela significativa residente na área rural, mas os municípios de Ijuí e Panambi ao longo dos anos apresentam uma população urbana maior que a rural (MANTELLI, 2006). Esses municípios são considerados os polos regionais onde adquirem importância as atividades extra agricultura (Indústria, Comércio e Prestação de Serviços), sendo também responsáveis por absorver demandas relativas aos aspectos de saúde, educação indústrias e de serviços especializados (BERNARDES, 1997).

Destaca-se que dos nove municípios restantes, quatro deles apresentam uma taxa de urbanização abaixo dos 50% (Bozano 28%, Coronel Barros 44,45%, Nova Ramada 27,49% e Jóia com 25,08%). Esses percentuais são visíveis, pois os municípios são praticamente considerados rurais, com poucas empresas ligadas ao comércio e prestação de serviço, o que reforça a sua característica de preponderância populacional no meio rural (COREDE NOROESTE COLONIAL, 2017).

Os municípios com população abaixo de dez mil habitantes, na sua grande maioria mantem sua atividade econômica no meio rural, mas vivem no meio urbano. Segundo Mera; Neto (2012), essa população busca no meio urbano mais próximo, melhores condições de vida, oportunidades de trabalho, novas alternativas de renda, qualificação, tecnologias entre outras e tem suas atividades econômicas voltadas ao meio rural.

3.4.3 Desenvolvimento da produção leiteira no COREDE Noroeste Colonial

O COREDE Noroeste Colonial possui forte tradição na atividade agrícola voltada para a produção de grãos, com destaque para a soja, milho e trigo; e, na pecuária, com produção de leite e criação de aves e suínos (CARGNIN et al., 2014). Devido à tradição a estas atividades, as indústrias ligadas a esses segmentos estão buscando, cada vez mais, se instalar na região e ampliar suas plantas industriais.

O padrão tecnológico adotado para a realização destas atividades vem passando por transformações e inovações, sendo que no setor de grão a produção, manejo já se tem um avanço permanente da genética e da biotecnologia, e na agropecuária esses processos ainda não estão contemplando todos os municípios.

Em se tratando de agropecuária regional, a produção leiteira vem se destacando como a que mais cresce nos municípios do COREDE Noroeste Colonial. Tal crescimento pode ser observado na Tabela 9, que apresenta o total de leite produzido, números de vacas ordenhadas e quantidade produzida por estabelecimento, entre 2006 e 2017.

É possível perceber que o volume de leite produzido foi maior em todos os municípios do COREDE, motivo que ressalta o fortalecimento da cadeia produtiva na região e eleva o potencial de modernização, tecnificação utilizado nas propriedades e indústrias ligadas ao setor leiteiro.

Tabela 9 - Produção de leite no COREDE Noroeste Colonial – Total de estabelecimentos, vacas ordenhadas e quantidade produzida entre 2006 e 2017

Municípios COREDE Noroeste Colonial	Total de Estabelecimentos agropecuários que produzem leite			Total de Vacas ordenhadas Estabelecimentos agropecuário que produzem leite			Quantidade Produzida de leite Estabelecimentos agropecuários (mil litros)		
			Variação			Variação			Variação
	2006	2017*		2006	2017*		2006	2017*	
Ajuricaba	592	380	-35,81%	4136	6230	50,63%	12.507	41.977	235,63%
Augusto Pestana	730	429	-41,23%	6266	8229	31,33%	19.614	48.067	145,06%
Bozano	270	167	-38,15%	1344	1495	11,24%	3.072	6.142	99,93%
Catuípe	760	487	-35,92%	4877	5805	19,03%	11.450	25.216	120,23%
Condor	394	278	-29,44%	3191	4480	40,39%	9.866	30.625	210,41%
Coronel Barros	304	136	-55,26%	1875	1686	-10,08%	4.513	6.471	43,39%
Ijuí	1326	850	-35,90%	7619	9334	22,51%	19.522	45.396	132,54%
Jóia	895	622	-30,50%	5260	5922	12,59%	14.733	25.334	71,95%
Nova Ramada	337	242	-28,19%	1740	2747	57,87%	5.546	14.879	168,28%
Panambi	638	453	-29,00%	4992	4929	-1,26%	14.354	27.830	93,88%
Pejuçara	213	106	-50,23%	1692	1458	-13,83%	5.204	9.454	81,67%
Total	6459	4150	-35,75%	42992	52315	21,69%	120.381	281.391	133,75%

OBS: *Os dados do último ano divulgado são **Resultados Preliminares** e podem sofrer alterações

Fonte: Adaptado pelo autor com base (IBGE, 2018), Pesquisa da Pecuária Municipal (2018).

Ao que tudo indica, os produtores de leite do COREDE estão aumentando a produção média de leite por vaca/dia, o que representa sua integração com o mercado e a utilização de novas tecnologias para produção de leite, proporcionando ao produtor um aumento de escala de produção e uma qualidade superior do leite produzido. Os principais fatores que contribuíram para que esse aumento se concretizasse foram a modernização da atividade em especial a ordenha mecânica, que proporcionou praticidade e agilidade para o produtor e a inseminação artificial, que permitiu que o produtor renovasse seu plantel reprodutivo com um rebanho com alto potencial produtivo e genético (CARVALHO et al., 2007; VILELA et al., 2016).

A produção de leite neste território vem se consolidando como atividade âncora na composição da renda dos produtores, na absorção de mão de obra e agregação de valor na propriedade (CASTRO et al., 1998; MONTOYA; FINAMORE, 2010). Deste modo a atividade leiteira, apesar da enorme heterogeneidade nos seus sistemas de produção, busca se modernizar para continuar na atividade, mesmo contando com uma enorme diversidade estrutural que varia de município para município e de produtor para produtor. Segundo Corrêa et al. (2010) são vários aspectos que apresentam diferenças na forma de desenvolver o trabalho na propriedade, entre eles seus modos de produção, manejo, alimentação, genética, qualidade, armazenagem, distribuição, entre outros.

Nos últimos anos, observou-se forte expansão da produção leiteira no COREDE Noroeste Colonial. Essa produção cresceu conforme a estimativa do ano de 2017 em relação a 2006 (133,75%), enquanto que o número de vacas ordenhadas, no total, aumentou 21,69%. Esse percentual em alguns municípios (Coronel Barros, Panambi e Pejuçara) obteve variação negativa em relação ao número de vacas ordenhadas nos últimos anos. Mesmo apresentando uma redução de animais, o aumento na produção praticamente dobrou no período de 2006 a 2017 nesses municípios. Esta diferença indica ganho de eficiência no sistema produtivo, ou seja, as vacas ordenhadas passaram a produzir mais leite.

Conforme Zoccal (2018), com base nos dados do IBGE e da Pesquisa da Pecuária Municipal, foi registrada queda do rebanho produtivo em todas as regiões, exceto no Sul do País, que aumentou 23,3% no período de 2006 a 2016. Esses dados são observados na Tabela 9, representada no COREDE Noroeste Colonial, quando analisados os anos de 2006 e a estimativa de 2017, gerando um saldo positivo entre os municípios, conforme o aumento do número de vacas ordenhadas, que passou de 42.992 para 52.315, e de outra forma, devido a eficiência produtiva e aumento da produtividade dos animais.

Porém, apesar de incremento nos índices produtivos, o setor leiteiro enfrenta dificuldades em ser competitivo principalmente em produtividade, qualidade e eficiência. A produção de leite está dispersa em estabelecimentos agropecuários bastante heterogêneos. Em 2006, os estabelecimentos produtores de leite no COREDE, totalizavam 6.459 propriedades, que de alguma forma ofertava leite para a indústria, cooperativas ou queijarias. Em 2017, foram estimados, aproximadamente, 4.150 estabelecimentos, que proporcionou uma redução significativa (-35,75%) neste COREDE. O Município de Coronel Barros, que apresenta maior redução de estabelecimentos, variando de 304 estabelecimentos em 2006 para 136 em 2017, apresenta variação negativa (-55,26%), seguido de Pejuçara (-50,23%) e Augusto Pestana (-41,23%).

Os dados apresentados são preocupantes, pois de alguma forma essa redução dos estabelecimentos, mencionados na Tabela 9, repercute em todos os municípios do COREDE. Essa redução nos números de estabelecimentos está fortemente relacionada com o processo de modernização da atividade, que vem apresentando melhorias em alguns processos e dificultando outros. Fatos que repercutem diretamente na questão social dos produtores, os quais acabam deixando a atividade ou muitas vezes migrando para outros projetos por não disporem de condições financeiras, técnicas para se integrarem com o mercado.

De acordo com Souza (2009), cada território ao ser identificado, em função de sua estrutura produtiva e dotação interna de recursos, tende a crescer em ritmo diferenciado dos demais, de modo que assim são determinadas suas vantagens locais. No COREDE Noroeste Colonial, é possível perceber que a tendência de crescimento econômico vem ocorrendo de forma concentrada, em seus dois maiores municípios: Ijuí e Panambi, conforme Tabela 10, sobre a estrutura produtiva do COREDE. Esses resultados podem desencadear o aumento das desigualdades regionais entre os demais municípios.

Tabela 10 - Estrutura Produtiva do COREDE Noroeste Colonial 2012

Municípios do COREDE Noroeste Colonial	Valor adicionado Bruto (R\$ mil)				Estrutura (%)		
	Total	Agropecuária	Indústria	Serviços	Agropecuária	Indústria	Serviços
Ajuricaba	176.404	36.701	10.594	129.110	20,81	6,01	73,19
Augusto Pestana	143.141	41.221	13.174	88.746	28,80	9,20	62,00
Bozano	33.967	10.840	2.157	20.970	31,91	6,35	61,74
Catuípe	144.137	38.074	9.203	96.860	26,42	6,38	67,20
Condor	151.130	31.409	25.985	93.736	20,78	17,19	62,02
Coronel Barros	51.288	18.458	2.971	29.860	35,99	5,79	58,22
Ijuí	2.082.853	73.360	308.988	1.700.505	3,52	14,83	81,64
Jóia	160.150	61.204	7.749	91.198	38,22	4,84	56,95
Nova Ramada	51.804	17.907	2.909	30.988	34,57	5,62	59,82
Panambi	877.966	36.343	323.235	518.388	4,14	36,82	59,04
Pejuçara	92.788	30.240	4.572	57.977	32,59	4,93	62,48
Total COREDE	3.965.630	395.755	711.536	2.858.339	9,98	17,94	72,08
Estado RS	238.239.556	20.109.471	60.068.932	158.061.152	8,44	25,21	66,35

Fonte: Adaptado pelo autor com base no IBEG/FEE (2012) e COREDE Noroeste Colonial (2017), Perfil Socioeconômico (2015).

O crescimento da estrutura produtiva dos municípios do COREDE não desponta em todas as partes do território com a mesma intensidade, pelo contrário, manifesta-se em pontos ou polos de crescimento com intensidade variável (SCHULZ, 2016). Nesse contexto, destaca-se que os municípios que apresentam dificuldade de crescimento econômico nos setores exibidos (agropecuária, indústria e serviços), apresentam limitações em suas estruturas

socioeconômicas limitando-se a alguns avanços nos determinados setores (ALVES; LÍCIO; CONTINI, 2016; MONTOYA et al., 2017).

Conforme verificado na Tabela 10, comparativamente com o total estadual, o COREDE Noroeste Colonial possui estrutura produtiva com predomínio de serviços (72,08%) seguida do setor industrial (17,94%) e da agropecuária (9,98%). Esses indicadores sinalizam, que em meio a disparidade dos setores analisados, o setor de serviços é mais expressivo, destacando-se por apresentar maior Valor Adicionado Bruto (VAB) em todos os municípios do COREDE.

Ao observar a distribuição de cada setor de atividade entre os municípios, nota-se que há diferentes níveis de concentração, de acordo com o setor analisado. A agropecuária é distribuída em um número maior de municípios, enquanto a indústria e os serviços são mais concentrados.

No setor industrial é possível destacar os municípios que mais contribuem para o aumento do valor absoluto VAB: Panambi (R\$ 323,235 milhões) e Ijuí (R\$ 308,988 milhões), considerados polos regionais, ou seja, influenciam a economia com a geração de emprego e renda. Além de concentrar a maioria da população, comércio e serviços, Ijuí é considerado o principal centro de serviços da Região, enquanto Panambi se apresenta como destaque o setor industrial.

O setor de serviços é o que possui maior representatividade, alcançou R\$ 2,85 bilhões em 2012. No entanto, grande parte dos serviços prestam suporte as atividades agrícolas e industriais, dinamizando tais setores e a economia regional. Destacam-se nesta perspectiva os serviços educacionais, de saúde e de insumos para o abastecimento aos setores industriais e, principalmente, agropecuários.

No setor agropecuário, conforme a Tabela 10, grande parte do produto gerado nos municípios vem da produção de grãos e leite. Esse setor demonstrou 9,98% de participação no COREDE em 2012. Os municípios com maior representatividade na geração de valor agropecuário regional, são respectivamente, Ijuí (R\$ 73,360 milhões), Jóia (R\$ 61,204 milhões) e Augusto Pestana (R\$ 41,221 milhões).

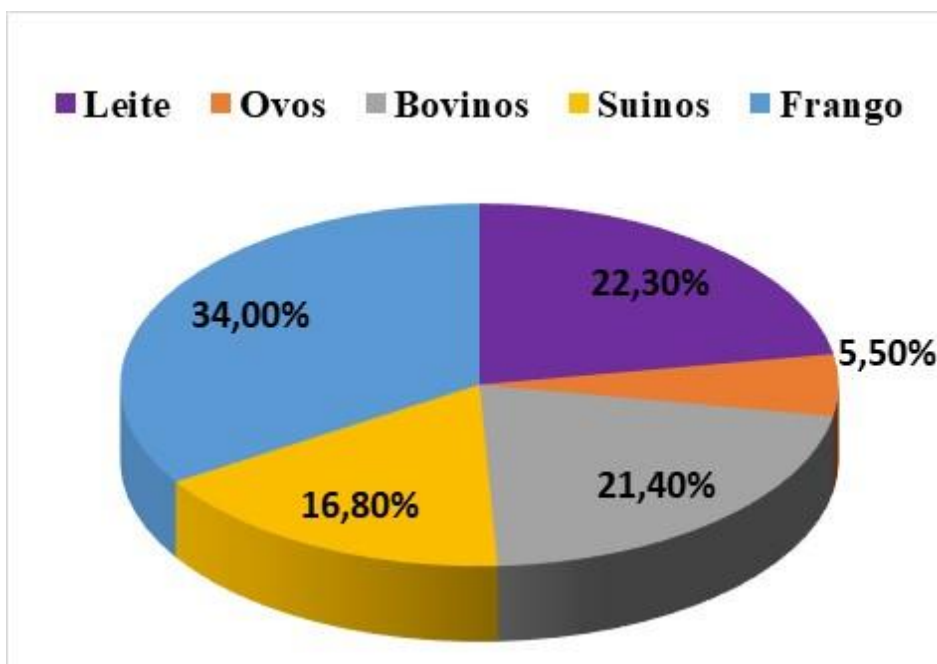
Outro fator importante é que os municípios com menor número de habitantes, são caracterizados por serem essencialmente rurais, ou seja, ligados a atividades agrícolas e pecuárias. Essa população, é intensamente dependente dos resultados provenientes destas atividades para sua manutenção, reprodução e sobrevivência no campo. Deste modo, Paiva; Rocha; Thomas (2014) sinalizaram em seus estudos que uma elevada participação do VAB agropecuário e industrial indica o potencial desses setores para gerar trabalho e renda para os

municípios, e por outro lado, uma participação do VAB no setor de serviços pode expressar uma crise produtiva da economia regional.

Entre os anos de 2008 e 2016, o valor de produção da agropecuária gaúcha cresceu 30,50% (BRASIL, 2017). Dentre os produtos de origem animal, os que mais contribuíram para a composição do Valor Bruto da Produção (VBP) da agropecuária do RS no ano de 2015, estão dispostos na Figura 10. Em primeiro lugar o frango (34%), seguido do leite (22,3%), bovinos (21,4%), suínos (16,8%) e, em quinto lugar, ovos (5,5%).

Esses são considerados os produtos mais importantes na formação do VAB agropecuário. Estimativas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) apontam que o VBP da agropecuária do RS somou R\$ 55,7 bilhões em 2016. A produção pecuária totaliza R\$ 17,8 bilhões (31,9%), e a agricultura R\$ 38,0 bilhões (68,1%). Ressalta-se que entre os produtos que compõem a pecuária estão frango, leite, bovinos, suínos e ovos. E os que contribuem para a agricultura são soja, arroz, fumo, uva, milho, maçã, trigo, mandioca, batata inglesa e cebola.

Figura 10 - Composição do Valor Bruto da Produção da pecuária do RS



Fonte: Adaptado pelo autor com base em (FEIX; LEUSIN JÚNIOR; AGRANONIK, 2017).

Além da atividade leiteira, a avicultura e a suinocultura também avançaram significativamente. De acordo com a Figura 10, em 2015, as atividades (leite, frango e bovinos) correspondiam por mais de 70% do VBP da pecuária do RS (BRASIL, 2017). Nesse

ano, o VBP da pecuária gaúcha totalizou R\$ 19,1 bilhões, com cerca de um terço desse valor referente à produção de frangos.

Nessa mesma linha, Focchezatto; Ghinis (2012) ao estudar as relações produção agropecuária e a produção das atividades industriais e de serviços, apontam que o crescimento da produção urbana está relacionado com o aumento da produção agropecuária.

O crescimento da produção agropecuária dos municípios gaúchos está relacionado à expansão da produção das atividades urbanas [...] além disso, pode-se dizer que, de modo geral, o aumento do PIB do setor não agropecuário esteve relacionado, *coeteris paribus*, à queda dos indicadores de especialização/diversificação produtiva. Em outras palavras, pode-se concluir que melhores desempenhos urbanos dos municípios gaúchos estão relacionados, em média, a estruturas produtivas agropecuárias mais diversificadas. No entanto, esses resultados são heterogêneos dentre as regiões do Rio Grande do Sul, sendo que em oito microrregiões o crescimento do PIB do setor não agropecuário esteve associado à especialização produtiva agropecuária, enquanto que em 12 microrregiões o crescimento das atividades urbanas esteve associado à diversificação produtiva agropecuária (FOCHEZATTO; GHINIS, 2012 p.756).

De modo geral, diversificação e especialização produtiva agropecuária está relacionada, em grande parte, ao tamanho das propriedades rurais, e não diretamente ao volume de produção agropecuária das regiões (FOCHEZATTO; GHINIS, 2012). Portanto, as estruturas produtivas mais diversificadas, são constituídas por pequenas propriedades rurais, que são responsáveis por uma expressiva parcela da produção agropecuária no RS. Focchezatto; Ghinis (2012) afirmam que além de contribuir diretamente para o crescimento do produto agregado, a agropecuária impulsiona as atividades produtivas destinadas a suprir os mercados locais, como é o caso da construção civil, comércio e outros serviços, formando um círculo virtuoso rural-urbano nessas regiões.

O COREDE Noroeste Colonial concentra aproximadamente uma população de 181.170 habitantes, em uma área total de 5.168 km² (FEE, 2017). No ano de 2012, conforme Tabela 11, o COREDE apresentou um Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 4.431.153,75 e no ano de 2013 R\$ 6.121.115,99. Neste período o PIB do COREDE teve uma variação positiva de 38,14%, que proporcionou para os municípios uma participação significativa em relação ao estado.

Na comparação entre os anos, 2012 e 2013, é possível verificar que em todos os municípios do COREDE o PIB apresentou aumento. Os municípios de Ijuí e Panambi apresentam maior PIB, pois possuem sua economia alicerçada no setor de serviços e são os municípios que apresentam o maior número de habitantes. Devido a ocorrência de estiagens, o desempenho do PIB estadual e dos municípios do COREDE no ano de 2012 foi afetado

negativamente. Essa estiagem afetou, em especial o setor agropecuário, com reflexos diretos na indústria de transformação e serviços.

Tabela 11 - PIB e PIB *per capita*, Participação do estado e COREDE Noroeste Colonial

Municípios COREDE Noroeste Colonial	PIB 2012 R\$ mil	% do COREDE	% do ESTADO	PIB 2013 R\$ mil	% do COREDE	% do ESTADO	PIB <i>per capita</i> R\$ 2012
Ajuricaba	194.220,71	4,38	0,07	201.506,99	3,29	0,01	27.023,89
Augusto Pestana	153.596,78	3,47	0,06	238.397,80	3,89	0,01	21.973,79
Bozano	35.526,60	0,80	0,01	71.330,27	1,17	0,00	16.304,09
Catuípe	152.892,65	3,45	0,06	267.181,37	4,36	0,01	16.635,04
Condor	164.470,19	3,71	0,06	253.330,82	4,14	0,01	25.064,03
Coronel Barros	54.409,65	1,23	0,02	84.540,58	1,38	0,00	22.117,74
Ijuí	2.342.987,00	52,88	0,84	2.760.177,91	45,09	0,08	29.510,14
Jóia	167.567,70	3,78	0,06	361.459,52	5,91	0,01	20.094,46
Nova Ramada	55.106,05	1,24	0,02	87.388,98	1,43	0,00	23.018,40
Panambi	1.011.799,41	22,83	0,36	1.596.716,55	26,09	0,05	26.022,98
Pejuçara	98.577,00	2,22	0,04	199.085,20	3,25	0,01	25.013,19
Total COREDE Noroeste Colonial	4.431.153,75	100,00	1,60	6.121.115,99	100,00	0,18	26.451,49
Estado RS	277.657.665,66		100,00	3.331.095.182,85		100,00	25.799,21

Fonte: Adaptado pelo autor com base no IBEG/FEE (2012) e COREDE Noroeste Colonial (2017), Perfil Socioeconômico COREDE Noroeste Colonial (2015).

Segundo estudos realizados por Vieira Filho; Fishlow (2017, p. 84):

O agronegócio brasileiro, que inclui toda a cadeia de produção e distribuição de alimentos, foi responsável por 22% do PIB em 2015. A agricultura representou 70% e a pecuária 30% restantes. Uma análise comparativa dos censos agropecuários (1960-2006) mostra que o número de fazendas cresceu acentuadamente até 1980. Além disso, o uso da terra expandiu-se em novas áreas agrícolas. Desde então, tem havido certa estabilidade no número de fazendas, situando-se em 5,1 milhões em 2006. A redução da área média por exploração observada desde o início do período reflete, entre outras coisas, o aumento da produtividade da terra, das plantas e dos animais, alcançada por meio de investimento em pesquisa, ciência e tecnologia (VIEIRA FILHO; FISHLOW, 2017 p. 84).

Quando a economia experimenta um “*boom*” econômico, há um aumento no produto, no emprego e na renda (BUAINAIN et al., 2014). Esse é um momento favorável para elevar os investimentos e criar inovações que possam reduzir o custo de produção, expandir os lucros e transformar a fronteira de produção (VIEIRA FILHO, 2014).

Com base na Tabela 11, é possível observar que o PIB *per capita* do COREDE era de R\$ 26.451,49, superior à média do Estado (R\$ 25.779,21), o que o colocou na sétima posição entre os 28 COREDEs, no ano de 2012. Entre os onze municípios do COREDE, três (Ajuricaba, Ijuí e Panambi) apresentaram PIB *per capita* acima da média do estado do RS. O município de Ijuí é o que apresenta o maior valor do PIB *per capita* (R\$ 29.510,14) e o município de Bozano apresenta o menor PIB *per capita* (R\$ 16.304,09) entre os municípios

que integram o COREDE Noroeste Colonial. Denota-se, inclusive, que no ano de 2012, oito municípios apresentaram PIB *per capita* abaixo do apresentado pelo RS.

Não obstante a produção de leite e derivados encontra-se presente na economia do estado, em especial no COREDE Noroeste Colonial, foco empírico da pesquisa, fortalecendo o setor produtivo. Esse conjunto impõe medidas de apoio à ampliação da produção dos produtores que estão ligados à pecuária leiteira, diversificando, agregando valor e integrando-se a cadeia produtiva do leite.

A contextualização do referencial bibliográfico discutido até o presente momento se dará a seguir, através da pesquisa de campo proposta. O caminho metodológico, descrito no Capítulo 4, contempla além dos procedimentos de coleta de dados, a análise e interpretação a partir do marco teórico metodológico utilizado, possibilitando analisar as estratégias socioeconômicas dos produtores de leite frente ao mercado no COREDE Noroeste Colonial.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo encontra-se o caminho metodológico percorrido, relacionado com a discussão teórica exposta anteriormente. Para isso serão descritos os procedimentos adotados para a operacionalização da pesquisa, divididos em quatro partes. Na primeira, é apresentado o método de abordagem que deu suporte ao desenvolvimento da pesquisa, servindo como base para a compreensão da realidade. A segunda contém a descrição das técnicas de pesquisa, utilizadas para a coleta dos dados, sintetizadas em um quadro que relaciona a metodologia com os objetivos específicos propostos. Na terceira parte encontram-se os procedimentos de coleta e sistematização dos dados e, por fim, a análise e interpretação dos dados obtidos.

4.1 Marco teórico-metodológico

A dialética constituída a partir de Marx é apresentada como possibilidade teórica, ou seja, como instrumento lógico de interpretação da realidade para analisar as estratégias socioeconômicas dos produtores de leite frente ao mercado no COREDE Noroeste Colonial. Partindo-se do pressuposto de que as relações de produção entre os produtores de leite e mercado apresentam contradições. O método utilizado serviu de suporte para compreender a influência do processo de globalização dos mercados sobre os produtores de leite e como os mesmos estão buscando estratégias para permanecer na atividade. A dialética, que aparece no pensamento de Marx, surge como uma tentativa de superação da dicotomia entre o sujeito e o objeto, que trata o conhecimento como uma construção social, o qual está vinculado ao contexto histórico.

A lógica dialética para Durant (1996) é estimada como uma possibilidade de compreensão da realidade, na qual em sua essência é considerada contraditória e em permanente transformação. Neste sentido, Marx (1975) complementa que a perspectiva vem da análise das grandes contradições do sistema capitalista e da produção de espaços desiguais que aparecem sinalizando o desemprego, pobreza, desigualdades sociais, corrupção e até mesmo a fome. Com esses problemas identificados, o método do materialismo histórico dialético compreende o homem como um ser social e considera que as relações políticas e econômicas, são introduzidas no debate, para compreender tais desigualdades existentes. Essas relações são influenciadas pela intervenção direta do homem através de sua prática, o que contribui para modificar a história (PIRES, 1997).

O referido método, a partir de um conjunto de categorias específicas (totalidade, contradição, historicidade e mediação), possibilita uma compreensão sobre o movimento da realidade concreta a partir do reconhecimento de que ela é contraditória, processual e multicasual. Não basta apenas compreender a essência, é necessário entender para mudar. O pesquisador busca compreender a essência oculta nas relações sociais historicamente produzidas com a finalidade de transformá-las (MARX, 1975).

As relações sociais apresentadas oferecem a necessidade de se conhecer os mais variados elementos que envolvem a prática econômica, política, social e cultural dessas relações e a necessidade de compreendê-las da forma mais completa possível. Deste modo, compreender o território em estudo, através de suas raízes históricas, configurações políticas, modos de produção, organização, relações estabelecidas e questões sociais é um papel extremamente importante para o aprofundamento da compreensão das relações sociais.

Nessa perspectiva, Frigotto (1994) discute que a totalidade não significa a soma das partes, mas um complexo mais geral constituído de pequenos complexos que se articulam em múltiplos níveis e através de diversos sistemas de mediações a outros, levando-nos a uma sequência real e também lógica, para entender a totalidade concreta.

Dessa forma, é possível analisar como se dá a interação entre os produtores de leite e (mercado) as indústrias processadoras da matéria prima e distribuidoras de insumos. Essa interação está em consonância com a dimensão multiescalar, sendo objeto de interesse na análise dos resultados e das repercussões territoriais das políticas de Governo no combate às desigualdades regionais. A totalidade, neste caso, possibilita que agentes integrantes do COREDE Noroeste Colonial se articulem diante da realidade, possibilitando, assim, uma compreensão a partir de uma perspectiva de totalidade.

No que se refere à categoria contradição, a mesma constitui-se na base conceitual explicativa mais ampla da dialética. A contradição provém das grandes transformações sociais, identifica os conflitos, inovações e mudanças proporcionadas pelo desenvolvimento. Esse movimento se refere a ampliação da realidade, que à princípio indica contradição, por isso, para pensar a realidade “é possível aceitar a contradição, caminhar por ela e aprender o que dela é essencial” (PIRES, 1997, p.87). Deve-se conhecer a realidade concreta, ainda que provisória, para, então, nos aproximamos do real e transformá-la.

Assim, é possível evidenciar os conflitos existentes, que embora não sejam aparentes estão na essência dos processos sociais, como é o caso, por exemplo, das Instruções Normativas nº 51, nº 62 e nº 07 que modificaram a cadeia produtiva do leite (BRASIL, 2002; 2011; 2016). Fica claro que, embora todos busquem o desenvolvimento da região, cada ator

ou grupo de atores o entendem de forma distinta. A contradição, neste caso, está relacionada com o fato de que, embora se trate da definição de uma prioridade em nível regional (melhoria da renda e das condições de vida), o que prevalece são interesses particulares dos atores envolvidos, seja os empresários e/ou as indústrias que dominam o mercado.

A categoria mediação possibilita a expressão de relações concretas, vinculando, de forma dialética, diferentes momentos com um todo, indicando que nada é isolado (CURY, 1985; 2000). Pode-se dizer, ainda, que a mediação abre espaços para a concretização das teorias, tornando-se norteadora das proposições que se apresentam. Sem as mediações, as teorias se tornam vazias e inertes, sem muitas contribuições para trabalho. E, sem as teorias, as mediações se tornam ofuscadas, sem muito sentido para a análise do pesquisador.

As mediações são consideradas como categorias instrumentais. Segundo Martinelli (1993), é através das mediações que as ações profissionais ganham visibilidade e se tornam concretas, pois a concretude dos fatos expressa o real, trazendo consigo instrumentos, recursos e técnicas que permitem propostas de ações e estratégias.

Assim, é possível analisar as estratégias adotadas pelos produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial a partir de uma situação singular e isolada (particular) reconhecendo suas inter-relações mais amplas, a partir de uma visão de totalidade. Por meio da relação particular-singular-universal é possível avaliar as particularidades dos produtores de leite e suas inter-relações com os demais agentes do setor e o estabelecimento de sua manutenção no mercado lácteo.

Em relação direta com as mediações se encontram os processos históricos. Neste processo busca-se conhecer o conjunto de fenômenos que aconteceram e acontecem na vida daquele usuário, grupo, instituição ou comunidade. A historicidade é o movimento que realizam estes sujeitos ou instituições, ou seja, é o reconhecimento da processualidade que há na história (CURY, 1985, p.43).

A categoria historicidade possibilita a compreensão de fenômenos sociais, dos processos de mudanças dos sujeitos e dos processos sociais constituídos na sociedade, de forma processual e contínua, que provocam alterações na própria sociedade. Como afirma Frigotto (1994), é somente na história que o homem existe e realiza a si mesmo. É o homem quem cria a história e vive nela, muito tempo antes de reconhecer a si mesmo como um ser histórico.

Prates (2006) considera a historicidade como o reconhecimento da processualidade, do movimento e transformação do homem, da realidade e dos fenômenos sociais. Isso significa

que a realidade não é estática, devendo ser analisada pela sua dinâmica processual, ou seja, pelo movimento dos atores ou instituições diante dos fenômenos.

Essa categoria possibilita analisar o processo de modernização e os movimentos que estão acontecendo na cadeia produtiva do leite do COREDE Noroeste Colonial. É necessário que se compreenda que a região deriva de um território formado por indivíduos, agentes, que precisam se estruturar enquanto classe social para dar continuidade no desenvolvimento do território.

A reflexão aqui apresentada tem como intuito ancorar-se no entendimento que a relação entre os atores envolvidos é contraditória, tanto nos interesses quanto na percepção e, ao mesmo tempo, está em constante transformação a partir das interações ocorridas. Deste modo, incentiva-se o estudo das especificidades e particularidades regionais, no âmbito do desenvolvimento regional considerando seus aspectos históricos, culturais, econômicos, políticos, ambientais, geográficos e sociais.

O método utilizado possibilitou o apoio necessário para o alcance do objetivo proposto neste estudo, que é o de analisar as estratégias de reprodução socioeconômica dos produtores de leite frente à dinâmica de expansão da indústria láctea no RS. Também possibilitou o entendimento e a compreensão da realidade dos produtores de leite, o contexto histórico, político e econômico no qual estão vinculados.

Por fim, Marx observa esta etapa como materialidade da realidade e sua representação no campo das ideias, no campo mental. Esse movimento estabelece conexões, mediações e reestruturações na cadeia produtiva do leite. Por meio de recursos teóricos e demais informações e dados coletados, produziu-se uma análise teórico-crítica, embasadas nas informações primárias e secundárias, para compreender como as relações existentes entre os fatos, fenômenos e objetos constituem a totalidade. Em outras palavras, é o que o Marx chama de concretizar o abstrato.

4.2 Técnicas de pesquisa

Com a possibilidade de existirem contradições entre os fenômenos investigados, utilizou-se, aqui, a técnica de pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, a partir de entrevistas semiestruturadas. Esse método segundo Pavani (2006), em um âmbito geral, indica um conjunto de regras, instrumentos, técnicas e procedimentos que permitem conhecer a realidade.

A presente pesquisa descreveu características e peculiaridades da cadeia produtiva do leite, partindo de um enfoque nacional, destacando o estado do RS e principalmente o COREDE Noroeste Colonial, identificando constructos e variáveis. O estudo perpassou pela trajetória de desenvolvimento da pecuária leiteira e sua caracterização quanto à população de estudo, produção de leite, indústrias processadoras e estrutura produtiva nos municípios envolvidos. Evidenciou-se as mudanças estruturais bem como avanços e perspectivas, abordando aspectos de gestão das propriedades, competitividade e sustentabilidade da cadeia produtiva.

A abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados encontrados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procurou captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências.

A análise qualitativa, que corresponde às etapas posteriores às técnicas de coleta de dados e a partir das respostas dos produtores de leite de acordo com as características investigadas, gerou um novo conjunto de categorias de análise, que possibilitou interpretações mais precisas em relação ao estudo. O uso dessa abordagem envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada. Enfatiza mais o processo do que o produto e retrata a perspectiva dos produtores de leite pesquisados.

A pesquisa qualitativa permitiu ao pesquisador um cruzamento de suas conclusões e confiabilidade de que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. Ele não se limita ao que pode ser coletado em uma entrevista, mas, ao entrevistar repetidamente, investiga diferentes questões em diferentes ocasiões, além de utilizar fontes documentais e dados estatísticos.

Exposto o método de abordagem e suas respectivas técnicas para a análise do problema identificado, construiu-se um quadro que busca resumir tanto os procedimentos metodológicos como os objetivos específicos. A seguir, tem-se uma síntese da metodologia adotada para a execução da pesquisa, bem como a confrontação da mesma com os objetivos específicos propostos no presente estudo (Quadro 7).

Quadro 7 - Síntese dos procedimentos metodológicos e dos objetivos específicos

Objetivos Específicos	Procedimentos Metodológicos		
	Fins	Meios	Processualidade
a) Estudar a trajetória da produção de leite na região do COREDE Noroeste Colonial do estado do RS	<p>Descritiva: Explicitar o tema escolhido e confrontá-lo com o referencial bibliográfico encontrado</p>	<p>Realização de uma pesquisa de cunho bibliográfico, com base em livros, artigos, periódicos e no material disponível em fontes atualizadas: IBGE, FEE, SEPLAN, PPM, EMATER, <i>MILKPOINT</i>, EMPRAPA GADO DE LEITE, SINDILAT, CONSELEITE, COREDE Noroeste Colonial, entre outras fontes</p>	a) Exploração da estrutura da cadeia produtiva do leite na região em estudo, conforme discussões apresentadas no Capítulo 3
b) verificar as formas de organização dos produtores de leite frente à dinâmica do mercado lácteo			b e c) Influência da globalização e das tensões geradas pela dinâmica capitalista, quanto às necessidades impostas pelo mercado, aos produtores de leite. Aspectos discutidos no Capítulo 2
c) Analisar a mercantilização e suas repercussões nas relações sociais dos produtores de leite			
d) Identificar como os produtores estão construindo estratégias para se relacionar com o mercado e se manter na atividade, conforme os diferentes estilos de produtores encontrados	<p>Descritiva-analítica: realizar entrevistas semiestruturadas com produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial do RS: Produtor Tradicional; Produtor Empresarial e Produtor Capitalista – moderno/empreendedor</p>	<p>Identificação dos produtores junto aos sindicatos rurais, prefeituras, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS) Regional Ijuí e EMATER dos Municípios pesquisados</p>	<p>d) Visitação às propriedades e realização de entrevistas com enfoque nas seguintes variáveis: objetos de trabalho (animais, terra - produtividade, manejo); força de trabalho (mão de obra); instrumentos (infraestrutura, tecnologia, gestão, conhecimento), bem como aspectos históricos, socioeconômicos, estratégias e as relações com o mercado. Resultados descritos no Capítulo 5</p>

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos estudos realizados (2018).

A partir da síntese apresentada, foi possível interpretar a realidade a qual os produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial se encontram e como está estruturada a cadeia produtiva do leite na região. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas junto aos produtores caracterizados por seus estilos de produção, identificados pelas suas relações entre os diferentes modos de produção, escala e intensidade. Os processos de trabalhos identificados nas propriedades constituem-se a partir dos objetos de trabalho, força de trabalho e instrumentos presentes em cada estilo de unidade de produção estudada.

4.3 Procedimentos de coleta e sistematização dos dados

As informações que compõem a pesquisa de cunho bibliográfico tiveram com base livros, artigos, periódicos e material disponível na internet. Receberam uma atenção os itens sobre produção de leite nas propriedades, comercialização, população total: urbana e rural, tecnologias direcionadas a propriedade produtora de leite, gestão nas propriedades, potencial da indústria de transformação, integração ao mercado e cadeia produtiva do leite.

Os dados atualizados foram obtidos de fontes oficiais como: Fundação de Economia e Estatística (FEE), Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional (SEPLAN), Censo Agropecuário e Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM), ambos realizados e disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Auxiliou também dados disponibilizados pela EMATER, *MILKPOINT*, EMPRAPA GADO DE LEITE, SINDILAT, CONSELEITE, COREDE Noroeste Colonial. A partir destes dados foram realizados um mapeamento e caracterização geral da pecuária leiteira COREDE Noroeste Colonial.

Os produtores alvo foram prospectados junto aos sindicatos rurais, prefeituras, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS) Regional Ijuí e EMATER dos demais municípios pesquisados.

Para determinar os produtores de leite entrevistados, baseou-se em estudos e tipologia estabelecida por Gehlen (2000), posteriormente, por Wagner (2003), Wagner; Gehlen; Wiest (2004), e com abordagem nos processos de trabalho, e na escala e intensidade de produção de Ploeg (2008; 2016), os quais foram referência para o estudo e serão aqui apresentados resumidamente.

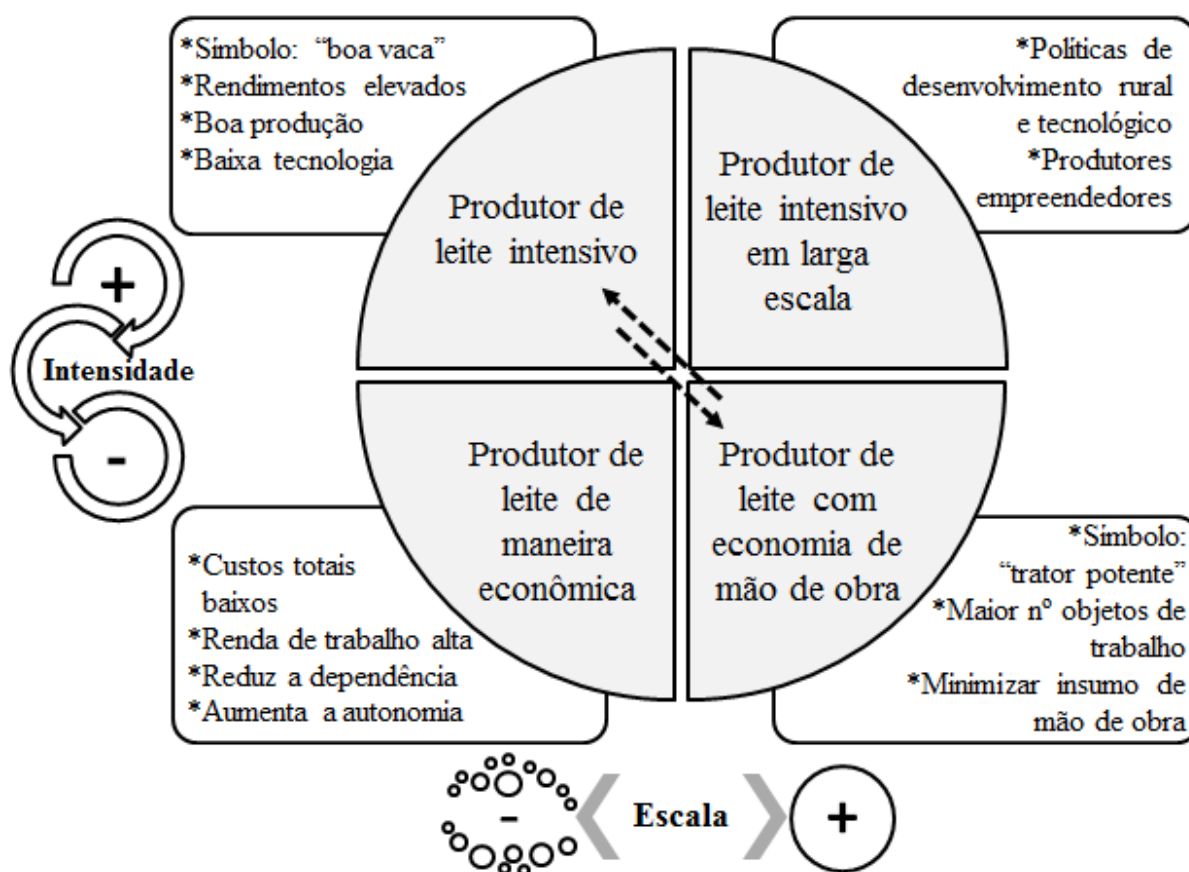
A tipologia realizada por Gehlen (2000), que estudou os produtores familiares do RS, oferece fundamentos potencialmente relevantes, permitindo uma integração mais abrangente de suas formas de organização e suas diferentes relações com o meio ambiente, com a família e com a sociedade. Neste caso, Gehlen (2000) propôs os tipos ideais: Moderno convencional; em Transição e Tradicional, a partir de critérios observados na unidade produtiva, tais como: consolidação, posição que o leite ocupa na propriedade e padrão tecnológico.

Tomando por base os critérios de observação em unidades produtivas de leite, em estudo posterior, realizado em unidades familiares produtoras de leite no RS, Wagner; Gehlen; Wiest (2004), objetivaram identificar diferenças no padrão tecnológico, inserção no mercado, organização sistêmica da propriedade, identificação com a racionalidade de produção, entre outros tipos, dentro do mesmo estrato de produtores. Tais autores apontam a

agricultura de base familiar como um modelo sustentável de produção, assinalando a necessidade de desenvolver estratégias para a modernização da atividade e a inclusão dos produtores familiares em iniciativas de fomento ao desenvolvimento do setor.

Outro autor que utiliza como base os estilos de agricultura para classificação é Ploeg (2008; 2016), para o qual intensidade e escala definem um espaço bilateral que, em posições distintas, permite identificar diferentes estilos de agricultura. Este autor, já descrito no Capítulo 2 e aqui retomado, foi utilizado, também, como referência para a identificação dos produtores de leite existentes no COREDE Noroeste Colonial, foco da pesquisa. Elaborou-se uma imagem explicativa (Figura 11) contendo as principais ideias do autor, utilizadas, agora, na caracterização dos estilos de produtores de leite.

Figura 11 - Estilos de Produtores de Leite



Fonte: Adaptado pelo autor com base em Ploeg (2016, p.79).

Com base na teoria descrita, principalmente nos modelos destacados, foi possível identificar e reconstruir novos estilos de produtores de leite que se encontram e desenvolvem atividades nas unidades de produção do COREDE Noroeste Colonial do RS. Sendo assim, os

produtores de leite foram caracterizados, a priori, de acordo com seus diferentes modos de produção, classificados para esta pesquisa como:

- a) Produtor de leite Tradicional: denominado “T”;
- b) Produtor de leite Empresarial: denominado “E”
- c) Produtor de leite Capitalista – moderno/empreendedor: denominado “C”

Os produtores de leite identificados na região apresentaram diferenças, com ênfase nas estratégias socioeconômicas, relações sociais e organização do trabalho. Observou-se que os produtores de leite Tradicional “T”, equivalentes ao estilo de agricultura praticado de maneira econômica descrito por Ploeg (2016), destinam sua produção para o consumo e o excedente vendem para o mercado (sobrevivência). Os produtores de leite Empresarial “E” destinam sua produção para o mercado objetivando aumentar recursos (renda). E, os produtores de leite Capitalista moderno/empreendedor “C”, objetivam o lucro com a atividade (mais-valia), cujo estilo é uma coconstrução de políticas de desenvolvimento rural e tecnológico, de um lado, e a estratégia de produtores de leite empreendedores, de outro (PLOEG, 2016).

Observa-se que os produtores de leite empresarial, aqui denominados de “E”, englobam as duas classificações intermediárias de Ploeg (2016), ou seja, os produtores de leite intensivos e os produtores de leite de economia de mão de obra, identificadas na Figura 11 pelas setas que representam sua relação. Segundo o autor, ambos os estilos compõem uma relação inversa entre produtividade e tamanho da unidade. Entretanto, juntos são considerados estilos em transição, prevalente na categorização adotada. O produtor de leite intensivo, cujo símbolo “boa vaca” representa animais com genética melhorada, de alta produção, objetiva rendimentos elevados. O produtor de leite com economia de mão de obra, simbolizado pelo “tratores potente”, objetiva maior número de objetos de trabalho e minimizar insumo de mão de obra.

A pesquisa foi realizada nos onze (11) municípios pertencentes ao COREDE Noroeste Colonial: Ajuricaba, Augusto Pestana, Bozano, Catuípe, Condor, Coronel Barros, Ijuí, Jóia, Nova Ramada, Panambi e Pejuçara, com um total de cinquenta e quatro (54) produtores, integrados aos estilos de produtores de leite identificados. Em cada município, procurou-se entrevistar, no mínimo, um produtor de cada estilo adotado (“T”, “E” e “C”), quando existentes. Em alguns municípios como Ajuricaba, Catuípe, Coronel Barros e Ijuí, foi realizado um número maior de entrevistas, de acordo com a peculiaridade de cada localidade.

As entrevistas foram agendadas por contato telefônico pelo próprio autor da referida tese, e também, conduzidas por ele, durante o primeiro e segundo semestre de 2018. Foram concretizadas nas suas próprias unidades de produção, para que se obtivesse uma maior

abrangência e análise da propriedade, auxiliando o pesquisador a compreender e identificar, realmente, se o sistema adotado na propriedade condiz com as respostas apresentadas pelo produtor de leite.

Na maioria das propriedades foram realizadas duas visitas. A primeira para que o proprietário apresentasse a propriedade, relatasse um pouco da sua história enquanto produtor, bem como seus costumes e práticas produtivas, criando um vínculo de aproximação com o pesquisador. Nesse momento foi possível, através do consentimento do produtor, registrar com fotos a infraestrutura, ambientes internos/externos, maquinários, animais da propriedade e o acompanhamento, de todo o procedimento realizado para que a produção seja realizada com sucesso (manejo dos animais, processos de ordenha, lavagens da ordenha, tratamento dos animais, coleta do leite pelas empresas e demais atividades desenvolvidas na propriedade).

A segunda visita foi mais pontual, sendo que cada entrevista, em média, teve um tempo de duração de, aproximadamente, setenta (70) minutos. Nesta, o pesquisador apresentou aos produtores, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de pesquisa (APÊNDICE A). Ficou definido que as fotos tiradas nas propriedades poderiam ser divulgadas na tese, caso o pesquisador tivesse interesse, e que após o fechamento e defesa da tese, seria disponibilizado um arquivo digital a cada produtor entrevistado, os quais estariam dispostos a participar de novas pesquisas e entrevistas em momentos futuros, se oportuno.

Além disso, a entrevista foi gravada, com o consentimento do entrevistado, para posterior início dos questionamentos e indagações sobre as estratégias socioeconômicas adotadas na propriedade frente a dinâmica do mercado lácteo. Na entrevista semiestruturada, as perguntas eram abertas e seguiram um roteiro elaborado pelo pesquisador (APÊNDICE B). A partir dos questionamentos, os produtores puderam relatar de forma informal, como estavam desenvolvendo suas atividades na propriedade, suas percepções sobre o mercado, indústria processadora, aspectos produtivos, socioeconômicos, técnicos, mercadológicos que estão presentes no dia a dia das atividades desenvolvidas na propriedade. As entrevistas realizadas na pesquisa de campo foram posteriormente gravadas para a interpretação e análise dos resultados.

Portanto, a partir das informações mediante este arcabouço de provocações junto aos produtores obteve-se uma radiografia da pecuária leiteira do COREDE Noroeste Colonial. Com base nestas descrições foram realizadas análises do discurso, do conteúdo e documental, que permitiram contemplar os objetivos propostos, conforme segue.

4.4 Procedimentos de análise e interpretação dos dados

O aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada permitiu identificar os estilos de produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial, suas individualidades, formas de produção, estruturas, manejo e em especial a penosidade que a atividade ao longo dos anos gerou para os produtores.

No total, foram entrevistados 54 produtores de leite, categorizados de acordo com os estilos “T”, “E” e “C”, conforme Tabela 12. Observa-se que alguns produtores de leite apresentaram uma sobreposição, ou seja, possuem aspectos de mais de um estilo na propriedade, característica que será detalhada no Capítulo 5, na descrição dos resultados obtidos, classificada, a posteriori, como uma nova categoria de produtor de leite, achado principal do estudo.

Tabela 12 - Distribuição dos estilos e quantidade de produtores entrevistados

Produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial		Sobreposição dos estilos “T” e “E”	Sobreposição dos estilos “E” e “C”
Estilo de produtor	Número de produtores		
Produtor de Leite Tradicional – “T”	10	15	-
Produtor de Leite Empresarial – “E”	16		
Produtor de Leite Capitalista – moderno/empreendedor – “C”	12	-	1
Total de produtores entrevistados		54	

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

Os produtores foram entrevistados com base no roteiro apresentado no Apêndice B. As questões norteadoras foram agrupadas por eixos temáticos, a fim de identificar o perfil do produtor de leite e da propriedade pesquisada; a infraestrutura e localização da propriedade; os aspectos sociocultural e histórico; os dados socioeconômicos dos produtores de leite; os mecanismos de comercialização, além da questão social e institucional vivenciados, diariamente, pelos produtores.

A entrevista semiestruturada objetivou saber sobre o desempenho das atividades da propriedade e suas relações com o mercado para, ao final, conhecer as estratégias de reprodução socioeconômica dos produtores de leite adotadas frente à dinâmica de expansão da indústria láctea.

Os dados obtidos através das entrevistas foram estratificados de acordo com as características dos produtores em suas atividades, com base nas seguintes variáveis: objetos

de trabalho (animais, terra - produtividade, manejo); força de trabalho (mão de obra); instrumentos (infraestrutura, tecnologia, gestão, conhecimento), bem como aspectos históricos, socioeconômicos, estratégias e as relações com o mercado. Estas categorias, descritas por Ploeg (2016), estão representadas na Figura 12.

Figura 12 - Processos de trabalhos inseridos nas propriedades de leite



Fonte: Adaptado pelo autor com base em Ploeg (2016, p.114).

Segundo o autor são muitas as combinações possíveis entre força de trabalho, objetos de trabalho e instrumentos. A natureza destas combinações depende das relações sociais de produção preponderante em cada estilo de propriedade. Estas relações estruturam o processo de trabalho que será desenvolvido, influenciado por exemplo, pelas tecnologias em uso e, também, pela relação entre a indústria e o agricultor de cada estilo (PLOEG, 2016).

Este panorama permitiu a construção de um quadro com as características gerais das propriedades produtoras de leite do COREDE Noroeste Colonial, em relação os processos de trabalho e produção inseridos nas propriedades, conforme disponível no Quadro 8.

Segundo Garcia (2014) a inserção de métodos, equipamentos, instrumentos e tecnologias vem integrando os produtores de leite ao restante do sistema econômico a tal ponto que não é mais possível separá-lo dos setores fornecedores de insumos, compradores de seus produtos e da mecanização dos processos de trabalho. Essa conexão, presente em todas as propriedades produtoras de leite, não pode mais ser considerada como uma simples integração ao sistema capitalista, mas sim como uma nova ferramenta para que os sucessores continuem desenvolvendo suas atividades nas suas unidades de produção em todo o território nacional.

Nesse sentido, a crescente integração ao mercado leva as decisões para fora da porteira, aumentando a integração dos agricultores à sociedade capitalista (PLEIN; FILIPPI, 2011). A integração favorece maior escala de produção, interferindo nos objetos de trabalho, força de trabalho e instrumentos disponibilizados nas propriedades. Conforme Ploeg (2015), essas características proporcionam uma multidimensional mercantilização dos processos de produção, interferindo intensamente das propriedades.

Quadro 8 - Caracterização dos processos de trabalhos em produtores de leite

Variáveis do Processo de Trabalho e Produção	Características Gerais dos Produtores de Leite do COREDE Noroeste Colonial
Objetos de Trabalho	<ol style="list-style-type: none"> 1. Área de terra com pequena, média e grande extensão consorciada com outras cultivares 2. Capacidade e estrutura para ampliação da área e realização do manejo 3. Animais com genética de baixa, média e alta produção 4. Número adequado (médio) de animais em lactação para a estrutura da propriedade 5. Sem reposição ou com reposição adequada pela estrutura da propriedade 6. Necessidade de modificar, ampliar sua estrutura de produção
Força de Trabalho	<ol style="list-style-type: none"> 1. Trabalho totalmente desenvolvido pelos integrantes da família 2. Trabalho desenvolvido pelos integrantes da família e eventualmente contrata diarista 3. Trabalho desenvolvido pela família e com mão de obra contratada efetiva
Instrumentos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Propriedade de pequena, média e alta produção 2. Propriedade com pequeno, médio e amplo grau de mercantilização 3. Ferramentas de gestão usada de forma simples ou intensiva 4. Infraestrutura com modificações recentes e com nível de tecnologia médio ou alto 5. Oferece equipamentos necessários para obter eficiência no trabalho 6. Equipamentos com instalações antigas ou modernas 7. Produtores com alto, médio e baixo nível de conhecimento na atividade 8. Acesso a crédito e financiamentos para comprar insumos 9. Indústria de insumos atuante na propriedade

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

Munido destas informações teóricas propõe-se, nesta pesquisa, uma metodologia adaptada para analisar os processos de trabalho em relação à cada estilo de produtor de leite identificado no COREDE Noroeste Colonial. De forma geral, os dados visualizados nos municípios com abrangência na região de estudo, estão descritos no Quadro 9.

Perante os três estilos de produtores entrevistados “T”, “E” e “C”, que apresentaram distintos graus de mercantilização, percebeu-se produtores com uma maior intensidade, devido ao grau de tecnologia, infraestrutura, gestão utilizados nas atividades, e outros com

menor intensidade, devido à dificuldade financeira, infraestrutura inadequada, carência, falta de sucessão, ausência de gestão e pouca área produtiva para produção.

Quadro 9 - Caracterização dos processos de trabalhos em cada estilo de produtor

COREDE NOROESTE COLONIAL	Estilos de Produtores de leite	Maneira econômica	Intensivo	Economia de mão de obra	Intensivo em larga escala
	Produtores entrevistados	Produtor Tradicional “T”	Produtor Empresarial “E”		Produtor Capitalista - moderno/empreendedor “C”
Objetos de Trabalho	Animais (média produtividade)	Até 300 litros/dia	Mais de 300 e menos de 2.500litros/dia	Acima de 2.500 litros/dia	
	Terra (média ha para produção)	Até 25ha	Maior que 25ha e menor que 50ha	Acima de 50ha	
Força de Trabalho	Mão de obra	Exclusivamente familiar	Família e diaristas/contratada	Familiar e contratada	
Instrumentos	Infraestrutura e Instalações	Antigas: com necessidades de alterações	Em atualização: modificações realizadas em grande parte das propriedades, mas demanda ajustes	Modernas: com modificações recentes/ adequadas pelo estilo de produção	
	Equipamentos	Simple: com necessidade de melhorias	Semi-completo*: atualizados, visando melhorias	Semi-completo e Completo**: equipamentos atuais, de ponta	
	Conhecimentos	Baixo/Médio	Médio/Alto	Alto	
	Tecnologia	Nível baixo: quase inexistente	Nível médio/alto: buscando adaptação	Nível alto: tecnologias sofisticadas	
	Sistema de manejo adotado	A pasto (lotes piqueteados)	A pasto (lotes piqueteados); semi- confinado e confinado (<i>Compost barn</i> *** <i>Free stall</i> ****)	Confinado (<i>Compost barn-Free stall</i>)	
	Gestão	Simple: quase inexistente	Simple em processos de desenvolvimento	Aplicada: poucas propriedades em etapa avançada/completa	
	Crédito	Dificuldade de acesso	Disponível com restrições	Facilitado	

Semi-completo:** possui parte dos equipamentos necessários para realização das atividades mecanizada na propriedade; *Completo:** disponibiliza todos os equipamentos necessários para realização das atividades de forma mecanizada na propriedade; ****Compost barn:* sistema de confinamento que consiste em um galpão ventilado e internamente aberto (sem repartições) com área de descanso comum para as vacas, com material de compostagem (serragem); *****Free stall:* sistema de confinamento no qual cada vaca possui uma cama separada por repartições metálicas ou de madeira (cama de areia ou emborrachada em forma de colchões), ha: hectares destinados exclusivamente para a produção de leite.

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

Os resultados específicos, subdivididos em relação aos estilos dos produtores de leite entrevistados, serão apresentados no Capítulo 5, de acordo com cada município visitado no COREDE Noroeste Colonial.

Esses pressupostos permitiram avaliar as principais diferenças ou contradições existentes nas propriedades produtoras de leite pesquisadas. A metodologia utilizada, baseada em entrevistas semiestruturadas, permitiu a análise das propostas que correspondem à problemática desta pesquisa. Assim, a decomposição das respostas dos produtores, de acordo com as características investigadas, gerou um conjunto de categorias de análise, que possibilitou interpretações mais complexas sobre as estratégias adotadas por cada unidades de produção e os graus de integração com o mercado do setor lácteo.

5 ESTRATÉGIAS SOCIOECONÔMICAS DOS PRODUTORES DE LEITE NO COREDE NOROESTE COLONIAL

Dentro da vasta literatura existente sobre estratégia, muitos são os conceitos propostos pelos diversos estudiosos desse assunto. Porém, é senso comum que nenhuma definição é universalmente aceita e, muitas vezes, esse termo é usado sem os esclarecimentos necessários.

Para Cavalcanti (2001), nem sempre o conceito de estratégia representa algo uniforme. É a partir da visão de alguns autores, que se busca aquela que pode se adequar às pretensões para uma melhor compreensão deste conceito. De acordo com Mintzberg et al. (2006, p. 23) “não há uma definição única, universalmente aceita para estratégia”, vários autores e dirigentes usam o termo diferentemente.

O conceito de estratégia utilizado neste estudo leva em consideração os marcos teóricos e conceituais sobre as unidades familiares e sua relação com o contexto socioeconômico específico. Segundo Ploeg (1992), revisitado por Schneider (2003), as estratégias são interpretadas como o resultado das escolhas, opções e decisões dos indivíduos em relação à família e da família em relação aos indivíduos. Essas estratégias ocorrem nos limites de determinados condicionantes sociais, culturais, econômicos e até mesmo espaciais, que exercem pressões sobre as unidades familiares. Portanto, a tomada de decisões e as opções, sejam quais forem, de indivíduos e famílias, possuem um referencial que na prática se materializa através das relações sociais, econômicas e culturais em que vivem. Assim, embora tratem-se de estratégias conscientes e racionais, essa consciência é mediatizada por uma racionalidade informada pela realidade que tanto é a expressão das relações materiais presentes como daquelas herdadas de seu passado e transmitidas culturalmente. Desse modo, as estratégias não são causais, mas resultado da ação humana frente às contingências e situações objetivas.

As estratégias têm como base teórica os estudos realizados por Canziane (2002), Oliveira (2012), Porter (1999), Tavares (2005), cuja classificação representa o nicho empresarial: estratégias de sobrevivência; estratégia de manutenção; estratégia de crescimento e estratégia de desenvolvimento, aqui avaliadas em relação as propriedades de interesse pesquisadas. Neste caso, as estratégias podem ser estabelecidas de acordo com a situação da unidade de produção: podem estar voltadas à sobrevivência, manutenção, crescimento ou desenvolvimento, conforme postura estratégica que a propriedade apresenta. A combinação de estratégias deve ser feita de forma que aproveitem-se todas as oportunidades possíveis, utilizando a estratégia certa no momento certo.

a) Estratégia de sobrevivência: ocorre nas situações em que predominam os pontos fracos na unidade de produção e as ameaças do ambiente. Deve ser adotada pela propriedade rural quando não existir outra alternativa para a mesma, ou seja, apenas quando o ambiente e a propriedade rural estão em situação inadequada, com muitas dificuldades ou apresentam péssimas perspectivas (dificuldades de continuar com a atividade, falta de gestão e condições financeiras debilitadas). Em qualquer outra situação, quando a propriedade adota esta estratégia como precaução, as consequências podem ser desastrosas, pois numa postura de sobrevivência, normalmente a primeira decisão do produtor é parar os investimentos e reduzir, ao máximo, as despesas.

Para Oliveira (2012), a estratégia de sobrevivência está inserida sobre um tripé: desinvestimento; redução de custos e liquidação do negócio. Na primeira situação, o desinvestimento é estimulado, por exemplo, quando ocorre o conflito entre os familiares da propriedade, sendo melhor desinvestir do que comprometer toda a propriedade. A segunda alternativa está na redução de custos de produção, cujo movimento deve ser estrategicamente organizado para que não ocorra prejuízos maiores no decorrer das atividades da propriedade. Caso nenhuma das primeiras duas estratégias resolver a situação, o dono da propriedade poderá liquidar o negócio, ou seja, vender os equipamentos para não perder em sua totalidade.

b) Estratégia de manutenção: tem como dever propor ações de melhoria e inovação nas atividades desenvolvidas na unidade de produção (OLIVEIRA, 2012). Essa estratégia deve ser aperfeiçoada, monitorada, todos os dias na propriedade produtora de leite devido ao rápido movimento que vem revolucionando a cadeia produtiva do leite. Esse movimento faz com que produtores que estão inseridos nesta estratégia, adotem algumas posturas que permitam novas alternativas:

1ª) estabilidade: estratégia que a propriedade possui em relação aos seus investimentos e os riscos que a atividade pode proporcionar quando a atuação não for eficiente e adequada;

2º) especialização: alternativa para melhorar a infraestrutura e o desenvolvimento das atividades na propriedade. Os produtores que não estão organizados e preparados podem sofrer desvantagens ao adotarem métodos inovadores e modificados em sua unidade de produção. Essa especialização pode estimular o produtor e deixá-lo vulnerável e cada vez mais dependente do mercado dos insumos;

3º) nicho de mercado: procura dominar um segmento de mercado que atua, concentrando o seu esforço e recurso em preservar algumas vantagens competitivas. Ou seja, dedica-se a um único produto, mercado ou tecnologia, pois não há interesse em desviar os seus recursos para outras atividades na propriedade.

Segundo Canziane (2002), a adoção de uma estratégia de manutenção ocorre quando o produtor percebe um ambiente com predomínio de ameaças e opta por uma postura defensiva. Neste sentido, Tavares (2005) recomenda a adoção da estratégia de manutenção quando a unidade de produção atingir um patamar em que o investimento para a sua expansão pode representar um custo maior do que os benefícios a serem obtidos, ou seja, quando os investimentos adicionais não conseguem produzir o retorno compensatório.

c) Estratégia de crescimento: as dificuldades apresentadas nas unidades de produção podem ser confrontadas com as oportunidades no ambiente externo, proporcionando a propriedade condições de crescimento. Os produtores procuram, nesta situação, tomar a decisão de ampliar investimentos no manejo da produção, iniciar novas atividades produtivas complementares, otimizar a alocação de recursos físicos, financeiros, mercadológicos e humanos, ampliar o volume de negócios existentes e conquistar diferenciações na qualidade da matéria prima produzida na propriedade. Assim, a estratégia de crescimento envolve ações implementadas para o desenvolvimento da escala de produção, lucros e participação no mercado. São divididas em componentes característicos:

1º) inovação: diferencial estratégico, por meio de inovações e do lançamento de produtos e serviços, objetivando o fortalecimento de sua imagem no mercado;

2º) *joint venture*: utilizada para inserir a unidade de produção em um novo mercado;

3º) expansão: consiste na expansão dos negócios da propriedade no segmento de mercado atuante;

4º) internacionalização: é a expansão das atividades para outros países, seja com recursos próprios ou em associações com terceiros e/ou com empresas locais.

Para Canziane (2002), a adoção da estratégia de crescimento pode ser vista pelos produtores rurais como sendo de perfil criativo, incerto e ao mesmo tempo desafiador. O crescimento de uma propriedade rural pode ser atingido de diversas maneiras, utilizando os vários tipos de estratégias de crescimento. Para cada perfil e tipo de organização, é preciso selecionar a opção mais adequada e que respeite a cultura organizacional.

d) Estratégia de desenvolvimento: A estratégia de desenvolvimento possibilita a busca de novos mercados, tecnologias diferentes, indústrias processadoras da matéria prima e de insumos. Tem como intuito proporcionar o crescimento físico da propriedade, desenvolvendo o capital intelectual e recursos tecnológicos disponíveis para realizar as atividades na unidade de produção (TAVARES, 2005). Oferecem às unidades de produção formas de crescimento por meio da inserção em novos mercados, intensificando, dessa forma, as operações de compra e venda da matéria prima e de insumos realizadas na propriedade.

Segundo Valadares (2005) os componentes característicos são:

1º) mercado: ampliação de vendas, levando seu produto a novos mercados ou a novas aplicações de uso;

2º) produtos (bens/serviços): aprimorar para atender os novos consumidores, buscar vendas maiores e maior participação no mercado;

3º) diversificação: busca de novas atividades produtivas;

4º) associativas: busca por associações que tragam vantagens e proporcionem desenvolvimento financeiro, tecnológico e/ou mercadológico.

Um produtor com uma propriedade rural com predomínio de oportunidades, poderia tomar a decisão de ampliar investimentos na produção, iniciar novas atividades produtivas, otimizar a alocação de recursos físicos, financeiros, mercadológicos e humanos, ampliar o volume de negócios existentes, conquistar diferenciações de marca e qualidade de sua produção e conquistar também novos clientes.

De forma geral, a estratégia é a forma com que os produtores planejam alcançar os objetivos estabelecidos. Deste modo, entende-se que é uma ferramenta de suma importância para formular cenários que demonstrem as ações e seus resultados, incorporando um conjunto de medidas, de acordo com a necessidade da propriedade. As estratégias socioeconômicas alternativas e possíveis de serem adotadas em propriedades produtoras de leite estão relacionadas no Quadro 10.

Quadro 10 - Estratégias socioeconômicas alternativas das propriedades de leite

Estratégia de sobrevivência	Estratégia de manutenção	Estratégia de crescimento	Estratégia de desenvolvimento
Desinvestimento	Estabilidade	Inovação	Mercado
Redução de custos	Especialização	<i>Joint venture</i>	Produto ou serviço
Liquidação de negócio	Nicho de mercado	Expansão	Diversificação
		Internacionalização	Associativas

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Canziane (2002); Oliveira (2012); Porter (1999); Tavares (2005), Valadares (2005).

Neste sentido, ao que se percebe, as estratégias adotadas pelos produtores de leite para a reprodução econômica não são, necessariamente, as mesmas. A distinção é justificada pela

diversidade das lógicas produtivas, aliadas às adversidades climáticas e econômicas (LAMARCHE, 1993) existentes em cada unidade de produção.

Ao mesmo tempo destaca-se a necessidade de sua identificação, visto que as estratégias socioeconômicas, as formas de organização das famílias produtoras, os processos de mercantilização existente e suas repercussões, ou seja, como os produtores se relacionam com o mercado, devido a dinâmica de expansão da indústria láctea, auxiliaram a responder o questionamento proposto e verificar as hipóteses estabelecidas no início desta pesquisa.

Deste modo, neste estudo, as classificações de estratégias alternativas apresentadas como estratégias de sobrevivência; estratégia de manutenção; estratégia de crescimento e estratégia de desenvolvimento, serviram de base para a compreensão das estratégias adotadas nos diferentes estilos de produtores de leite que compõem a região do COREDE Noroeste Colonial.

5.1 Descrição das propriedades visitadas no COREDE Noroeste Colonial

A seguir estão descritos os resultados das entrevistas realizadas em cada município visitado, em ordem alfabética. A classificação dos estilos de produtores de leite identificados no COREDE Noroeste Colonial está relacionada com os processos de trabalho e com as estratégias utilizadas em cada unidade de produção.

Ao desenvolver uma análise pormenorizada, destacam-se os principais aspectos vistos em cada propriedade. Para diferenciá-las, os produtores foram identificados com a letra “P”, seguida da numeração em ordem crescente, totalizando 54 participantes da pesquisa.

As condições observadas, muitas vezes repetitivas em relação aos mesmos estilos de produtores, foram descritas em suas particularidades. Tal detalhamento justifica-se em relação a importância de perceber e reconhecer as distintas percepções que os produtores mantêm com o mercado, em relação a forma de organização do trabalho, produção e relações sociais ao longo de sua trajetória de desenvolvimento.

5.1.1 Ajuricaba

No município de Ajuricaba foram entrevistados quatro produtores de leite (P1 ao P4). Os produtores foram caracterizados conforme os estilos, descritos no Quadro 11, onde é possível visualizar o comportamento de cada unidade de produção.

Os produtores de leite que desenvolvem atividades no município de Ajuricaba, possuem em seu sistema de produção características próprias e contam, na grande maioria, com o auxílio de profissionais técnicos qualificados que auxiliam em suas tomadas de decisões e manejo. O que foi possível observar entre os produtores entrevistados é que cada um adota em sua propriedade formas diferentes de administrar, organizar, realizar as tarefas diárias e fazer o manejo dos animais, conforme descrito.

Quadro 11 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Ajuricaba

AJURICABA	Estilo de Produtores de Leite	Objetos de Trabalho	Força de Trabalho	Instrumentos (sistema de manejo)	Estratégias socioeconômicas
P1	T	18ha e 15 litros/vaca/dia	3 pessoas da família	Pasto com lotes piqueteados	Manutenção/Sobrevivência
P2	E	43ha e 28 litros/vaca/dia	4 pessoas da família + 1 diarista	Em transição: Semi-confinado x confinado (<i>Compost barn*</i>)	Crescimento
P3	C	86ha e 33 litros/vaca/dia	3 pessoas da família + 12 funcionários	Confinado (<i>Compost barn</i>)	Crescimento
P4		70ha e 30 litros/vaca/dia	3 pessoas da família + 10 funcionários	Confinado (<i>Compost barn-Free stall**</i>)	

P: produtores de leite entrevistados no município; T: Produtor Tradicional; E: Produtor Empresarial; C: Produtor Capitalista – moderno/empreendedor; ha: hectares destinados exclusivamente para a produção de leite; **Compost barn*: sistema de confinamento que consiste em um galpão ventilado e internamente aberto (sem repartições) com área de descanso comum para as vacas, com material de compostagem (serragem); ***Free stall*: sistema de confinamento no qual cada vaca possui uma cama separada por repartições metálicas ou de madeira (cama de areia ou emborrachada em forma de colchões).

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

P1 – O produtor de leite do estilo “T”, visitado no município de Ajuricaba, está há mais de 25 anos na atividade leiteira. Possui uma área total de 35ha, sendo 18ha utilizados para a produção de leite. Dispõe de 20 vacas em lactação, 06 Holandesas e 14 Jersey. A média de produção da propriedade é de 15 litros/vaca/dia, cujo sistema de reposição dos animais é mínimo. Toda ração utilizada para a alimentação das vacas em lactação é comprada no mercado local, custo mensal somado aos gastos com silagem, insumos para pastagem e demais despesas da propriedade que possui um sistema a pasto com lotes piqueteados.

Este estilo de produtor “T” destaca-se pela exclusividade da mão de obra familiar presente na propriedade. Neste caso, três pessoas da família trabalham com a atividade leiteira: proprietário, esposa e o filho, que desenvolve atividades paralelas na cidade, para buscar uma renda extra, mas ajuda nos afazeres ao final do dia. Observou-se que a infraestrutura demanda ajustes e inovações. Instalações e equipamentos precisam de

melhorias, reparos constantes e adequação ao trabalho. Os equipamentos disponíveis para realizar as atividades na sala de ordenha, resfriadores, espaço de aguarde dos animais (sala de currais) necessitariam adaptações, pois em sua grade maioria não atende as exigências das Instruções Normativas nº 51, 62 e 07.

A propriedade não dispõe de um sistema de gestão. Entretanto, o produtor é consciente e gasta somente o imprescindível, não fazendo altos investimentos. Quando necessário, conta com acesso a crédito subsidiado pelo PRONAF. Fatores que justificam a questão das estratégias adotadas pelo produtor: manutenção e sobrevivência.

P2 – O produtor de leite do estilo “E” possui uma área total de 55ha. Destes 43ha são utilizados exclusivamente para a produção de leite: 25ha são destinados ao plantio de silagem, azevém e trigo no inverno e 18ha no verão. A propriedade possui 100 animais: 53 vacas em lactação, que ficam confinadas pelo sistema de *Compost barn*, 15 vacas pré-parto; 23 novilhas inseminadas e nove terneiras. Cabe ressaltar que, em relação ao sistema de manejo, a propriedade está em processo de transição, de um sistema a pasto para o *Compost barn*. Projeto este financiado pelo SICREDI (Sistema de Crédito Cooperativo). A média de produção por vaca/dia é de 28 litros, atualmente considerada baixa para este tipo de sistema. Entretanto, a expectativa é alcançar 35 litros/vaca/dia, com 80 animais em lactação, capacidade do *Compost barn* instalado. Além da silagem é necessário suplementar os animais com ração e outros insumos que compõe a dieta específica para cada tipo de animal. São utilizadas, por exemplo, 13 toneladas de ração especial para as vacas em lactação e pré-parto, compradas diretamente da indústria. Isso significa, custos menores, sem passar por vendedores e/ou intermediários, tais como empresas do comércio local.

Trabalham na propriedade quatro pessoas da família (proprietário e esposa, filho e esposa) mais um diarista, colaborador que auxilia um turno nas atividades. Também contratam serviços de veterinário e nutricionista animal, que visitam a propriedade periodicamente. A atividade de produção de leite é desenvolvida na família há cerca de 30 anos, cujas ferramentas foram renovadas parcialmente, mas a sala de ordenha, ordenhadeira, tratores e desensilador ainda permanecem antigos. O investimento realizado foi apenas no *Compost barn*, ou seja, na estrutura do galpão, justificado pelo alto custo necessário para a reforma da sala de ordenha e ordenhadeira. Ainda assim, a tecnologia é vista, pelo produtor, como uma alternativa para melhorar o trabalho, antes manual, penoso e com exigência maior de tempo de serviço; agora, capaz de contribuir para melhorar a genética, o sistema de reposição dos animais, logo, com menor exigência braçal.

O produtor possui um sistema básico de gestão na propriedade. Participam de cursos, buscam atualizações no desenvolvimento das atividades do novo sistema e, ao mesmo tempo, estabelecem parcerias com empresas ligadas ao setor lácteo. As estratégias descritas pelo produtor para garantir uma estrutura mais eficiente enquadram-se nas estratégias de crescimento que visam o desenvolvimento da escala de produção: reposição de 25% do total dos animais; venda de novilhas e reprodução própria da criação; administrar o manejo do *Compost barn*, com enfoque na produção da silagem e grão úmido de milho, na tentativa de diminuir a ração comprada, bem como demais custos excedentes e gostar de trabalhar na atividade.

P3 e P4 – Os produtores de leite do estilo “C” visitados no município de Ajuricaba possuem praticamente o mesmo número de animais em lactação, aproximadamente 200 em cada propriedade, além de novilhas pré-parto, inseminadas, terneiras. Destaca-se que a média de produtividade é muito semelhante em ambas as propriedades, apesar da diferença no sistema de manejo. Estes produtores adotam o sistema de três ordenhas diárias, com equipamentos e a infraestrutura considerados completos, ou seja, modernos, com instalações recentes, conforme legislação vigente.

O produtor (P3) com o sistema *Compost barn* produz 33 litros/vaca/dia, utilizando 42ha próprios e 44ha arrendados destinados a produção de silagem e grão úmido de milho, insumos produzidos na propriedade, reduzindo assim os custos da atividade. Possui 12 funcionários, além dos três integrantes da família que exercem atividades na produção de leite (proprietário e duas filhas). Devido a altos investimentos e comprometimento em agências financeiras, requeridos para aderir ao sistema *Compost barn*, a propriedade não tem acesso a créditos para novos investimentos, pois possui uma pequena área própria, dificultando ter garantias, em terras, às financiadoras. A dependência da indústria fica estabelecida a medida que a propriedade vende seu produto (por exemplo para a LACTALIS, neste caso) e como pagamento, fica sujeita a adquirir alguns insumos que a mesma oferece, por não possuir créditos disponíveis para adquirir de outras empresas concorrentes. Não tem programa de gestão formalizado na propriedade. Uma das filhas controla os gastos criando planilhas em um sistema de Word, na tentativa de melhor visualizar custos e rendimentos.

O produtor (P4) se diferencia por utilizar os sistemas *Compost barn* e *Free stall*, com 70ha destinados a silagem e manejo dos animais, produzindo 30 litros/vaca/dia. Os demais hectares da área total da propriedade, destinados ao plantio de soja e outros cultivares, são considerados estratégicos em momentos de baixa lucratividade com o leite. Este produtor opta por adquirir direto da indústria uma parte dos insumos para complementar a produção própria,

pois acredita que envolve menos mão de obra, já que conta com 10 funcionários e três pessoas da família (proprietário, esposa e filho) para as atividades do leite.

Um das estratégias em comum para os dois produtores (P3 e P4), foi a descrição da organização dos turnos de trabalho, entre funcionários e familiares envolvidos, dividindo-os em equipes que realizam três ordenhas diárias, cada uma contando um chefe de ordenha. Os dejetos produzidos no sistema *Compost barn* e *Free stall* são utilizados como adubo na lavoura, diminuindo custos com os insumos de produção de silagem e outros cultivares e gostar de trabalhar na atividade. Tais alternativas caracterizam-se como estratégias de crescimento.

Na tentativa de ilustrar as características descritas acima, bem como registrar as visitas realizadas em cada produtor de leite de Ajuricaba, algumas fotos estão disponibilizadas na Figura 13. A primeira linha representa o produtor de leite do estilo “T” (P1), a segunda estilo “E” (P2) e a terceira e a quarta linhas o estilo “C” (P3 e P4).

Figura 13 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Ajuricaba



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

5.1.2 Augusto Pestana

Em Augusto Pestana foram entrevistados três produtores de leite (P5 ao P7), caracterizados conforme os estilos e diferenciados em suas unidades de produção, apresentados no Quadro 12. Os produtores “T” e “E” deste município possuem e apostam mais em sistemas de produção a pasto e semi-confinado, enquanto o produtor de leite do estilo “C” adota outra forma de manejo: *Compost barn*. Os produtores administram suas unidades de produção de foram diferentes, em relação aos objetos de trabalho, força de trabalho e instrumentos utilizados, conforme descrito.

Quadro 12 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Augusto Pestana

AUGUSTO PESTANA	Estilo de Produtores de Leite	Objetos de Trabalho	Força de Trabalho	Instrumentos (sistema de manejo)	Estratégias socioeconômicas
P5	T	18ha e 20 litros/vaca/dia	3 pessoas da família	Pasto com lotes piqueteados	Manutenção
P6	E	26ha e 30 litros/vaca/dia	2 pessoas da família + 1 Funcionário	Pasto com lotes piqueteados - Semi-confinado	Manutenção/ Crescimento
P7	C	150ha e 31 litros/vaca/dia	3 pessoas da família + 10 funcionários	Confinado (<i>Compost barn</i>)	Crescimento

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

P5 – O produtor de leite do estilo “T”, que participou da pesquisa, possui mais de 40 anos de atividade leiteira, tempo e experiência para presenciar várias transformações que demandam cada vez mais especialização e novas tecnologias nos processos de trabalho e produção. Conta com a contribuição da esposa e filho para auxiliar e desenvolver as atividades na propriedade. As ferramentas de trabalho que disponibilizam demandam envolvimento e maior esforço físico, sendo que a alimentação e o trato dos animais, na hora da ordenha e posterior, são realizados de forma manual, sem auxílio de tratores ou equipamentos que facilitam e dão praticidade à atividade. A sala de ordenha ainda é do estilo balde ao pé. Esse método demanda mais horas de trabalho, maior esforço físico e um desgaste no manuseio dos animais. A propriedade possui uma área total de 22ha, sendo 18ha utilizados para a produção de leite com plantações de silagem, grama *tifton*, aveia e capim-elefante, que se destacam entre as forrageiras mais utilizadas na propriedade. No restante da área o produtor possui açude, espaço para os animais dormirem e uma parte da área de preservação permanente. Dispõe de um total de 30 animais: 15 vacas em lactação (11 Holandesas e 04

Jersey) e as demais são vacas secas, descarte e novilhas para a reposição e consumo. Para obter uma média de produção entre os animais em lactação o produtor utiliza o sistema a pasto com lotes piqueteados em conjunto com silagem e ração, alcançando uma produção média de 20 litros/vaca/dia.

A propriedade participa de um projeto em parceria com a indústria processadora de leite (LACTALIS), denominado “Projeto Prólacto”. A partir do projeto a propriedade recebe auxílio de um consultor da empresa que ajuda a família produtora de leite nos quesitos de manejo, sanidade, higiene na ordenha, entre outros pontos relevantes. Também recebe assistência de um veterinário da cidade que em troca da compra dos medicamentos em sua agropecuária presta serviços de assistência aos produtores. A propriedade não dispõe de um sistema específico de gestão. Entretanto, o filho do proprietário faz o controle através de um caderno utilizado para anotar informações da propriedade. As estratégias que o produtor considera relevante é fazer com que as vacas mantenham uma média de produção, o curso realizado pelo filho do proprietário para fazer inseminação deixando de gastar e depender de inseminador, visto que possui agora botijão de sêmen na propriedade. Com a presença de sucessão familiar reforça a questão da estratégia de manutenção.

P6 – O produtor de leite do estilo “E” possui uma área total de 60ha. Destes 26ha são utilizados exclusivamente para a produção de leite e os demais (34ha) são usados para o plantio de soja e outras cultivares, sendo que, em alguns períodos de pousio, essa área pode ser aproveitada para o manejo das terneiras e novilhas inseminadas. O sistema de manejo adotado na propriedade é do tipo a pasto com piquetes e semi-confinado. Possuem um total de 112 animais na propriedade, dos quais 55 estão em lactação e os demais são terneiras e novilhas para reposição. A propriedade possui animais de alta genética e de boa produção alcançando uma média de 30 litros/vacas/dia. A mão de obra disponível na propriedade é familiar (proprietário e filho) e um colaborador com carteira assinada que ajuda com as atividades do leite e com a cultura das demais cultivares da propriedade.

A propriedade dispõe de todas as ferramentas para facilitar a atividade de produção e trabalho: trator, ordenha mecanizada, desensilador para realizar o trato, resfriador e outros equipamentos. Essas ferramentas permitem que o produtor busque sempre melhorar, inovar e usufruir de novos métodos que deixam a atividade menos penosa. Também possibilita o acesso a ferramentas tecnológicas que auxiliam da compra de insumos e outros equipamentos utilizados no manejo dos animais, mas não mantem uma gestão com cuidados mais criteriosos e um controle mais rigoroso. O proprietário prefere comprar a ração pois não disponibiliza infraestrutura e mão de obra o suficiente para confeccionar e armazenar.

As estratégias adotadas permitem que propriedade planeje alguns aspectos considerados fundamentais para a permanência e evolução da atividade. Esses fatores estão relacionados ao planejamento e organização das contas a pagar, a utilização da área disponível com o plantio de trigo duplo propósito, que pode ser usado para o manejo dos animais e depois como semente para ração ou venda para o comércio. Além disso, a propriedade tem, no mínimo, 20% de seu plantel de animais em novilhas para reposição, cujos dejetos produzidos servem como adubo para melhorar a terra e diminuir custos com insumos industrializados. Tais alternativas caracterizam-se como estratégias de manutenção e crescimento.

P7 – O produtor de leite do estilo “C” que participou da pesquisa no município de Augusto Pestana é considerado o maior produtor com uma produção de aproximadamente 6.000 litros de leite/dia. O começou da atividade, em 1998, foi como uma alternativa de renda para a propriedade, a fim de auxiliar, contribuir e gerar uma renda extra mensal. O empreendedorismo fez com que essa nova atividade fosse ganhando espaço na propriedade. Hoje, investimentos e inovações estão sendo realizadas facilitando o processo de manejo e trabalho realizado na unidade de produção.

A média da propriedade é produzir 31 litros de leite/vaca/dia. O sistema adotado está passando por um processo de transição, do sistema a pasto semi-confinado para o sistema confinado, *Compost barn*. Para fazer essa transição a propriedade disponibilizou crédito para a construção de uma nova estrutura, que ainda precisa de alguns ajustes, mas já está apresentando resultados. Como a propriedade utilizava um manejo que exigia um esforço maior dos animais, a produção muitas vezes apresentava variações. Agora ela vem se mantendo, apresentando uma média boa, com expectativa de aumentar. A propriedade possui um total de 345 animais, dos quais apenas 195 estão em lactação, 50 foram colocadas em outro espaço para serem “secas” devido ao seu ciclo produtivo, e o restante são novilhas para reposição. A propriedade disponibiliza uma área de 150ha para o manejo dos insumos cultivados para a produção de leite. Os demais hectares da propriedade são destinados ao plantio de soja e outros cultivares. A propriedade conta com uma parcela de mão de obra familiar (proprietário e dois irmãos) e mais 10 funcionários que auxiliam nas atividades. Também contrata serviços de um veterinário, que auxilia nas atividades rotineiras de cuidados com os animais e de um nutricionista, que ajuda na elaboração dos cardápios de alimentação das vacas em lactação e dos demais animais da propriedade. A ração é toda feita na propriedade, pois disponibiliza mão de obra e, produzindo os insumos providos da sua própria plantação seu custo diminui. Disponibiliza em sua estrutura capacidade de armazenar a

produção e maquinários adequados para o manuseio e preparo. Os equipamentos destinados ao trabalho da atividade leiteira são sofisticados: tecnologias modernas que trazem praticidades para os funcionários na hora de realizar as atividades.

Os registros das visitas realizadas em cada produtor de leite de Augusto Pestana estão disponibilizados na Figura 14. A primeira linha representa o produtor de leite do estilo “T” (P5), a segunda o estilo “E” (P6) e a terceira linha o produtor “C” (P7).

Figura 14 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Augusto Pestana



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

Cabe destacar que a gestão da propriedade “C”, do produtor P7 de Augusto Pestana, recebe uma atenção redobrada: o filho mais velho, formado em administração, cuida da parte de organização, compra, venda dos insumos e contratação de colaboradores; o filho mais novo, engenheiro agrônomo, se dedica mais a parte prática, ou seja, ao manejo do tanque de leite; o proprietário (pai) assume o controle geral da propriedade, mas delega autonomia aos filhos para tomarem decisões. Dessa forma, a propriedade possui um sistema rigoroso na gestão dos processos realizados, sendo que o controle permite uma aproximação entre o que está sendo gasto para produzir e o resultado da produção. O controle sobre o tipo de alimentação, proteínas utilizadas, gestão dos animais, controle pré-parto, novilhas

inseminadas, gastos com ração e insumos gerais, asseguram uma visão detalhada dos instrumentos utilizados na unidade de produção.

A propriedade adota como estratégias: manter uma média de produção o ano todo; ter um plano estratégico para fazer com que mais vacas inseminadas façam seu parto nos períodos em que o mercado valoriza mais o produto; os dejetos são utilizados como adubo na lavoura, diminuindo custos com insumos de produção de silagem e outros cultivares; controle maior e precisão do rebanho dentro do *Compost barn*, com aumento da produção e redução da área de terra que era destinada ao manejo dos animais. Conforme mencionado o proprietário começou a atividade por ter percebido uma oportunidade de negócio. Desde então, utiliza estratégias de crescimento.

5.1.3 Bozano

No município de Bozano foram entrevistados três produtores de leite (P8 ao P10), descritos no Quadro 13, conforme os estilos. Por se tratar de um município com poucas unidades de produção torna-se fácil identificar as potencialidades e dificuldades locais, principalmente às relacionadas à produção leiteira. Destaca-se, neste caso, que não foi identificado nenhum produtor do estilo “C” em Bozano.

Quadro 13 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Bozano

BOZANO	Estilo de Produtores de Leite	Objetos de Trabalho	Força de Trabalho	Instrumentos (sistema de manejo)	Estratégias socioeconômicas
P8	T	5ha e 8 litros/vaca/dia	3 pessoas da família	A pasto com lotes piqueteados	Manutenção/ Sobrevivência
P9	T	25ha e 18 litros/vaca/dia	2 pessoas da família + 1 diarista	A pasto com lotes piqueteados	Manutenção
	E				
P10	E	40ha e 20 litros/vaca/dia	2 pessoas da família + 2 funcionários	Confinado (<i>Compost barn</i>)	Manutenção/ Crescimento

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

P8 – O produtor do estilo “T” participante da pesquisa desenvolve atividades ligadas à produção de leite há mais de 50 anos, perpassando por várias modificações nos processos de coleta (transportadores), armazenamento (tarros de tonéis, resfriadores), falência e fusões de indústrias processadoras. Na propriedade as atividades da pecuária leiteira são desenvolvidas pelo proprietário, esposa e filha. Embora realizadas de maneira simples, sem muita

tecnologia, são consideradas muito importantes, pois é através dela que a maior parte do sustento da família é obtido, permitindo, ainda, que em alguns períodos os rendimentos sejam investidos em melhorias na propriedade.

Disponibilizam um total de 6ha, sendo que destes 5ha são destinados ao manejo e plantio de pastagens para um total de 12 animais: 6 vacas em lactação, 2 novilhas inseminadas e 4 terneiras com mais de 6 meses. Além do pasto os animais se alimentam de ração adquirida na agropecuária da cidade e aveia produzida em parceria com o vizinho. A produção diária da propriedade fica em torno 50litros/leite/dia, sendo uma média de 8 litros/vaca/dia. A empresa que compra a matéria prima coleta o leite de dois em dois dias, devido a pequena quantidade. O resfriador com capacidade de 200 litros, adquirido pelo produtor através de políticas públicas de auxílio a pequenos produtores no ano de 2004, permite que o produtor continue na atividade.

A EMATER, através de projetos, presta assistência na propriedade auxiliando o produtor na organização e manejo das atividades de produção de leite. O produtor não utiliza ferramentas de gestão, mas aprendeu através de cursos realizados pelo SENAR, EMATER, Prefeitura de Bozano, Universidades e outras empresas do setor, a ter cuidado com os gastos provindos de investimentos desnecessários e incorretos. O produtor não investe muito em genética, melhorias nos equipamentos de ordenha e infraestrutura, pois sua filha não se mostra muito interessada em permanecer na atividade e a sua esposa já está aposentada. A persistência de continuar com a atividade é que, mesmo em condições de penosidade, gera uma renda mensal que complementa o sustento da família.

As estratégias adotadas pelo produtor referem-se à alternativa de manutenção e sobrevivência, como por exemplo, produzir com animais que não exijam muitos cuidados, vacas que produzam sem muito conforto, que não consumam muito alimento e não exijam tratamento com remédios e gostar de trabalhar na atividade. O sistema a pasto piqueteado também é uma forma de organizar e fazer o manejo correto para ter alimento adequado todos os dias na propriedade.

P9 – Produtor de leite do estilo “T”, mas que possui algumas características do “E”. Com estilos sobrepostos, pois alguns aspectos da propriedade estão relacionados ao estilo Tradicional, tais como a infraestrutura, instalações, equipamentos e tecnologia e, ao mesmo tempo, a área de terra, produção, crédito e mão de obra são característicos do estilo empresarial.

Esse produtor tem uma área de 48 ha, mas destina a atividade leiteira 18ha no verão e 25ha no inverno. A propriedade possui um total de 50 animais, dos quais 35 estão em

lactação, 12 são novilhas para a reposição e 3 terneiras recém-nascidas. À média de produção é de 630 litros/dia, de forma que cada vaca produz aproximadamente 18 litros/dia, manejadas por um sistema a pasto piqueteado. Os equipamentos utilizados são considerados simples, a infraestrutura é antiga e demanda melhorias e modificações. A ração é adquirida de empresas especializadas, fazendo com que o produtor produza apenas a silagem como alimento suplementar aos animais. A propriedade através de crédito possui financiado um trator e uma plantadeira, ambos utilizados para o plantio do milho, pasto, soja e demais cultivares. A renda provinda desta produção contribuiu muito para propriedade, visto que já foram adquiridos carros, equipamentos para o manuseio e plantio dos cultivares, ampliação da área de terra, novas ferramentas de trabalho e, principalmente, o pagamento do ensino superior das duas filhas.

O auxílio e assessoria recebidos da EMATER, prefeitura de Bozano, empresas produtoras da ração e da indústria captadora do leite são através de cursos, palestras sobre gestão, adubação correta no solo, sêmen gratuito para inseminação, manejo dos animais, entre outras. A propriedade, com mão de obra familiar (proprietário e esposa), conta com um diarista que ajuda nas atividades da produção de leite e das demais atividades da lavoura.

A estratégia adotada pelo produtor, de manutenção, contribui para a permanência e evolução da atividade. Além disso, a não ampliação da área de terra exclusivamente para manejar as vacas em lactação, trabalhar com número limite de vacas em lactação e poucos investimentos em novas instalações, são vistos pelo produtor como fatores que contribuem para manter o resultado da produção, gerando renda para a família, apesar de tornar a atividade mais penosa.

P10 – O produtor do estilo “E” que participou da pesquisa é responsável, atualmente, pela maior produção de leite no município, cuja média se aproxima dos 1.400 litros/dia. A propriedade possui 100ha, destinando 40ha à produção de leite e os demais ao plantio de outros cultivares. Dentre os 100 animais da propriedade, 70 são vacas em lactação, 12 vacas inseminadas (não produzindo) e 18 são novilhas em reposição. A propriedade está em processo de transição de um sistema a pasto piqueteado para um sistema de confinamento *Compost barn*, ainda sendo organizado. O trabalho que era desenvolvido no sistema anterior, a pasto, exigia envolvimento e dedicação, praticamente, durante todo o dia e de todos os envolvidos na atividade. Agora, o novo sistema gera menos tempo de trabalho, ajudando o proprietário a observar seus animais e dar um maior conforto para que proporcionem maior produção. A média de produção de 20litros/vaca/dia ainda é considerada baixa para o sistema adotado, mas a propriedade está trabalhando para acertar a dieta e melhorar a genética dos

animais da propriedade. A ração, adquirida a granel, é comprada direto da indústria. A silagem, utilizada como alimento complementar, é produzida na propriedade.

O processo de trabalho é familiar (proprietário e filho), contando com o auxílio de dois funcionários nas atividades ligadas a pecuária leiteira e demais afazeres que a propriedade necessita. Não possui nenhuma ferramenta de gestão, mas contam com um cronograma de férias para os funcionários e para o proprietário e filho. Além disso, são organizados com boletos, contas a pagar e a receber, distribuídos em pastas, para facilitar a visualização e não perder o controle, deixando de saldar com os compromissos e/ou receber valores.

A Figura 15 ilustra, em sua primeira linha o produtor de leite P8, na segunda linha P9 e na terceira P10, com particularidades de cada unidade de produção descritas.

Figura 15 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Bozano



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

Apesar disso frisa-se que, nos últimos anos, o produtor P10 teve alguns percalços deixando de receber valores com a produção devido à falência de algumas indústrias que captavam o leite da propriedade, sendo que das três empresas que decretaram falência, uma delas ainda não saldou com a dívida. Essa descapitalização fez com que o produtor buscasse

crédito em bancos e retirasse parte da renda derivada das demais atividades da propriedade para conseguir saldar a compra dos insumos. A propriedade vem investindo em tecnologias que auxiliam no desenvolvimento das atividades, gerando uma maior praticidade e conforto, tanto para os animais quanto para os profissionais que trabalham na propriedade. Precisa melhorias na sala de ordenha, no depósito dos insumos e, preferencialmente, uma ordenhadeira nova, capaz de proporcionar praticidade e diminuir o tempo de serviço.

A propriedade vem adotando como estratégia o novo manejo, *Compost barn*, conseqüentemente a diminuição de tempo de trabalho, redução da área para o leite e aumento para o plantio de outros cultivares. Também é necessário acertar a dieta dos animais, ajustar a reprodução para que sempre tenha 20% de reposição, genética cada vez melhor, conciliar a pecuária leiteira com o plantio de outros cultivos gerando renda para a propriedade e, principalmente, gostar de trabalhar com a produção de leite. Aspectos que se caracterizam como estratégias de manutenção e crescimento.

5.1.4 Catuípe

Foram entrevistados no município de Catuípe dez produtores de leite (P11 ao P20), caracterizados conforme os estilos no Quadro 14, no qual é possível visualizar os procedimentos realizados para a produção e trabalho das propriedades pesquisadas. Nota-se que, em alguns estilos de produtores encontrados neste município, as características produtivas são semelhantes em alguns ciclos, mas, no entanto, possuem diferenças nas estratégias, área disponível para produção, escala de produção, mão de obra utilizada, infraestrutura e manejo.

Quadro 14 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Catuípe

CATUÍPE	Estilo de Produtores de Leite	Objetos de Trabalho	Força de Trabalho	Instrumentos (sistema de manejo)	Estratégias socioeconômicas
P11	T	07ha e 15 litros/vaca/dia	1 pessoas da família	A pasto com lotes piqueteados-Semi-confinado	Manutenção
P12		12ha e 18 litros/vaca/dia	3 pessoas da família	A pasto com lotes piqueteados-Semi-confinado	
P13		15ha e 17 litros/vaca/dia	3 pessoas da família	A pasto com lotes piqueteados-Semi-confinado	

P14	T E	15ha e 22 litros/vaca/dia	3 pessoas da família	A pasto com lotes piqueteados - Semi-confinado	Manutenção/ Crescimento
P15		12ha e 18 litros/vaca/dia	2 pessoas da família	A pasto com lotes piqueteados - Semi-confinado	
P16	E	27ha e 23 litros/vaca/dia	2 pessoas da família + 1 diarista	A pasto com lotes piqueteados - Semi-confinado	
P17		26ha e 22 litros/vaca/dia	4 pessoas da família + um diarista	A pasto com lotes piqueteados - Semi-confinado	Manutenção
P18	C	55ha e 35 litros/vaca/dia	2 pessoas da família + 5 funcionários	Confinado (<i>Compost barn</i>)	Crescimento
P19		96ha e 27 litros/vaca/dia	1 pessoas da família + 5 funcionários	Confinado (<i>Free stall</i>)	
P20		250ha e 30 litros/vaca/dia	3 pessoas da família + 15 funcionários	Confinado (<i>Free stall</i>)	Crescimento/ Desenvolvimento

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

Os produtores de leite entrevistados **P11** ao **P13** integram-se ao estilo “T”. São produtores que exercem sua atividade exclusivamente com mão de obra familiar, disponibilizam equipamentos de trabalho simples, parte de seus objetos de trabalho não recebem melhoramento genético, não disponibilizam terras suficientes para ampliar o número de vacas e a produção. A quantidade total de animais, raça e genética varia entre as propriedades, sendo que os produtores procuram melhorar a genética, mesclar as raças e ampliar o número de vacas com melhor rendimento através de manejos diferenciados.

As propriedades são dinâmicas, pois além da produção do leite diversificam as atividades com a venda de pequenos rebanhos Red Angus, destinados à venda de carne. Devido à baixa produção de leite, distância das propriedades e por estar fora dos principais roteiros das indústrias, a produção do leite nestas localidades é coletada pelo transportador a cada dois dias. A média de produtividade das vacas em ordenha, entre as propriedades, varia de 15 a 18 litros/vaca/dia, sendo que a propriedade que possui mais vacas em lactação tem 20 animais. Todas possuem novilhas para reposição.

A infraestrutura atual dos produtores “T” é antiga e necessita de melhorias, ajustes e reformulações para tornar a atividade menos penosa e dar uma melhor condição de trabalho para as famílias. O sistema de manejo destas propriedades é a pasto com piquetes para aproveitar a área disponível e semi-confinado para suplementar com alimentação. A ração de

milho e o farelo de soja são adquiridos em empresas especializadas ou através de vizinhos, que possuem esses produtos em armazém e vendem a um preço menor ou em troca de serviços. Já a ração industrial é adquirida nas agropecuárias do município, pagas com o valor da produção do leite, usada como complemento da silagem, do pasto e grama *tifton* que alimentam os animais.

Devido as condições econômicas de cada unidade de produção e por dispor de pequenas áreas de terra, alguns produtores apresentam dificuldades de acesso à financiamentos e buscam crédito somente com custeio para adquirir novos animais, fazer o plantio do milho e dos demais insumos produzidos. Os produtores possuem conhecimento técnico referente a produção, mas demandam aperfeiçoar suas habilidades em outras questões ligadas a estrutura da propriedade. A gestão é considerada simples, quase que inexistente, sem muito cuidado com as receitas e despesas, mas todos buscam participar de cursos, palestras e capacitações que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais Familiares proporciona em conjunto com o SENAR e EMATER.

Os produtores do estilo “T” possuem características em comum, mas adotam estratégias diferentes em suas propriedades, relacionadas a manutenção. Todos possuem uma média de produção que se aproxima dos 300 litros/dia e exercem as atividades exclusivamente com os integrantes da família. A estratégia descrita pelo produtor **P11** é produzir, em média, três animais de corte para vender durante o ano, frisando possuir vacas Holandesas e Jersey para obter um leite com mais proteínas, além de entregar a matéria prima para indústrias processadoras que valorizam esses diferenciais pagando mais pelo produto. O **P12** adota como estratégia a ração produzida na propriedade, através da compra de insumos dos vizinhos e a venda do leite para cooperativas, que oferecem assistência e colaboram com o desenvolvimento da propriedade. O **P13** tem como estratégias o aproveitamento maior da área, através de lotes de pastos e grama piqueteados, além de contar com a esposa e filha para auxiliar nas atividades da propriedade.

Na Figura 16 é possível identificar como estão estruturados os produtores do estilo “T” entrevistados do município de Catuípe. Na primeira linha visualizam-se registros da propriedade de leite P11, na segunda linha P12 e na terceira P13, com suas características e particularidades.

Figura 16 - Imagens das propriedades produtoras de leite “T” de Catuípe



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

Os produtores de leite entrevistados em Catuípe, identificados como **P14** e **P15** caracterizam-se entre os estilos “T” e o estilo “E”, ou seja, com características tradicionais e, ao mesmo tempo empresariais, pois possuem uma pequena área de terra destinada ao manejo com os animais, mas conseguem produzir um volume de leite maior em sua propriedade.

P14 – A proprietária, o marido e a filha exercem as atividades da produção de leite em uma área de 15ha, com 20 vacas em lactação, chegando a uma média de 440 litros/dia. Na área total disponível, produzem silagem, sorgo, aveia e trabalham com o sistema a pasto com lotes piqueteados em grama Tifton, complementando os animais com ração industrializada, na nova sala do sistema semi-confinado. Como diferencial, recebem assistência técnica da cooperativa para a qual entregam o produto, em relação ao manejo com os animais e quanto à organização da gestão da propriedade. Adquiriu crédito para construir a sala de confinamento que auxilia no aumento da produção e no manejo mais adequado, cujos registros fotográficos estão ilustrados na primeira linha da Figura 17.

Tais características enquadram-se nas estratégias de manutenção e crescimento, devido aos processos de melhoria e inovação adotados, ampliando investimentos e traçando metodologias de expansão da atividade. Da mesma forma que o produtor P15, com característica semelhantes, do estilo “T” e “E”.

P15 – É um produtor mais tecnificado. Disponibiliza uma infraestrutura que auxilia e minimiza a penosidade da mão de obra da família, contando com desensilador, trator, ordenha canalizada, resfriador e outros equipamentos para a atividade leiteira. Possui uma quantidade maior de animais (25 vacas) e produz em média 450 litros/dia. Na área total disponível (50ha), 12ha são exclusivamente para o manejo da produção de leite e os demais servem como fonte de renda através do cultivo de diferentes grãos, em períodos distintos (inverno e verão). A segunda linha da Figura 17 traz características deste produtor.

Figura 17 - Imagens das propriedades produtoras de leite “T” e “E” de Catuípe



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

Os produtores de leite entrevistados em Catuípe, **P16** e **P17**, integram-se ao estilo “E”. Como característica comum, possuem auxílio de mão de obra contratada, além da família que desenvolve as atividades com a produção de leite.

P16 – Diferenciou-se ao construir novas instalações, buscando o manejo adequado e maior conforto aos animais, na tentativa de aumentar a produção e, ao mesmo tempo, maior praticidade ao desenvolver as atividades. Trata-se de um produtor jovem com ensino técnico agrícola que, através das estratégias de crescimento, busca novas formas de manejo, técnicas,

gestão, ampliação da estrutura, aumento da escala de produção e, conseqüentemente, maiores lucros. Para diminuir o custo trabalha com a produção de grão úmido, usada como suplemento dos animais no lugar da ração industrializada. Além disso, realizou o curso de inseminação e adquiriu botijão de sêmen, o que diminui os custos com a mão de obra especializada, mas não dispensa a presença de um veterinário, que realiza visitas mensais para acompanhar o desenvolvimento dos animais.

Nesta propriedade a área é destinada para o plantio dos insumos e a produção da própria ração a ser utilizada no complemento dos animais, predominantemente vacas Jersey (70%) que ajudam a ter um leite com maior nível de proteína, valorizado pela indústria à qual entrega o produto. Explica-se pelo fato de o leite Jersey conter maior quantidade de sólidos não gordurosos e gordura, quando comparado com o produzido por outras raças leiteiras, sendo que quanto mais componentes, mais saboroso e nutritivo é o leite. Por transformar de forma eficiente, as rações e a forragem em produção de leite, o gado Jersey apresenta bom desempenho neste sistema, requerendo menos área de pasto por vaca. Ou seja, a medida que se aumenta o índice de pastoreio, também aumenta o lucro por hectare.

A localidade é distante da estrada principal utilizada para a captação do leite, exigindo o aumento da produção para que ocorra o interesse e o recolhimento do produto diário. O produtor utilizou, por algum tempo, algumas ferramentas de gestão, mas não as intensificou devido à dificuldade de acesso à internet, levando a continuar com o sistema manual de anotações, cálculos e informações da propriedade, visualizadas na primeira linha da Figura 18.

P17 – Quatro pessoas da família atuam na atividade leiteira: o proprietário e esposa, mais o filho e a nora, além da mão de obra contratada. Verifica-se que a propriedade vem passando de geração para geração, cujos 26ha são utilizados totalmente para o manejo e cultivo dos insumos para a produção de leite. Com 30 vacas em lactação (Holandesas) chegam a uma produção de 660 litros/dia, que exige 6 horas de trabalho diárias, intercalados entre a família e o diarista. As mulheres atuam mais na sala de ordenha, com a coleta e limpeza dos instrumentos e resfriador, além dos afazeres domésticos das duas famílias. Os homens fazem o plantio dos insumos, alimentação, manejo dos animais e cuidados com a gestão do processo. Esta organização permite o bom convívio da família, usufruir férias, sem sobrecarga de trabalho. Não possuem qualificação, sendo que o proprietário (pai) e, inclusive seu filho, possuem apenas o ensino fundamental.

Os instrumentos de trabalhos precisam melhorias, pois os equipamentos são antigos e demandam maior carga horária, exigindo envolvimento por parte da família nos afazeres.

Suas instalações e infraestrutura estão sendo modificadas aos poucos, devido aos altos valores que impossibilitam investimento imediato, com a intenção de substituí-las por mais atualizados e eficientes, reduzindo horas de trabalho, mão de obra e esforço físico, ajudando na organização da propriedade. Fatores que caracterizam estratégias de manutenção, procurando estabilidade na atividade leiteira, para dar continuidade com a sucessão familiar. Relatam que vendem o produto há mais de três anos para a mesma empresa, pela valorização de seu trabalho e fidelização do serviço, demonstrados na segunda linha da Figura 18.

Figura 18 - Imagens das propriedades produtoras de leite “E” de Catuípe



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

Ainda no município de Catuípe, foram entrevistados três produtores do estilo “C”, Capitalista, cujas semelhanças apontam alta produção, tecnologias sofisticadas, instalações modernas, amplos volumes de créditos para financiamentos e a utilização da gestão como ferramenta principal de trabalho. Destaca-se ainda que as três propriedades visitadas disponibilizam moradias e estrutura adequada para a instalação dos funcionários e suas famílias, fator que facilita e contribui para a prestação de serviço.

P18 – Casal jovem que começou a atividade com a intenção de empreender e ter uma renda complementar na propriedade. Além do proprietário e esposa, conta com 5 funcionários que realizam atividades em 55ha destinados à produção de leite. A área sobressaliente, do total de 780ha, é destinada ao plantio de outros cultivares que garante parte da renda da

família. O sistema adotado pela propriedade desde 2015, o *Compost barn*, substituiu o sistema a pasto, semi-confinado, que permitiu chegar a maiores produções de leite com menor área de manejo. Atualmente possui 200 animais na propriedade, 120 novilhas e vacas pré-parto e 80 animais em lactação, alcançando 2.800 litros/dia. Para a construção deste sistema a propriedade disponibilizou crédito para custeio, utilizando também parte de recursos próprios para diminuir dividendos. Como benefícios, relata a ocupação de menor área de terra, redução da mão de obra e menos descarte dos animais, aumentando a vida útil, conforto e produção. Devido a estes ajustes no sistema, a propriedade optou por não produzir a ração na unidade de produção, comprando direto da indústria, obtendo preços acessíveis, não gerando custos com a compra de maquinários, misturadores, estrutura adequada para armazenagem e funcionários.

As tarefas gerenciais são divididas entre o casal, sendo que a esposa cuida da parte administrativa, compra de insumos, pagamento de funcionários, controle das despesas, entre outras tarefas; enquanto o proprietário gerencia a parte de reprodução dos animais, genética e demais atividades de manejo, bem como a produção dos outros cultivares. Enquanto estratégias de crescimento destacam-se o conforto proporcionado para os animais que garantem maior produção, alimento de excelente qualidade como a silagem e feno seco de aveia produzidos na propriedade, gestão e controle total de reposição, parte reprodutiva e genética dos animais.

P19 – O diferencial desta propriedade é a presença de um gestor, contratado para acompanhar e auxiliar todas as atividades de manejo dos animais, plantio dos insumos, ordenha, sistema reprodutivo, genética, reposição de novilhas, controle dos funcionários, enfim, todas as etapas da produção de leite. Isso porque o proprietário possui atividades paralelas, em outros segmentos ligados ao comércio, mas participa da tomada de decisões e acompanhamento dos investimentos e rendimentos da produção de leite.

A propriedade possui 100 vacas em lactação em um sistema *Free stall*, produzindo 2.700 litros/dia. A produção é totalmente tecnificada. Possui sistema de carrossel para ordenha com capacidade para 24 animais, tratores novos adequados a atividade, desensilador, resfriadores, vala de armazenamento para silagem de concreto para evitar perdas, animais separados por idades, desmame, aptas a inseminar e/ou pré-parto, para obter maior controle e eficiência entre os lotes. Além da silagem de milho e feno seco de aveia, produz grão úmido de milho para a suplementação alimentar dos animais.

Dos 96ha utilizados para a atividade leiteira, 40ha são destinados para silagem, 10ha para grão úmido de milho, 36ha para feno seco de aveia e 10ha para as novilhas em reposição. O sistema passa por ajustes, devido a ineficiências na gestão anterior que debilitou os animais,

justificando a baixa produção atual. Trabalha-se com estratégias de crescimento, buscando novos manejos, tais como o sistema *Compost barn e Free stall*, divisão dos lotes de produção, descarte de animais com baixa produtividade, ampliação da estrutura, novos investimentos, cujo controle e gestão estimam aumento da produção a longo prazo.

P20 – Conforme os dados apurados na pesquisa, este é segundo maior produtor de leite do COREDE Noroeste Colonial, com uma produção de 9.000 litros/dia. Possui uma área destinada à produção de leite de 250ha, utilizada para o manejo dos animais e cultivo dos suplementos alimentares. A área complementar da propriedade é utilizada para demais cultivos. Com 300 animais em lactação, em um sistema de manejo *Free stall*, caracteriza-se como uma propriedade completa, moderna, com equipamentos atuais e tecnologias sofisticadas, adequadas ao estilo de produção.

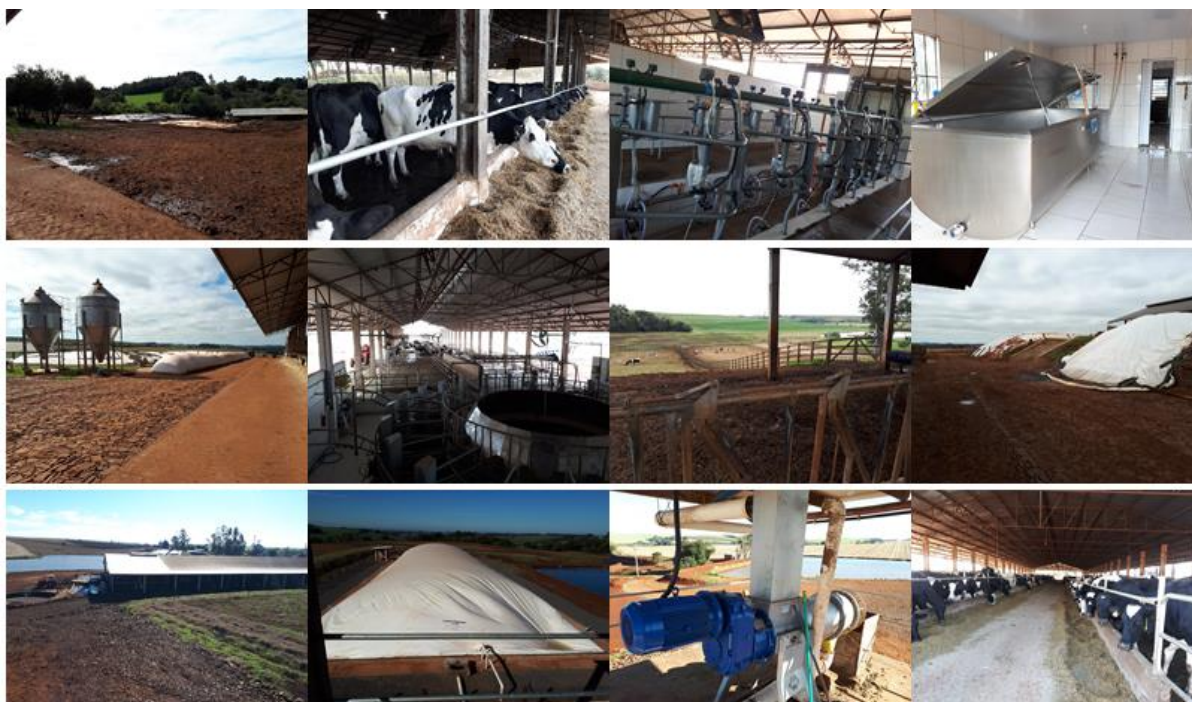
A propriedade possui sistema de biodigestor, com a finalidade de dar um destino adequado aos dejetos e resíduos da produção e, somado a isso, gerar renda e lucratividade ao sistema. A tecnologia de biodigestão despertou o interesse do produtor por permitir o aproveitamento do esterco animal para biofertilizante, para biogás e também por contribuir com o tratamento adequado de dejetos, evitando a poluição dos recursos hídricos e a emissão de gases sobre a atmosfera, aproveitando ainda os resíduos secos, tratados, para a montagem da cama das vacas no sistema *Free stall*, diminuindo os custos com a compra de areia e/ou colchões de borracha para a acomodação dos animais.

Além de ser uma das alternativas para minimizar o impacto causado pelos dejetos no meio ambiente, a adoção da reciclagem desses resíduos por meio do processo da biodigestão anaeróbia serviu para a produção de biogás na propriedade. A geração de biogás produz inúmeras vantagens transformando dejetos causadores de poluição em energia útil a ser aproveitada nas atividades diárias, pois o metano (principal componente) gerado nos biodigestores pode ser aproveitado como fonte de energia térmica ou elétrica, usada em substituição aos combustíveis fósseis (GLP) ou à lenha, tendo como vantagem, ser uma fonte de energia renovável, principalmente em substituição a outras fontes energéticas, reduzindo os custos da produção.

O sistema de biodigestor é a principal estratégia de desenvolvimento adotada pelo produtor, que conta com a colaboração de 15 funcionários nas atividades diárias, além de sua esposa e filho, que auxiliam na gestão da propriedade, realizada de forma eficiente, caracterizando a estratégia de crescimento da unidade de produção.

Este diferencial pode ser visualizado nas imagens registradas durante a visita, alocadas na última linha da Figura 19. A primeira linha refere-se ao P18 e a segunda ao P19, descritos acima.

Figura 19 - Imagens das propriedades produtoras de leite “C” de Catuípe



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

5.1.5 Condor

No município de Condor foram entrevistados quatro produtores de leite (P21 ao P24), descritos no **Quadro 15**, conforme os estilos identificados no estudo. Destaca-se que, neste município está localizada a segunda maior propriedade produtora de leite do Estado do RS, com uma produção média diária de 20.799 litros/dia (MILKPOINT-TOP100, 2018).

Quadro 15 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Condor

CONDOR	Estilo de Produtores de Leite	Objetos de Trabalho	Força de Trabalho	Instrumentos (sistema de manejo)	Estratégias socioeconômicas
P21	T	20ha e 18 litros/vaca/dia	2 pessoas da família	A pasto com lotes piqueteados	Sobrevivência/ Manutenção
P22	T	26ha e 25 litros/vaca/dia	4 pessoas da família	A pasto com lotes piqueteados semi-confinado	Manutenção
	E				

P23	C	230ha e 23 litros/vaca/dia		1 pessoa da família + 11 funcionários	Confinado (<i>Compost barn</i>)	Crescimento
P24		460 ha	38L/vaca/dia	3 pessoas da família + 28 funcionários	Confinado (<i>Free stall</i>)	Crescimento/ Desenvolvimento
			21L/vaca/dia		<i>A pasto semi-confinado</i>	

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018). L: litros.

P21 – O produtor de leite do estilo “T” que participou da pesquisa dedica seu tempo de trabalho para atividades ligadas a produção de leite, produção de peixe em açudes e os cultivos para feno seco, tanto em sua propriedade, quanto em unidade de produção de produtores que demandam este serviço. O produtor dispõe de uma área total de 40ha. Destes, utiliza 12ha para o pastorejo rotacionado, com uma parte de grama tifton e outra com aveia preta consorciada com nabo, 6ha com plantio de milho para silagem, 2ha com azevém para feno seco e os demais hectares possuem outros cultivares. A produção diária de leite da propriedade é de 234 litros, com uma média de 18litros/vaca/dia, contendo 13 vacas em lactação: 10 holandesas e 3 Jersey. Do total de 27 animais da propriedade, 10 são novilhas para reposição, 3 vacas inseminadas e um touro reprodutor.

As atividades são desenvolvidas exclusivamente pela família. O proprietário e sua esposa são responsáveis por todo o trabalho realizado com a produção do leite. Os instrumentos utilizados para facilitar a mão de obra com as atividades são simples, necessitam melhorias e demandam alterações na infraestrutura em geral. O proprietário está buscando modificar o espaço de ordenha, sala de espera dos animais e a sala de confinamento proporcionando um espaço adequado e favorável para o manejo e produção. Além do sistema a pasto piqueteado e silagem, o produtor compra ração da cooperativa no município, enquanto sócio consegue descontos e condições para pagamento no dia que recebe o valor adquirido com a produção de leite.

O sistema de manejo a pasto possui 8ha irrigados, cuja infraestrutura foi adquirida pelo proprietário através do PRONAF Mais Alimento. A EMATER do município junto com a Secretaria de Agricultura de Condor ajudou na elaboração do projeto. O produtor possui maquinários, de baixa tecnologia, usados para facilitar e agilizar o trabalho na propriedade, mas necessita de renovações. Alguns dos equipamentos sofreram ajustes e adaptações para ajudar e melhorar o manejo, postergando a aquisição de equipamentos novos, reduzindo custos imediatos, realizando a mesma função. A máquina enfardadeira de feno seco foi

comprada com 2 anos de uso, em sociedade com outro produtor. O lucro adquirido através da máquina é dividido entre os produtores, considerada uma renda extra e oportuna.

O nível do sistema de gestão é baixo. Utiliza uma planilha impressa pelo veterinário com informações sobre o controle do ciclo de produção, faz anotações sobre despesas e receitas provindas do leite e da máquina enfardadeira de feno. O produtor finalizou o ensino fundamental não dando continuidade aos estudos. Mas devido ao tempo de dedicação na atividade do leite, suas habilidades foram sendo aperfeiçoadas e hoje busca conhecimento através de cursos, palestras proporcionadas pelas indústrias captadoras de leite e de insumos, EMATER e prefeitura do município.

Devido à pouca área de terra e as condições da propriedade, a máquina enfardadeira de feno seco é considerada uma das estratégias para que o produtor se mantenha na atividade. Outra seria a irrigação e o sistema a pasto rotacionado com grama *tifton*, nabo e aveia preta. Com a máquina é possível produzir seu próprio feno e, quando necessário, trocar o serviço por feno de outros produtores, gerando renda. As estratégias presentes na propriedade estão integradas à sobrevivência e manutenção.

P22 – O produtor de leite entrevistado em Condor possui características tradicionais e, ao mesmo tempo, empresariais, caracterizando-se no estilo “T” e “E”, pois está buscando melhorar seus processos, ajustando sua estrutura para dar maior conforto aos animais e mais praticidade para os que desenvolvem o trabalho. Por ser uma propriedade com mão de obra totalmente familiar (proprietário, esposa, filho e nora), atualmente, está passando por um processo de transição, através de modificações em sua estrutura. O sistema de confinamento está sendo melhorado para atender uma maior quantidade de vacas e para facilitar a mão de obra da família. O pastejo rotacionado com lotes a pasto piqueteados praticado demanda um maior envolvimento da família e mais horas de trabalho.

A propriedade disponibiliza uma área total de 80ha: 16ha são utilizados para o manejo com pastagens, 10ha para o plantio de milho para silagem e 54ha são destinados ao plantio de outras cultivares. A média de produção de leite da propriedade é de 700litros/dia. Pode sofrer alterações em períodos de calor e invernos chuvosos, caracterizando baixa produção pela quantidade e qualidade dos pastos. O consumo de ração industrial supre a deficiência da falta de pasto, mas como consequência o custo se torna maior.

Para compor a dieta das 28 vacas em lactação, 3 vacas pré-parto, 8 novilhas para reposição e dois bois da propriedade são necessários adquirir da indústria ou comércio local feno seco, ração e outros insumos usados para alimentação. Como complemento é usado a silagem que favorece a produtividade das vacas em lactação. A propriedade disponibiliza de

todos os equipamentos necessários para realizar a produção de forma menos penosa, sendo utilizado para auxiliar na produção ordenha canalizada, resfriador, desensilador, silo ração, trator e insumos utilizados para higienização da ordenha e dos animais. Portanto, a tecnologia adotada está em fase de melhorias, mas poder ser considerada fundamental para a continuidade das atividades na propriedade.

O proprietário disponibiliza de crédito para financiar sua lavoura e para aquisição dos insumos utilizados para fazer o plantio do milho para a silagem. Esses valores são praticamente custeados com a renda da produção de leite e, em alguns períodos, são utilizados valores provindos de outros cultivares. O filho do proprietário está fazendo cursos para buscar conhecimento e novas técnicas de produção a fim de continuar a atividade. Não são utilizadas ferramentas de gestão, apenas o filho do proprietário, em conjunto com a nora, realiza anotações em uma planilha do Excel para acompanhar a produção, fazer a divisão dos valores recebidos com a produção do leite, quitar as despesas com a compra de insumos e para dividir entre a família os resultados da produção.

A atividade desenvolvida pelos integrantes da família permite que, tanto o casal de jovens como os pais, possam se ausentar das atividades em períodos diferentes para descanso, lazer e férias. Essa prática permite que as duas famílias consigam curtir períodos distante da atividade, sem um envolvimento direto no trabalho físico.

O produtor busca o desenvolvimento da propriedade, ações de melhoria, inovação, eficiência nas atividades e especialização. Portanto ao adotar mudanças na estrutura, trabalhar com os cultivares para complementar a renda, organizar o trabalho totalmente familiar, com período de descanso com as férias, caracteriza estratégias de manutenção.

P23 e P24 – Os produtores de leite do estilo “C” entrevistados em Condor são considerados empreendedores/capitalistas, pois utilizam alto grau de tecnologia, modernas instalações, maquinários e equipamentos sofisticados, contratando mão de obra especializada. Estão sempre buscando modificar, inovar seus processos para aumentar a produção e diminuir custos, com produção em larga escala. Possuem estratégias diferentes, mas objetivos idênticos: o “lucro” com a produção.

O produtor **P23** devido à grande extensão de área de terra que possui optou por fazer investimentos na atividade leiteira, além trabalhar com o gado de corte e lavoura. Possui formação em Agronomia e há mais de 20 anos desenvolve a atividade leiteira na propriedade.

O trabalho exercido na propriedade é dividido quantos as atividades desenvolvidas pelos funcionários, pois os colaboradores da produção de leite não exercem funções no plantio de outros cultivares e nem realizam o trabalho com gado de corte, ou seja, são

exclusivos para cada atividades, organizados em escalas de trabalho. Por não ter filhos para a sucessão, o proprietário optou em contratar um casal de funcionários para gerenciar o tambo de leite. No início das atividades o sistema era a pasto e semi-confinado. Posteriormente foi ampliando e reorganizado, passando a um sistema confinado *Compost Barn*. Hoje a propriedade tem uma capacidade para 400 animais, mas possui 270 vacas em lactação, com uma média de produção de 6.210 litros/dia.

Ainda assim, a média de produção é considerada baixa, mas continuamente está sendo melhorada quanto a genética, manejo, nutrição alimentar e reposição das vacas em lactação. Segundo relatos do produtor, a aquisição de lotes de vacas de outras propriedades que estavam doentes, contaminaram parte do rebanho, diminuindo o total de animais da propriedade pela necessidade de descarte. Os demais animais da propriedade estão separados em espaços que antes eram utilizados para o confinamento, poteiros e áreas de campo com aveia e azevém. A propriedade dispõe de 130ha para o plantio de milho para silagem e grão úmido que é armazenado em um silo bolsa. Disponibiliza uma área de 100ha para manejo dos animais, terneiras e novilhas para reposição.

A alimentação tem como complemento a ração industrial, caroço de algodão, feno seco de aveia, adquiridos direto das indústrias. Além destes, são usados a silagem e o grão úmido de milho, produzido na própria propriedade. Para realizar a dieta nutritiva dos animais a empresa que vende a ração disponibiliza um veterinário e um nutricionista animal para compor e fazer o cardápio dos animais da propriedade. Os animais estão divididos em lotes para ajudar na formulação da dieta alimentar, classificados pela produção apresentada.

Para desenvolver as atividades com o tambo de leite a propriedade dispõe de 9 funcionários, mais o casal que gerencia, considerados 11 colaboradores no total. Destes, 8 residem na propriedade, em casas de alvenaria feita pelo proprietário próximas ao tambo de leite, e os demais residem na cidade e se deslocam para trabalhar diariamente. As atividades são divididas em funções, onde cada um exerce o trabalho demandado em contrato. Todos registram ponto com horário de entrada e saída, a fim de cumprir o total de horas demandadas e, principalmente, para que o proprietário e os gestores tenham maior controle quanto ao trabalho exercido. Todos têm direito a salário, férias, horas extra, entre outras gratificações preconizadas pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

As instalações da propriedade são modernas, com modificações recentes e adequadas ao estilo de produção. O nível de tecnologias é alto e os equipamentos sofisticados, o que permite diminuir horas de trabalho e mão de obra. Recentemente instalou-se na unidade de produção a sala de ordenha em carrossel, com capacidade para 36 animais. Este sistema é

muito eficiente e torna o trabalho mais prático e mais rápido, ou seja, permite mais leite por hora de operação, diminuiu o tempo e aumenta o rendimento de ordenha, proporciona conforto animal e dos operadores, diminui o número de funcionários e possibilita a robotização. Com este sistema os gestores podem acompanhar a produção de cada animal e a qualidade do leite produzido. O *software* disponibilizado para a propriedade, além de controlar a produção, permite gestão e auxílio na tomada de decisões. Portanto, a gestão que era realizada de forma simples, atualmente está em processos de desenvolvimento com o novo sistema adotado. Cabe ressaltar que, as empresas que vendem os insumos e equipamentos para a propriedade oferecem treinamento e cursos para os funcionários. Todos passaram por capacitações antes de iniciar definitivamente a atividade.

Dentre as estratégias destacadas pelo proprietário e gestores, além do gosto pela atividade, estão a aptidão em ser empreendedor, a necessidade de acompanhar a tecnologia, trabalhar com genética de animais produtivos e melhorar a produção para, então, permanecer na atividade. Por estar buscando integração com novas formas de manejo, técnicas e ampliando a estrutura com novos investimentos, realiza estratégias de crescimento.

P24 – Este produtor de leite desenvolve a atividade há mais 30 anos. A evolução em relação a produtividade, manejo, genética, tecnologia e gestão são ferramentas presentes na propriedade que caracterizam o estilo “C”. Devido a extensão de área de terra que a família possui, optou-se por diversificar as atividades para obter rendimentos mensalmente. Os filhos do proprietário assumiram a propriedade e dividem o trabalho em dois segmentos: produção agrícola, com a gestão do filho e pecuária leiteira, com a filha e o genro. A propriedade disponibiliza 28 funcionários para as atividades exclusivamente da produção e manejo do leite, sendo que as horas de trabalho são divididas em turnos pela realização de três ordenhas diárias, demandando diferentes equipes de trabalhadores para desenvolver o trabalho em turnos alternados, com o devido intervalo de tempo proposto pela CLT. Além destes trabalhadores, a propriedade dispõe de um veterinário em tempo integral e um consultor administrativo que auxilia a filha e o genro na administração e gestão do tambo de leite. Todos os familiares da propriedade possuem ensino superior completo e especializações nas áreas de agronomia, veterinária e/ou administração.

A gestão, usada de forma contínua, é considerada fundamental para o desempenho e desenvolvimento de todos os processos da propriedade. Devido a amplitude do empreendimento, a gestão permite o acompanhamento e controle das atividades, proporcionando informações como resultados, possibilitando ações, tomada de decisões e a

visão global da unidade de produção. Além de ajudar na organização de todos os processos, auxilia na parte financeira, estratégica e organizacional da propriedade.

Todos os funcionários, antes de iniciar as atividades, são submetidos a cursos e treinamentos administrados pelos gestores e familiares. Posteriormente são avaliados e passam periodicamente por novas capacitações. Todos recebem Equipamentos de Proteção Individual (EPI's) que devem ser usados, diariamente, para a proteção do trabalhador na atividade executada. A propriedade possui 7 casas e 1 alojamento para acolher seus colaboradores. Os que não permanecem na propriedade e residem no município recebem alimentação no refeitório e ganham transporte para o deslocamento da propriedade até suas residências e da residência até ao local de trabalho. Além de receber o aumento salarial de acordo com o dissídio anualmente, os proprietários realizam um novo reajuste posterior, gratificando os funcionários.

A propriedade destina uma área de 80ha para o manejo dos animais, que estão no sistema a pasto semi-confinado; 230ha para o plantio de milho para silagem, grão úmido e ração; 150ha para silagem de aveia consorciada com outras cultivares. O total de 460ha utilizados para o plantio e manejo dos animais recebe irrigação. A composição dos dejetos que os animais produzem no sistema *Free stall* são reutilizados e passam por tratamento que evita a contaminação com o meio ambiente, resultando em um fertilizante que é excelente para o solo. Este chorume que se acumula na esterqueira recebe um manejo adequado para se tornar adubo utilizado nas cultivares.

São manejados na propriedade 1.300 animais destinados para a produção de leite. Destes 600 são vacas em lactação e os demais classificados como novilhas para reposição, terneiras e vacas em gestação. Estes animais estão divididos em lotes por idade, genética, ou seja, pela estação reprodutiva de cada animal. A produção das 400 vacas em lactação que ficam confinadas no sistema *Free stall* atinge uma média de 38 litros/vaca/dia, enquanto que as 200 vacas que ficam no sistema a pasto, semi-confinado, produzem em média 21 litros/vaca/dia. Para chegar nestes números a propriedade trabalha com três ordenhas diárias.

A alimentação dos animais, em sua maioria, é provinda dos insumos da propriedade. Apenas alguns minerais e suplementos são comprados para complementar a dieta dos animais. Essa composição recebe o acompanhamento de um veterinário que prepara a dieta para cada lote de animais da propriedade.

A infraestrutura e as instalações da propriedade são modernas, com modificações recentes. Equipamentos completos, com alto nível de tecnologia, proporcionam praticidade e comodidade no manejo e nos processos realizados pelos profissionais que desenvolvem o

trabalho. Para realizar tais investimentos a propriedade contou com linhas de créditos para obter os equipamentos, adquirir maquinários mais eficientes, construir e ampliar a capacidade de confinamento dos animais. Esse crédito permite que novos investimentos sejam realizados, bem como ajuda na organização do fluxo de caixa da propriedade. O sistema resfriamento instantâneo do leite tipo silo, é uma das ferramentas da propriedade que permite maior precisão, qualidade do leite e redução no custo de energia. Esse resfriador é usado em propriedades de alta produção, devido ao grande volume de leite e pela sua agilidade em resfriar o leite antes de chegar no silo/tanque de armazenagem.

A seguir, dispostas na Figura 20, as imagens captadas nas propriedades visitadas em Condor. Cada linha refere-se a um produtor, iniciando pelo P21 até P24, contrastando conforme o estilo de cada propriedade.

Figura 20 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Condor



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

Para se manter competitivo na atividade o produtor segue alguns preceitos básicos, considerados fundamentais para o desenvolvimento da propriedade. Dentre as estratégias descritas, de crescimento e desenvolvimento, estão as condições para permanecer investindo e melhorando seus processos, sendo a “gestão” um dos pontos prioritários e que

não pode ser deixado de lado. As demais estratégias utilizadas na propriedade são: fazer a ração com os insumos da propriedade, fazer a cama das vacas com os dejetos dos animais após passarem por um processo de secagem, dispor do carrossel de 80 vacas para agilizar as horas de ordenha, presença de consultor na propriedade, fazer três ordenhas diárias, genética, controle de todos os animais da propriedade, controle da qualidade do leite da propriedade, possui a ordenha antiga instalada caso ocorra problemas com o Carrossel, ser eficiente nos processos de gestão e gerar o lucro para a propriedade com as ações tomadas.

5.1.6 Coronel Barros

Os produtores de leite (P25 ao P28) de Coronel Barros estão apresentados no Quadro 16, conforme as descrições e observações realizadas a partir das entrevistas feitas nas unidades de produção. Este município é basicamente agrícola sendo que há predominância de pequenas e médias propriedades, com uma produção agropecuária intensiva e diversificada. Evidenciam-se peculiaridades, havendo locais com maior possibilidade de expansão das atividades ligadas a produção de leite e outros produzindo em menor expressão.

Quadro 16 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Coronel Barros

CORONEL BARROS	Estilo de Produtores de Leite	Objetos de Trabalho	Força de Trabalho	Instrumentos (sistema de manejo)	Estratégias socioeconômicas
P25	T	12,5ha e 8 litros/vaca/dia	2 pessoas da família	A pasto com lotes piqueteados	Manutenção/ Sobrevivência
P26	E	25ha e 23 litros/vaca/dia	5 pessoas da família	A pasto com lotes piqueteados – Semi-confinado	Manutenção/ Crescimento
P27		30ha e 25 litros/vaca/dia	4 pessoas da família	A pasto com lotes piqueteados – Semi-confinado	
P28		45ha e 25 litros/vaca/dia	4 pessoas da família	Transição: sistema a pasto – Confinado (<i>Compost barn</i>)	

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

P25 – O produtor de leite do estilo “T” entrevistado apresenta características diferenciadas no manejo e na forma de desenvolver o trabalho na propriedade. O proprietário conta com a ajuda do filho no turno da tarde após o mesmo deixar o trabalho que desenvolve em uma empresa localizada no próprio município. Por dispor uma área de terra total de

12,5ha, tem dificuldade de ampliar a produção, destinando uma área de 4,5ha para o pastoreio (potreiro), 4ha para o plantio de silagem, 1ha para plantio de cana-de-açúcar e 3ha para o plantio de aveia e outros tipos de alimentos usados para o manejo das vacas em lactação. Além destes, são adquiridos na agropecuária do município 35 bolsas por mês de farelo de soja e rações especiais para complementar a alimentação, com demais insumos.

Em alguns períodos o produtor usa o nome do filho, que trabalha na cidade, para comprar os insumos necessários que ajudam a aumentar a produção de leite das vacas. Devido a essa restrição, somada a dificuldade de acesso a crédito, o produtor não amplia a produção e acaba desenvolvendo as atividades de forma mais simples, sem muito acesso a tecnologias e ferramentas modernas. A propriedade possui 27 animais sendo que apenas 11 são vacas em lactação e as demais são terneiras e vacas que foram secas após o ciclo produtivo. A média de produção é baixa devido ao estilo dos animais, mais rústicos, com uma mescla de vacas cruzadas Jersey e Holandesas, que não apresentam uma genética avançada de altas produções, chegando uma média de 8 litros/vacas/dia, totalizando, aproximadamente, 88 litros/dia. Devido à baixa produtividade, o produtor armazena o leite em um resfriador para vender no dia seguinte após fazer uma nova ordenha, que será acrescentada para obter uma produção maior, que desperte o interesse da indústria em vir coletar.

Para se manter na atividade o produtor adquiriu um resfriador de 300 litros para garantir a armazenagem do produto por mais de um dia, assegurando a qualidade do leite vendido para a indústria. Também reformulou a sala de ordenha, estrutura para alimentação das vacas e adquiriu uma ordenha simples (balde ao pé), que antes era manual. A família não adota nenhum tipo de gestão e controle dos gastos, pois alega não ter muito conhecimento a respeito. Preferem anotar, eventualmente, apenas as despesas maiores, no mesmo caderno em que se registram os dias em que as vacas foram inseminadas. Como forma de organização, por estarem desenvolvendo as atividades entre pai e filho, tanto um como outro, pode se ausentar para eventuais passeios e viagem.

A atividade é considerada muito importante, pois com a renda gerada o proprietário consegue pagar os investimentos realizados com o resfriador, sala de ordenha, despesas com alimentação da família, gastos com energia e ainda auxiliar o filho em suas despesas. É através dela que a maior parte do sustento da família é adquirido, permitindo, em alguns períodos, que os rendimentos sejam investidos em melhorias na propriedade. Dessa forma, as estratégias evidenciadas na propriedade são estritamente de sobrevivência e manutenção, justificadas pela questão de como vem sendo desenvolvido o trabalho na propriedade, o não

investimento em tecnologia e a dificuldade encontrada por produtores descapitalizados e com baixa genética na propriedade.

As propriedades entrevistadas com produtores de leite do estilo “E”, no município de Coronel Barros, denominados **P26**, **P27** e **P28**, possuem algumas características complementares e outras divergentes de acordo com os processos e manejos adotados na propriedade. Mas todos estão em busca de uma maior produção e viabilidade do negócio, conforme segue.

P26 – Possui um sistema a pasto piqueteado que ocupa uma área de 18ha. Para o plantio de silagem são destinados 7ha e os demais (5ha) para o plantio de outros cultivares, utilizados para a alimentação complementar no sistema confinado. O pastejo rotacionado ocorre durante o dia e no período da noite os animais se alimentam de ração, silagem, feno seco, farelo de soja, entre outros insumos que são misturados para que ocorra uma maior produção. A família é que desenvolve integralmente as atividades, organizados com divisões de tarefas: proprietário e o filho mais velho fazem trabalhos que demandam força; sua irmã, esposa e filha realizam o manejo na sala de ordenha, resfriador de leite, limpeza e higienização dos equipamentos da ordenha e sala de espera dos animais.

A propriedade dispõe da maioria dos equipamentos necessários para facilitar e contribuir para um bom desempenho das atividades. Essas ferramentas permitem que a família usufrua de tecnologias e maquinários que minimizam os processos manuais, gerem maior eficiência e, ao mesmo tempo, reduzem o tempo de trabalho, permitindo que mulheres e jovens consigam desempenhar atividades na propriedade. O proprietário não utiliza sistemas de gestão, mas tem um controle sobre o que é gasto e valores recebidos, para dividir com a irmã que ajuda na propriedade.

P27 – Com uma área total de 70ha, utiliza para o sistema a pasto 12ha com pastejo rotacionado com a divisão de piquetes, 8ha de silagem e 10ha para o plantio de aveia que é cortada verde e usada para complementar a alimentação das vacas em lactação. O restante da área (40ha) são destinados ao plantio de outros cultivares que contribuem para a renda da família. O trabalho é desenvolvido pelos familiares, envolvendo o proprietário, dois filhos e uma das noras (casada com o filho mais velho), todos responsáveis pelos afazeres. A produtividade média da propriedade é de 1.000litros/leite/dia, atualmente com 40 vacas em lactação, a média é de 25litros/vaca/dia. A propriedade ainda possui 28 novilhas para reposição, sendo que 8 já estão em fase final do ciclo, prontas para começar a produzir e aumentar a produção. Para complementar a alimentação são utilizados feno seco e ração adquiridos de indústrias produtoras da região.

Na propriedade as ferramentas de trabalho são todas adequadas e modernas. O proprietário fez investimentos em equipamentos para incentivar os filhos a continuar desenvolvendo a produção de leite. Os dois filhos fizeram o curso de técnico agrícola e gostam de desenvolver tais atividades na propriedade. Não utiliza ferramentas de gestão, mas sabe que gastos excessivos e incorretos podem prejudicar a propriedade. O único controle que o proprietário e um dos filhos usam relaciona-se a parte de manejo dos animais e dos cultivares plantados na propriedade.

P28 – Considerado um dos produtores que possui a maior produção de leite no município, chegando a uma média de 1.700litros/dia. A propriedade passa por uma reestruturação em seu sistema: antes realizava o manejo dos animais no sistema a pasto piqueteado e agora construiu um *Compost barn*, que tem uma capacidade para 80 vacas em lactação. Hoje a propriedade conta com 68 vacas em lactação e as demais novilhas (32) são para reposição. A área total disponível é de 120ha, dos quais 45ha são utilizados para o plantio de silagem e os demais para plantio de outras cultivares, que também geram renda para a propriedade. Para construir esse novo sistema o produtor obteve crédito junto ao SICREDI, que oferece projetos e juros mais acessíveis para os associados e produtores de leite.

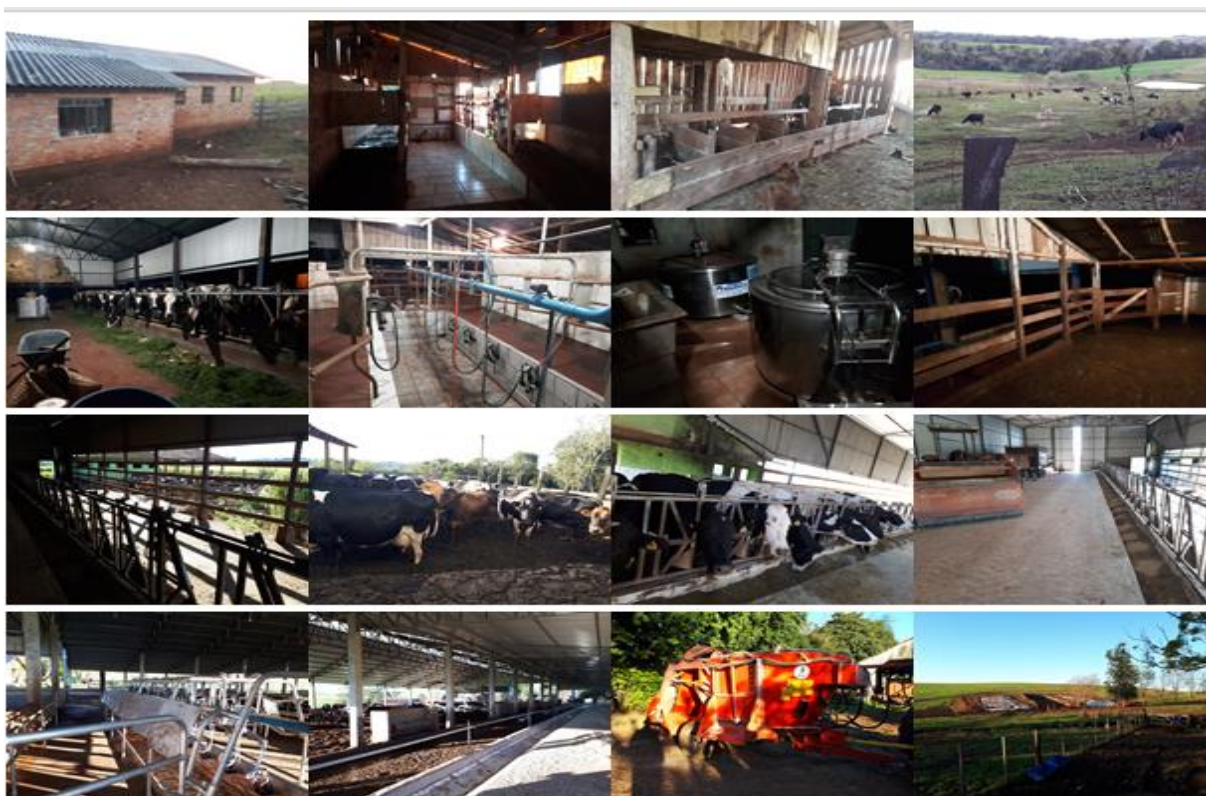
Além deste investimento, o proprietário possui todos os equipamentos necessários para proporcionar conforto para os animais e para tornar mais prático o seu trabalho, desenvolvido juntamente com a esposa, filho e irmã do proprietário. Pelo trabalho ser realizado totalmente pela família, a renda com a produção é destinada para o custeio da propriedade e o excedente é dividido entre os membros, em forma de salário. O produtor recebe o auxílio de um veterinário, que cuida da dieta das vacas e realiza exames para obter os cuidados necessários com os animais. A ração, utilizada para compor a dieta das vacas em lactação, é adquirida direto da indústria processadora, comprada a granel e entregue na propriedade conforme solicitado. O filho, que pretende dar continuidade no tambo de leite da propriedade, está buscando especialização e cursos que ajudem na compreensão das atividades realizadas no novo sistema de manejo adotado na propriedade.

As estratégias adotadas pelos produtores de leite do estilo “E” de Coronel Barros são semelhantes, identificadas como: manutenção e crescimento. Os produtores **P26** e **P27**, que adotam o mesmo sistema a pasto piqueteado, consideram a sucessão como uma forma de dar continuidade a atividade e, abrindo caminho para novos investimentos, tentar ajustar as contas para não fazer dívidas desnecessárias, procurando investir em genética e, prioritariamente, cuidar da terra para que produza cada vez melhor os alimentos. O **P28**, que trabalha com o

sistema *Compost barn*, tenta afeiçoar o novo modelo de trabalho usado na propriedade, melhorar a produção, fazer o descarte dos animais que não se adaptaram e não estão produzindo conforme o sistema, buscando sempre incentivar o sucessor a continuar e gostar de trabalhar na atividade.

A Figura 21 descreve imagens captadas durante as visitas realizadas em Coronel Barros. Cada linha refere-se a um produtor, iniciando pelo P25 até o P28.

Figura 21 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Coronel Barros



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

5.1.7 Ijuí

Considerada capital regional, Ijuí destaca-se por ser o principal município do COREDE Noroeste Colonial. Desta forma, realizou-se um maior número de entrevistas com os produtores rurais do município de Ijuí, visto que concentra maior número de estabelecimentos agropecuários e maior número de vacas ordenhadas, segundo dados do IBGE (2018). Assim, 14 produtores de leite foram visitados, cujas características estão compiladas no quadro abaixo.

De maneira geral, percebe-se que a maioria dos produtores visitados no município de Ijuí possuem características do estilo tradicional “T” e empresarial “E”. Isso porque, mesmo destinando uma menor área de terra para o manejo dos animais (até 25ha conforme o estilo tradicional), atingem produções de leite com média superior a 300 litros/dia (estilo empresarial). Desta forma, os produtores identificados com P29 até o P37 possuem características em comum, referentes aos estilos identificados: “T” e “E”.

Quadro 17 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Ijuí

IJUÍ	Estilo de Produtores de Leite	Objetos de Trabalho	Força de Trabalho	Instrumentos (sistema de manejo)	Estratégias socioeconômicas
P29	T E	14,5ha 18 em lactação 28L/vaca/dia	1 pessoas da família (proprietário)	Confinado (<i>Compost barn</i>)	Manutenção
P30		18ha 28 em lactação 20L/vaca/dia	3 pessoas da família (proprietário, esposa e filho)	A pasto com lotes piqueteados - Semi-confinado	
P31		20ha 32 em lactação 25L/vaca/dia	2 pessoas da família (proprietário e esposa)		Manutenção/ Crescimento
P32		24ha 40 em lactação 23L/vaca/dia	4 pessoas da família (proprietário e esposa; filha e genro)		Manutenção
P33		21ha 30 em lactação 25L/vaca/dia	3 pessoas da família (proprietário, esposa e filha)		Crescimento
P34		20ha 43 em lactação 25L/vaca/dia	2 pessoas da família (proprietário e esposa) + 1 funcionário	Confinado (<i>Free stall</i>)	Manutenção
P35		25ha 45 em lactação 26L/vaca/dia	2 pessoas da família (proprietário e esposa)	A pasto com lotes piqueteados - Semi-confinado	
P36		20ha 43 em lactação 23L/vaca/dia	3 pessoas da família (proprietário, esposa e filho)		
P37	25ha 40 em lactação 25L/vaca/dia	3 pessoas da família (proprietário, esposa e filha)			
P38	26ha 50 em lactação 26L/vaca/dia	2 pessoas da família (proprietário e esposa) + 1 funcionário	Manutenção/ Crescimento		
P39	E	35ha 70 em lactação 22L/vaca/dia	3 pessoas da família (proprietário, filha e neta) + 2 funcionários	Manutenção	
P40	45ha 60 em lactação 29L/vaca/dia	2 pessoas da família (proprietário e filho) + 1 funcionário	Confinado (<i>Compost barn</i>)		

P41	C	60ha 100 em lactação 30L/vaca/dia	1 pessoa da família (proprietário) + 4 funcionários	Confinado (<i>Free stall</i>)	Manutenção/ Crescimento
P42		58ha 115 em lactação 31L/vaca/dia	Sociedade entre duas famílias (4 pessoas) + 2 funcionários	Confinado (<i>Compost barn</i>)	

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

De acordo com os objetos de trabalho, estes produtores “T” e “E” possuem animais, em sua maioria Jersey e Holandês, com genética a ser aperfeiçoada, o que não geram produções elevadas no modelo a pasto com lotes piqueteados, semi-confinado, visto que não se consegue manter uma média de produção durante o ano todo, devido a variações no clima, temperatura e alimentação utilizada neste sistema.

A maior produtividade identificada entre os produtores do estilo “T” e “E” é do produtor P29, que possui um sistema *Compost barn*, com a menor área de terra e menor número de animais. Destaca-se porque o produtor possui a maioria dos animais com genética melhorada e todos com maior conforto pelo sistema empregado (*Compost barn*), com capacidade para 20 animais. Observa-se que, dentre estes produtores do estilo “T” e “E”, o P34, mesmo com o sistema confinado *Free stall* não possui produtividade equivalente. Justifica-se pelos animais mesclados (Jersey e Holandês) sem melhoramento genético.

Quanto à força de trabalho no estilo “T” e “E” a mão de obra é, em sua maioria, exclusivamente familiar. Somente o produtor P34 possui um funcionário contratado, para atuar no sistema *Free stall*, pois os proprietários, além de trabalhar com outras cultivares, são mais de idade e apresentam limitações nas atividades diárias.

Os instrumentos encontrados nas propriedades visitadas do estilo “T” e “E” variam desde infraestruturas antigas, que demandam alterações e melhoramentos, até instalações em atualização, ou seja, com ajustes sendo realizados, na intenção de melhorar a produtividades e diminuir o tempo de trabalho, tornando-o menos penoso. Os equipamentos e tecnologias estão em adaptação, passando por processos de reestruturação. Em alguns casos, estão sendo renovados em consonância com as estratégias adotadas por cada produtor, caracterizadas como manutenção e/ou crescimento. Além do monitoramento diário dos produtores quanto a cadeia produtiva do leite, ações e melhorias foram observadas nas unidades de produções, à medida que as dificuldades relatadas foram confrontadas com as oportunidades de ampliação de investimentos, otimização dos recursos físicos e financeiros, respeitando a necessidade de cada propriedade. Neste caso, as mesmas estratégias também são adotadas pelos demais estilos de produtores.

A Figura 22 contém fotografias das propriedades do estilo “T” e “E”. Cada imagem refere-se a uma propriedade visitada, horizontalmente do P29 ao P37, que foram selecionadas a fim de retratar as peculiaridades de cada um dos produtores entrevistados.

Figura 22 - Imagens das propriedades produtoras de leite “T” e “E” de Ijuí



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

Os produtores do estilo “E” (P38, P39 e P40) possuem como diferencial não depender exclusivamente da produção de leite e, sim, complementar a renda com outros cultivos. Isso implica em demandar força de trabalho contratada, preferencialmente especializada, para auxiliar nas atividades diárias da unidade de produção que, neste caso, apresenta um maior número de objetos de trabalho (área e animais). Assim, com terras disponíveis podem dedicar um espaço maior para o manejo dos animais e ampliar, quando necessário, a área destinada a atividade leiteira. Neste caso, também são encontradas mais vacas em lactação, além dos animais para reposição, pré-parto e terneiras. Estes produtores apresentam melhoramento genético em parte de seu rebanho e, com a ampliação dos níveis de tecnologias, apresentam produção e rendimentos diferenciados.

O que se pode perceber é que a mercantilização, de certa forma, tem o poder de coagir os produtores rurais. Oferece uma diversidade de produtos e serviços que muitas vezes são adquiridos pelos produtores sem a devida necessidade, apenas para substituir um pelo outro. Como é o caso do produtor P39, que foi atraído pelos pacotes tecnológicos disponíveis para a pecuária leiteira e agora precisa intensificar cada vez mais a produção para conseguir pagar os instrumentos de trabalho adquiridos, conforme a tecnificação do processo. Os objetos de trabalho ajudam a propriedade a ampliar a produção e realizar diferentes formas de manejos com os animais, disponibilizando área de terra suficiente, com espaço para ampliar caso seja necessário. Ou ainda, utilizar os recursos provindos das outras cultivares para saldar os investimentos realizados.

Da mesma forma, o produtor P40 fez investimentos no sistema *Compost barn*, caracterizando o estilo “E” quanto aos instrumentos, com melhorias em instalações, infraestrutura, equipamentos e técnica diferenciada de manejo. Este sistema possibilita que o proprietário aproveite melhor a área com outros cultivares, que antes era utilizada no sistema a pasto, possibilitando aumentar seus rendimentos na unidade de produção ao investir em outras alternativas de lucratividade.

Na Figura 23 estão dispostas as imagens das propriedades do estilo “E” visitadas em Ijuí. Inicia-se pelo produtor P38, na primeira linha, seguido pelo P39 e P40, na terceira linha.

Figura 23 - Imagens das propriedades produtoras de leite “E” de Ijuí



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

Por fim, no município de Ijuí, dois produtores do estilo “C” foram visitados (P41 e P42). Neste caso, ambos os produtores de leite possuem características empreendedoras, a medida que possuem sistemas de manejo que potencializam a produção, tanto *Compost barn*, quanto *Free stall*. Observa-se, quanto aos objetos de trabalho, que disponibilizam de área ampliada e um número maior de animais em lactação, demandando desenvolvimento tecnológico, possibilitando minimizar a mão de obra, tornando a atividade mais prática, rápida e menos penosa, ou seja, com menor esforço físico e menos horas de trabalho.

Estes produtores disponibilizam de crédito facilitado, pelo nível de investimentos realizados em relação a extensão de terra que possuem, além dos instrumentos utilizados, conhecimentos aplicados e a forma de gestão adotada. Neste estilo de produtor de leite, as estratégias e a forma de gestão adotada são ferramentas muito importantes, que irão atuar na tomada de decisões e, logo, demonstrar o alcance dos objetivos estabelecidos.

A representação das visitas realizadas no município de Ijuí, dos produtores do estilo “C”, estão dispostas na Figura 24. A cada linha, sequencialmente, P41 e P42.

Figura 24 - Imagens das propriedades produtoras de leite “C” de Ijuí



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

5.1.8 Jóia

Participaram da pesquisa no município de Jóia os produtores de leite (P43 ao P45) caracterizados no Quadro 18. Esse município apresenta condições favoráveis à exploração

agrícola, pecuária de corte e pecuária leiteira. Essas atividades proporcionam renda para os produtores e contribuem para o desenvolvimento do município.

Quadro 18 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Jóia

JÓIA	Estilo de Produtores de Leite	Objetos de Trabalho	Força de Trabalho	Instrumentos (sistema de manejo)	Estratégias socioeconômicas
P43	T	15ha e 15 litros/vaca/dia	3 pessoas da família + diarista	A pasto com lotes piqueteados	Manutenção
	E				
P44	E	26ha e 26 litros/vaca/dia	1 pessoa da família + 1 funcionário	A pasto com lotes piqueteados – semi-confinado	Manutenção/ Crescimento
P45		40ha e 32 litros/vaca/dia	3 pessoas da família + 1 funcionário	Confinado (<i>Compost barn</i>)	Manutenção/ Crescimento

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

P43 – O produtor de leite pertence ao estilo “T”, com características do estilo “E”, pois mesmo com menor área destinada ao manejo da produção de leite (predicado para ser tradicional), desenvolve a atividade na propriedade junto com seus dois filhos e um diarista (característica empresarial). Isso porque o proprietário, além de trabalhar com a produção de leite, exerce outra atividade na cidade necessitando da contribuição de um diarista e a ajuda dos filhos que possuem uma agroindústria de hortifrutigranjeiros e se envolvem, grande parte do tempo, com a atividade. O proprietário, que trabalha na atividade há mais de 30 anos, vai se adaptando às mudanças e aos novos modelos de produção que demandam níveis de tecnologias mais elevados, genética e maquinários mais sofisticados. O trabalho de ordenha, plantio dos insumos e silagem são tecnificados, os demais afazeres são realizados manualmente, exigindo esforço físico e muito trabalho. A área total da propriedade é de 20ha: 15ha são utilizados para manejo das vacas, plantio de silagem, grama *tifton* e aveia; o restante é utilizados para a produção da agroindústria de hortifrutigranjeiro.

O sistema praticado na propriedade é a pasto piqueteado com complemento de silagem e ração, posterior à ordenha. A ração, comprada em sacos de 20 kg, é misturada com a silagem e demais insumos usados para a alimentação. Dos 32 animais que a propriedade dispõe, 20 são vacas em lactação que produzem uma média de 15litros/vaca/dia, e as demais são novilhas e terneiras que servirão para reposição. A propriedade recebe assistência da EMATER, Sindicato dos Trabalhados Rurais e Prefeitura, que auxiliam em técnicas de manejo, correção do solo e subsidiam o sêmen para inseminar as vacas e novilhas.

O produtor não usa nenhum tipo de ferramenta de gestão. Relata apenas que faz anotações em um caderno, dos gastos realizados na compra ração, sementes para plantio do milho e pasto para os animais, material de higiene da ordenha e valores pagos ao diarista. Todo o valor provindo do leite é usado para pagar essas despesas, o que sobra é, então, investido na lavoura e na agroindústria que os filhos administram. O produtor usa seu nome e nome dos filhos para conseguir crédito para custeio do plantio de milho, pasto e compra de animais. As estratégias seguidas pelo produtor são: trabalhar na cidade para ganhar uma renda complementar, produzir o leite sem muitos insumos comprados da indústria, sistema a pasto piqueteado e diversificação da atividade com a renda da agroindústria de hortifrutigranjeiro, medidas que seguem a linhas das estratégias de manutenção.

Os produtores de leite do estilo “E” do município de Jóia, denominados **P44** e **P45**, possuem algumas características que os diferenciam um do outro, principalmente quanto ao processo de manejo adotado na propriedade. Apesar disto, os produtores se assemelham entre processos de trabalho, objetos e instrumentos utilizados para a produção, conforme segue.

P44 – Possui uma área total de 90ha arrendada do pai. Destes 26ha são utilizados exclusivamente para a produção de leite com plantio de silagem, grama *tifton*, aveia e capim-elefante. Os demais hectares são destinados para o plantio de outros cultivares que contribuem para a renda na propriedade. Atualmente contam com um total de 52 animais, sendo 35 vacas em lactação e 17 animais de reposição. Devido ao sistema adotado na propriedade de trabalhar com lotes piqueteados e, complementar, nos turnos da manhã e noite com silagem e ração, a propriedade vem conseguindo uma média de produção de 26litros/vacas/dia, considerada muito boa para o manejo feito pelo produtor. O produtor tem o auxílio de um funcionário que ajuda nos afazeres ligados a atividade leiteira. Também contrata a prestação de serviço de um veterinário que orienta na gestão e organização, manejo, cuidados com os ciclos reprodutivos, doenças e outras situações que surgem na propriedade.

O produtor tem o controle dos gastos e receitas da propriedade em uma pasta que procura deixar os boletos para pagamento e o bloco de produtor para faturar a produção mensalmente. Apesar de não ser um controle completo, o mesmo salienta que ajuda a não se perder e/ou misturar as contas do leite, com o restante da produção que a propriedade desenvolve com os outros cultivares. O crédito adquirido para comprar novas vacas em lactação, refazer a sala de ordenha, maquinários utilizados para diminuir o trabalho com esforço físico, construção da casa nova em que está morando e demais insumos, estão sendo pagos com o resultado da produção de leite. Esse custeio permitiu que não desistisse da atividade, pois adquiriu equipamentos que facilitaram o trabalho, deixando-o menos penoso,

contribuindo para a agilidade e melhores resultados com a produção. O produtor está buscando melhorar a genética dos animais da propriedade para aumentar a produção e descartar os animais que produzem uma média abaixo do esperado. Esses procedimentos, feitos em longo prazo, auxiliam a propriedade a se tornar mais eficiente, construindo alternativas que ajudem a diminuir o trabalho e aumentar a produção.

O funcionário que ajuda nas atividades mora na propriedade. Quando o proprietário goza férias ou se ausenta ele faz o serviço sozinho por disponibilizar de trator, desensiladeira, e ordenhadeira canalizada, que auxiliam e tornam a atividade mais prática, com uso de menos mão de obra e esforço físico. Deste modo, percebe-se que o produtor vem desenvolvendo estratégias que contribuem para a organização e cuidados com as atividades na propriedade. O produtor acredita que deve intensificar a produção organizando o ciclo reprodutivo das vacas para períodos em que o valor do leite pago é mais elevado, realizar o manejo dos animais de forma eficiente, ter uma boa alimentação por um período maior e trabalhar o sistema a pasto piqueteado com mais qualidade e manejo correto. Estas estratégias caracterizam que o produtor está se integrando e buscando estratégias de manutenção e crescimento.

P45 – É considerado o maior produtor de leite do município de Jóia, chegando a uma média de produção de 1.760 litros/dia. A propriedade tem uma área de 100ha, destinados apenas 40ha para cultivo de silagem e pastoreio das novilhas de reposição, enquanto a maior extensão (60ha) tem outros cultivares que contribuem para a renda da família. A propriedade possui um total de 85 animais, dos quais 55 são vacas em lactação, 10 são pré-parto e 20 são novilhas para reposição.

O produtor, para mudar a infraestrutura e manejo, demandou crédito para construir o sistema *Compost barn*. Este sistema tem apenas dois anos, mas já apresenta resultados satisfatórios na produção, uma vez que no manejo a pasto a produtividade por vaca chegava a 25 litros/dia e agora chega a 32litros/vaca/dia. Essa mudança veio acompanhada de novas técnicas de manejo, genética melhorada, redução da área para o manejo e das horas de trabalho na atividade. O sistema é considerado semi-completo e precisa de melhorias, pois o produtor optou em não investir na sala de ordenha, espera dos animais, ordenhadeira e demais equipamentos usados para desenvolver o trabalho na atividade, portanto, o novo modelo demanda adaptações, mas é considerado sofisticado para o estilo de produção adotada na propriedade.

Em relação à natureza da mão de obra pode se dizer que as atividades são desenvolvidas praticamente entre os familiares (proprietário e seus dois filhos), sendo contratado apenas um funcionário que reside na propriedade. O filho mais velho, formado em

medicina veterinária, é quem gerencia o tambo de leite e se identifica muito com a atividade. Possui uma agropecuária no município de Jóia e todos os insumos utilizados (remédios, rações, produtos de higiene da ordenha, entre outros) são adquiridos pela agropecuária, que consegue um preço menor, repassado para a propriedade. O funcionário desenvolve as atividades exclusivamente no tambo de leite. O filho mais novo, em conjunto com o pai, se dedica mais aos outros cultivares plantados na propriedade. Os valores gastos com a produção de leite e das receitas são divididos entre os três familiares (50% para o filho mais velho, 25% pai e 25% irmão mais novo). Os outros cultivares seguem a mesma lógica, entretanto o pai assume 50% dos gastos e receitas e os demais filhos, 25% cada um.

Figura 25 - Imagens das propriedades produtoras de leite Jóia



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

A propriedade não possui nenhum sistema de gestão para organizar as despesas e receitas, tanto da pecuária leiteira como da produção dos demais cultivares da propriedade. Os produtores têm, apenas, o controle das notas de todos os produtos adquiridos e os valores disponíveis com a produção, para fazer o rateio das despesas e receitas que a propriedade gera mensalmente, considerando um processo simples em fase de desenvolvimento e melhorias. O produtor considera como estratégia a compra dos medicamentos, ração e outros insumos por

intermédio da agropecuária, a não utilização total de equipamentos novos, o aumento de produtividade com o novo sistema praticado na propriedade e, principalmente, o gosto de trabalhar na atividade. Estas estratégias contribuem para organização da manutenção e crescimento.

A Figura 25 retrata as fotos dos registros realizados no município de Jóia, durante a realização das entrevistas com os produtores P43 (primeira linha), P44 (segunda linha) e P45 (terceira linha).

5.1.9 Nova Ramada

Conforme os estilos, os produtores de leite (P46 ao P48) que participaram da pesquisa em Nova Ramada estão descritos no Quadro 19. O município possui uma economia essencialmente agrícola com níveis de capitalização menos intensivos e áreas de terras com menor extensão. A atividade produtiva desenvolvida na pecuária de leite, além de proporcionar uma fonte de renda representativa para as unidades de produção, é de extrema relevância para o desenvolvimento do município.

Quadro 19 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Nova Ramada

NOVA RAMADA	Estilo de Produtores de Leite	Objetos de Trabalho	Força de Trabalho	Instrumentos (sistema de manejo)	Estratégias socioeconômicas
P46	T	9ha e 12 litros/vaca/dia	2 pessoas da família	A pasto com lotes piqueteados	Sobrevivência
P47	E	26ha e 28 litros/vaca/dia	2 pessoas da família + 1 funcionário	Confinado (<i>Compost barn</i>)	Manutenção Crescimento
P48		30ha e 18 litros/vaca/dia	1 pessoa da família + 1 funcionário	A pasto - Semi-Confinado	Sobrevivência/ Manutenção

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

P46 – O produtor de leite em estudo, do estilo “T”, dispõe de uma área total de 9 hectares e utiliza 3,5ha para silagem, 1,5ha de grama *tifton* e 4ha para o plantio de Capim-elfante consorciado com Capim-tanzânia. A propriedade possui um trator e uma plantadeira antiga, utilizados para fazer o plantio dos capins que servirão de alimento aos animais. Para plantar o milho e fazer a silagem o produtor conta com os maquinários dos vizinhos e da associação de produtores de leite que faz parte. Dispõe de um total de 20 animais: 10 vacas em lactação, 5 para reposição, um boi para abater e consumir e 4 terneiras com menos de 6

meses. A média de produtividade das vacas em lactação é de 12litros/vaca/dia que é destinado para a venda à indústria. Essa produção provém do sistema de manejo adotado pelo produtor de colocar as vacas em lactação no pasto, em piquetes menores para aproveitar mais o alimento e como complemento usa silagem, feno pré-secado e ração.

O transportador que faz a coleta do leite não vai até a propriedade todos os dias devido ao pequeno volume de leite produzido. Assim, a propriedade que antes tinha um resfriador com capacidade para 200 litros, acabou adquirindo um maior, de 300 litros, usado, para poder continuar produzindo. A infraestrutura e instalações da propriedade demandam ajustes e necessitam de modificações devido ao longo tempo de uso sem manutenções. Os equipamentos são considerados simples, pois ainda permanecem com o sistema de ordenha balde ao pé, com um transferidor do leite para o resfriador adaptado e antigas salas de estrebarias. Essas ferramentas continuam sendo usadas na propriedade devido às dificuldades encontradas pela família em adquirir novos equipamentos e montar uma sala de ordenha nova. Deste modo, a tecnologia é quase inexistente, usada de forma simples, em apenas alguns equipamentos. Na propriedade não se utiliza nenhum tipo de ferramenta de gestão para controle das receitas e despesas. Os proprietários apenas identificam o valor total da produção, diminuindo dos gastos com os insumos, sendo positivo, usam para passear com os filhos, festas, compra de alimentos, roupas, entre outros produtos para a casa.

A mão de obra utilizada é totalmente familiar sendo que o proprietário e a esposa em conjunto realizam todo o trabalho. Por apresentarem dificuldades financeiras e não ter um veículo para se locomover até a cidade, optam por comprar todos os insumos, desde remédio, ração, até sementes, da própria empresa captadora da matéria prima (LACTALIS), cujos valores são descontados na fatura do mês, quando o produtor recebe os valores da produção. Por não possuir filhos com interesse em continuar na atividade e devido à idade mais avançada da esposa e do proprietário, não querem mais fazer investimentos na atividade. Pretendem continuar com a produção de leite por mais dois anos, até conseguir se aposentar.

Deste modo, as ações praticadas pela família para permanecer na atividade estão integradas na estratégica de sobrevivência. O não investimento em novas tecnologias devido a questões financeiras, falta de sucessão, falta de gestão, idade avançada e problemas de saúde são situações que levam a propriedade a assumir tais estratégias como alternativa.

Os produtores de leite do estilo “E”, **P47 e P48** entrevistados em Nova Ramada, praticam manejos diferentes em suas unidades de produção. O produtor **P47**, em 1996, iniciou à atividade com apenas 6 vacas, uma ordenha usada e um espaço para fazer a ordenha junto a um galpão velho, que recebeu alguns ajustes para facilitar o manuseio dos equipamentos,

sendo que o manejo dos animais era no sistema a pasto. A produção e a quantidade de vacas em lactação foram aumentando e, em 2008, realizou modificações em sua estrutura, adquiriu ordenhadeira nova, refez a sala de ordenha e construiu um espaço para que os animais ficassem confinados se alimentando após a ordenha.

Em 2018 realizou novas alterações na propriedade, buscando crédito em agências bancárias para construir o sistema *Compost Barn*. Esse sistema reorganizou todo seu processo de produção e manejo dando seguimento à atividade e ampliando espaço dos animais a serem confinados, utilizando parte da estrutura da sala de ordenha do investimento anterior para não comprar tudo novo. As modificações realizadas estão adequadas e cumprem com as instruções normativas e com os objetivos do produtor. O novo sistema tem capacidade para 60 vacas em lactação sendo que, a propriedade possui no momento 37 vacas em lactação, com média de produção de 28litros/vaca/dia; 15 novilhas já aptas para serem inseminadas; 3 para reposição e 5 terneiros (gado de corte) para venda e consumo da família.

O proprietário tem expectativa de aumentar a quantidade de vacas em lactação para otimizar o espaço construído e, com isso, aumentar sua produção para obter uma renda mais atraente com a atividade. A propriedade possui uma área total de 26 hectares que destina para o plantio de silagem e grão úmido de milho, considerados alimentos complementares usados no cardápio e dieta dos animais, além do feno de azevém seco e a ração, comprada direto da indústria processadora.

Para desenvolver o trabalho na unidade de produção o proprietário conta com o ajuda da esposa e de mais um funcionário. O trabalho é desenvolvido com equipamentos que demandam melhorias, mas realizam os afazeres de forma eficiente, com agilidade e praticidade. A tecnologia e as ferramentas de gestão para o sistema reprodutivo, alimentação e o controle dos gastos estão sendo aperfeiçoados, pois tanto o proprietário quanto a esposa possuem curso superior e sabem da importância de se ter um controle melhorado do que está sendo gasto e do que é resultado da produção.

Pelo que pode se perceber, a propriedade procura inovar, melhorar os processos, tornar-se mais eficiente e ter o total controle da gestão. Todos esses fatores demandam um esforço e muito trabalho para serem concretizados e resultarem em êxito. Portanto, para alcançar essas melhorias seria necessário diminuir os custos de produção, ajustar a dieta e cardápio dos animais para obter maiores produtividades, melhorar a genética (como por exemplo, fazer a árvore genealógica das vacas para não ficar sempre com a mesma genética) e continuar com o gosto pelo trabalho na atividade. Tais alternativas caracterizam-se como estratégias de manutenção e crescimento.

P48 – Este produtor de leite possui algumas características de manejo diferente dos demais produtores do município. Possui uma área total de 30ha, sendo 17ha próprios e 12ha arrendados. Utiliza 08 hectares próximos à residência para que os animais possam descansar durante a noite, fazendo o pastoreio na grama *tifton*, e 22ha para fazer feno de aveia pré-secado em rolo. O produtor adota esse manejo pois possui pouca área disponível próximo a propriedade. A aquisição de uma máquina enfardadeira e plastificadora de feno, utilizada nas suas atividades, possibilitou ao produtor prestar serviço para outros produtores e, em troca de pagamento, fica com um percentual para os seus animais.

A quantidade de animais que a propriedade dispõe é de 69 vacas, todas em lactação. O produtor opta em descartar os animais que deixam de produzir e, quando necessário adquire novos já em fase de lactação, não tendo nem tipo de reposição na propriedade. Devido ao manejo adotado, mescla animais Jersey e Holandesas, com genética precária, não conseguindo médias boas, produzindo um total de 18litros/vaca/dia. Além do feno de aveia pré-secado em rolo que o produtor disponibiliza para os animais, a ração adquirida da indústria é usada como suplemento, constituindo a dieta que mais estimula a produção de leite nesta propriedade. É considerado o produtor que produz o maior volume de leite do município, chegando próximo aos 37.000 litros/mês.

A propriedade recebe assistência da prefeitura do município e apoio da associação de produtores de leite, criada para auxiliar os produtores e obter subsídios através da consulta popular, políticas públicas e emendas parlamentares. Essas entidades prestam assistência com médico veterinário, compra de sêmen para inseminação, entre outros serviços. O produtor possui ferramentas de trabalho que necessitam de renovações, mas de forma geral, contribuem para melhorar o trabalho envolvido com os afazeres diários. Essas ferramentas não são modernas, mas atendem as necessidades da propriedade, contribuindo para o não investimento em equipamentos novos, aspectos vistos como estratégia de manutenção, tendo como alternativa a estabilidade. A propriedade não disponibiliza tecnologia sofisticada, mas busca, aos poucos, melhorar para continuar na atividade. A infraestrutura utilizada para fazer a ordenha diária demanda melhorias, sendo o espaço do confinamento o que necessita de alterações mais urgentes, pois não tem proteção contra chuva e sol. Devido à falta de recursos e ao alto valor financiado para a aquisição da máquina enfardadeira e plastificadora de feno, o produtor não consegue crédito para construir um novo espaço para o confinamento que está demandando melhorias.

As imagens captadas nas propriedades visitadas de Nova Ramada estão disponíveis na Figura 26, visualizando-se P46 na primeira linha, P47 na segunda e P48 na terceira linha.

Figura 26 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Nova Ramada



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

Para desenvolver a ordenha, alimentação dos animais e demais atividades o proprietário conta com o auxílio de um funcionário. A gestão, mais detalhada, é usada apenas para o sistema reprodutivo dos animais, onde o controle não deixa de ser observado. Contas à pagar e receber da propriedade são realizadas de forma geral, sem muito controle, apenas observando o valor pago pela produção, descontando o salário do funcionário e despesas com financiamento da máquina de feno, custo com ração e insumos utilizados para o manuseio da ordenha e demais despesas, gerais, da produção de leite. Desta forma, as estratégias que o produtor utiliza para permanecer na atividade estão em fazer o feno com aveia pré secada em outras propriedades e produtores, deixar os animais semi-confinados, não fazer silagem de milho e não ter mais animais na propriedade, apenas os que estão produzindo. Devido a estas características a propriedade está integrada em uma estratégia de sobrevivência e manutenção.

5.1.10 Panambi

Os produtores de leite que participaram da pesquisa em Panambi (P49 ao P51) estão descritos no Quadro 20 e podem ser identificados através de seus estilos. As transformações ocorridas ao longo da evolução da atividade leiteira no município acentuaram a diferenciação

entre os agricultores, aumentando a diversidade dos sistemas de produção praticados e exigindo modernização para obter vantagens.

Quadro 20 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Panambi

PANAMBI	Estilo de Produtores de Leite	Objetos de Trabalho	Força de Trabalho	Instrumentos (sistema de manejo)	Estratégias socioeconômicas
P49	T	6ha e 8 litros/vaca/dia	2 pessoas da família	A pasto com lotes piqueteados	Sobrevivência
P50	E	70ha e 20 litros/vaca/dia	2 pessoas da família + 3 funcionários	Semi-Confinado (<i>Compost barn</i>)	Manutenção/ Crescimento
	C				
P51	C	150ha e 28 litros/vaca/dia	1 pessoas da família + 11 funcionários	Confinado (<i>Compost barn</i>)	Crescimento

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

P49 – O produtor do estilo “T” tem uma área total para manejo dos animais e plantio de silagem de 6ha. Nesta área é realizado o manejo das 11 vacas em lactação, 6 terneiras e 2 vacas secas para reposição. A média de produção é de 8litros/vaca/dia, vendidos para a indústria a cada 2 dias. Devido à baixa produção e falta de sucessão o produtor não faz investimentos em tecnologia, genética e infraestrutura. Continua desenvolvendo a atividade sem muitas alterações em seu manejo, técnicas reprodutivas e sem controle na alimentação e custos da produção.

O produtor possui uma ordenhadeira balde ao pé e um resfriador com capacidade de 200 litros. Esses equipamentos já estão pagos e são ferramentas antigas, mas dão conta de realizar a ordenha das 11 vacas da propriedade. O proprietário trabalha em conjunto com a esposa nas atividades ligadas a produção, plantio e manejo dos animais, sendo a força de trabalho exclusivamente familiar. Esse produtor encontra-se com dificuldade de acesso a crédito, pois não conseguiu equilibrar suas contas após um “calote” que levou de uma indústria que captava a produção de leite da propriedade. O produtor se obrigou a vender suas melhores vacas em lactação para saldar parte das despesas que assumiu com ração e demais insumos utilizados, desestimulando novos investimentos e aquisições de novos animais. A ração adquirida e os demais insumos continuam sendo compradas pelo produtor, sócio de uma

cooperativa do município, que permite que os valores gastos sejam quitados com o valor da produção do leite.

O manejo adotado na propriedade com os animais é a pasto piqueteado, com a grama *tifton* durante o dia. À noite, ficam em uma área de potreiro próximo a propriedade, alimentando-se de grama e cana de açúcar, como alimento suplementar. O produtor não pratica nenhum sistema de gestão por não ter conhecimento sobre essas ferramentas. Continua na atividade sem muitas expectativas, relatando que permanecerá até conseguir sanar suas dívidas e conseguir a aposentadoria.

As estratégias que o produtor está adotando para continuar na atividade são, principalmente, associar-se a cooperativa para conseguir comprar os insumos, usar as ferramentas disponíveis sem adquirir novos equipamentos modernos e gostar da atividade que realiza. Estas características assinalam estratégias de sobrevivência na propriedade.

P50 – O produtor entrevistado em Panambi está passando por um processo de transição de um manejo a pasto para um sistema *Compost Barn*. Foi classificado em ambos os estilos, “E” e “C”, pois mesmo com uma área de terra maior para a atividade leiteira, a média de produção, no momento, é considerada baixa, devido a transição entre os sistemas, mas com tendências a evoluir assim que a dieta começar a gerar resultados, proporcionando melhora na produtividade das vacas em lactação.

A área que utiliza para o plantio de milho e triticale para silagem é de 70ha e os demais 400ha para o plantio de outros cultivares. Além destes alimentos, a propriedade compra ração direto da indústria para usar como complemento na dieta dos animais. O veterinário que presta serviço para a propriedade elabora a dieta dos 130 animais que compõem a unidade de produção, divididos por lotes, sendo que cada lote recebe uma dieta diferente. Estão em lactação 80 vacas, 25 novilhas para reposição, 15 terneiras e 10 secas aguardando o ciclo reprodução. A média de produção diária é de 1.600 litros.

A força de trabalho utilizada na propriedade é composta pelos proprietários (pai e filho) e por mais três funcionários. Os proprietários desenvolvem as atividades ligas a gestão financeira, compra de insumos e remédios, atuando nos processos de manejo e sistema reprodutivo de todos os animais. O controle é realizado através de planilhas no Excel e um Software de um sistema de gerenciamento que cuida da parte reprodutiva e produção das vacas em lactação. Os funcionários cuidam da parte de alimentação dos animais, manejo e ordenha em geral.

A propriedade disponibiliza equipamentos e infraestrutura que permite agilidade, praticidade e conforto ao exercer o trabalho na propriedade. São usadas ferramentas modernas

que auxiliam e proporcionam menor esforço físico, tornando a atividade menos penosa. A tecnologia, aliada dos proprietários, minimiza o tempo nos afazeres, melhora o gerenciamento dos processos e informações relevantes para a tomada de decisão. Também, auxilia no desenvolvimento das atividades, gerando maior praticidade e conforto, tanto para os animais quanto para os profissionais que trabalham na propriedade.

O *Compost barn* é considerado como uma estratégia pelos produtores para continuar na atividade. Esse novo sistema permite acompanhamento mais detalhado, manejo com menor carga horária de trabalho e, a área que antes era usada com sistema a pasto agora pode ser aproveitada para o plantio de outras cultivares ou ampliação da área de milho, gerando renda complementar. Ao buscar novas formas de manejo, gestão, ampliação da estrutura, adotar ações de melhorias e buscar uma escala de produção maior, a propriedade está integrada a uma estratégia de manutenção e crescimento.

P51 – No município de Panambi o produtor de leite do estilo “C” produz volumes maiores e assume características diferenciadas dos demais produtores do município. Devido a esses fatores vem se destacando, buscando a eficiência nos processos de trabalho, redução de custos e gestão, considerados fundamentais para o bom desenvolvimento e continuidade das atividades.

A propriedade é administrada pelo proprietário em conjunto com um veterinário, contratado para ajudar no manejo dos animais e gerenciamento. Ambos possuem ensino superior e conhecimento específico da atividade. Além do veterinário, a propriedade possui 10 funcionários, divididos em três equipes de trabalho. A equipe de ordenha e higienização; manejo geral com a alimentação e tratadores, além dos que fazem a ração para a dieta de todos os animais da propriedade. Todos cumprem horário de trabalho conforme a CLT e registram o ponto nos horários que desenvolvem os afazeres. A propriedade disponibiliza três moradias para os casais que trabalham na atividade e um alojamento para os demais. Todos os colaboradores residem na propriedade.

A área de manejo disponível para a produção de leite é de 150ha, sendo 93ha destinados a produção de milho para silagem e ração e 57ha para o cultivo de silagem de trigo e aveia. As demais áreas são usadas para o plantio de outros cultivares. Além destes alimentos a propriedade compra caroço de algodão e alguns minerais para compor a dieta das 160 vacas em lactação. Do total de 400 animais, 40 são novilhas pré-parto, 30 vacas em ciclo reprodutivo, 110 novilhas e 60 terneiras até 12 meses. As vacas em lactação estão passando por um processo de transição do sistema a pasto para o sistema confinado *Compost Barn*, que está sendo usado a 8 meses, produzindo uma média de 28 litros/vaca/dia.

Esse sistema demandou ajuste na infraestrutura e instalações da propriedade, que eram antigas e receberam modificações recentes, adequadas ao estilo de manejo praticado, considerado moderno. O antigo sistema de confinamento da propriedade recebeu melhorias e será transformado em um espaço para as vacas pré-parto. Além disso, ainda é necessário que sejam realizados ajustes e mudanças na sala de ordenha, pois, a mesma não foi ampliada e não recebeu reformas para se adequar ao novo estilo de produção da propriedade. Embora considerados atuais e completos, alguns equipamentos necessitam melhorias, permitindo que o trabalho seja desenvolvido com praticidade, comodidade e facilidade não exigindo um esforço físico árduo. Para renovar os equipamentos e infraestrutura o produtor obteve crédito junto a uma unidade financeira que disponibilizou recursos para à construção, reformas e ampliação, entre outras melhorias. Caso necessário, a propriedade tem acesso e crédito disponível para mais investimentos.

A Figura abaixo retrata as características descritas em cada propriedade. A primeira linha representa P49, a segunda P50 e a terceira P51.

Figura 27 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Panambi



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

O produtor possui um sistema de gestão que auxilia no controle geral da propriedade e maior precisão do tambo de leite. Esse sistema permite que o proprietário, em conjunto com o gestor da unidade de produção, tenha alternativas para fazer novos investimentos. A gestão é

aplicada de forma organizada, considerada completa, usada como uma ferramenta fundamental para o bom desenvolvimento da propriedade. Além disso, o sistema auxilia nas estratégias a serem adotadas, organização do sistema reprodutivo dos animais, gestão financeira, indicadores para a tomada de decisão e outras funções de controle que a propriedade demanda.

Por fim, as estratégias adotadas pelo produtor P51 incluem o controle total das vacas inseminadas, árvore genealógica de todos os animais (dia que nasceram, quantas crias já pariram, ciclo reprodutivo de todos os animais da propriedade), controle das amostras do leite, divisão dos lotes e dietas diferenciadas, localização próximo a rodovias e municípios, compra de medicamentos, itens usados no manejo e insumos para a limpeza da ordenha adquiridas com maior custo-benefício em eventos e feiras como a EXPOINTER, além de produzir a própria ração para a redução de custos. Tais estratégias de crescimento são consideradas de suma importância para que a propriedade mantenha sua competitividade, criando espaços de manobras que contribuam para a geração de renda.

5.1.11 Pejuçara

No município de Pejuçara a bovinocultura de leite está presente em grande parte das unidades de produção, gerando emprego e renda, no campo e na cidade. Portanto, ao entrevistar os produtores de leite (P52 ao P54) foi possível compreender como estão caracterizadas as atividades e como ocorre a intensificação dos instrumentos de trabalho em cada estilo de produtor, destacados no Quadro 21.

Quadro 21 - Caracterização dos produtores de leite entrevistados em Pejuçara

PEJUÇARA	Estilo de Produtores de Leite	Objetos de Trabalho	Força de Trabalho	Instrumentos (sistema de manejo)	Estratégias socioeconômicas
P52	T	24ha e 18 litros/vaca/dia	2 pessoas da família	A pasto com lotes piqueteados – semi confinado	Manutenção
	E				
P53	E	40ha e 28 litros/vaca/dia	1 pessoas da família + 4 funcionários	Confinado (<i>Free stall</i>)	Manutenção/ Crescimento
P54	C	60ha e 30 litros/vaca/dia	2 pessoas da família + 5 funcionários	Confinado (<i>Compost barn</i>)	Manutenção/ Crescimento

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

P52 – Considerado um produtor de leite do estilo “T” devido à área destinada ao manejo da produção de leite (até 25ha) e mão de obra familiar, mas com algumas características do estilo “E”, tais como a produção superior a 300 litros/dia. Esse produtor passa por transições em seu estilo de produção, pois busca melhorar sua infraestrutura, seus instrumentos de trabalho, utilizando manejos que possibilitam uma reorganização da atividade, redução da área manejada e uma melhor produtividade por animal. Esse produtor tem uma área total de 65ha. Destina para a atividade leiteira 24ha onde cultiva silagem, trigo duplo propósito (no inverno), grama *tifton* e capim-elefante; nos 41ha restantes desenvolve outras cultivares. A propriedade possui um total de 40 animais, dos quais 6 são novilhas para a reposição; 5 terneiras recém-nascidas; 5 vacas secas devido ao seu ciclo de reprodução; 18 Holandesas e 6 Jersey que estão em lactação, produzindo. Além do pasto e silagem, o produtor complementa a alimentação dos animais com ração que compra direto da indústria e recebe a granel na propriedade.

A média de produção de cada vaca em lactação é de 18litros/vaca/dia, gerando um total de 432 litros/dia. Devido à baixa produção de leite diária e a distância da propriedade da indústria processadora, a coleta é realizada a cada dois dias, sendo que a produção fica armazenada no resfriador da propriedade consumindo energia e aguardando a próxima ordenha, do dia seguinte, para que o produto no final da tarde seja retirado pelo transportador.

As atividades são exclusivamente familiares, sendo o proprietário (pai) e seu filho os trabalhadores que, em conjunto, desenvolvem as tarefas com a produção de leite e a lavoura. O bom relacionamento do trabalho em conjunto possibilita estabelecer um cronograma, para que ambos possam se ausentar e tirar férias. Não utilizam nenhuma ferramenta de gestão, apenas tem como hábito verificar o valor que recebe com a produção de leite para pagar as prestações assumidas com os maquinários e insumos, utilizando o restante para as despesas da família.

A renda da produção de leite vem sendo destinada para novos investimentos na propriedade e, em alguns períodos, é usada para comprar insumos para a lavoura de soja. Com as novas ferramentas e instrumentos de trabalhos adquiridos, o tempo de serviço em cada atividade diminuiu, deixando de ser totalmente executado com esforço físico, sendo agora realizado com maior praticidade e agilidade, sobrando tempo para exercer outras atividades. Embora os equipamentos sejam simples, sem muita tecnologia, são considerados fundamentais para que os processos ocorram de maneira eficiente. A propriedade obteve

crédito através de linhas de financiamento que o PRONAF disponibiliza para pequenos produtores.

A família produtora participa de capacitações oferecidas pela EMATER e pela Secretaria de Agricultura do município. Essas ações visam à melhoria das condições de trabalho para aqueles que atuam no campo, a inclusão social produtiva, ações socioambientais e alguns cuidados que os produtores devem ter em relação ao solo, manejo e cultivares a serem plantados para ajudar produção. A atividade de leite é muito importante para a propriedade e contribui para geração de renda. Esses fatores levam os produtores a planejar estratégias diferenciadas para permanecer na atividade. Uma delas é usar os dejetos como adubo e assim diminuir o gasto com os adubos industrializados, além de fazer com que as vacas em lactação realizem o pastejo rotacionado durante a noite para evitar o calor durante o dia, tratando-as com ração e silagem de melhor qualidade. Essas características evidenciam uma estratégia de manutenção.

P53 – O produtor de leite do estilo “E” possui um sistema *Free stall* de manejo em sua unidade de produção. Dispõe de algumas ferramentas de trabalhos com nível médio/alto de tecnologia e está buscando adaptações para tornar ainda mais prática a atividade. A propriedade possui uma área total de 300ha e utiliza para a produção de leite 40ha, plantados milho para silagem e aveia para fazer feno seco, que servem de alimento para os animais. Para diversificar, em 30ha trabalha com gado de corte e os demais 230 hectares possuem outras cultivares. Possui equipamentos que ajudam a diminuir o esforço físico e tornar mais prático o trabalho na propriedade, gerenciada pelo proprietário com o auxílio de mais dois casais, sendo que um deles desenvolve atividades ligadas ao leite e outro auxilia de modo geral, com o leite, gado de corte e lavoura. A propriedade disponibiliza duas casas que servem de moradia para as duas famílias que trabalham na propriedade. Além destes funcionários, tem contrato com um veterinário que presta assistência na propriedade com relação ao manejo e alimentação dos animais da propriedade.

As instalações e estruturas demandam ajustes, mas estão de acordo com as instruções normativas. Do total de 90 animais que possuem genética para produção de leite, 45 vacas estão em lactação, 5 vacas secas que não produzem devido ao ciclo reprodutivo, 15 vacas para reposição e 25 novilhas com menos de um ano. A média de produção é de 28litros/vaca/dia, considerada baixa pelo proprietário.

Além da silagem e o feno seco de aveia que são feitos na propriedade, é utilizado como complemento a ração que é comprada direto da indústria e entregue na propriedade a granel. O produtor tomou crédito para comprar a ordenhadeira, construção do *Free stall* e o

desensilador, que são pagos em parte com o resultado da produção de leite e em alguns períodos, utiliza recursos provindos das outras atividades da propriedade.

O proprietário não usa nenhuma ferramenta de gestão para administrar sua unidade de produção, apenas tem o controle do que é gasto com os insumos, funcionários e despesas gerais da propriedade. A renda do leite praticamente é destinada para saldar estas despesas, somadas aos recursos providos das outras atividades pagando assim os investimentos realizados. Em períodos em que a produção de leite gera resultados positivos, os valores são utilizados para reinvestimentos e para contribuir nos gastos dos outros cultivos. Atualmente, a propriedade passa por uma reorganização em seus processos de trabalho, demandando cuidados com a gestão. Entre as estratégias do produtor, destaca-se a diversificação das atividades na propriedade, melhoria da genética para aumentar a produção e a utilização dos dejetos dos animais como adubo orgânico na lavoura, caracterizando-se como estratégias que caracterizam como de manutenção e crescimento.

P54 – O produtor entrevistado do estilo “C” é considerado o maior produtor do município de Pejuçara, com uma média de produção de 4.500 litros/leite/dia. A propriedade passou por transformações em seus processos de manejo e busca sempre qualificar e melhorar sua estrutura de trabalho. A propriedade passou por modificações recentes e tem na propriedade o sistema de manejo *Compost Barn* que contribuiu muito para a redução da área que utilizava com o sistema de manejo a pasto. Essa mudança resultou em grandes investimentos em infraestrutura, tecnologias, equipamentos, maquinários, genética e cuidados diferenciados.

A tecnologia, os maquinários e instrumentos de trabalhos usados para desenvolver as atividades e manejo na unidade de produção são atuais, de ponta, e podem ser considerados completos e sofisticados. Para a aquisição destas ferramentas de trabalho, foi necessário buscar crédito via financiamento em uma unidade bancária do município. A propriedade ainda dispõe de estruturas que utilizava para fazer o manejo dos animais no sistema adotado anteriormente. São estruturas novas que permitem o manejo dos animais de forma eficiente e com uma organização por lotes e idade dos animais. Hoje a propriedade dispõe de 150 vacas em lactação, 15 vacas pré-parto, 25 para reposição, 30 novilhas até 12 meses, 10 novilhas até 6 meses e 3 gados de corte para o consumo da família. Esses animais da propriedade seguem uma dieta e uma restrição alimentar para cada estilo de animal, sendo necessário cuidado e uma atenção diferenciada. Esses cuidados exigem manejos diferentes, visto que as rações que são compradas direto da indústria possuem composições diferentes.

A propriedade está localizada no interior do município de Pejuçara e conta com uma área de 210ha que são distribuídas em dois espaços. Uma área de 60ha, que fica próximo da propriedade, é destinada para o plantio de milho para silagem e aveia para fazer feno seco, usados para a alimentação dos animais. Uma outra área de 150ha, com o plantio de outras cultivares, contribui para a renda da propriedade.

O trabalho com as atividades do leite é desenvolvido pelo proprietário, seu filho e mais 5 funcionários que exercem funções diferentes. A propriedade disponibiliza três casas que servem de moradia para as famílias que trabalham na propriedade. O filho e proprietário tomam conta da gestão, organização das atividades, calendário de reprodução dos animais e demais tarefas que envolvem tanto a produção como os cuidados com os animais. Os colaboradores da propriedade são responsáveis por tratar os animais, realizar as ordenhas, limpeza dos espaços da ordenha e cuidados com o manejo do *Compost barn*, entre outras atividades necessárias para organização, bom desempenho e harmonia no ambiente de trabalho.

A Figura abaixo retrata as características descritas nas propriedades visitadas: P52 (primeira linha), P53 (segunda linha) e P54 (terceira linha).

Figura 28 - Imagens das propriedades produtoras de leite de Pejuçara



Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

A propriedade possui um sistema de gestão que permite um controle preciso das contas a pagar e dos valores a receber com a produção. O filho, que cuida desta parte da gestão é engenheiro agrônomo e busca muito a eficiência e organização em todas as atividades da propriedade. O controle se estende para o sistema reprodutivo, alimentação controlada para lotes de animais e demais atividades da propriedade.

As estratégias do produtor P54 estão organizadas em um fluxograma, sendo que os pontos considerados fundamentais para uma boa gestão são: controle da sanidade dos animais (reprodução, calendário eficiente de vagas em lactação); nutrição (conjunto de práticas voltadas para manter a sanidade do rebanho); média de produção por vaca em lactação; custo de produção; problemas reprodutivos e gestão eficiente dos gastos e de toda a estrutura da propriedade. O produtor, inclusive, descreve que prefere produzir seus próprios animais para reposição. Além disso, consegue organizar as férias e dispor férias para os funcionários; paga um percentual para os funcionários sobre a produção líquida; tem o controle e a visibilidade dos animais o dia todo e, através dos processos de gestão consegue visualizar como está o desempenho dos animais e produção e assim, definir qual ação pode proporcionar maiores resultados. As estratégias da propriedade estão integradas à manutenção e crescimento

5.2 Visão geral das propriedades visitadas no COREDE Noroeste Colonial

Inicialmente os produtores foram descritos quanto a sua localização no COREDE Noroeste Colonial, ou seja, de acordo com cada município visitado. Agora, apresenta-se uma visão geral destes produtores em relação ao estilo adotado, quanto a intensidade e escala de produção na cadeia produtiva do leite.

Observa-se que a maioria (n=38) dos produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial possui características definidas e pode ser classificada quanto aos estilos: “T” (n=10), “E” (n=16) e “C” (n=12). Entretanto, alguns apresentaram uma sobreposição de atributos, ou seja, tem aspectos de mais de um estilo na propriedade. Assim, 15 produtores de leite possuem características “T” e “E” ao mesmo tempo, identificados nos municípios de Bozano, Catuípe, Condor, Ijuí, Jóia e Pejuçara. Apenas um produtor, no município de Panambi, apresentou características referentes aos estilos “E” e “C”.

Destaca-se aqui, um achado inovador do estudo: um novo estilo de produtor de leite presente na região do COREDE Noroeste Colonial, identificado a partir das entrevistas realizadas na pesquisa. Estes produtores, que apresentaram sobreposição de atributos, serão a partir daqui denominados Produtores de leite em Desenvolvimento “D”. A justificativa para a

denominação e nova classificação baseia-se nas características apresentadas por estes produtores, que oscilam entre os demais, demonstrando alternativas diferenciadas e eficazes de desenvolvimento, como forma de permanecer na atividade.

O novo estilo de produtor “D” possui características distintas quanto ao sistema de produção de leite praticado, pois, estão em busca de conforto, satisfação e ganhos com a atividade. Para alcançar tais objetivos o produtor desenvolve suas atividades de forma a agregar praticidade, facilidade na execução das tarefas diárias tornando-se mais competitivo e, em condição de permanecer interagindo com o mercado. Na maioria dos casos, caracterizam-se como produtores que estão há tempo desenvolvendo a atividade leiteira e que conseguem diferenciar sua produção com a quantidade de área e recursos disponibilizados para o manejo. Somado ao fato de buscarem especialização e parceria com empresas, cooperativas, EMATER, prefeituras e sindicatos que auxiliam, atualizam e incentivam o produtor para adequar-se aos novos modelos e exigências do mercado.

Cabe lembrar que a classificação quanto aos estilos dos produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial, teve como base diferentes estudos e autores, com abordagem nos processos de trabalho, escala e intensidade de produção (PLOEG, 2016).

Neste caso, por apresentarem diferentes níveis (mão de obra, terra e capital disponíveis, acesso a políticas públicas, recursos naturais, financiamentos, relacionamentos com o mercado) o resultado encontrado entre os estilos e a escala de produção são considerados distintos pois, um mesmo estilo de produtores de leite pode adotar sistemas de produção de intensidade e escalas diferentes, da mesma forma que um mesmo sistema de produção pode ser assumido por diferentes categorias sociais. Como por exemplo, destaca-se as diferenças encontradas nesta pesquisa entre produtores do COREDE Noroeste Colonial.

Salienta-se os municípios de Bozano, Coronel Barros, Jóia e Nova Ramada, nos quais há predomínio de produtores do estilo “T” e “E”. Nestas localidades não foram identificados produtores do estilo “C” para integrar a pesquisa. Isso porque, os produtores em geral demandam maior nível de assistência técnica especializada, por estarem descapitalizados, com pouco acesso a conhecimentos diferenciados e técnicas modernas. Em sua maioria são dependentes de auxílio de políticas públicas. Permanecem na atividade, muitas vezes, por estar integrados a associações que os beneficiam, por exemplo, ao utilizar os equipamentos adquiridos em conjunto, diminuindo os custos na propriedade. Estão em busca de melhores condições de trabalho, integrando-se a novas técnicas de produção. Mas, ainda assim, alguns produtores acabam desistindo da atividade, ora por não possuir sucessão familiar, ora por desestímulo quanto ao preço recebido pelo leite, alto custo da produção e intensidade da mão

de obra que a atividade demanda. Assim, ao não realizarem mais investimentos, sem equipamentos novos e com baixas produções, a atividade se torna penosa, com mínimas perspectivas de continuidade.

A Tabela abaixo, permite visualizar, de forma prática, os resultados das entrevistas realizadas.

Tabela 13 - Caracterização geral dos produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial

Produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial		Estilos de produtores de leite			TOTAL
		“T”	“E”	“C”	
		10	16	12	
Estilos “T”, “E” e “C” por municípios do COREDE (n = 38)	Ajuricaba	P1	P2	P3, P4	4
	Augusto Pestana	P5	P6	P7	3
	Bozano	P8	P10	-	2
	Catuípe	P11, P12, P13	P16, P17	P18, P19, P20	8
	Condor	P21	-	P23, P24	3
	Coronel Barros	P25	P26, P27, P28	-	4
	Ijuí	-	P38, P39, P40	P41, P42	5
	Jóia	-	P44, P45	-	2
	Nova Ramada	P46	P47, P48	-	3
	Panambi	P49	-	P51	2
	Pejuçara	-	P53	P54	2
Novo estilo: Produtores de leite em Desenvolvimento “D”					
Estilos “T” e “E” (n = 15)	Bozano		P9	-	1
	Catuípe		P14, P15	-	2
	Condor		P22	-	1
	Ijuí		P29, P30, P31, P32, P33, P34, P35, P36, P37	-	9
	Jóia		P43	-	1
	Pejuçara		P52	-	1
Estilos “E” e “C” (n = 1)	Panambi	-		P50	1
TOTAL					54

P: produtores de leite entrevistados nos municípios do COREDE Noroeste Colonial; T: Produtor Tradicional; E: Produtor Empresarial; C: Produtor Capitalista – moderno/empreendedor; D: Produtor em Desenvolvimento; n: número de produtores de leite.

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

Diferentemente, os produtores do estilo Tradicional “T” e Empresarial “E” de outros municípios visitados que ainda permanecem na atividade, estão em busca de novas técnicas de manejo, melhorias tecnológicas, correção da terra para que a mesma se torne ainda mais fértil e que contribua para uma melhor qualidade dos insumos produzidos.

Em casos específicos, como por exemplo no estilo novo identificado como “D”, embora apresentem áreas menores de terra para o manejo dos animais (assemelhando-se aos produtores do estilo “T”), a média de produção de leite por vaca/dia vem sendo ampliada, por adotarem sistemas que ajudam o produtor a gerenciar o espaço disponível para a alimentação e manejo das vacas em lactação (assemelhando-se aos produtores do estilo “E”). As terras são consideradas produtivas e apresentam condições favoráveis ao manejo. Além disso, são produtores com mais recursos, ou seja, encontram-se menos descapitalizados, permitindo acesso a créditos e investimentos maiores.

O crédito via políticas públicas existe, mas pode ser de pouca relevância econômica, pois devido ao valor expressivo que deve ser desembolsado para fazer ajustes e aquisição de novos equipamentos esse crédito se torna muitas vezes limitado. Mas os produtores usufruem para subsidiar os utensílios básicos. O acesso a bancos, cooperativas, indústrias ofertantes de insumos e captadoras do leite, possibilitam que os produtores que desejarem investir em suas propriedades possam adquirir equipamentos de seus interesses. Em alguns casos, as indústrias oferecem resfriadores, ração, entre outros produtos tais como os utilizados para a higienização dos animais, para auxiliar o produtor na permanência da atividade e fidelizar a entrega da matéria prima (leite) para esta captadora.

O conhecimento que os produtores apresentam, principalmente no estilo “T”, é resgatado das origens a qual foram criados. Seus precursores ensinaram maneiras e deixaram costumes que estão presentes nas propriedades até os dias atuais. A necessidade de seguir os novos rumos da cadeia produtiva do leite faz com que os produtores busquem atualizações junto as empresas atuantes no município e parceiras fornecedoras dos insumos utilizados para a produção. Citam-se como exemplos, o projeto “Prolácteos” da Lactalis, “Boas Práticas na Fazenda” da Nestlé e o projeto de assessoria e controle do manejo da CCGL, todos direcionados a auxiliar e incentivar os produtores na produção de leite de melhor qualidade, com segurança e rentabilidade.

No geral, percebe-se que as unidades de produção estão avançando em genética e manejo, parte fundamental para garantir uma boa produção e uma alimentação adequada para os animais. Os produtores de municípios que estiverem localizados em uma região que culturalmente desenvolve atividades ligadas à produção de leite e fizerem da tecnologia aliada, permitirão maior conforto e praticidade na atividade. Sobre aspectos que refle a gestão da propriedade, sabe-se que este estilo de produtor não tem o hábito de realizar procedimentos que facilitam tomada de decisão e o real custo da produção. Mas, todos têm conhecimento da importância deste fator. Alguns produtores até fazem anotações, para ver se realmente a

atividade está proporcionando ganhos, mas esses levantamentos não são representativos, pois não disponibilizam ferramentas adequadas para realizar a coleta dos dados de forma relevante.

A mercantilização sinaliza variáveis (objetos de trabalho, força de trabalho e instrumentos) que identificam o nível de integração que a propriedade se encontra. Em uma pequena área de terra e produção de leite é difícil presenciar investimentos de altos valores, mas em algumas propriedades “T” e “E” esses investimentos estão cada vez mais presentes, integrando ao mercado. As propriedades vêm modificando sua infraestrutura, pois para permanecer na atividade, necessitam de ajustes nos processos de trabalho. Os instrumentos presentes auxiliam no aumento da produtividade, controle da produção e, possibilitam disponibilizar mais crédito para ampliar o grau de mercantilização na unidade produtiva. Por outro lado, os produtores tornam-se dependentes dos processos que os integram a atividade.

As variações de produção, cultivos, gestão, manejo e tecnologias adotadas entre os produtores dos municípios estudados indicam uma forte heterogeneidade na pecuária leiteira da região do COREDE Noroeste Colonial. Essa heterogeneidade torna a adoção tecnológica e os novos modelos de produção mais difíceis para alguns produtores, pois, parte deles estão marginalizados, descapitalizados, desprovidos de instrumentos que contribuam para o desenvolvimento das atividades.

Esses fatores se devem, principalmente, a pouca assistência técnica que recebem e pelo nível de conhecimento apresentado pelos produtores. Portanto, a incorporação de tecnologia, assistência técnica, gestão e manejo adequado mostram-se crucial para os ganhos de produtividade e para o progresso sustentável das unidades de produção. Enquanto uma parcela dos produtores insere-se na rota tecnológica, outra fica à margem, não somente do ambiente organizacional inovador, como também dos processos de aprendizado e difusão das novas técnicas e práticas da atividade leiteira.

Nos municípios do COREDE Noroeste Colonial é possível perceber que os produtores de leite que estão mais estruturados ampliam a eficiência no uso dos recursos disponíveis, gerando maior produtividade, combinada a menores custos produtivos. Enquanto que, produtores de leite desfavorecidos se mantêm afastadas do acesso à tecnologia e com custos proibitivos. Isso ocorre devido às condições financeiras dos produtores ao adquirir insumos no mercado. Alguns acabam pagando mais caro por adquirir em pequenas quantidades e de empresas que revendem os produtos, além de vender a sua produção a preços menores devido à distância e baixa produtividade. Enquanto que, o produtor, do estilo “C” por exemplo, por possuir poder de barganha, minimiza o seu custo, recebendo um maior valor por disponibilizar seus produtos no mercado.

Os produtores capitalistas “C”, presentes nos municípios do COREDE Noroeste Colonial adotam em suas unidades de produção técnicas sofisticadas, gestão e planejamento, fatores fundamentais para que continuem na atividade. O produtor que não segue tais determinações, consideradas prioritárias e estratégicas, para a permanência na atividade leiteira sofre perdas irreversíveis em sua unidade de produção, podendo acarretar prejuízos e um descontrole dos processos impedindo que novos investimentos aconteçam e até mesmo a descontinuidade da produção.

Destaca-se o município de Panambi, no qual evidenciou-se o novo estilo “D”, agregando as características do estilo “E” e “C” em um mesmo produtor (P50), exclusivamente, enquanto que na maioria dos produtores do COREDE houve sobreposição dos estilos “T” e “E”. No caso, este produtor (P50) vem se reestruturando na atividade e modificando sua estrutura para obter melhores resultados com a produção de leite. Os investimentos realizados na propriedade com as novas instalações e manejos das vacas em lactação permitem que o produtor, ocupando uma área agora menor com o novo sistema *Compost barn*, expanda a produção de leite e outros cultivares.

Este, assim como os demais casos de sobreposição de estilos, são exemplos claros de que os produtores estão evoluindo e mudando, para melhorar sua forma de produção, adotando estratégias para continuar integrado com o mercado e atuante na cadeia produtiva do leite, ou seja, em desenvolvimento “D”, reforçando o principal achado desta pesquisa.

5.2.1 Mecanismos de intensificação e estratégias socioeconômicas

A pesquisa permitiu uma análise da realidade dos produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial. A interação com os produtores possibilitou identificar fatos, situações que foram determinadas pelas conversas e relatos evidenciados, possibilitando observar e compreender como acontece a interação com as indústrias processadoras e distribuidoras de insumos. A pesquisa permitiu analisar as estratégias de reprodução socioeconômicas dos produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial, de acordo com os estilos, bem como reconhecer suas particularidades e formas de manutenção frente ao mercado lácteo.

A intensificação dos processos de trabalho, no caso dos produtores de leite, refere-se a inserção de tecnologias, novos equipamentos e instrumentos a serem utilizados, adaptando a rotina, principalmente, para adequar-se às Instruções Normativas (nº 07, 51 e 62) e exigências impostas pelo mercado referente a melhoria da qualidade do leite. Estes aspectos geram concordâncias e discordâncias, exemplificando a lógica contraditória do regime de

acumulação para permanecer produzindo em suas propriedades, características das relações capitalistas. Esta conexão com o mercado, intensificada nos tempos atuais, faz com que as unidades de produção fiquem dependentes das grandes empresas capitalistas, cujo desenvolvimento é movido pelas contradições, que podem ser criadoras e/ou destruidoras.

A interação com atores acontece de forma diferente de acordo com cada estilo de produtor, devido a integração com o mercado e as relações de mercantilização estabelecidas. Alguns produtores apresentam maior intensidade de interação ao produzir para o mercado, obter recursos, adquirir insumos e bens de consumo, acessar créditos, comercializar produtos e, ainda, ofertar força de trabalho, familiar ou contratada, para o mercado.

Os produtores de leite do estilo “T” mantêm suas unidades de produção alinhadas com a intensidade de trabalho empregada, totalmente familiar, com técnicas de manejo tradicionais e volumes de produção baixos. Esses fatores distanciam os produtores dos insumos disponibilizados pelo mercado, dificultando sua evolução, ampliação e integração aos pacotes tecnológicos ofertados pelas indústrias. As estratégias referem-se, em alguns casos, apenas a sobrevivência e manutenção.

Nos produtores do estilo “E” as relações com os agentes da cadeia produtiva do leite se intensificam. Ao obter crédito para custear investimentos, ampliar a infraestrutura e inserir tecnologias, este estilo caracteriza um modelo que busca mudar as formas de manejo, intensificando seus instrumentos e adquirindo novos para expandir, ampliando a sua integração com o mercado. O objetivo deste estilo de produtores de leite é rentabilidade para a propriedade, seja com maior número de objetos e/ou instrumentos de trabalho, pretende aumentar a escala de produção, com melhoramento genético, equipamentos modernos e contratação de profissionais capacitados. Entretanto, certa contradição pode ser evidenciada em momentos de crise, caso não disponha de estratégias eficientes pode apresentar dificuldades para se manter no mercado e perpetuar na atividade.

O produtor do estilo “C” disponibiliza em sua unidade de produção uma diversidade de instrumentos de trabalho que o torna cada vez mais integrado e dependente do mercado. Esses instrumentos contribuem para a produção em larga escala, com a utilização de modernos equipamentos, instalações, tecnologias, genética e mão de obra especializada, de qualidade. Demandam ferramentas sofisticadas que imobilizam parte do capital disponível na propriedade. Disponibilizam linhas de crédito diferenciadas, fazendo com que a mercantilização torne o produtor refém do mercado, cada vez mais exigente. A modernização da produção aumenta a relação do produtor com a indústria, ou seja, aproxima o produtor de alguns segmentos da cadeia produtiva do leite.

Em relação ao COREDE Noroeste Colonial, o estilo “D” revelou-se como um achado inovador, enquanto produtores em desenvolvimento. Ao buscar integrar-se com o mercado demandam melhorias em seus objetos de trabalho, instrumentos e sistemas de produção, exigindo ajustes e/ou modificações. Ao conquistarem tais intensificações e ampliarem suas escalas de produção, os produtores “D” modificam as formas de trabalhar na propriedade, envolvendo-se cada vez mais com o mercado, permitindo que o mesmo conduza o processo produtivo, tornando-se dependente.

Entre os produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial foram identificadas estratégias diferenciadas e formas de gestão aplicadas e eficientes. Para a propriedade se tornar competitiva perante o mercado, necessita adotar e empregar estratégias, inserir novas ferramentas no processo de gestão, manejo e organização, pois seu desempenho dependerá de sua atuação nestes ambientes. A formalização de estratégias é necessária para integrar a propriedade na respectiva cadeia produtiva do leite, podendo esta participar no mercado.

No COREDE Noroeste Colonial, observou-se que a maioria dos produtores entrevistados adota estratégias de manutenção e/ou crescimento. Entretanto, somente em propriedades do estilo “C”, dos municípios de Catuípe e Condor, foram identificados produtores com estratégias de desenvolvimento (P20 e P24). Isso indica o diferencial de tais produtores que, além de ampliar investimentos com a utilização de tecnologias diferenciadas, a gestão eficiente permitiu o aproveitamento de oportunidades. O uso dos resíduos da produção e dos dejetos dos animais para a geração de energia, como biogás e, também, como adubos e biofertilizantes, através de um sistema de biodigestor, indica, principalmente a redução dos custos da produção com insumos a serem utilizados na lavoura, além da possibilidade de confecção da própria cama dos animais, reciclando dejetos e resíduos secos, minimizando a poluição ambiental e os custos do sistema *Free stall*.

Conforme descrito anteriormente, em função dos recursos disponíveis em cada estilo e dos limites da intensidade e escala de produção, os produtores apresentam níveis de acumulação de capital desigual e muitas vezes contraditórios em suas propriedades. Entre as unidades de produção é possível perceber que existe a descapitalização de alguns produtores por não adotarem estratégias eficientes e por encontrarem-se ligados intensamente ao mercado de insumos, não tendo outra opção a não ser ampliar cada vez mais a escala e intensidade de produção para permanecer na atividade.

A inter-relação entre intensidade e escala, conceitos-chave para a definição dos estilos dos produtores de leite, são critérios que se referem às relações quantitativas com as variáveis acima descritas: instrumentos, objetos e força de trabalho. A intensificação se refere ao

aumento nos rendimentos e ao processo pelo qual estes rendimentos são alcançados. Segundo Ploeg (2016) existem diferentes formas de intensificação, apresentados na pesquisa como mecanismos, discutidos no Capítulo 2, cuja intensificação estimulada pelo trabalho, pode ser o diferencial de cada produtor nas estratégias desenvolvidas perante as exigências do mercado. Os mecanismos de intensificação estimulada pelo trabalho, descritos por Ploeg (2016), foram caracterizados no COREDE Noroeste Colonial, identificados em meios aos estilos de cada produtor de leite, descritos no Quadro 22.

Quadro 22 - Mecanismos e estratégias dos produtores de leite

Produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial		Estilos			
		“T”	“E”	“C”	“D”
Mecanismos de intensificação estimulada pelo trabalho	1. Mais trabalho e mais capital por objeto de trabalho		X	X	X
	2. Sincronização dos processos de produção	X	X	X	X
	3. Melhoria sistemática dos recursos	X	X	X	X
	4. Produção Inovadora			X	
	5. Cálculo para Otimizar a Produção		X	X	X
Estratégias socioeconômicas adotadas frente à dinâmica de expansão das indústrias lácteas	1. Diversidade produtiva para garantir sustentabilidade	X	X		X
	2. Adoção de tecnologias e/ou gerar soluções inovadoras para superar as transformações no setor lácteo		X	X	X

T: Produtor Tradicional; E: Produtor Empresarial; C: Produtor Capitalista – moderno/empreendedor; D: Produtor em Desenvolvimento.

Fonte: Elaborado pelo autor com base na pesquisa de campo (2018).

O primeiro mecanismo diz respeito a utilização de mais trabalho e mais capital por objeto de trabalho, e pode ser observado entre os produtores “E”, “C” e “D”, pois mais animais e mais terras compõe as suas unidades de produção, utilizando para o manejo mais mão de obra e, conseqüentemente, possuem mais capital empregado. O segundo e o terceiro mecanismos foram identificados em todos os estilos de produtores: “T”, “E”, “C” e “D”, mas com intensidades diferentes.

A sincronização dos processos de produção está relacionada com os fatores de crescimento, como por exemplo, quantidade e composição de nutrientes do solo, capacidades das raízes absorverem estes nutrientes, disponibilidade de água, entre outros. Assim, o produtor “T” vai cuidar e adubar a terra, entretanto com menos recursos que os produtores

“E” e “C”, que poderão disponibilizar inclusive, um sistema de irrigação do solo para garantir a produção, bem como trabalhar com biodigestores para o aproveitamento total dos dejetos como biogás e biofertilizantes, como é o caso de produtores “C”, de Catuípe e Condor entrevistados (P20 e P24).

A melhoria sistemática dos recursos refere-se aos processos de melhoria no campo, solo e raças (através de adubação, irrigação e genética melhorada), construção de novas instalações, disseminação do conhecimento e desenvolvimento de novas habilidades, adaptando-se aos novos sistemas implementados nas propriedades. Tais aspectos foram visualizados nas unidades de produção visitadas, associados tanto as tecnologias mecânicas quanto às orientadas por habilidades. A distinção está no conceito e nos produtores que adotam este mecanismo.

A tecnologia orientada pela habilidade, usa instrumentos simples, combinados com o conhecimento das pessoas que trabalham na atividade, identificada em alguns produtores do estilo “T”, como por exemplo, o produtor P21 do município de Condor, que possui um transferidor adaptado, confeccionado pelo próprio produtor, para ajudar na atividade e diminuir o custo da compra de um equipamento novo. As tecnologias mecânicas envolvem equipamentos sofisticados, encontrados em produtores “E” e “C”, tais como as propriedades que utilizam carrossel para a ordenha das vacas, sistema de saída rápida dos animais, ordenha canalizada com extrator de teteira automático e medidor de leite eletrônico.

O quarto mecanismo, produção inovadora, é descrito como algo novo, uma nova prática, uma nova descoberta, um resultado inesperado, porém interessante. Relembra muito o caso do produtor do estilo “C”, do município de Catuípe (P20). A propriedade inovou ao utilizar os dejetos finais dos animais, reciclados e tratados, para fazer a montagem das camas das vacas em lactação, do sistema *Free stall*, com o conforto necessário para melhor produzir e com custos menores, quando comparados à compra de serragem, areia e/ou borrachas para a confecção dos colchões utilizado como cama para os animais.

O quinto mecanismo presente em produtores do estilo “E”, “C” e “D” refere-se ao cálculo específico usado para otimizar a produção. Entretanto, cada produtor realiza esta função com técnicas e objetivos diferentes. Embora o produtor “T” utilize um sistema simples de anotações para manter ciência da produção total e dos gastos com insumos, muitas vezes não consegue otimizar sua renda, na falta de um sistema especializado de gestão. Diferentemente, o produtor “D” e “E” busca retornos mais altos, calculando a produção, menos insumos e salários, para otimizar a renda do trabalho. Enquanto que o produtor “C”, já com gestão eficiente e tecnologias de *softwares*, otimiza o lucro sobre o total investido.

Fatores que evidenciam o papel do sistema de gestão na propriedade, considerada fundamental para a permanência na atividade.

As estratégias apresentadas pelos produtores de leite do COREDE, entrevistados no Noroeste Colonial, predominantemente estratégias de manutenção e crescimento, permearam os resultados deste estudo, vindo ao encontro das hipóteses estabelecidas inicialmente, destacadas no Quadro 22.

Os produtores “T”, em sua maioria, adotaram como estratégia a linha de diversidade produtiva e/ou diversificação de atividades de trabalho para garantir sustentabilidade à condição de produtor de leite. Ou seja, algumas famílias para se manter nesta atividade integraram outras produções, como por exemplo inclusão de outros cultivares em seu sistema produtivo (tais como o plantio de soja, milho, aveia, trigo e hortifrutigranjeiros), ou diversificaram atividades, por exemplo a oferta de seus serviços em troca de insumos (como a produção de feno seco do Produtor P21 de Condor), funcionando como complemento de renda aos produtores, sem necessariamente terem que se especializar, estritamente, na produção leiteira.

Os produtores “C”, conforme descrito ao longo dos resultados, seguiram a segunda hipótese: a adoção de tecnologias e soluções inovadoras para enfrentar as transformações no setor lácteo. Esta permitiu que os produtores se adaptassem às instruções normativas, suas exigências higiênicas e sanitárias, implementassem métodos de gestão e inovações tecnológicas. Exemplos práticos são os Produtores P20 de Catuípe e o P24 de Condor, com tecnologias diferenciadas (biodigestor e carrossel) e gestão eficiente.

Em meio aos estilos, percebe-se que os produtores de leite “E” e conseqüentemente, os produtores “D”, relataram ambas as estratégias pré-estabelecidas, como possibilidade de permanecer na atividade e manter-se integrado ao mercado. Exemplifica-se a diversificação de atividades com o caso do Produtor P43 de Jóia que dedica parte do tempo a outras funções assalariadas, no setor urbano. Além disso, muitas vezes, alguns produtores estão inseridos em organizações (associações e/ou cooperativas) a fim de receber assistência técnica especializada, como a Produtora P14 de Catuípe, em relação ao manejo com os animais e quanto à organização da gestão da propriedade. Ressalta-se que, nos municípios de Augusto Pestana, Catuípe, Coronel Barros, Ijuí e Nova Ramada, as associações existentes possibilitam, por exemplo, a aquisição de equipamentos em conjunto, diminuindo custos e auxiliando os produtores que, individualmente, não teriam condições para comprar estes maquinários. Assim, essa integração possibilita que os produtores criem estratégias para enfrentar a dinâmica do mercado lácteo.

6 CONCLUSÕES

O enfoque principal desta tese foi os produtores de leite, que, em meio às transformações tecnológicas, econômicas e sociais ocorridas na cadeia produtiva, precisaram buscar especialização e desenvolver estratégias diárias para permanecer na atividade. A intensificação da produção, trabalho e renda dos produtores de leite, relacionada a crescente mercantilização, modificou a forma de trabalhar nas propriedades, envolvendo os produtores cada vez mais ao mercado e permitindo que o mercado conduza o processo produtivo, ou seja, aumentando a integração dos agricultores à sociedade capitalista.

Diante dos desafios que se fazem presente nas atividades ligadas a pecuária leiteira, as formas de gestão e as estratégias de reprodução socioeconômicas tornam-se alternativas eficazes em propriedades rurais que desejam permanecer trabalhando com a atividade. Essa temática passa a ser uma das áreas de maior evidência entre proprietários, pesquisadores, profissionais técnicos e governantes, pois são vistas como ferramentas úteis, inclusive, para a questão de sucessão familiar, pois as gerações que almejam assumir e estão assumindo as propriedades o fazem de maneira mais confiante, criteriosa, inovadora, enquanto conhecedores de novas técnicas de manejo e ferramentas tecnológicas.

A especialização da atividade é seguida de investimentos na modernização das instalações, aquisição de maquinários, equipamentos e insumos, melhorias nas pastagens, alimentação, melhoramento genético, entre outros aspectos ligados a evolução da unidade de produção. Isso necessitou de investimentos maciços. Mas nem todas as propriedades puderam acompanhar esse desenvolvimento. O crescimento levou ao incremento patrimonial das famílias rurais, mas não foi acompanhado pela evolução da rentabilidade da atividade agrícola. Com isso, por mais moderna que a propriedade se torne, muitas vezes, o produtor depende mais dos subsídios estatais do que de sua produtividade.

A tecnificação da produção auxilia os produtores tornando a atividade mais prática, rápida, reduzindo a intensidade e a carga de horária de trabalho, tornando o serviço menos penoso e, como base, atrai os jovens sucessores para permanecer na atividade ou, até mesmo, voltar do setor urbano para dar continuidade no trabalho exercidos pelos pais. Mas esses instrumentos podem se tornar vilões em propriedades que não estão organizadas para assumir os altos investimentos necessários para a aquisição de maquinários, capazes de realizar as tarefas diárias na propriedade. O aumento da sua dependência pode provocar o seu afastamento e inclusive a exclusão da atividade caso não seja realizado um controle gerencial de forma apropriada.

Portanto, o novo processo de trabalho desenvolvido nas propriedades, modifica a forma de produção nos diferentes estilos de produtores de leite que se encontram no território. Esses movimentos foram difundidos pela incorporação de novas tecnologias, redução da intensificação do trabalho nas propriedades e pela necessidade de integração ao mercado. Tais características produziram uma intensa conexão dos produtores de leite aos processos de mercantilização, relacionando e envolvendo-os cada vez mais na prestação de serviços, aquisição de insumos e novos equipamentos, com linhas de acesso ao crédito.

Assim, os produtores podem mercantilizar diferentes etapas do processo de produção. Os produtores que desfrutaram de um maior grau de mercantilização na cadeia produtiva do leite, estão relacionados ao estilo capitalista, conforme escala e intensidade de produção, insumos utilizados, tecnologia empregada, investimentos realizados e produtos e serviços que entram no processo produtivo. Deste modo, o conceito de mercantilização reflete diretamente no nível de integração que cada produtor apresenta ao se relacionar com o mercado. O aprofundamento do processo mercantil tende a excluir produtores, com dificuldade de adequar-se as regras e exigências de padronização da produção, atribuídas pelo mercado.

A influência da globalização e as tensões geradas pela dinâmica capitalista, quanto às necessidades impostas pelo mercado aos produtores de leite, permitiu um olhar geral da tese a partir do materialismo histórico dialético. O método possibilitou o entendimento da realidade da estrutura da cadeia produtiva do leite em sua (totalidade) no estado do RS e mais especificadamente da região de estudo, o COREDE Noroeste Colonial, a partir do seu contexto histórico (historicidade). A compreensão dos conflitos existentes (contradições), inovações e mudanças proporcionadas pelo desenvolvimento, avalia as interações entre produtores, agentes e indústria (mediação), resultando nas estratégias de reprodução socioeconômicas adotadas pelos produtores de leite, objetivo principal do trabalho.

Neste sentido, pode-se afirmar que a referida pesquisa contemplou os objetivos estipulados. Através da realização de uma pesquisa de cunho bibliográfico, com base em livros, artigos, periódicos e material disponível em fontes atualizadas, foi possível explicitar o tema escolhido, alcançando os objetivos específicos de estudar a trajetória da produção de leite na região do COREDE Noroeste Colonial do estado do RS; verificar as formas de organização dos produtores de leite frente à dinâmica do mercado lácteo e analisar a mercantilização e suas repercussões nas relações sociais dos produtores de leite.

Partindo à pesquisa de campo, obteve-se o principal achado do estudo: um novo estilo de produtores de leite identificado nas unidades de produção do COREDE Noroeste Colonial, denominado Produtor de Leite em Desenvolvimento “D”. À priori, os produtores de leite

foram caracterizados de acordo com seus diferentes modos de produção e classificados, no decorrer na pesquisa, como produtor de leite Tradicional “T”; produtor de leite Empresarial “E” e produtor de leite Capitalista, moderno/empreendedor “C”. Entretanto, mediante a observação da sobreposição dos estilos “T” e “E”, somada ao caso específico de sobreposição dos estilos “E” e “C”, evidenciou-se a necessidade de apresentar, a posteriori, um novo estilo de produtor de leite no COREDE Noroeste Colonial, denominado em desenvolvimento “D”, composto por produtores que diferenciam-se quanto ao sistema de produção de leite praticado em suas propriedades. Possuem características específicas, em busca de conforto, satisfação e ganhos com a atividade. Para alcançar tais objetivos estes produtores desenvolvem suas atividades agregando praticidade e facilidade na execução das tarefas diárias, tornando-se mais competitivo e em condição de permanecer interagindo com o mercado.

Este achado, condizente com os demais resultados encontrados no estudo, é um exemplo claro de que os produtores estão buscando evoluir e melhorar sua forma de produção, adotando estratégias para continuar integrado com o mercado e atuante na cadeia produtiva do leite. Ao contrário, estaria fadado a ser excluído da atividade ao não atender as exigências do mercado.

Neste sentido, as entrevistas semiestruturadas realizadas com os diferentes estilos de produtores, em onze municípios do COREDE Noroeste Colonial, permitiram identificar as estratégias socioeconômicas adotadas pelos produtores de leite para se relacionar com o mercado e manter a atividade diária. Identificados pelas suas relações entre os diferentes modos de produção, escala e intensidade, focalizou-se em variáveis principais: objetos de trabalho (animais, terra - produtividade, manejo); força de trabalho (mão de obra) e instrumentos (infraestrutura, tecnologia, gestão, conhecimento).

Desta forma, os resultados apresentados e a discussão teórica permitiram que o questionamento da pesquisa fosse respondido: quais são as estratégias socioeconômicas que os produtores de leite adotam frente à dinâmica de expansão das indústrias lácteas no RS? As respostas reforçam as duas hipóteses pré-estabelecidas na pesquisa.

A primeira referiu-se à diversidade produtiva e/ou diversificação de atividades de trabalho como forma de garantir sustentabilidade à condição de produtor de leite. Esta estratégia foi adotada, em sua grande maioria, por produtores de leite do estilo “T”, mas fez-se presente também em produtores “E” e produtores “D”. Algumas famílias para se manter na atividade, integraram outras produções em sua propriedade, ou seja, realizaram a inclusão de diferentes cultivares em seu sistema produtivo, além da produção dos próprios insumos e complementos alimentares dos animais. Além disso, verificou-se a diversificação das

atividades de alguns membros da família, destinando parte do tempo a outras funções, sendo elas remuneradas no setor urbano ou dedicando seu trabalho e mão de obra para a produção de insumos à terceiros, funcionando como complemento de renda a propriedade, sem necessariamente ter que se especializar, estritamente, na produção leiteira.

A segunda hipótese estabelecia que a estratégia dos produtores de leite seria a adoção de tecnologias e soluções inovadoras para superar as transformações no setor lácteo. Tal concepção foi identificada principalmente em produtores do estilo “C”, mas também no estilo “E” e “D” que se modernizaram como forma de se manter na atividade, enfrentando as atuais condições do mercado. Esta alternativa permitiu que os produtores se adaptassem às Instruções Normativas, exigências higiênicas e sanitárias, além de incluir gestão e inovações tecnológicas em suas unidades de produção. Houve casos de produtores que, vinculados à associações e/ou cooperativas, agindo em conjunto, criaram estratégias para enfrentar a dinâmica do mercado lácteo. Como por exemplo, conseguir descontos na aquisição de equipamentos, maquinários, insumos para a alimentação e manejo dos animais.

Assim, a medida que os produtores de leite do estilo “E” e “D” relataram como possibilidades ambas as estratégias socioeconômicas pré-estabelecidas, evidenciam-se, então, diferentes alternativas, de acordo com os estilos de produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial, como possibilidade de permanecer na atividade e manter-se integrado ao mercado. Isso porque a interação com atores da cadeia produtiva acontece de forma diferente de acordo com cada estilo de produtor, devido as relações de mercantilização estabelecidas.

O processo de modernização da produção exige que os agricultores produzam com padrões mais altos de qualidade. Alguns produtores apresentam maior intensidade de interação ao produzir para o mercado, obter recursos, adquirir insumos e bens de consumo, acessar créditos, comercializar produtos e, ainda, ofertar força de trabalho, familiar ou contratada, para o mercado. As propriedades que conseguem gerenciar e organizar sua unidade de produção melhoram a sua estrutura, por exemplo, através da aquisição de ordenhadeiras, resfriadores à granel, construção de salas de ordenha, galpões de alimentação, esterqueiras, sistemas de criação confinados, sistema de pastoreio piqueteado, melhoramento genético, melhorias das pastagens, entre outros.

Entretanto, alguns produtores possuem problemas que envolvem desde a baixa fertilidade do solo até o endividamento, falta de máquinas e equipamentos agrícolas. Há outras situações, por questões de mercado, que envolvem o preço do leite pago ao produtor, o qual é pouco remunerado, ou pior, há produtor que não recebe o pagamento da matéria prima, ou recebe com atraso, como relatado em alguns municípios do COREDE Noroeste Colonial.

Por outro lado, as indústrias exigem cada vez mais qualidade do leite, não recebendo poucas quantidades, fato que acaba excluindo uma parcela maior de produtores que não dispõe de recursos e estratégias para manter a integração ao mercado ou, ainda, que sofrem com a falta de logística, devido a dificuldades de acesso e distância dos centros captadores de leite. Soma-se a necessidade de adaptação das propriedades as normas ambientais e a falta de assistência técnica especializada na área.

Deste modo, apesar da heterogeneidade nos seus sistemas de produção, a tendência é buscar a modernização para continuar na atividade, mesmo contando com diversidade estrutural, que varia de município para município e de produtor para produtor. Os indicativos apontam o aumento da produtividade com a modernização da atividade e a sofisticação dos processos de produção. Contudo, alguns desafios ainda persistem e eles se encontram na eficiência da gestão a ser adotada nas propriedades.

Aos poucos a cadeia produtiva foi mudando com a necessidade de se especializar na atividade. Nos dias atuais a tecnificação tornou-se uma ferramenta para obter melhores condições e para seguir produzindo na propriedade. Entretanto, para que se possa manter e ampliar a competitividade do setor, é preciso avançar em diferentes aspectos, principalmente nas questões relacionadas com a gestão das propriedades rurais, que precisam ser geridas como se empresas fossem justificadas pelo alto nível de investimentos realizados em tecnologias e equipamentos para auxiliar na tomada de decisões.

A globalização trouxe, como consequência, a exigência de profissionalizar a gestão das propriedades rurais como meio para melhorar a competitividade numa atividade que, por muito tempo, foi de subsistência. A necessidade de buscar eficiência nos processos no âmbito da agricultura familiar é devida ao incremento da concorrência, aliadas as exigências e adequações na área da produção, saúde e meio ambiente. É preciso administrar. Porém, a administração não significa apenas bom senso, é preciso profissionalização.

A ineficiência na administração e planejamento afeta negativamente o desempenho das unidades de produção. Atualmente, a forma de gestão das propriedades é motivo de preocupação, em virtude da falta de controle, da carência da inserção de tecnologias da informação, bem como quanto ao tipo de administração adotado pelos produtores rurais, que tomam suas decisões sem o apoio de sistemas de gestão adequados.

A melhoria dos mecanismos de gestão é fundamental para a cadeia produtiva do leite, pois a não adoção de técnicas que possibilitem o monitoramento do desempenho da atividade pode implicar na exclusão de uma parcela dos produtores. É necessário que os produtores de

leite tenham a capacidade de interpretar as exigências de sua propriedade e, para isso, precisam desenvolver capacidades de gerenciamento cada vez mais profissionais.

Para tanto, é necessário utilizar técnicas e ferramentas de gestão, definindo indicadores que possam ser utilizados como parâmetros para medir o desenvolvimento econômico, social e ambiental da propriedade, favorecendo a inserção nos mercados. Visto que há uma associação positiva entre o uso de técnicas de gestão e resultado econômico, o que não é compreendido pelos produtores rurais, pela falta de capacitação, assistência técnica especializada e políticas públicas eficientes.

A realização deste estudo demonstrou que nem todos os produtores de leite do COREDE Noroeste Colonial conseguirão adaptar-se a este movimento transformador e aderir aos pacotes tecnológicos, tampouco a sistemas de gestão eficientes. Mas, apesar da enorme heterogeneidade entre os produtores entrevistados, acredita-se que os mesmos vêm elucidando seus conceitos e buscando alternativas viáveis, enquanto estratégias de reprodução frente ao mercado lácteo. Revés observado principalmente entre os produtores mais jovens ou em propriedades com possibilidades de sucessão familiar, pois nestas unidades de produção o empreendedorismo e a sucessão andam juntos, compatibilizando a ânsia de evolução e crescimento do jovem com a experiência e o conhecimento empírico do proprietário.

Além da contribuição teórica desta pesquisa quanto às estratégias estabelecidas frente à evolução do mercado lácteo, destaca-se a compreensão da realidade da região de estudo, através dos estilos de produtores de leite identificados e adoção de alternativas que permitem potencializar o desenvolvimento regional. As perspectivas futuras sobressaem as limitações, à medida que a metodologia adotada pode ser implementada em diferentes regiões e territórios em que haja uma representatividade da cadeia produtiva do leite, como possibilidade de estudos vindouros.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo – Rio de Janeiro – Campinas: Editora Hucitec – ANPOCS – Editora da Unicamp, 1992. Disponível em: <<http://ifibe.edu.br/arq/20150813150143460200898.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

_____. **Agricultura familiar e o uso do solo**. Agricultura em São Paulo. V.11, n.2. 1997.

_____. **Agricultura familiar e serviço público: novos desafios para a extensão rural**. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v.15, n.1, p.137-157, jan./abr 1998. Disponível em: <<https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/8932/5051>>. Acesso em 06.07.2016. Acesso em: 30 Set. 2016.

_____. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 149 p. 2003.

ALBUQUERQUE, Rui Henrique Pereira Leite De. **O Complexo Agroindustrial: uma primeira avaliação técnico-econômica**. Ensaios FEE. Porto Alegre, 5(1): 121-134, 1984. Disponível em: <<https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/349/586>>. Acesso em: 30 out. 2018.

ALVES, Clovis Tadeu. **Serviço de expansão da tricultura: política quantitativa, transformações qualitativas no agronegócio da mesorregião noroeste rs - 1940/1955**. Teoria e Evidência Econômica - Ano 20, n. 42, p. 67-90, jan./jun. 2014. Disponível em <<http://seer.upf.br/index.php/rtee/article/view/4477/2962>>. Acesso em: 20 out. 2018.

ALVES, E. R. de A.; SILVA, R. C. **Qual é o problema de transferência de tecnologia do Brasil e da Embrapa**. In: Alves, E.R.A.; Souza, G.S.; Gomes, E.G. (Eds.) Contribuições da Embrapa para o desenvolvimento da agricultura no Brasil. Brasília: Embrapa, 2013. p.279-291. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/150565/1/Qual-e-o-problema.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

ALVES, E. R. de A.; LÍCIO.; A. M. A.; CONTINI, E. **Perspectivas do Brasil no comércio internacional de lácteos**. In: Pecuária de leite no Brasil: cenários e avanços tecnológicos / Duarte Vilela [et al.], editores técnicos. Brasília, DF Embrapa, 2016. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/164236/1/Pecuaria-de-leite-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2018.

ANUÁRIO LEITE. **Indicadores, tendências e oportunidades para quem vive no setor leiteiro**. Ed. Digital em Embrapa.br/gado-de-leite. Coordenação Paulo do Carmo Martins Et.al.,. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/36560390/anuario-do-leite-2018-e-lancado-na-agroleite>>. Acesso em: 03 out 2018.

BACHA, Carlos José Caetano. **Economia e política agrícola no Brasil**. São Paulo, Atlas, 2004.

BANDEIRA, Pedro Silveira. **As desigualdades regionais gaúchas no novo milênio**. PRÓ-RS IV. Propostas estratégicas para o desenvolvimento regional do Estado do Rio Grande do Sul (2010-2014). COREDES-RS. Fórum dos conselhos regionais de desenvolvimento do Estado RS.p.35-162. 2010. Disponível em:

<<http://www2.al.rs.gov.br/forumdemocratico/LinkClick.aspx?fileticket=ZLSG7-e8ceE%3D&tabid=5363&mid=7972>>. Acesso em: 23 set. 2018.

BASSO, David. **Desenvolvimento Local e Estratégias de Reprodução das Famílias Rurais: Abordagens sobre o desenvolvimento rural na região Noroeste do Rio Grande do Sul**. 2004. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Rio de Janeiro. Disponível em: <http://institucional.ufrrj.br/portalcpsda/files/2018/09/2004.tese_.David-Basso.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2015.

BASSO, D.; SILVA NETO, B. **Controvérsias sobre profissionalização e desenvolvimento na agricultura: o caso da produção de leite no Rio Grande do Sul**. 1999 Disponível em: <<https://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/view/1742/2110>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

BATALHA, Mario Otavio. (Coord.). **Gestão agroindustrial**. Vol. 1. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

BEBBINGTON, Anthony. *Capitals and Capabilities: A Framework for Analyzing Peasant Viability, Rural Livelihoods and Poverty*. World Development Vol. 27, No. 12, pp. 2021±2044, 1999. Elsevier Science Ltd. All rights reserved. Printed in Great Britain. 0305-750X/99/\$ - see front matter. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/f7e2/784ebbdeb70547af0ec6adfe0f87dcaac2f0.pdf>>. acesso em: 23 out. 2017.

BERNARDES, Nilo. **Bases geográficas do povoamento do Estado do Rio Grande do Sul**. Ijuí: Editora Unijuí, 1997.

BERTÊ, Ana Maria de Aveline et al. Perfil Socioeconômico - COREDE Noroeste Colonial. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 26, p. 591-624, fev. 2016. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2017/4350-1487266875.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

BUAINAIN, Antônio Márcio. **Agricultura familiar, agroecológica e desenvolvimento sustentável: questões para debate /; colaboração de Hildo Meirelles de Souza Filho**. - Brasília. -- Brasília: IICA, 2006. 136p.; 15 x 23 cm. Desenvolvimento Rural Sustentável; v. 5. Disponível em: <<https://www.forodesarrolloterritorial.org/gallery/volumen%205.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2017.

BUAINAIN Antônio. Márcio. et al. **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola / Antônio Márcio Buainain, Eliseu Alves, José Maria da Silveira, Zander Navarro, editores técnicos**. – Brasília, DF: Embrapa, 2014. 1182p.: il. color.; 18,5 cm x 25,5 cm. Disponível em: <https://www3.eco.unicamp.br/nea/images/arquivos/O_MUNDO_RURAL_2014.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

BUANAIN, A. M.; ROMEIRO, A. R.; GUANZIROLI, C. E. **Agricultura familiar e o novo mundo rural**. Sociologias, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 312-347, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n10/18723.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

BRANDÃO, Carlos. **Território & Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Editora da Unicamp, 2007.

_____. **As cidades da cidade**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2006.

_____. **A Busca da Utopia do Planejamento Regional**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, N.120, P.17-37, Jan./Jun. 2011. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/263/667>>. Acesso em: 16 set. 2015.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Brasília, DF, 2014.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Valor Bruto da Produção da Agropecuária**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/valor-bruto-da-producao-agropecuaria-vbp>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal. **Instrução Normativa nº 51 de 18 de setembro de 2002**. Aprova e oficializa o Regulamento técnico de identidade e qualidade de leite cru e refrigerado. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 set. 2002. Seção 1, p.13. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/709058/pg-13-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-20-09-2002>>. Acesso em: 30 de jan. 2016.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal. **Instrução Normativa nº 62 de 29 de dezembro de 2011**. Altera a Instrução Normativa MAPA nº51, de 18 de setembro de 2002. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 dez. 2011. Seção 1, p.6. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/33395065/dou-secao-1-30-12-2011-pg-6>>. Acesso em: 30 de jan. 2016.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal. **Instrução Normativa nº 7 de 03 de maio de 2016**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 04 maio 2016. Seção 1, p.11. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/114932461/dou-secao-1-04-05-2016-pg-11>>. Acesso em: 09 de jan. 2017.

BREITENBACH, Raquel. **Estruturas de mercado de fatores e governança na cadeia produtiva do leite: um estudo de caso no município de Ajuricaba-RS**. 2008.113f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria-RS. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/8820/raquelbreitenbach.pdf?sequence=1&isallowed=y>>. Acesso em: 20 out. 2017.

BREITENBACH, R.; DE SOUZA, R. S. **Estrutura industrial na cadeia produtiva do leite e a interferência no desenvolvimento regional**. V seminário internacional sobre Desenvolvimento Regional. Crises do Capitalismo, Estado e Desenvolvimento Regional Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 4 a 6 de setembro de 2013. Disponível em: <<https://www.unisc.br/site/sidr/2013/Textos/293.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

BREITENBACH, R.; DA SILVA, A. **Estratégia de “desenvolvimento” baseada na mobilização social: das promessas à realidade**. AGRÁRIA, São Paulo, No 9, pp. 44-62, 2008. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/313776542_Estrategia_de_desenvolvimento_baseada_na_mobilizacao_social_das_promessas_a_realidade>. Acesso em: 30 abr. 2017.

BREITENBACH, R.; DE SOUZA, R. S. **Estrutura industrial na cadeia produtiva do leite e a interferência no desenvolvimento regional**. REAd | Porto Alegre – Edição 82 - N° 3 – setembro/dezembro 2015 – p. 750-781. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/300365924_estrutura_conduta_e_governanca_na_cadeia_produtiva_do_leite_um_estudo_multicaso_no_rio_grande_do_sul>. Acesso em: 23 abr. 2018.

BRESSER-PEREIRA, LUIZ CARLOS. **Estratégia Nacional e Desenvolvimento**. Revista de Economia Política, vol. 26, n° 2 (102), pp. 203-230 abril-junho/2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rep/v26n2/a03v26n2.pdf>>. Acesso em 23 nov, 2018.

BRUM, Argemiro Jacó. **Modernização da Agricultura – Trigo e Soja**, Petrópolis: Vozes, 1988.

BRUM, Argemiro Luís. **Mercado e cadeias produtivas**. In: SIEDENBERG, Dieter (Org.). Desenvolvimento sob múltiplos olhares. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012. p. 187-206.

CAMPOS, E. M.; NEVES, M. F. **Planejamento e gestão estratégica para o leite em São Paulo**. 1. ed. São Paulo: SEBRAE, 2007.

CANZIANI, José Roberto Fernandes. **Programa empreendedor rural: cadeias agroindustriais**. Curitiba: Senar-PR, 2003.

_____. **Planejamento de propriedades rurais**. Anais Seminário Sul-Brasileiro de Administração Rural. Passo Fundo: UPF, 2002.

CARGNIN, Antonio Paulo. **Políticas de Desenvolvimento Regional no Rio Grande do Sul: Vestígios, Marcas e Repercussões Territoriais**. 1. ed. – Brasília, DF : Ministério da Integração Nacional, 2014. 240 p. Disponível em: <http://www.integracao.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=3ca49f82-652f-44c5-a50e-0f8dc2cce58b&groupId=10157>. Acesso em: 30 fev. 2017.

CARGNIN, Antonio Paulo et al. **Quinze anos de transformações na economia e sociedade gaúchas contados pelas páginas do atlas socioeconômico do RS**. Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 24, p. 29-62, mai. 2014. Disponível em: <<https://revistas.fee.tche.br/index.php/boletim-geografico-rs/article/viewFile/3195/3445&sa=U&ei=kum9U4SAO8nvOZupgdgJ&ved=0CEEQFjAJOA E&usq=AFQjCNGt0FtTV53UZrypiLypbm3lpObvWQ>>. Acesso em: 23 set. 2016.

CARVALHO, G. R.; FORTES DE OLIVEIRA, A. **O setor lácteo em perspectiva. Campinas (SP)**: EMBRAPA, 22 p. (Circular técnica, n. 11), 2006. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/117887/1/4364.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2015.

CARVALHO, Vera Regina. **Mudanças patrimoniais na indústria de laticínios no Brasil: reações às mudanças institucionais e concorrenciais dos anos 80 e 90.** 2000. Disponível em: <<http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s3a8.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

CARVALHO, Marcelo Pereira de. et al. **Cenários para o leite no Brasil em 2020.** Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2007. 190 p. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/0E9DE01C39E70F6D832575B0005FE0B4/\\$File/NT00040DEE.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/0E9DE01C39E70F6D832575B0005FE0B4/$File/NT00040DEE.pdf)>. Acesso em: 03 mai. 2018.

CASTRO, M. C.; NEVES, B. S. **Análise da evolução recente e perspectivas da indústria laticinista no Brasil.** In: Gomes, A. et al. (Orgs.). O agronegócio do leite no Brasil. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2001.

CASTRO, Cleber Carvalho de. **Estudo das Relações Entre os Elos da Cadeia Láctea do Rio Grande do Sul e sua Competitividade.** PPGA/UFRGS: Porto Alegre, (dissertação de mestrado) 1998. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32845/000281815.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 24 out. 2018.

CASTRO, Cleber Carvalho. et al. **Estudo da cadeia láctea do Rio Grande do Sul: uma abordagem das relações entre os elos da produção, industrialização e distribuição.** Revista Administração Contemporânea. Vol.2, n.1, pp. 143-164, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65551998000100009>. Acesso em: 22 nov. 2017.

CAVALCANTI, Marly. (Org.) **Gestão estratégica de negócios: evolução, cenários, diagnósticos e ação.** São Paulo: Pioneira, 2001.

CEDIC. **Perfil do leite.** Porto Alegre: CEDIC. 1974.

CEPEA. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP. **Boletim do Leite,** 2012. Disponível em <http://www.cepea.esalq.usp.br/leite/>. Acesso em 15.11.2015.

CIFUENTES, D.; PILA, J.; RIBEIRO R. **Retorno econômico de uma vaca leiteira em produção.** In. ANUÁRIO LEITE. Indicadores, tendências e oportunidades para quem vive no setor leiteiro. Ed. Digital em Embrapa.br/gado-de-leite. Coordenação Paulo do Carmo Martins Et.al.,. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/36560390/anuario-do-leite-2018-e-lancado-na-agroleite>>. Acesso em: 03 out 2018.

CONTERATO, Marcelo. Antonio. **Dinâmicas regionais do desenvolvimento rural e estilos de agricultura familiar: uma análise a partir do Rio Grande do Sul.** 2008. 290p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural), Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15624/000661531.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 maio. 2015.

CONTERATO, M. A., SCNHEIDER, S.; WAQUIL, P. D. **Estilos de agricultura: uma perspectiva para a análise da diversidade da agricultura familiar.** Ensaios FEE, Porto Alegre, v.31, n.1, p. 149-186, 2010. Disponível em

<<https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/2240/2773>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

COREDE NORC. **Plano Estratégico de Desenvolvimento Regional do Corede – NORC**. 2010. Ijuí – RS, Ed. Unijuí. Disponível em: <<http://www2.al.rs.gov.br/forumdemocratico/LinkClick.aspx?fileticket=mfgews-M4Ag%3D&tabid=5363&mid=7972>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

CORRÊA, Cynthia Cândida et al. **Dificuldades enfrentadas pelos produtores de leite: um estudo de caso realizado em um município de Mato Grosso do Sul**. Anais 48º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Campo Grande, MS, 2010. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/935.pdf>> Acesso em: 22 jun. 2017.

CORLAC, Companhia Riograndense de Laticínios e Correlatos Ltda. **Relatório Institucional 2004**, Porto Alegre, 2005.

COSTA, Valeska de Sousa et al. **Análise de custos a partir da cadeia do valor do leite e seus derivados na região Seridó do Rio Grande do Norte**. Revista Ambiente Contábil, Natal, v.7, n.1, jan-jun., 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/ambiente/article/view/5602/5060>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985. _____ . **Educação e contradição: elementos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CHAYANOV, Alexander. *The american economic association translation series*. First printing November. 1966. Disponível em: <https://growthecon.com/assets/papers/alexander_chayanov_the_theory_of_peasant_economy.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2016.

DA SILVA ARAÚJO, Fabio. et al. **Ações de controle social: uma análise da efetividade dos conselhos municipais à luz das constatações de fiscalização da controladoria geral da união (cgu), resultantes por meio do programa de sorteios dos municípios na região nordeste do brasil, no período de 2003 a 2005**. REAd - Revista Eletrônica de Administração, vol. 12, núm. 6, novembro-diciembre, 2006, pp. 473-499. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4011/401137455001.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

DE OLIVEIRA, Sheila Mirian et al. **Pequeno produtor na cadeia produtiva do leite: experiências de cooperação, incorporação de tecnologia e aquisição de competitividade**. In: XLIII Congresso da Sociedade Brasileira de Administração, Economia e Sociologia Rural. 2005. Ribeirão Preto. Anais...Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Administração, Economia e Sociologia Rural, 2005. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/2/666.pdf>>. Acesso em out 2018.

DELGADO, G. C.; BERGAMASCO, S. M. P. P. (Orgs.). **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017. Disponível em:

<http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_img_1756/Agricultura%20Familiar_WEB_LEVE.pdf>. Acesso em: 23 out 2018.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos socioeconômicos. **Elaboração de instrumentos de monitoramento e análise para a gestão da política de arranjos produtivos locais do Rio Grande do Sul**. Produto 1.4. Relatório com análise decenal sobre a estrutura e evolução das atividades econômicas e emprego. APL METALMECÂNICO PÓS-COLHEITA Termo de Contrato N°. 017/2013 – Agência Gaúcha de Desenvolvimento e Promoção do Investimento – AGDI e DIEESE. Novembro/2014. Disponível em: <<http://www.sdect.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20170526/04092652-1418296733-relat-c3-b3rio-20decenal-20apl-20agroind-c3-bastia-20familiar-20do-20vale-20do-20taquari.pdf>>. Acesso em: 17 de Fev. 2017.

DUARTE, Virgínia. **Ideas for Milk: gerando ideias e estimulando negócios na cadeia do leite**. 2017. *Ideas for Milk*. Disponível em: <<http://ticemfoco.com.br/ideas-for-milk-gerando-ideias-e-estimulando-negocios-na-cadeia-do-leite/>>. Acesso em: 30 out. 2018.

DÜRR, João Walter. **Programa nacional de melhoria da qualidade do leite: uma oportunidade única**. In: DÜRR, J.W. et al. (Ed.). O compromisso com a qualidade do leite no Brasil. Passo Fundo: UPF, 2004. 331p.

ECHEVERRI, Rafael. **A Gestão Social dos Territórios: o Desafio da Multidimensionalidade**. In: Bacelar, Tânia et al. Gestão social dos territórios. Brasília: IICA, 2009. (Série Desenvolvimento Rural Sustentável). v.10 p.25-34. Disponível em: <<http://www.iicabr.iica.org.br/wp-content/uploads/2014/03/DRS-10.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

ELLIS, Frank. **Peasants Economics: Farm Households and Agrarian Development**. Cambridge University: Cambridge, 1988.

EMATER. **Relatório socioeconômico da cadeia produtiva do leite no Rio Grande do Sul: 2017**. realização: Emater/RS-Ascar; elaboração: Jaime Eduardo Ries. Porto Alegre RS: Emater/RS-Ascar, 2017. 64p. Disponível em: <<http://biblioteca.emater.tche.br:8080/pergamumweb/vinculos/000006/00000679.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Panorama do Leite**. Ano 6, n.75. Fev/2013. Juiz de Fora. Embrapa Gado de Leite, 2014. Disponível em: <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/960274/1/201302PanoramaLeite.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

_____. **Indicadores: Leite e Derivados. Intellectus – plataforma de inteligência estratégica e competitiva do leite**. Ano 9, n. 78. Maio. 2018. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/176816/1/Indicadores-leite-78-Maio.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.

_____. **Sistema de produção com rotação de culturas e pastagens anuais de inverno**. Documentos online. Passo Fundo. Dez. 2007. Disponível em: <http://www.cnpt.embrapa.br/biblio/do/p_do90_5.htm>. Acesso em: 25 set. 2017.

EMBRAPA GADO DE LEITE. **Indicadores: Leite e Derivados.** – Ano 9, n. 78 (Maio/2018) – Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2018. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/176816/1/Indicadores-leite-78-Maio.pdf>>. Acesso em: 31 Dez. 2018.

ESCHER, Fabiano. **Os assaltos do moinho satânico nos campos e os contra movimentos da agricultura familiar: atores sociais, instituições e desenvolvimento rural no Sudoeste do Paraná.** 2011. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54519/000856393.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

FAO. Food and Agriculture Organization. **Milk and dairy products in human nutrition.** Rome; 2013.

FARINA, Elizabeth Maria Mercier Querido et al. **Private and public milk standards in Argentina and Brazil.** Food Policy, v. 30, p. 302–315, 2005. Disponível em: <<https://eurekamag.com/pdf/004/004282464.pdf>>. Acesso em 15.04.2015.

FARINA, Elizabeth Maria Mercier Querido. **Cadeia produtiva do leite: situação atual e perspectivas do mercado.** In: ASSIS, Airdem G. de. Simpósio Internacional – O futuro dos sistemas de produção de leite no Brasil, 1995, Juiz de Fora. Anais... Juiz de Fora: EMBRAPA-CNPGL, 1995.

FAUTH, E. M.; FEIX, R. D. **Aglomeração produtiva de laticínios nos Coredes Fronteira Noroeste e Celeiro.** Porto Alegre: FEE, 2015. Relatório do Projeto Estudo de Aglomerações Industriais e Agroindustriais no RS. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/201606068-laticinios-fronteira-noroeste-e-celeiro-relatorio1.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

FEIX, R. D.; LEUSIN JÚNIOR, S.; AGRANONIK; C. **Painel do agronegócio no Rio Grande do Sul - 2017.** Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/20170901relatorio-painel-do-agronegocio-no-rs-2017-1.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

FEE. **Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul.** 2017. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

_____. **População do RS.** 2017. Disponível em: <<http://atlas.fee.tche.br/rio-grande-do-sul/demografia/populacao-do-rs/>>. Acesso em: 12 set. 2018.

_____. **Queda da indústria impede retomada do crescimento do PIB no terceiro trimestre de 2017.** Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/indicadores/pib-rs/pib-trimestral/destaques/>>. Acesso em: 22 fev.2018.

_____. **Perfil socioeconômico do COREDE Noroeste Colonial.** 2017. Disponível em:<<https://www.fee.rs.gov.br/perfilsocioeconomico/coredes/detalhe/?corede=Noroeste+Colonial>>. Acesso em:17 nov. 2018.

FRIEDMANN, Harriet. *Simple commodity production and wage labour in the american plains*. Journal off peasant Studies, London. V. 6 n. 1, p. 71-100, 1978.

FRIEDMANN, Harriet. *World Market, state and family farm: social bases of household production in the era of wage labor*. Comparative studies in Society and history, Cambridge. V. 20 n. 4 p. 545-586, oct. 1978.

FEE. AGROPECUÁRIA, transformação e comércio lideram crescimento do PIB gaúcho no segundo trimestre de 2017. **Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE)**. 13.set.2017. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/pib-rs/pib-trimestral/destaques/>>. Acesso em: 22.set.2017.

FINAMORE, Eduardo Belinaso Monteiro de Castro. et al. **Características dos produtores de leite do RS: uma análise a partir do Corede Nordeste**. In: XLIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO, ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. 2009. Porto Alegre. Anais. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Administração, Economia e Sociologia Rural, 2009. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/13/1299.pdf>>. Acesso em: 23 jun 2017.

FOCHEZATTO, A.; GHINIS, C. P. **Estrutura Produtiva Agropecuária e Desempenho Econômico Regional: o caso do Rio Grande do Sul, 1996-2008**. RESR, Piracicaba-SP, Vol. 50, Nº 4, p. 743-762, Out/Dez 2012 – Impressa em Janeiro de 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/resr/v50n4/a09.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2018.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. **A Reorientação da Economia Gaúcha na República Velha: A Política Econômica e os Fundamentos dos Conflitos Políticos**. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1980. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/fce/wp-content/uploads/2015/01/TD06_2011_fonseca.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2017.

FONTOURA Luiz Fernando Mazzini. **A modernização da agricultura e a urbanização incompleta: a situação de algumas cidades da campanha gaúcha**. CaderNAU-Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas, v.7, n. 1, 2014, p. 27-47. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/cnau/article/view/4830/3128>>. Acesso em: 31 out. 2018.

FRANTZ, Telmo Rudi. **Cooperativismo empresarial e desenvolvimento agrícola**. Ijuí - RS: Fidene, 1982.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In. FAZENDA, Ivani. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 3 Ed. São Paulo. Cortez. 1994.

FLORES, Murilo. **A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento - Uma visão do estado da arte**. Santiago. Territórios Con Identidade Cultural. Chile: RIMISP, 2006. Disponível em: <http://camara.fecam.org.br/uploads/28/arquivos/4069_FLORES_M_Identidade_Territorial_ como_Base_as_Estrategias_Desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2015.

GARCIA FILHO, Danilo Prado. **Guia Metodológico: Diagnóstico de Sistemas Agrários**. Projeto Brasília. Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO, UFT/BRA/051, 1999.

Disponível em: <http://www.incra.gov.br/media/reforma_agraria/guia_metodologico.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

GARCIA, Junior Ruiz. **Trabalho rural: tendências em face das transformações em curso.** In: BUAINAIN, Antônio M. et al. (Editores técnicos). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola.** Brasília: Embrapa, 2014, p. 559-589. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/994073/o-mundo-rural-no-brasil-do-seculo-21-a-formacao-de-um-novo-padrao-agrario-e-agricola>>. Acesso em: 20 out. 2018.

GEHLEN, Ivaldo. (coord.); BRUMER, A.; ALMEIDA, J.; SCHNEIDER, S.; NAVARRO, Z. S. **Os anos noventa e o novo rural: transformações tecnológicas e impactos sobre o desenvolvimento rural no contexto da agricultura familiar no Rio Grande do Sul.** UFRGS. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Núcleo Interdisciplinar Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade. Ref. Processo FAPERGS 97/0082-5. **Relatório Final.** Porto Alegre, RS, 2000.

GOMES, Sebastião Teixeira. **Evolução recente e perspectivas da produção de leite no Brasil.** In: GOMES, A. T.; LEITE, J. L. B.; CARNEIRO, A. V. (Ed.) **O agronegócio do leite no Brasil.** Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2001. p. 49-61. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/12/04O234.pdf>>. Acesso em: 14 maio. 2018.

GIGANTE, Mirna Lúcia. **Importância da qualidade do leite no processamento de produtos lácteos.** In: DÜRR, J. W.; CARVALHO, M. P. de; SANTOS, M. V. (Org.). **O compromisso com a qualidade do leite no Brasil.** 1. ed. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 235 – 254.

HARVEY, Ddavid. **Espaço de esperança.** São Paulo: 2 ed. Loyola, 2004.

_____. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2005.

HANSEN, Peter Bent. **Um modelo meso-analítico de medição de desempenho competitivo de cadeias produtivas.** Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) UFRGS, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/9020/000459101.pdf?sequence>>. Acesso em: 30 out. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção da Pecuária Municipal.** Produção da Pecuária Municipal, v.39, 2011. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao_Pecuaria/Producao_da_Pecuaria_Municipal/2011/ppm2011.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2017.

_____. **Pesquisa trimestral do leite.** 2018. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1086>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

_____. **Estatística da Produção Pecuária.** 2018. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagropecuaria/default.shtm#leite>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

_____. **Pesquisa da Pecuária Municipal.** 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/6d3123bbf5f78aa3492c41003c7a38f6.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2018.

_____. **Produção da Pecuária Municipal 2017.** 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/84/ppm_2017_v45_br_informativo.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

IPECE. **Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – informe / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) / Fortaleza – Ceará: IPECE Informe - Nº 128 - Maio/2018.** Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2018/09/ipece_informe_128_30_Maio_2018.pdf>. Acesso em: 022 dez. 2018.

KAGEYAMA, Ângela. et. al. **O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais.** In: DELGADO, G. C. (org.) *Agricultura e políticas públicas.* v. 1, Brasília, DF: IPEA, 1990. p. 113-223.

KAGEYAMA, Ângela. **Desenvolvimento rural: conceitos e aplicação ao caso brasileiro.** Porto Alegre: UFRGS, 2008.

_____. **O subemprego agrícola nos anos 90.** Nova Economia, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 83-98, maio 1997. Disponível em: <<https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/2254/1194>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

_____. **Desenvolvimento rural no Rio Grande do Sul.** In: SCHNEIDER, S. (Org.). *A diversidade da agricultura familiar.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. p. 240-267.

_____. **Desenvolvimento Rural: Conceito e Medida. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília,** v. 21, n. 3, p. 379-408, set./dez. 2004. Disponível em: <<https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/8702/4887>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

_____. (coord.). **O Novo Padrão Agrícola Brasileiro: Do Complexo Rural aos Complexos Agroindustriais.** Campinas, 1987. 121 p. (mimeografado).

JANK, Marcos Sawaya. et al. **O agribusiness do leite no Brasil.** São Paulo: Pensa; Milkbizz. 1999.

JANK, M. S.; GALAN, V. B. **Competitividade do Sistema Agroindustrial do Leite.** São Paulo: USP-PENSA, 1999.

JUNQUEIRA, C. P.; FERRERA DE LIMA, J. **Políticas públicas para a agricultura familiar no Brasil.** Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 29, n. 2, p. 159-176, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/5469/4991>>. Acesso em: 30 set. 2018.

JANTSCH, E. M. et al. **Caracterização da atividade leiteira em sistemas de produção de base familiar na região noroeste do Rio Grande do Sul.** Anais do Salão do Conhecimento e

XII Jornada de Extensão UNIJUI, Ijuí, RS. 2011. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/50336/1/Artigo-nos-anais.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2016.

LAMARCHE, Hugues. **Agricultura familiar: Comparação Internacional**. Campinas/SP: Ed: UNICAMP, 1993. 336p.

LEITE BRASIL. **Ranking maiores laticínios do Brasil**. Associação Brasileira dos produtores de leite. **21º Ranking maiores empresas de laticínios do Brasil. 2018**. Disponível em: <<http://www.leitebrasil.org.br/download/majores%20laticinios%202017.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2018

LIMA, Arlindo Prestes de et al. **administração da unidade de produção familiar – modalidades de trabalho com agricultores**. Ijuí, Unijuí. 1995.

LIMA, G G.; LUCCA, E. J.; TRENNEPOHL, D. **Expansão da Cadeia Produtiva do Leite e seu Potencial de Impacto no Desenvolvimento da Região Noroeste Rio-Grandense. 2014**. Disponível em <<https://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/201405267eeg-mesa14-expansao cadeia produtiva leite noroesters.pdf>> Acesso em: 23 nov. 2015.

LOPES, André Dias. **Caracterização de unidades produtoras de leite na área de abrangência do escritório de Desenvolvimento Rural de Jaboticabal – SP. 2007**. 97 f. Dissertação (Mestrado em Zootecnia). Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.fcav.unesp.br/download/pgtrabs/zoo/m/3033.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

LOPES, Patrick Fernandes; REIS, Ricardo Pereira. YAMAGUCHI, Luiz Carlos Takao. **Custos e escala de produção na pecuária leiteira: estudo nos principais estados produtores do Brasil**. *Rev. Econ. Sociol. Rural* [online]. 2007, vol.45, n.3, pp.567-590. ISSN 0103-2003. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20032007000300002>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032007000300002>. Acesso em: 10 Jul. 2018.

LONG, N.; PLOEG, J. D. van der. **Heterogeneity, actor and structure: towards a reconstitution of the concept of structure**. In: BOOTH, D. Rethinking social development: theory, research and practice. London: Longman Scientific & Technical, 1994. p. 62-89.

MACAGNAN, Roberto. **O processo de desenvolvimento do setor leiteiro cooperativista gaúcho (1976-1992): o modelo CCGL**. Departamento de Economia e Contabilidade. Série Dissertação de Mestrado. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1998.

MACHADO, Roberto Tormes. **Análise socioeconômica e perspectivas de desenvolvimento para os produtores de leite do município de Crissiumal – RS. 2001**. 155 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2201/000315862.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 set. 2015.

MANTELLI, Jussara. **O setor agrário da região noroeste do Rio Grande do Sul**. Geosul, Florianópolis, v. 21, n. 41, p. 87-105, jan./jun. 2006. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13169/12204>>. Acesso em: 24 out. 2018.

MARASCHIN, Ângela de Faria. **As relações entre produtores de leite e cooperativas: um estudo de caso na bacia leiteira de Santa Rosa - RS.** 2004. 146f. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6407/000485056.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

MARTINS, Eliane M. Octaviano. **Parcerias empresarias “joint ventures”.** In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XII, n. 69, out 2009. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6843>. Acesso em jan. 2019.

MARQUES, José Roberto. **Players de mercado: sua empresa representa este conceito? descubra.** Portal IBC. Instituto Brasileiro de Coaching. 2017. Disponível em: <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/players-de-mercado-sua-empresa-representa-este-conceito-descubra/>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

MARION FILHO, Pascoal. José et al. **Concentração regional e especialização na produção de leite do Rio Grande do Sul (1990 – 2010).** Rev. Bras. de Gest. e Desenv. Regional v. 11, n. 1, p. 224-242, jan-abr/2015, Taubaté, SP, Brasil. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/1616/435>>. Acesso em: 25 out. 2016.

MARION FILHO, J. C.; SEGATTI, S. **Sistema de gestão de custos nas pequenas propriedades leiteiras.** Custose@gronegocio on line - ISSN 1808-2882. v. 2 - n.2 - Jul/Dez - 2006. Disponível em: <<http://www.custoseagronegocioonline.com.br/numero2v2/Sistema%20de%20custos.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2015.

MARTINS, Paulo do Carmo. **Oportunidades e desafios para a cadeia produtiva do leite.** In: Zoccal, R. et al. (Orgs.). A inserção do Brasil no mercado internacional de lácteos. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2005.

MARTINELLI, Maria Lucia. **Notas sobre mediações: Alguns elementos para sistematização da reflexão sobre o tema.** In Revista Serviço Social e Sociedade nº 43. São Paulo, Cortez, 1993.

MARX, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos.* Lisboa: Edições 70, 1975.

_____, K. *O capital: o processo global de acumulação capitalista.* São Paulo: Difel, 1982. (Coleção: Os economistas).

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea.** Tradução de Cláudia F. Falluh Baluino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2010.

MENDES, J. T. G.; PADILHA JUNIOR, J. B. **Agronegócio: uma abordagem econômica.** 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Pearson Prentice Hall, 2007.

MERA, C. M. P de.; NETTO, C. G. M. **População rural na região do alto jacuí/rs: análise sob a perspectiva do desenvolvimento agrícola.** campo-território: revista de geografia agrária, v. 7, n. 14, p. 1-35, ago., 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/viewFile/14238/11193>>. Acesso em: 24 out. 2018.

MIELE, M.; WAQUIL P. D.; SCHULTZ, G. **Mercados e comercialização de produtos agroindustriais.** Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – (Série Educação A Distância). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad020.pdf>>. Acesso em: 14. Fev. 2018.

MILANI, Renata et al. **Diversificação e perspectivas de investimentos entre produtores de leite.** In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 6, 2012, Porto Alegre. ANAIS. Porto Alegre: PUCRS, 2012. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/eeg/6/mesa15/Diversificacao_e_Perspectivas_de_Investimentos_entre_Produtores_de_Leite.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

MILKPOINT. **A principais informações sobre as estatísticas do mercado lácteo nacional e internacional você encontra nessa seção. Produção Brasileira e leite.** 2018. Disponível em: <<https://www.milkpoint.com.br/estatisticas/>>. Acesso em 15 Dez. 2018.

MINTZBERG, Henry. et al. **O processo da estratégia: conceitos, contextos e casos selecionados.** Porto Alegre: Bookman, 2006.

MONARDES, Humberto Gonzallo. **Reflexões sobre a qualidade do leite.** In: DÜRR, J. W.; CARVALHO, M. P. de; SANTOS, M. V. (Org.). O compromisso com a qualidade do leite no Brasil. 1. ed. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 11 – 37.

MONTOYA, M. A.; FINAMORE, E. B. M. de C. **Características dos produtores de leite do RS: uma análise a partir do Corede Nordeste.** Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v. 37, n. 4, p. 213-224, 2010. Disponível em: <<https://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/view/2348/2784>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

MONTOYA, M. A.; FINAMORE, E. B. M. de C. **Delimitação e encadeamento de sistemas agroindustriais: o caso do complexo lácteo do Rio Grande do Sul.** Econ. Aplic., Ribeirão Preto, n. 9 (4), p. 663- 682, out-dez, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ecoa/v9n4/v9n4a08>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

MONTOYA, Marco Antonio. et al. **Dimensão econômica e ambiental do agronegócio brasileiro na década de 2000: uma análise insumo-produto da renda, do consumo de energia e das emissões de CO2 por fonte de energia.** Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, vol. 11, n. 4, pp. 557-577, 2017. Disponível em: <<https://www.revistaaber.org.br/rberu/article/view/219/225>>. Acesso em 14 Set. 2018.

MORAES, Carlos, Dante de. **Figuras e Ciclos da História Rio-Grandense.** Porto Alegre: Globo, 1959.

MORAES, J. L. A. de. SCHNEIDER, S. **Perspectiva territorial e abordagem dos sistemas produtivos localizados rurais: novas referências para o estudo do desenvolvimento rural**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. v.6, n. 2, p. 287-320, maio/2010, Taubaté, SP, Brasil. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/282/200>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

NAVARRO, Zander. **Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 83-100, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300009>. Acesso em: 15. jun. 2015.

OLIVEIRA, L. F.; SILVA, S. P. **Mudanças institucionais e produção familiar na cadeia produtiva do leite no Oeste Catarinense**. Rev. Econ. Sociol. Rural [online]. 2012, vol.50, n.4, pp.705-720. ISSN 0103-2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20032012000400007>>_<<http://www.scielo.br/pdf/resr/v50n4/a07.pdf>>. acesso em: 22 mar. 2018.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Agricultura e Indústria no Brasil**. Campo-Território: revista de geografia agrária, v. 5, n.10, p. 5-64, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/12048/7006>>. Acesso em: ago. 2018.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologia, práticas**. 30. ed. São Paulo: Atlas, 2012. 335 p.

PAIVA, C. A. N.; ROCHA, A. L.; THOMAS, G. A competitividade estrutural da agroindústria do leite no Rio Grande do Sul. In: BASSO, D.; TRENNEPOHL, D. (Org.). **Planejamento estratégico de arranjos produtivos locais: plano de desenvolvimento do APL agropecuário familiar da Região Ceileiro 2014-2020**. Ijuí: UNIJUI, 2014. V. 1, p. 41-74.

PAIVA, Carlos. **Águedo. Como identificar e mobilizar o potencial de desenvolvimento endógeno de uma região?** / 140p.: tab. (Documentos FEE; n. 59). Porto Alegre: FEE, 2004. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/documentos/documentos_fee_59.pdf>. Acesso em: 18 maio. 2015.

PALENCIA, Natalia Polanco. **Complexo Agroindustrial do leite no Brasil: Indicadores socioeconômicos, adoção de tecnologias e transformações nas últimas décadas**. Rev. Econ. do Centro-Oeste,(REOESTE) Goiânia, v.2, n.2, p.55-72, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/reoeste/article/view/41625>>. Acesso em: 31 out. 2018.

PEDROSO, Glaucilene Dias. **Setor Leiteiro: as percepções dos produtores do RS sobre as transformações delineadas na década de 90**. Dissertação de mestrado UFRGS 2002. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2323/000317807.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 out. 2018.

PECQUEUR, Bernard. **O desenvolvimento territorial: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do Sul**. Raízes, v. 24, n. 1/2, Campina Grande: UFCG, p. 10-22, 2005. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/raizes/artigos/Artigo_53.pdf>. Acesso em: 22. jun. 2017.

_____. *Qualité et développement territorial: l'hypothèse du panier de biens et de services territorialisés*. Économie rurale. n.261, p. 37-49, 2001. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/ecoru_0013-0559_2001_num_261_1_5217>. Acesso em: 22 jun. 2017.

_____. **A guinada territorial da economia global**. Política & Sociedade – Revista de Sociologia Política, PPSP UFSC, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2009v8n14p79/10955>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

PERFIL SOCIOECONÔMICO COREDE NOROESTE COLONIAL. **Secretária do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional**. Porto Alegre, nov. 2015. Disponível em: <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/15134135-20151117103001perfis-regionais-2015-noroeste-colonial.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2017.

PEREIRA DE SOUZA, Raquel. **As transformações na cadeia produtiva do leite e a viabilidade da agricultura familiar: o caso do Sistema Coorlac (RS)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11921/000619271.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 de mai. 2016.

PEREIRA DE SOUZA, R.; BUAINAIN, A. M. **A competitividade da produção de leite da agricultura familiar: os limites da exclusão**. Estudos Sociedade e Agricultura., RJ. vol.21, n.2, 2013. P.308-331. Disponível em: <<https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/370/366>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

_____. **Competitividade na agricultura familiar: uma abordagem metodológica**. Revista desenvolvimento em debate. V.3 n. 1. 2014. Disponível em: <http://desenvolvimentoemdebate.ie.ufrj.br/pdf/dd_3_1_SOUZA_E_BUAINAIN.pdf>. acesso em: 23 Nov. 2018.

PIRES, M.F.C. (1997): **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface – Comunic. Saúde, Educ., 1, 1, p.83-94.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, Compus. 2000. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1973131/mod_resource/content/1/Polanyi_A%20grande%20transform.%20-%20livro%20todo.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2015.

_____. **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/18.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

_____. **A nossa obsoleta mentalidade mercantil.** Revista Trimestral de História das Ideias, n.1, pp.7-20. Porto (Portugal), 1947. Disponível em: <http://www.adelinotorres.info/desenvolvimento/Karl%20Polanyi_A%20nossa%20obsoleta%20mentalidade%20mercantil.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2015.

PORTER, M. **A Vantagem Competitiva das Nações.** Rio de Janeiro: Campus, 1993.

PORTO, Rafael Gastal et al. **Pecuária Familiar: a emergência de uma categoria social no Sul do Brasil.** Rev. Econ. Sociol. Rural, Brasília, Piracicaba, SP, vol. 48, nº 02, p. 473-494, abr/jun 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/resr/v48n2/10.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

PLEIN, C.; FILIPPI, E. E. **Capitalismo, agricultura familiar e mercados.** REDES, Santa Cruz do Sul, v.16, n.3, p.98–121, set/dez 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producaotextual/eduardo-ernesto-filippi/plein-c-filippi-e-e-capitalismo-agricultura-familiar-e-mercados-redes-santa-cruz-do-sul-impresso-v-16-p-98-121-2011>>. Acesso em: 15 maio. 2015.

PLOEG, Jan Douwe Van Der et al. **Rural development: from practices and policies towards theory.** *Sociologia Ruralis*, Assen, v. 40, n. 4, p. 391-408, Oct. 2000.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. **Tendencias de desarrollo em la agricultura avanzada: los efectos regionales de la mercantilización y tecnificación del proceso productivo.** Agricultura y Sociedad. N.43. (abril-junio) 1987. Disponível em: <https://www.mapa.gob.es/ministerio/pags/biblioteca/revistas/pdf_ays/a043_02.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2018.

_____. **Camponeses e impérios alimentares. Lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização.** Porto Alegre: Editora da UFRGS. 372p. 2008.

_____. **El proceso de trabajo agrícola y la mercantilización.** In: GUZMAN, E. S. (Ed.) Ecología, Campesinato y Historia. San Juan de Dios: La Piqueta, 1992.

_____. **O modo de produção camponês revisitado.** In: SCHNEIDER, S. (Org). A diversidade da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS. p.13-54, (Série Estudos Rurais). 2006.

_____. **Camponeses e a arte da agricultura: um manifesto Chayanoviano.** Tradução Claudia Freire. - Ed. São Paulo. Porto Alegre: Editora Unesp; Editora UFRGS, 2016.

_____. **Mercados aninhados recém criados: uma introdução teórica.** In: MARQUES, F.C; CONTERATO, M. A.; SCHNEIDER, S. Porto alegre: editora da UFRGS, 2016.

_____. **O modo de produção camponês revisitado.** 2015 Disponível em: <http://www.jandouweploeg.com/PORT/doc/diversidade_O_mododeprod.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2017.

PRATES, Jane Cruz. **O método e o potencial interventivo da pesquisa social.** Revista Temporalis, n.9, ABEPSS, Brasília, 2006. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7985/2/O_metodo_marxiano_de_investig>

acao_e_o_enfoque_misto_na_pesquisa_social_uma_relacao_necessaria.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2015.

PRADIEÉ, J.; PEGORARO, L. M. C.; DERETI, R. M. **Evolução da pesquisa em pecuária leiteira**. Brasília, DF: Embrapa, 2017. 76 p. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/169206/1/Evolucao-da-Pesquisa-em-Pecuaria-Leiteira.pdf>>. acesso em: 23 nov. 2018.

PROCHNIK, Victor; HAGUENAUER, Lia. **Cadeias produtivas e oportunidades de investimento no Nordeste Brasileiro**. Revista Análise Econômica. Ano 20, n. 38, setembro 2002 - Porto Alegre. Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/images/cadeias_produtivas/cadeias_produtivas_e_oportunidades_de_investimento_no_nordeste_brasileiro.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993. Disponível em: <[http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/bibliografia%20disciplinas%20pos-graduacao/claude%20raffestin/raffestin,%20Claude%20-%20Por%20uma%20Geografia%20do%20Poder\(3\).pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/bibliografia%20disciplinas%20pos-graduacao/claude%20raffestin/raffestin,%20Claude%20-%20Por%20uma%20Geografia%20do%20Poder(3).pdf)>. Acesso em: 23 jan. 2017.

RIEDL, M. MAIA, C. M. **Especialização e potencial endógeno na análise regional**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. G&DR v. 3, n. 2, p. 27-48, mai-ago/2007. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/022007/artigo2.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento Regional. **Perfil – Região Funcional de Planejamento 7**. Mar, 2015. Disponível em <http://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/15134057-20150323173533perfil-rf7-27-02-2015.pdf>. Acesso em: 17 de jun. 2016.

RODRIGUES, Fábio da Silva. **Cadeias produtivas de bovinos de leite e de corte**. Maringá/PR: CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ, 2012. 218 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço Técnica e tempo**. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**. 6 ed. Editora record. Rio de Janeiro. 2001. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/sociologia/outra_globalizacao.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2015.

SEPLAN, Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional. **Perfil Socioeconômico COREDE Noroeste Colonial**. 2015. Disponível em: <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/15134135-20151117103001perfis-regionais-2015-noroeste-colonial.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

SIDRA. Sistema IBGE de Recuperação Automática. **Banco de Tabelas Estatísticas**. 2017. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/leite/rio-grande-do-sul>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

_____. **Número de estabelecimentos agropecuários com bovinos. Banco de Tabelas Estatísticas.** 2017. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6782>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

_____. **Produto Interno Bruto dos Municípios.** 2018. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5938>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

SILVA, Sandro Pereira. **A agricultura familiar e suas múltiplas interações com o território: uma análise de suas características multifuncionais e pluriativas.** Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília: Rio de Janeiro: Ipea , 2015. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4162/1/td_2076.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2018.

SILVA NETO, Benedito.; BASSO, David. **A produção de leite como estratégia de desenvolvimento para o Rio Grande do Sul.** Editora Unijuí. Revista desenvolvimento em questão. ano 3 n. 5 jan./jun. 2005. p. 53-72. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/752/75230504.pdf>>. Acesso em: 23 Jan. 2016.

SILVA NETO, B.; PRESTES DE LIMA, A. de J.; BASSO, D. **Incerteza, racionalidade e procedimentos em ações de Desenvolvimento local.** Editora Unijuí. Revista desenvolvimento em questão. Ano 1, n 2, jul/dez 2003. P 123-149. Disponível em: <<http://beneweb.com.br/resources/Incerteza,%20racionalidade%20e%20procedimentos%20em%20a%C3%A7%C3%B5es%20de%20desenvolvimento%20rural.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

SINGER, Paul. **Para além do neoliberalismo: a saga do capitalismo contemporâneo.** São Paulo em Perspectiva, 12(2) 1998. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n02/v12n02_01.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2017.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Polarização e despolarização industrial no Brasil e no Rio Grande do Sul.** Análise Econômica, ano 8, n. 13, p. 173-191, mar. 1990. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25260/000114260.pdf?sequence=1&isAllo wed=y>>. Acesso em: 17 out. 2018.

_____. **Desenvolvimento regional.** São Paulo: Atlas S. A., 2009

SCHUMACHER, Gabriela. MARION FILHO, Pascoal José. **A expansão da pecuária no rio grande do sul e o transbordamento na produção de leite (2000 – 2010).** Gestão & Regionalidade - Vol. 29 - Nº 87 - set-dez/2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/1334/133429359004/>>. Acesso em: 15 de jan. 2016.

SCHUBERT, M. N.; NIEDERLE, P. A. **A competitividade do cooperativismo de pequeno porte no sistema agroindustrial do leite no oeste catarinense.** Revista IDEAS, v. 5, n. 1, p. 187-215, 2011. Disponível em <http://r1.ufrj.br/cpda/ideas/ojs/index.php/ideas/article/view/84/78>. Acesso em: 28 agost. 2015.

SCHULZ, Jéferson Réus Da Silva et al. **Identificação e caracterização de um polo de crescimento econômico regional na região norte do rio grande do sul**. 5 fórum internacional Ecoinnovar. 1ª Conferência Internacional de Sustentabilidade e Inovação Santa Maria/RS 9 a 12 de Agosto de 2016. Disponível em: <<http://ecoinovar.com.br/cd2016/arquivos/artigos/ECO1194.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.

SCHNEIDER, Sérgio. (Org.) **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

_____. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

_____. **Agricultura familiar e Industrialização**. Pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2ª Edição, 1999.

_____. **A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas**. Sociologias, Porto Alegre, a.6, n.11, p.88-125, jan-jun, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n11/n11a06>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

_____. **Mercados e Agricultura Familiar**. In.: Construção de Mercados e Agricultura Familiar: Desafios para o desenvolvimento Rural. MARQUES, F. C. (Org.); CONTERATO, Marcelo Antônio (Org.) ; SCHNEIDER, Sérgio (Org, pp.93 – 142). 2016. Editora da UFRGS, 2016.

_____. **Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate**. Revista de Economia Política, vol. 30, nº 3 (119), pp. 511-531, julho-setembro/2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rep/v30n3/a09v30n3.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

_____. **A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil**. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 16, p. 164-184, 2001. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149043/000183492.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2018.

SCHNEIDER, S.; NIEDERLE, P. A. **A agricultura familiar e a teoria social: a diversidade das formas familiares de produção da agricultura**. IX Simpósio Nacional sobre o Cerrado e o Simpósio Internacional sobre Savanas Tropicais. 2008. Cap. 33. P. 35-60. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producaotextual/sergio-schneider/schneider-s-e-niederle-p-a-agricultura-familiar-e-teoria-social-a-diversidade-das-formas-familiares-de-producao-na-agricultura-in-faleiro-f-g-e-farias-neto-a-l-ed-savanas-desafios-e-estrategias-para-o-equilibrio-entre-sociedade-agronegocio-e-recursos-1>>. Acesso em: 30 set. 2018.

SPAGNOL, R. PFÜLLER, E. E. **A administração rural como processo de gestão das propriedades rurais**. Revista de administração e Ciências Contábeis do IDEAU. ISSN 1809-6212 Vol.5 n.10 Jan/Junh. Semestral. 2010. Disponível em: <https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/90_1.pdf>. Acesso em: 07 out. 2018.

STOFFEL, J. A.; COLOGNESE, S. A.; BARRINHA DA SILVA, R. N. **A sustentabilidade na agricultura familiar e as formas de organização produtivas em contextos locais**.

Revista Tempo da Ciência. V. 21 N. 42. P 53-67. 2º semestre de 2014: ISSN: 1981-4798. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/12626/8739>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

TAVARES, Mauro Calixta. **Gestão estratégica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2005, 440 p.

TEIXEIRA, Jodenir Calixto. **Modernização da Agricultura no Brasil: Impactos Econômicos, Sociais e Ambientais**. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas Três Lagoas-MS, V 2 – n.º 2 – ano 2, Set de 2005. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/RevAGB/article/viewFile/1339/854>>. Acesso em: 07 out. 2018.

TOMAZI, T.; VEIGA DOS SANTOS, M. **Compost barn vs free stall: diferenças de ocorrência de mastite e conforto**. Eckelkamp et al. (2016). Sand bedded freestall and compost bedded pack effects on cow hygiene, locomotion, and mastites indicators. Livestock Science. 190:48-57, 2016. Disponível em: <<https://www.milkpoint.com.br/colunas/marco-veiga-dos-santos/compost-barn-vs-free-stall-diferencas-de-ocorrencia-de-mastite-e-conforto-206035n.aspx>>. Acesso em: 23 set. 2018.

TOMICHI, Thierry Ribeiro et al. **Nutrição de precisão na pecuária leiteira**. Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia, n° 79 - dezembro de 2015. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/139557/1/Cnpgl-2015-CadTecVetZoot-Nutricao.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2018.

TRENNEPOHL, Dilson. **Avaliação de potencialidades econômicas para o desenvolvimento regional**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

_____, Dilson. **Avaliação da contribuição potencial das principais atividades agropecuárias para o desenvolvimento econômico da região noroeste do rio grande do sul**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. 2010. Disponível em: <<http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201204271615190.Tese%20-%20Dilson%20Completa.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2015.

TRENNEPOHL, D. MACAGNAN, R. **Impactos ambientais da dinâmica de desenvolvimento da região noroeste colonial do Rio Grande do Sul**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. G&DR. v. 4, n. 1, p. 195-220, jan-abr/2008, Taubaté, SP, Brasil. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/viewFile/120/111>>. Acesso em: 10 set. 2018.

TRENNEPOHL, D. CENCI, D. R. **A importância estratégica da cadeia produtiva do leite para o desenvolvimento da região noroeste do rio grande do sul**. 2012. Seminário Internacional sobre Capital Social e Desenvolvimento Territorial (PROJETO COCAP), At Porto Alegre - RS. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/292978309_a_importancia_estrategica_da_cadeia_produtiva_do_leite_para_o_desenvolvimento_da_regiao_noroeste_do_rio_grande_do_sul>. Acesso em: 25 out. 2015.

TRENNEPOHL, D; PAIVA, C. A. N. **Contribuição potencial de atividades Agropecuárias selecionadas para o desenvolvimento regional do noroeste gaúcho.** Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. G&DR. v.8, n.1, p.232-268, jan-abr. 2012. Taubaté, SP, Brasil. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/590/277.%20Acesso%20em%2015.07.2014>>. Acesso em: 25 out. 2016.

VALADARES, Maurício Castelo Brando. **Planejamento Estratégico empresarial: foco em clientes e pessoas.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

VAINER, Carlos Bernardo. **As escalas do poder e o poder das escalas: o que pode o poder local?** *Anais do ENANPUR*, 2001. P.140-151. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ippur/issue/viewFile/281/91#page=12>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

_____. **Planejamento territorial e projeto nacional os desafios da fragmentação.** Revista. Brasileira de estudos urbanos e regionais. V.9, N.1 / maio 2007. Disponível em: <<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/167/151>>. Acesso em: 23 maio. 2017.

VIANA, Giomar. FERRAS, Robson Paulo Ribeiro. **A cadeia produtiva do leite: um estudo sobre a organização da cadeia e sua importância para o desenvolvimento regional.** Revista Capital Científico do Setor de Ciências Sociais Aplicadas. PR. Vol. 5 nº1 Jan/ Dez. 2007. Disponível em: <<https://revistas.unicentro.br/index.php/capitalcientifico/article/view/718/841>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

VIEIRA FILHO, J. E. R.; FISHLOW, A. **Agricultura e indústria no Brasil: inovação e competitividade.** Brasília: Ipea, 2017. Cap.3. In: **Perspectiva Histórica da Agricultura Brasileira.** Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/170626_livro_agricultura_no_brasil.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro. Transformação histórica e padrões tecnológicos da agricultura brasileira. Cap. 2. In: BUAINAIN et al. **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola /** Antônio Márcio Buainain, Eliseu Alves, José Maria da Silveira, Zander Navarro, editores técnicos. – Brasília, DF : Embrapa, 2014. Disponível em: <https://www3.eco.unicamp.br/nea/images/arquivos/o_mundo_rural_2014.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro; FISHLOW, Albert. Agricultura e indústria no Brasil: inovação e competitividade – Brasília :Ipea, 2017. Disponível em: <http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/170404_livro_agricultura_no_brasil.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.

VILELA, Duarte et al.,. **Pecuária de leite no Brasil: cenários e avanços tecnológicos.** Brasília, DF: 1 ed. Embrapa, 2016. ISBN 978-85-7035-644-4. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/164236/1/Pecuarria-de-leite-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2017.

VILELA, Duarte et al., **A evolução do leite no Brasil em cinco décadas**. Revista de Política e economia. Ano XXVI – No 1 – Jan./Fev./Mar. 2017. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/163208/1/Evolucao-do-leite-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2017.

VILELA, D.; RESENDE, J. C. de. **Cenário para a produção de leite no Brasil na próxima década**. In: Simpósio sobre sustentabilidade da pecuária leiteira na região sul do Brasil, 6.; Seminário dos centros mesorregionais de excelência em tecnologia do leite, 2., 2014, Maringá. Anais. UEM, 2014. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/130329/1/Artigo-Anais-6-Sul-Leite-Vilela.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2017.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade**. Revista Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, 21, Outubro, 2003: 42-61. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2014/06/Texto-6.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

WAGNER, Saionara Araujo. **O leite observado através de diferentes Tipologias nas unidades de produção familiar do Rio Grande do Sul/BR e suas relações com as formas organizacionais e inovações tecnológicas**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS. 134p. 2003. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4561/000412857.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

WAGNER, S. A.; GEHLEN, I.; WIEST, J. M. **Padrão tecnológico em unidades de produção familiar de leite no Rio Grande do Sul relacionado com diferentes tipologias**. Ciênc. Rural, Santa Maria, v. 34, n. 5, Out. 2004. Disponível em http://orgprints.org/22639/1/Wagner_Padr%C3%A3o.pdf. Acesso em: 15 jun. 2016.

WILKINSON, Jonh. **A agricultura familiar ante o novo padrão de competitividade do sistema agroalimentar na América Latina**. Estudos Sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro, n. 21, p. 62-87, 2003. Disponível em: <<https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/239/235>>. Acesso em: 19.set. 2017.

_____. (Coord.). **Perspectivas do investimento no agronegócio**. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Economia. Relatório integrante da pesquisa “Perspectivas do Investimento no Brasil”, em parceria com o Instituto de Economia da UNICAMP, financiada pelo BNDES. 2009. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/empr esa/pesquisa/pib/pib_agronegocio.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2015.

_____. **Mercosul e produção familiar: abordagens teóricas e estratégias alternativas**. In: Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n.8, 1997. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/oito/john8.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

_____. **Mercados, redes e valores: o novo mundo da agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

_____. **Estudo da competitividade da indústria brasileira: o complexo agroindustrial.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, UFRJ, 1996.

WILKINSON, J.; MIOR, L. C. **Setor informal, produção familiar e pequena agroindústria: interfaces.** Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n.13, 1999, p.29-45. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/treze/wilkin13.htm>>. Acesso em: 14. nov. 2016.

WOITCHUNAS, Lucinéia Felipin. et al.,. **Uma análise das vantagens competitivas de um território a partir do modelo diamante de Porter: o caso do APL metal mecânico pós colheita de Panambi/Condor – Rs.** Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. G&DR. v. 14, n. 2, p. 300-324, jan/2018 (ed. especial), Taubaté, SP, Brasil. Disponível em: <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/3595/669>>. Acesso em: 20 out. 2018.

ZANELA, Maira Balbinotti. et al. **Qualidade do leite em sistemas de produção na região Sul do Rio Grande do Sul.** Pesq. agropec. Bras., Brasília, v.41, n.1, p.153-159, jan., 2006. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/171243/000557243.pdf?sequence=>>>. Acesso em 22 jun. 2018.

ZYLBERSZTAJN, Decio. **Conceitos gerais, evolução e apresentação do sistema agroindustrial.** In: Economia e gestão dos negócios agroalimentares: indústria de alimentos, indústria de insumos, produção agropecuária, distribuição. São Paulo: Pioneira; 2000.

ZOCCAL, Rosangela. **Menos vacas ordenhadas e mais produção de leite.** IN: Anuário do leite 2018. Coord. Geral Martins et al. editora. digital em embrapa.br/gado-de-leite. 2018. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/36560390/anuario-do-leite-2018-e-lancado-na-agroleite>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

ZOCCAL, R.; CARNEIRO, A. V. **Uma análise conjuntural da produção de leite brasileira.** Panorama do leite *on line*. Embrapa Gado de Leite. Ano 2. n.19. Maio. 2008. Disponível em: <<http://www.cnppl.embrapa.br/panorama/conjuntura19.html>>. Acesso em: 15 set. 2015.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: “**ESTRATÉGIAS SOCIECONÔMICAS DOS PRODUTORES DE LEITE FRENTE À DINÂMICA DO MERCADO LÁCTEO**”, por parte dos protagonistas da mesma. O objetivo principal dessa pesquisa é analisar as estratégias de reprodução socioeconômica dos produtores de leite frente à dinâmica de expansão da indústria láctea no Rio Grande do Sul. Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Eu, _____, fui informado dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim desejar. O pesquisador certificou-me de que minha identidade será preservada. Em caso de dúvidas poderei chamar o pesquisador Emerson Juliano Lucca - (55) 9 9141 8086 ou o Orientador da pesquisa, docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (PPGDR/UNISC), Prof. Dr. Silvio Cezar Arend, PPGDR/UNISC (051) 3717-7392, UNISC - Bloco 10 - Sala 1023. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome do Participante
Data:

Assinatura do Participante

Nome do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE B

Questões aplicadas aos Produtores de Leite, na região do COREDE Noroeste Colonial, Estado do Rio Grande do Sul

O presente roteiro, utilizado como uma das técnicas de pesquisa, tem o propósito de ajudar no levantamento de dados para tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

Título: Estratégias socioeconômicas dos produtores de leite frente a dinâmica do mercado lácteo.

Autor: Emerson Juliano Lucca

Orientadores: Dr. Silvio Cezar Arend

A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA SEGUIRÁ A SEGUINTE ORGANIZAÇÃO, COM AS VARIÁVEIS SENDO DIVIDIDAS EM EIXOS TEMÁTICOS:

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

1. Informações sobre os produtores de leite

Nome: _____ Número identificador _____

Município: _____

Localidade: _____ Idade _____ anos Sexo: () M () F

Escolaridade: _____ Fone: _____

E-mail: _____

Estilo de produtor:

- () Produtor de leite Tradicional: denominado “T”;
- () Produtor de leite Empresarial: denominado “E”
- () Produtor de leite Capitalista – moderno/empreendedor: denominado “C”.

A. Perfil do Produtor de leite e da propriedade pesquisada:

01. Quantas pessoas da família se envolvem na atividade? Como foi formado o atual rebanho leiteiro da propriedade?

02. O sistema adotado na propriedade facilita o trabalho realizado? Quais os tipos de genética utilizados? Qual indústria que coleta o leite na propriedade?

B. Infraestrutura e localização da propriedade

01. As instalações na propriedade estão de acordo com as Instruções Normativas nº 07, 51 e 62 e as exigências das indústrias? (Genética, equipamentos, energia elétrica, logística, localização, comunicação/internet). A propriedade está localizada próximo a indústrias processadoras? Para acessar/chegar até a propriedade existe dificuldade?

C. Sociocultural e Histórico

01. Trajetória de vida do produtor de leite: quando começou, origem? A atividade de produção de leite, prevalece na propriedade devido a cultura familiar, tradição de pai para filho? Sucessão rural: os filhos assumiram as atividades e deram continuidade com a produção de leite?

02. O trabalho desenvolvido na propriedade nos últimos anos, sofreu ajustes? Ou prevalece as técnicas desenvolvidas pelos pais, avós? Com a intensidade da produção de leite, houve alteração no processo de produção na propriedade? É necessário um número maior de trabalhadores envolvidos na atividade? Isso dificulta o processo?

D. Dados socioeconômicos dos produtores de leite

01. Exerce, além da produção de leite, outras atividades remuneradas (lavoura, gado de corte, trabalho na cidade...)?

02. Capital/crédito disponível: próprio, terceiros, políticas públicas, indústrias processadoras?

03. Quem administra, faz a gestão da propriedade, tem o controle dos custos da produção, ciclos da produção, manejo, gastos, rendimentos? Utiliza alguma ferramenta ou instrumento de gestão para auxiliar na organização da propriedade?

04. Você ou os agentes envolvidos no processo de produção da atividade leiteira, passam por capacitações, cursos, treinamentos para qualificar o processo de produção?

05. A propriedade recebe algum tipo de assistência técnica de extensão ou acompanhamento: EMATER, Sindicato Rural, Prefeitura, empresas fornecedoras de insumos, iniciativa privada?

06. Custo da produção se elevou muito nos últimos anos, devidos ao aumento de insumos, novos processos e manejos, reestruturação do setor... Esse impasse, requer do produtor estratégias que permitam sua permanência na atividade. Quais seriam as adotadas em sua propriedade?

07. O processo de industrialização que vem acontecendo, proporciona ganhos na propriedade? Os preços praticados pelo mercado incentivam ou desincentivam a permanecer e investir na atividade?

08. Caso tivesse que deixar a atividade, teria condições de desenvolver outra atividade remunerada? Teria capacidade, experiência para atuar em alguma atividade desenvolvidas nos centros urbanos?

09. Tirando todas as despesas, os agentes que atuam na propriedade conseguem ter uma vida social com os resultados obtidos no final do mês?

E. Comercialização

01. Como o senhor/senhora observa o mercado do leite (no Brasil e na região)? Quais as perspectivas do leite para o futuro? A indústria captadora do leite de sua propriedade, tem que possuir quais requisitos para ganhar sua confiabilidade? Sabemos que existe várias empresas e cada uma trabalha com preços diferentes. O que leva o senhor/senhora a vender o produto para determinada indústria?

F. Questão Social

01. Existe participação social da família na sociedade local e regional?

02. Em que lugar a família gasta a maior parte dos rendimentos provindos da produção de leite?

G. Institucional

01. Quais as políticas públicas que favorecem a atividade que o senhor/senhora tem acesso: Pronaf, Incentivos Municipais, Órgãos de Pesquisa, Emendas parlamentares, extensão rural e assistência técnica por parte de agentes públicos e privados?